

OS QUATRO LIVROS
DO CAVALEIRO INVENCÍVEL

AMADIS DE GAULA

EM QUE SEUS ALTOS AÇÕES DE ARMAS SÃO TRATADOS
E CAVALEIROS PACÍFICOS

Prefácio.....	5
<u>Primeiro Livro</u>	
<u>Capítulo 1</u>	7 11
<u>Capítulo 2</u>	15
<u>Capítulo 3</u>	20
<u>Capítulo 4</u>	24
<u>Capítulo 5</u>	30
<u>Capítulo 6</u>	35
<u>Capítulo 7</u>
<u>39 Capítulo 8-41 Capítulo 9</u>	47
<u>Capítulo 10-51 Capítulo 11 Capítulo 12 Capítulo 13 Capítulo 14</u>	74 Capítulo 15
<u>Capítulo 16 Capítulo 17</u>	55
<u>91 Capítulo 18</u>	9761
<u>Capítulo 19</u>	66
<u>104 Capítulo 2009 Capítulo 21 Capítulo 22 Capítulo 23 Capítulo 24 Capítulo 25 Capítulo 26 Capítulo 27</u>	140 Capítulo 80
<u>28 Capítulo 29</u>	85
<u>146 Capítulo 30</u>	149
<u>Capítulo 31-1525 Capítulo 32</u>	159
<u>33</u>	159
<u>Capítulo 34 Capítulo 35</u>	113
<u>174 Capítulo 37</u>	120
<u>178 Capítulo 38-182 Capítulo 39</u>	123
<u>Capítulo 40</u>	186 198
<u>Capítulo 41</u>	198
<u>Capítulo 42 Capítulo 43</u>	135
.....	143
.....	165
.....	201
.....	210
<u>Segundo livro</u>	216

<u>Capítulo 44</u>	225				
<u>219 Capítulo 45</u>	<u>Capítulo 46</u>				
<u>229 Capítulo 47</u>	<u>33. Capítulo 48. Capítulo</u>				
<u>49</u>	243 Capítulo				
<u>Capítulo 51</u>	<u>Capítulo 52</u>	<u>Capítulo 53</u>	<u>Capítulo 54</u>	<u>Capítulo</u>	236
<u>55</u>	273				
<u>Capítulo 56</u>	<u>Capítulo 57</u>	246			
<u>287 Capítulo 58</u>	250				
<u>Capítulo 59</u>	256				
<u>302 Capítulo 60</u>	260				
<u>309 Capítulo 61-315</u>	<u>Capítulo 62</u>	<u>Capítulo 63</u>	<u>Capítulo 64</u>	268	
.....	282				
.....
.....	325				
.....	335				
.....	343				
<u>Terceiro Livro</u>	353	364			
<u>Capítulo 65</u>			
<u>Capítulo 66</u>	372	Capítulo			
<u>67</u>	380	Capítulo			
<u>Capítulo 69</u>	396			
<u>Capítulo 70</u>			
<u>410 Capítulo 71</u>	420			
<u>Capítulo 72</u>	425			
<u>Capítulo 73</u>	431			
<u>Capítulo 74</u>	441			
<u>Capítulo 75</u>	452	Capítulo			
<u>76</u>	462	Capítulo			
<u>77</u>	470	Capítulo			
<u>78</u>	477	Capítulo			
<u>79</u>	486			
<u>Capítulo 80</u>	492			
<u>Capítulo 81-504</u>			
.....	510	511			
<u>Quarto livro</u>			
<u>Capítulo 82</u>	513			
<u>Capítulo 83</u>	515			
<u>Capítulo 84</u>	518			
<u>Capítulo 85</u>	520			
<u>Capítulo 86</u>	523			
<u>Capítulo 87</u>	526			
<u>Capítulo 88</u>			

<u>Capítulo 89</u>	528
<u>90</u>	Capítulo 530
<u>91</u>	532
<u>Capítulo 92</u>	533
<u>Capítulo 93 Capítulo 94</u>	535
<u>539 Capítulo 95</u>	
<u>542 Capítulo 96</u>	547
<u>Capítulo 97 ... Capítulo 98</u>	551
<u>559 Capítulo 99</u>	561
<u>Capítulo 100 Capítulo 101 Capítulo 102 Capítulo</u>	
<u>103</u>	569
<u>Capítulo 104</u>	576
<u>Capítulo 105</u>	576
<u>Capítulo 106 Capítulo 107</u>	568
<u>584 Capítulo 108 Capítulo 109</u>	
<u>110</u>	595
<u>113</u>	609
<u>619 Capítulo 115 Capítulo 116 Capítulo</u>	580
<u>117</u>	629
<u>Capítulo 119</u>	643
<u>Capítulo 120 Capítulo 121 Capítulo</u>	
<u>122</u>	657
<u>124</u>	669
<u>125</u>	671
<u>126</u>	675
<u>Capítulo 128 Capítulo 129 Capítulo 130</u>	
<u>706 Capítulo 131</u>	621
<u>722 Capítulo 132</u>	624
<u>Capítulo 133</u>	728
.....	
.....	648
.....	652
.....	664
.....	
.....	
.....	
.....	
.....	686
.....	
.....	
.....	
.....	

PREFÁCIO

Considerando los sabios antiguos que los grandes hechos de las armas en escrito dejaron, cuán breve fue aquello que en escrito de verdad en ellos pasó, así como las batallas de nuestro tiempo que por nos fueron vistas nos dieron clara experiencia y noticia, quisieron sobre algún cimiento de verdad componer tales y tan extrañas hazañas con que no solamente pensaron dejar en perpetua memoria a los que aficionados fueron, mas aquéllos por quien leídas fuesen en grande admiración, como por las antiguas historias de los griegos y troyanos y otros que batallaron, parece , por escrito. Assim diz Salústio, que ambos os feitos dos atenienses foram grandes quando seus escritores quiseram acreditar neles e enaltecer-los. Pois bem, se no tempo desses oradores, que ocupavam seus juízos e cansavam seus espíritos mais com coisas de fama do que de interesse, ocorreu aquela santa conquista que nosso muito extenuante e católico Rei D. Fernando fez do reino de Granada, quantas flores , Quantas rosas foram plantadas nela por eles, bem como quanto ao esforço dos cavaleiros nas revoltas, escaramuças e combates perigosos e em todas as outras coisas de afrontas e trabalhos que foram preparados para tal guerra, como no vigoroso raciocínio do grande Rei aos seus ilustres nas tendas reais e as respostas obedientes dadas por eles e, sobretudo, o grande louvor e louvor que merece por ter empreendido e terminado tão caminho católico. Aliás, creio que tanto o verdadeiro como o fingido que foram narrados por eles na fama de tão grande príncipe, com justa causa sobre tão amplo e verdadeiro fundamento poderiam tocar nas nuvens, como se pode crer que por seus sábios cronistas, se lhes fosse dado de acordo com a antiguidade desse estilo em memória dos que viriam por escrito, deixariam, com justa causa, em maior grau de fama e verdadeira alteza, seus grandes feitos do que os de os outros imperadores que com mais carinho do que com verdade do que o nosso rei e rainha foram elogiados, porque os merecem tanto mais, como é a diferença nas leis que tinham, que os primeiros serviram ao mundo que lhes deu tal prêmio e nosso o Senhor, que com tão conhecido amor e vai ajudar e favorecer aqueles que ele quis, por achá-los tão dignos de colocar em execução com muito trabalho e despesa o que tanto é o seu serviço. E se por acaso algo for esquecido aqui, não ficará diante de Sua Real Majestade, onde preparou o prêmio que eles merecem por isso.

Outra forma de crédito mais conveniente foi que o grande historiador Tito Lívio teve em sua história exaltar a honra e fama de seus romanos, que, separando-os das forças físicas, chegaram ao ardor e esforço do coração, pois se no primeiro caso alguma dúvida descubra, no segundo não se acharia, que se ele por esforço muito extremo deixou a memória da audácia daquele cujo braço foi queimado e daquele que por sua própria vontade o jogou no lago perigoso, outras coisas semelhantes já foram vistas por nós daqueles que, desprezando vidas, quiseram receber a morte para afastá-la dos outros, de modo que pelo que vimos podemos acreditar no que lemos, embora possa parecer muito estranho nós. Mas certamente em toda a sua grande história não se encontrará nenhum desses golpes assustadores, nem encontros milagrosos que se encontram nas outras histórias, como conta aquele forte Heitor, e do famoso Aquiles, do bravo Troylus e do bravo Ajas. Talemón. , e muitos outros de que se faz grande memória, segundo o carinho de quem os

esquerda, assim como estes como outros mais próximos de nós daquele notável duque Godofredo de Bullón no golpe da espada que deu na ponte de Antíoco, e do turco armado, que fez quase duas peças quando já era rei de Jerusalém. É bem possível e deve-se acreditar que houve Tróia e que foi cercada e destruída pelos gregos, e também que Jerusalém, junto com muitos outros lugares, foi conquistada por esse duque e seus companheiros, golpes mais semelhantes do que atribuímos, principalmente aos escritores, como já mencionei, eu disse, que de fato existe uma verdade passada.

Houve outros de menor sorte que escreveram, que não só não construíram suas obras sobre algum fundamento de verdade, mas não sobre o traço dela. Estes são os que compuseram as histórias fingidas em que coisas admiráveis se encontram fora da ordem da natureza, que mais pelo nome de disparates do que de crônicas, com razão, deveriam ser mantidas e chamadas. Bem, vejamos agora se as afrontas das armas que ocorrem são semelhantes às que vemos e passamos quase todos os dias e até na maior parte desviadas da virtude e da boa consciência e aquelas que nos parecem muito estranhas e graves, vamos saber ser composto e fingido, o que tiraremos de um e de outro que algum fruto lucrativo nos trará? Aliás, na minha opinião, nada mais, a não ser os bons exemplos e doutrinas que mais se aproximam da nossa salvação, porque a graça do altíssimo Senhor se deixa imprimir em nossos corações, para que se aproxime, vamos tomem asas com que nossas almas se elevem ao cume da glória para onde foram levantadas.

E estou pensando nisso, desejando que alguma sombra de memória ficasse de mim, não ousando usar minha fraca ingenuidade no que os sábios mais sãos trataram, quis juntar a estes últimos que as coisas mais leves e de menor substância escreveram por estar mais de acordo com ele de acordo com sua fraqueza, corrigindo estes três livros dos *Amadís* que, por falta de maus escritores ou compositores muito corruptos ou viciosos, foram lidos e transferindo e emendando o quarto livro com as *Sergas de Esplandián*,

seu filho, até agora sem memória de ter sido visto, que com grande alegria apareceu em uma tumba de pedra que sob a terra em uma ermida perto de Constantinopla foi encontrada e trazida por um húngaro, um comerciante para estas partes da Espanha, na carta e pergaminho tão antigo que com muito trabalho poderia ser lido por quem conhecesse a língua, em que cinco livros, porém até agora considerados mais por mentiras do que por crônicas, estão com tais emendas acompanhados de tais exemplos e doutrinas que com só porque podem ser comparados aos leves e débeis saleiros de cortiça que são aprisionados e guarnecidos com tiras de ouro e prata, para que tanto os jovens cavaleiros como os mais velhos encontrem neles o que convém a cada um. E se por acaso neste trabalho desordenado algum erro parece ser um daqueles que no divino e no humano são proibidos, humildemente peço perdão, pois tendo e crendo firmemente em tudo o que a Santa Madre Igreja tem e ordena, disciplina mais simples que o trabalho foi a causa disso.

PRIMEIRO LIVRO

AQUI COMEÇA O PRIMEIRO LIVRO DO TRABALHADOR CAVALEIRO AMADÍS, FILHO
REI PERION DE GAULA E RAINHA ELISENA

Que foi corrigido e emendado pelo honrado e virtuoso cavalheiro GARCI RODRÍGUEZ DE MONTALVO , vereador da cidade de Medina del Campo, e corrigido dos antigos originais que estavam corrompidos e mal compostos no estilo antigo devido à falta de diferentes e ruins escritores, retirando muitas palavras supérfluas, e colocando outras de estilo mais polido e elegante sobre a cavalaria e seus atos.

Não muitos anos depois da Paixão de nosso Redentor e Salvador Jesus Cristo, havia um rei muito cristão em Little Britain, chamado Garinter, que, estando na lei da verdade com muita devoção e boas maneiras, acompanhou. Este rei teve duas filhas de uma nobre amante sua esposa, e a mais velha casou-se com Languines, rei da Escócia, e foi chamada a amante da Guirlanda, porque o rei seu marido nunca permitiu que ela cobrisse seus belos cabelos, mas com um riquíssimo cabelo. guirlanda. , tanto se pagou para ver; de quem Agrajes e Mabilia foram gerados, que assim de um como um cavaleiro e dela como uma donzela nesta grande história muita menção é feita. A outra filha, que se chamava Elisena, era muito mais bonita que a primeira; e como ela era um dos grandes príncipes em casamento, ela nunca se agradou de se casar com nenhum deles, antes sua reticência e vida santa fizeram com que todos a chamassem de bem-aventurada perdida, considerando que ela era uma pessoa de tão grande aparência, dotada de tal beleza, de tantos grandes pelo casamento exigia, não era conveniente para ele levar tal estilo de vida. Bem, isso disse que o Rei Garinter sendo bastante velho, para dar descanso ao seu espírito às vezes ele ia para as montanhas e caçava. Entre os quais saindo um dia de uma vila sua chamada Alima, sendo desviado dos exércitos e caçadores andando pela floresta suas horas rezando, ele viu sua sinistra uma batalha corajosa de um único cavaleiro que lutou com dois, ele conheceu os dois cavalheiros que eram seus vassalos, que haviam recebido muita raiva deles porque eram muito arrogantes e mal-educados e intimamente relacionados. Mas aquele que com eles lutava não podia conhecê-los e não confiava, tanto na bondade de um que o medo dos dois foi afastado, desviando-se deles a batalha assistida, ao final da qual pela mão de que um dos dois Eles foram derrotados e mortos. Feito isso, o cavaleiro veio contra o rei e como só o viu, disse:

— Bom homem, que terra é essa, que assim são os salteados cavaleiros andantes?

Disse-lhe o rei:

"Não se espante com isso, cavaleiro, que assim como em outras terras há bons e maus cavaleiros, também há nesta, e o que você diz não só causou muitos grandes males e maldades , mas ainda mais, ao mesmo rei seu senhor sem poder fazer justiça a eles; por estarem intimamente relacionados cometem enormes erros e também por causa desta espessa montanha onde se refugiaram.

O cavaleiro lhe disse:

"Bem, eu venho a este rei que você diz para procurar uma longa terra e trago-lhe notícias de um seu grande amigo, e se você sabe onde encontrá-lo, peço-lhe que me diga.

O rei lhe disse:

"Aconteça o que acontecer, não deixarei de lhe dizer a verdade, saiba com certeza que sou o rei que você exige."

O cavaleiro, tirando o escudo e o elmo, e entregando-o ao seu escudeiro, foi abraçá-lo, alegando ser o rei Perion de Gaula, a quem desejava encontrar. Esses dois reis ficaram muito felizes por terem se reunido dessa maneira, e conversando sobre muitas coisas foram até a parte onde os caçadores deveriam se refugiar na cidade, mas primeiro um veado os encontrou que, muito cansados, se esgueiraram de o exército, depois que os reis, tanto enquanto corriam de seus cavalos, estavam pensando em matá-lo, mas de outra forma aconteceu com eles, que saindo de alguns arbustos espessos um leão na frente deles alcançou o veado e o matou ele, abrindo-o com suas unhas muito fortes, bravo e mau continente contra os reis mostrou. E quando o Rei Perion o viu, ele disse: "Bem, você não ficará tão bravo a ponto de não nos deixar parte do jogo."

E tomado suas armas desceu do cavalo, que, com medo do leão forte, não quis ir adiante, colocando seu escudo na frente, a espada na mão para o leão, que as grandes vozes que o rei Garinter lhe deu pudessem não o impeça. O leão também, deixando sua presa contra ele, veio e se juntou a ambos, tendo o leão debaixo dele para matá-lo, o rei não perdendo seu grande esforço, ferindo-o com sua espada na barriga, ele o fez cair morto diante ele, que o rei Garinter, muito assustado entre si, disse: "Não é sem motivo que ele tem a fama de ser o melhor cavaleiro

do mundo". Feito isso, arrecadando toda a campanha, fez dois palafreis carregarem o leão e o veado e os levarem para a cidade com muito prazer. Onde sendo tão convidada a rainha advertida, os palácios de grandes e ricos trajes, e as mesas postas que encontraram; no mais alto sentaram-se os reis e no outro junto com ela, Elisena, sua filha; e ali foram servidos como na casa de um homem tão bom que deveriam ter. Pois bem, estando nesse consolo, como aquela infanta era tão bela e o Rei Perion para seu gosto, e a fama de suas grandes armas se espalhou pelo mundo, a tal ponto e hora se entreolharam que a grande honestidade e santa sua vida não podia tanto, que ela não era presa de um amor incurável e muito grande, e o rei também a ela, que até então seu coração, sem ser julgado por nenhum outro, tinha sido livre, de modo que um como o outro Todos estavam comendo quase sem sentido. Pois bem, levantadas as mesas, a rainha quis refugiar-se em seu quarto, e levantando-se, Elisena caiu de sua saia, um anel muito bonito caiu de sua saia, que ela tirava para tirar o dedo. Perion que cabe ela queria dar a ele, então as mãos chegaram em um certo ponto e o rei pegou a mão dela e apertou. Elisena ficou muito vermelha e, olhando para o rei com olhos amorosos, disse-lhe com um pequeno passo que lhe agradecia por aquele serviço.

"Ah, senhora!" disse ele, "não será o último; mas todo o tempo da minha vida será gasto servindo a você.

Ela foi atrás de sua mãe com tanta perturbação que quase perdeu a visão, do que se seguiu que esta infanta, não podendo sofrer aquela nova dor que havia derrotado com tanta força o velho pensamento, revelou seu segredo a uma criada dela, em quem ele confiava muito, que Darioleta havia nomeado, e com lágrimas nos olhos e mais do coração pediu conselhos sobre como poderia saber se o rei Perion amava alguma outra mulher, e se aquele semblante amoroso que ele mostrou a ela tinha, se ele vier no caminho e com aquela força que ele sentiu em seu coração. A donzela, assustada com uma mudança tão repentina em uma pessoa tão desviada de tal carro, tendo piedade de lágrimas tão piedosas, disse-lhe:

"Senhora, vejo bem que, segundo a excessiva paixão que esse amor tirânico colocou em você, que seu julgamento não deixou um lugar onde o conselho ou a razão possam ser alojados."

Eles podem, e para isso, seguindo-me, não ao que devo ao seu serviço, mas à vontade e obediência, farei o que você mandar, da maneira mais honesta que minha pequena discrição e grande desejo de servi-lo puderam encontrar.

Então, partindo dela, ele foi contra a câmara onde o rei Perion posava e encontrou Ele encontrou seu escudeiro na porta com os panos que ele queria lhe dar para vestir, e disse-lhe: "Amigo, você vai fazer alguma coisa, e eu ficarei com seu mestre e cuidarei dele." O escudeiro, pensando que isso era feito por mais honra, deu-lhe os panos e foi embora. A donzela entrou no quarto onde o rei estava em sua cama e, ao vê-la, soube que era com ela que havia visto Elisena falar mais do que com outra, como se confiasse nela mais do que em qualquer outra, e acreditasse sem remédio para seus desejos mortais, lá estava ela, e com o coração trêmulo, ela lhe disse: "Boa donzela, o que você quer?"

"Vista-se", disse ela.

"Isso tinha que ser o coração", disse ele, "que é muito despojado e nu de prazer e alegria."

"De que maneira?", disse ela.

"Naquele que vem a esta terra", disse o rei, "em plena liberdade, temendo apenas as aventuras que possam me acontecer das armas, não sei por que caminho entrando nesta casa desses senhores, estou dolorido com um mortal ferida, e se você, boa donzela, me trouxesse algum remédio para ela, você seria muito bem recompensada por mim.

"É verdade, senhor", disse ela, "como eu ficaria feliz em prestar serviço a um homem tão nobre e um cavaleiro tão bom como você, se eu soubesse o quê."

"Se você me prometer", disse o rei, "como uma donzela leal do que eu não vou descobrir, mas há onde está certo, eu lhe direi.

"Diga-me sem hesitação", disse ela, "que será guardado inteiramente por mim."

"Bem, amiga, senhora", disse ele, "eu lhe digo que em uma hora forte vi a grande beleza de sua senhora Elisena, que atormentado por problemas e angústias estou até a morte, na qual se não t encontrar algum remédio, eu não sei." você pode me desculpar.

A donzela, que o coração de sua dona inteiramente neste caso conhecia, como já

Você ouviu lá em cima, quando ele ouviu isso ele ficou muito feliz, e disse a ele:

— Meu senhor, se me prometes, como rei, em tudo guardar a verdade a que estás mais do que qualquer outro que não seja obrigado a fazê-lo, e como cavaleiro que segundo a tua fama de sustentar tantos esforços e perigos terão passado, de tomar por uma mulher na hora certa, vou colocá-la em um lugar onde não só o seu coração está satisfeito, mas o coração dele, que é educado tanto ou talvez mais do que ele, e com dor dessa mesma ferida ferida, e se isso não for feito, não você. Você a acusará, nem eu acreditarrei que suas palavras de amor leal e honesto sejam expansivas.

O rei, que já tinha a permissão de Deus impressa em seu testamento para que se seguisse o que você ouvirá mais tarde, pegou a espada que tinha e pôs a mão direita na cruz disse:

— Juro por esta cruz e espada com que recebi a ordem de cavalaria, fazer o que você, donzela, você me pergunta, cada vez que sua senhora Elisena me processa.

"Bem, agora relaxe", disse ela, "vou fazer o que eu disse."

E, afastando-se dele, ela voltou para sua senhora e contando-lhe o que havia combinado com o rei, ela colocou muita alegria em seu espírito, e abraçando-a disse: "Minha verdadeira amiga, quando eu ver o tempo que em meus braços aquele que por Senhor você me deu

"Eu vou te dizer", disse ela, que eu tenho a chave; Pois bem, quando o rei sair de lá, vou abri-lo, e sendo uma noite tal que os que estão no palácio estão quietos, poderemos entrar por ali sem ser incomodados por ninguém, e quando for hora de sair, eu vai chamá-lo e voltar para sua cama.

Elisena, ao ouvir isso, ficou admirada de prazer por não poder falar e, voltando a si, disse-lhe: "Minha amiga, deixo todos os meus bens para você, mas como vai ser feito o que você diz, já que meu pai está dentro da câmara com ele?" Rei Perion, e se ele sentisse isso, todos nós estaríamos em grande perigo?

"Isso", disse a donzela, "deixe isso comigo e eu vou remediar isso."

Com isso eles deixaram de falar e naquele dia os reis e a rainha e a infanta Elisena passaram o almoço e o jantar como antes, e quando já era noite. Darioleta empurrou para o lado o escudeiro do rei Perion e disse-lhe: "Oh, amigo, diga-me se você é um homem de fidalgo!"

"Sim, eu sou", disse ele, "e até filho de um cavaleiro, mas por que você me pergunta?"

"Eu vou te dizer," ela disse, "porque eu gostaria de saber uma coisa sobre você; Rogo-te, pela fé que deves a Deus e ao rei teu senhor, dize-me.

"Por Santa Maria", disse ele, "tudo o que sei lhe direi, contanto que não seja em detrimento de meu senhor."

"Que eu lhe conceda", disse a donzela, "que não lhe pedirei em seu prejuízo, nem você teria razão em me dizer, mas o que eu quero saber é que você me diga qual é a donzela que seu senhor ama com extremo amor."

"Meu senhor", disse ele, "ela ama a todos em geral, mas é certo que não conheço nenhuma dela que ele ama o jeito que você diz.

Enquanto conversavam, o Rei Garinter chegou onde conversavam e viu Darioleta com o escudeiro e chamando-a, disse: — Você, o que você tem para falar com o escudeiro do rei?

— Pelo amor de Deus, senhor, vou lhe dizer, ele me ligou e me disse que seu senhor costuma dormir sozinho e é verdade que ele se sente muito envergonhado com sua companhia.

O rei a deixou e foi até o rei Perion e lhe disse: "Meu senhor, tenho muitas coisas para cuidar em minha propriedade e vou me levantar na hora de dormir". matinas, e para que você não fique com raiva, estou feliz que você permaneça sozinho no quarto.

O Rei Perion disse a ele: "Faça o que quiser, senhor."

"Então isso me agrada", disse ele. Então ele soube que a donzela lhe disse a verdade e ordenou que seus padeiros tirassem sua cama do quarto do rei Perion. Quando Darioleta viu que o que ele queria realmente estava chegando, foi até Elisena, sua amante, e contou-lhe tudo como aconteceu.

"Amigo, senhora", disse ela, "agora eu acredito, então, que Deus endireita assim, que esta coisa que, no momento, parece estar errada, mais tarde será algum serviço seu."

"Diga-me o que vamos fazer, porque a grande alegria que tenho tira grande parte do meu julgamento."

"Senhora", disse a empregada, "vamos fazer esta noite o que foi combinado, que a porta do quarto que eu lhe disse já está aberta."

"Bem, eu vou deixar o trabalho de me levar quando for a hora certa para você."

Ficaram assim até que todos foram dormir.

Capítulo 1

Como a Infanta Elisena e sua criada Darioleta foram ao quarto onde estava o Rei Perion.

Como as pessoas estavam calmas, Darioleta se levantou e levou Elisena nua que estava em sua cama, só de camisa e coberta com um manto, e as duas saíram para o pomar e a lua estava bem clara. A donzela olhou para a dona e, abrindo o manto, cobriu o corpo e disse-lhe rindo:

— Senhora, em boa hora nasceu o senhor que será seu esta noite.

E ele disse bem, que esta era a mais bela donzela de rosto e corpo que se conhecia então. Elisena sorriu e disse: — Você pode dizer isso para mim, que nasci com a sorte de ser alcançada por tal senhor.

Assim chegaram à porta da câmara. E quando Elisena foi para a coisa que ela mais amava no mundo, todo o seu corpo e fala estremeceram, pois ela não conseguia falar, e como havia uma batida na porta para abrir, o rei Perion, que assim com a grande angústia que em seu coração tinha, como com a esperança em que a criada o pôs, não conseguia dormir, e naquele momento já estava cansado, e do sono derrotado adormeceu e sonhou que entrou naquele quarto por um falso porta e não sabia quem ia ter com ele e pôs as mãos ao lado do corpo e arrancando-lhe o coração, atirou-o num rio, e disse: — Por que fez tanta grosseria?

"Isso não é nada", disse ele, "que resta outro coração para você que eu vou tirar de você, embora não seja por minha vontade.

O rei, que tinha grande preocupação consigo mesmo, acordou apavorado e começou a se benzer. A essa hora as donzelas já haviam aberto a porta e entrado por ela e ao senti-la temeu traição pelo que sonhara, e levantando a cabeça viu a porta aberta pelas cortinas, das quais nada sabia, e com a Lua que entrou por ela viu o grosso das donzelas. Assim, pulando da cama onde estava deitado, pegou sua espada e escudo e foi contra a parte onde os tinha visto. E Darioleta, ao vê-lo, disse-lhe:

"O que é isso, senhor? Jogue fora suas armas, elas terão pouca defesa contra nós."

O rei, que a conhecia, olhou e viu Elisena, sua amada, e jogando sua espada e seu escudo no chão, cobriu-se com uma capa que tinha diante da cama com a qual às vezes se levantava e ia pegar sua amante. em seus braços e ela o abraçou como aquele que ela amava mais do que a si mesma. Darioleta lhe disse: "Fique, senhora, com aquele senhor que, embora você como uma donzela até agora se

defendeu de muitos e ele se defendeu de outros, sua força não foi suficiente para defendê-los um do outro".

E Darioleta procurou a espada onde o rei a havia jogado e tomou-a como sinal do juramento e promessa que lhe fizera em razão do casamento de sua esposa e saiu para o jardim. O rei ficou sozinho com seu amigo, que a olhou à luz de três machados que queimavam na câmara, parecendo-lhe que toda a beleza do mundo estava reunida nela, considerando-se muito abençoado por Deus a ter trazido a tal um Estado; e assim abraçados foram se deitar na cama, onde aquela que por tanto tempo com tanta beleza e juventude, exigida por tantos príncipes e grandes homens se defendera, ficando com a liberdade de uma donzela, em pouco mais de um dia, quando seu pensamento mais do que separado e desviado foi, que ama romper os fortes laços de sua vida honesta e santa,

causou a perder, permanecendo proprietário a partir de então. Com o que se deduz que, assim como as mulheres desviam seus pensamentos das coisas mundanas, desprezando a grande beleza de que a natureza as dotou, a juventude fresca que a aumenta muito, os vícios e prazeres que com as abundantes riquezas de seus pais esperavam desfrutar , eles querem salvar suas almas para se colocarem nas pobres casas trancadas, oferecendo com toda obediência seu livre arbítrio para se submeterem aos outros, vendo seu tempo passar sem nenhuma fama ou glória no mundo, pois sabem que suas irmãs e os parentes gostam, por isso devem tapar os ouvidos com muito cuidado, fechar os olhos, dispensando-se de ver parentes e vizinhos, recolhendo-se em santas orações, tomando-o por verdadeiras delícias tal como são, porque com os discursos, com as vistas, seu santo propósito danoso, não como foi o desta linda princesa Elisena, que depois de tanto tempo que ela queria se manter, em apenas um momento vendo a grande beleza daquele rei Perion foi seu propósito mudado de tal maneira que, se não fosse a discrição daquela sua donzela, a quem sua honra com o casamento queria reparar, na verdade ela estava absolutamente decidida a cair na pior e mais baixa parte de sua desonra, assim como muitos outros que poderiam ser contados neste mundo, que por não saberem o que já foi dito, o fizeram e continuarão a fazê-lo, sem olhar para isso. Pois bem, enquanto os dois amantes estavam em seu consolo, Elisena perguntou ao rei Perion se sua partida seria breve, e ele lhe disse: - Por que, minha boa senhora, você pergunta?

"Porque esta boa sorte", disse ela, "que deu tanta alegria e descanso aos meus desejos mortais, já me ameaça com a grande tristeza e angústia de que sua ausência me aproximará mais da morte do que da vida." .

Ouvindo essas razões para ele, ele disse: "Não tenha medo disso, que mesmo que este meu corpo em sua presença seja quebrado, meu coração junto com o seu permanecerá, que ambos darão seu esforço, para você sofrer e para que eu ceda." Eu voltarei, que indo sem ele, não há outra força tão forte que possa me deter.

Darioleta, que viu que era certo partir dali, entrou no quarto e disse:
"Senhora, eu sei que mais uma vez te agradou ir mais do que não agora, mas é melhor que você se levante e vá , porque está na hora."

Elisena levantou-se e o rei lhe disse:
— Vou parar aqui mais do que você pensa, e isso será para você e eu imploro que não esqueça este lugar.

Eles foram para suas camas e ele ficou em sua cama muito pago pelo amigo, porém, apavorado com o sonho que você já ouviu; e para ele havia mais preocupação em ir para sua terra onde havia naquela época muitos sábios, que sabiam desencadear tais coisas e declarações, e até ele mesmo sabia alguma coisa, do que quando era mais jovem aprendeu. Nesse vício e prazer, o rei Perion esteve lá por dez dias, descansando todas as noites com seu muito querido amigo, ao final do qual ele concordou, forçando sua vontade e as lágrimas de sua amante, que não eram poucas, a partir. Assim disparado do rei Garinter e da rainha, armado de todas as armas, quando quis cingir a espada, não a encontrou e não se atreveu a perguntar por ela, por mais que lhe doesse, porque era muito boa e bonita; Isso ele fez porque seus casos de amor com Elisena não foram descobertos e para não irritar o rei Garinter, e ele ordenou que seu escudeiro encontrasse outra espada para ele, e assim armado, exceto suas mãos e cabeça, em cima de seu cavalo, sem nenhuma outra companhia, mas de seu escudeiro, ele permaneceu no caminho certo de seu reino. Mas primeiro, Darioleta falou com ele, contando-lhe a grande aflição e solidão em que havia deixado sua amiga, e ele lhe disse: — Ah, minha amiga, eu a recomendo a você como ao meu próprio coração.

E tirando do dedo um anel de dois muito bonito que ele usava, igual ao outro, deu para ela usar e trazer para o seu amor. Então Elisena estava muito sozinha, e com muita dor da amiga, tanto que se não fosse aquela donzela que se esforçava muito, ela poderia sofrer com muita dor; mas tendo falado com ela, sentiu algum alívio. Bem, era assim que eles passavam o tempo até que ela se engravidou, perdendo a comida e o sono, e sua cor muito bonita. Allí fueron las cuitas y los dolores en mayor grado, y no sin causa, porque en aquella sazón era por ley establecido que cualquiera mujer, por de estado grande y señorío que fuese, si en adulterio se hallaba, no se podía en ninguna guisa excusar a morte. E este costume cruel e terrível durou até a vinda do muito virtuoso Rei Arthur, que era o melhor rei dos que ali reinavam, e ele o revogou enquanto matava Floyán em batalha diante dos portões de Paris. Mas muitos reis reinaram entre ele e o rei Lisuarte, que manteve esta lei. Bem, pensar no que ele poderia dizer ao amigo não poderia ser, porque ele era um homem tão jovem, e tão orgulhoso de coração e nunca teve lazer em qualquer lugar, exceto para ganhar honra e fama; seu tempo nunca foi gasto em outra coisa, mas andando de um lugar para outro como um cavaleiro andante. Assim, de modo algum ela encontrou um remédio para sua vida, não a sobrecarregando tanto por perder de vista o mundo com a morte quanto a de seu amado senhor e verdadeiro amigo. Mas aquele poderoso senhor Deus, por referência a quem tudo isso aconteceu para seu santo serviço, colocou tanto esforço e discrição a Darioleta, que bastou com sua ajuda consertar tudo, como agora você ouvirá: Havia naquele palácio de O Rei Garinter era uma câmara isolada, com abóbada, sobre um rio que por ela passava, e tinha uma portinha de ferro, pela qual as donzelas às vezes saíam para o rio para se divertir e era estéril, que não havia ninguém nele, que, a conselho de Darioleta, Elisena a seu pai e mãe, para reparar sua má disposição e vida solitária que ela sempre tentou ter, exigiu, e rezar suas horas sem ser impedida por ninguém, exceto por Darioleta que sabia de seus males, que a servisse e o acompanhasse, o que lhe foi levemente concedido por eles, acreditando que sua intenção era apenas reparar o corpo com mais saúde, e a alma com vida mais próxima; e deram a chave da portinha para a empregada que a guardava e abria quando a filha quisesse descansar ali. Pois bem, Elisena hospedou-se lá onde você ouve, com um pouco mais de descanso para se ver em tal lugar que, na opinião dela, antes que pudesse reparar seu perigo ali antes de qualquer outra pessoa, teve conselho com sua empregada, o que faria com o que parecia : — O quê, senhora? ela disse, "deixe-o sofrer, porque você é livre."

"Oh, Santa Maria", disse Elisena, "e como posso consentir em matar aquilo que foi engendrado pela coisa que mais amo no mundo?"

"Não se cure disso", disse a donzela, "porque se eles te matarem, eles não vão deixar você fazer isso."

"Mesmo que eu morra culpada", disse ela, "eles não vão querer que a criatura inocente sofra."

"Vamos parar de falar sobre isso agora", disse a donzela, "que grande loucura seria salvar uma coisa inútil, vamos condenar você e seu amado, que não poderia viver sem você, e você vivendo e ele, outros filhos e filhas você terá, que o desejo disso fará você perder.

Como essa donzela muito inteligente era, e pela misericórdia de Deus guiada, ela queria antes da pressa ter o remédio. E foi assim: que havia quatro tábuas tão grandes que assim como um baú uma criatura com seus panos poderia fechar e do tamanho de uma espada e ela trouxe certas coisas para um betume com que ela poderia juntá-las, sem ela não entrou água, e ele guardou tudo debaixo da cama sem que Elisena percebesse, até que com a mão juntou as tábuas com aquele betume forte e a fez tão igual e tão bem formada, como se tivesse sido feita por um mestre. Então ele mostrou para Elisena e disse a ela:

"Por que você acha que isso foi feito?"

"Eu não sei", disse ela.

"Você saberá", disse a donzela, "quando necessário."

E ela disse:

"Eu não daria para saber o que está sendo feito ou dito, que estou tão perto de perder meu bem e minha felicidade."

A donzela se afligiu ao vê-la assim e lágrimas vieram aos seus olhos e ela se jogou na frente dela, para que ela não a visse chorar.

Bem, não demorou muito para Elisena dar à luz porque sentiu a dor como algo tão novo e tão estranho para ela, seu coração foi colocado em grande amargura, como aquela que lhe convinha não poder gemer ou reclamar, que sua angústia com isso ele dobrou. Mas no final de uma peça, o poderoso Senhor queria que um filho nascesse sem seu perigo, e pegando a donzela em suas mãos, viu que seria lindo se houvesse sorte, mas não demorou muito para colocar em executar o que era conveniente, como ele havia dito anteriormente. pensou, e o envolveu em panos muito ricos e o colocou perto de sua mãe e trouxe para lá a arca que você já ouviu, e Elisena lhe disse: "O que você quer fazer? "

"Coloque-o aqui e jogue-o no rio", disse ela, "e por acaso ele poderá se abrigar".

A mãe o segurou nos braços, chorando ferozmente e dizendo: — Meu filhinho, como é sério o seu problema para mim.

A donzela pegou tinta e pergaminho e fez uma carta que dizia: "Este é Amadís Atemporal, filho do rei".

E sem tempo, disse ela, porque acreditava que mais tarde ele estaria morto. E esse nome era muito precioso ali, porque era o nome de uma santa que a donzela lhe confiou. Esta carta foi toda coberta com cera, e colocada em uma corda, ele colocou em volta do pescoço da criança. Elisena tinha o anel que o rei Perion lhe deu quando estava quebrado e ela o colocou no mesmo cordão de cera, e da mesma forma colocando o menino dentro da arca, eles colocaram a espada do rei Perion nele, que na primeira noite em que ela dormiu com ele, atirou-a pela mão ao chão como já ouviste, e ela foi mantida pela donzela, e embora o rei a encontrasse menos, nunca se atreveu a perguntar por ela, porque o rei Garinter não teria ficado zangado com aqueles que entraram na câmara.

Feito isso, colocou a tábua em cima tão junta e bem calafetada que nem água nem qualquer outra coisa podia entrar, e pegando-a nos braços e abrindo a porta, colocou-a no rio e a soltou, e como o a água era grande e forte, ele rapidamente a passou para o mar, que não ficava a mais de meia légua dali. Neste momento surgiu a aurora e ocorreu uma bela maravilha, daquelas que o Senhor altíssimo, quando lhe agrada costuma fazer, que no mar havia um barco em que um senhor da Escócia ia com sua esposa, que de pouco A Grã-Bretanha trouxe Ela deu à luz um filho chamado Gandalin, e o cavaleiro se chamava Gandales, e indo mais longe em seu caminho contra a Escócia, quando já estava claro de manhã, eles viram a arca que nadava na água e, chamando quatro marinheiros, ordenou que rapidamente lançassem um batel e que o trouxessem, o que foi feito rapidamente, pois a arca já estava muito longe do barco anterior. O cavaleiro pegou a arca e jogou a tampa no chão e viu o jovem que ele pegou nos braços e disse:

— Isso é de algum lugar bom, e disse isso por causa dos ricos panos e do anel e da espada que lhe pareciam muito bonitos e começou a xingar a mulher que, por medo, havia sido tão cruelmente abandonada por tal criatura, e guardando essas coisas, implorou à sua mulher que o fizesse amamentar, que fizesse a senhora que amamentava Gandalín, seu filho, dar-lhe o peito, e o tomou com muita vontade de amamentar, pelo que o cavaleiro e a senhora ficaram muito felizes . Pois assim caminharam à beira-mar com bom tempo endireitado, até que lhes foi aportada uma cidade da Escócia

que Antália tinha nome e, a partir daí, chegaram a um de seus castelos, um dos bons daquela terra, onde ele criou o jovem, como se fosse seu próprio filho, e assim todos acreditaram que ele foi, que dos marinheiros não foi possível descobrir sua propriedade, pois no barco, que era deles, navegaram para outras partes.

Capítulo 2

Como o rei Perion estava na estrada com seu escudeiro com o coração mais acompanhado de tristeza do que de alegria.

O Rei Perion da Pequena Bretanha partiu, como já vos disse, o seu espírito estava atormentado com grande angústia, tanto pela grande solidão que sentia da sua amiga, que a amava muito de coração, como também porque do sonho que você já ouviu que em tal tempero o ultrapassou. Pois bem, quando chegou ao seu reino, mandou chamar todos os seus homens ricos e ordenou aos bispos que trouxessem consigo os clérigos mais sábios que havia nas suas terras, para que lhe pudessem declarar esse sonho. Como seus vassalos sabiam de sua vinda, assim como os chamados como muitos dos outros, vieram a ele com grande desejo de vê-lo, que era muito amado por todos e muitas vezes seus corações se atormentavam, ouvindo as grandes afrontas. em armas que ele colocou, temendo perdê-lo, e por isso todos queriam tê-lo com eles, mas não conseguiram acabar com ele, pois seu coração forte só ficava feliz quando seu corpo o colocava em grande perigo. O rei falou com eles sobre o estado do reino e sobre as outras coisas que eles estavam fazendo para suas finanças, mas sempre com um semblante triste que eles estavam muito aflitos, e uma vez feito o negócio, ele ordenou que eles voltassem para seus terras, e ordenou que ficassem, trouxe consigo três clérigos que sabia mais sobre o que queria, e levando-os consigo foi à sua capela, e lá na hóstia sagrada os fez jurar que tudo o que ele pedisse eles, eles lhe contariam a verdade, não temendo que nada sério lhe fosse mostrado. Feito isso, mandou o capelão sair e ficou sozinho com eles. Então ele lhes contou o sonho como já havia sido inventado e lhes disse para deixá-lo saber o que poderia acontecer a partir dele. Um deles, chamado Ungan el Picardo, que era o que mais sabia, disse:

— Senhor, os sonhos são vãos e devem ser considerados como tais, mas como te agrada que algo seja teu, dá-nos tempo em que possamos vê-lo.

"Assim seja", disse o rei, "e leve doze dias para isso."

E ordenou que se separassem para que não se falassem nem se vissem dentro desse período. Eles lançaram seus julgamentos e firmezas cada um como melhor sabiam e quando chegou a hora chegaram ao rei, que chamou Alberto da Campânia de lado e lhes disse: "Vocês já sabem o que me juraram, agora digam".

"Bem, os outros vêm", disse o padre, "e eu vou dizer isso na frente deles."

"Venham", disse o rei, e ele os convocou. Bem, estando assim todos juntos, ele disse:

-Senhor, eu vou te dizer o que eu entendo. Parece-me da câmara que estava bem fechada e que a viste entrar pela porta mais pequena, quer dizer que este teu rei não estava fechado e guardado, que por alguma parte dela alguém te entrou para beberes e só como a mão Ele colocou o coração pelos lados e o tirou e o jogou em um rio, então ele tomará sua cidade ou castelo e o colocará no poder de alguém que não pode.

"E o outro coração", disse o rei, "que dizia que eu ficaria e me faria perdê-lo sem seu posto?"

"Isso", disse o professor, "parece que outro entrará em sua terra e tomará algo semelhante de você, mais constrangido pela força de quem manda do que por sua vontade, e neste caso não sei, senhor , o que mais lhe dizer."

O rei ordenou ao outro, que Antales tinha nome, que contasse o que encontrou. Ele concedeu tudo o que o outro havia dito:

— Mas tanto que minha sorte me mostra que já está feito, e para quem mais te ama e isso me deixa maravilhado, porque ainda agora nada do teu reino está perdido, e se fosse, não estaria por causa da pessoa que te amava muito.

Ao ouvir isso, o rei sorriu um pouco, pois parecia-lhe que não havia dito nada. Mas Ungan, o Picardo, que sabia muito mais do que eles, abaixou a cabeça e riu com mais vontade, embora raramente o fizesse, pois era naturalmente um homem esquivo e triste. O rei olhou para ele e disse: "Agora, professor, diga o que você sabe."

"Senhor", disse ele, "talvez eu tenha visto coisas que não precisam ser reveladas, exceto a você somente."

— Bem, saiam todos, disse ele, e fechando as portas os dois ficaram. A professora disse: — Sabe, rei, que eu ri daquelas palavras que você tinha em pouco tempo, que dizia que já foi feito por quem mais te ama. Agora eu quero dizer o que você tem muito disfarçado e você acha que ninguém sabe. Você ama em tal lugar onde já cumpriu sua vontade, e aquele que é mais maravilhosamente belo, e ele lhe contou todas as suas feições como se a tivesse antes dele.

— E do quarto em que te vistes encerrados, isto sabes, claro, e como ela, querendo tirar do teu coração e do dela aquelas angústias e angústias, quis sem a tua sabedoria entrar pela porta que não conhecias. e as mãos que ele colocou de lado é o encontro de ambos e o coração que ele tirou significa filho ou filha que será seu.

"Bem, mestre", disse o rei, "o que mostra que ele jogou no rio?"

"Isso, senhor, você não quer saber, que ele não tem nenhum favor para você."

"Ainda assim", disse ele, "diga-me e não tenha medo."

"Bem, é assim que lhe agrada", disse Ugan, "quero uma garantia sua de que para qualquer coisa que eu disser aqui Você não vai ficar com raiva de quem te ama tanto, em momento algum.

"Eu prometo", disse o rei.

"Bem, você sabe", disse ele, "que o que eles viram jogando no rio é que seu filho será jogado assim."

"E o outro coração", disse o rei, "o que me resta?"

"Você deve entender bem", disse o professor, "um pelo outro, que você terá outro filho e de alguma forma o perderá contra a vontade daquele que agora fará com que você perca o primeiro."

"Você me disse grandes coisas", disse o rei, "e rogue a Deus por sua misericórdia para que o último dos filhos não seja tão verdadeiro quanto o que você me disse sobre o dono que eu amo".

"As coisas ordenadas e permitidas por Deus", disse o mestre, "ninguém pode impedi-las ou saber o que elas vão fazer, e por isso os homens não devem ficar tristes ou felizes com elas, porque muitas vezes as más também como o bem Eles, na opinião deles, podem acontecer com eles, acontecer de uma maneira diferente do que eles esperavam. Y tú, noble rey, perdiendo de tu memoria todo esto que aquí con tanta afición has querido saber recoge en ella de siempre rogar a Dios, que en esto y en todo lo ál haga lo que su santo servicio sea, porque aquélla, sin duda , é a melhor.

O rei Perion ficou muito satisfeito com o que queria saber e muito mais sobre este conselho de Ugan, o Picardo, e sempre se encaixa se ele o tivesse, fazendo-lhe muito bem e misericórdia.

E, saindo para o palácio, encontrou uma donzela mais enfeitada do que bela, e disse-lhe:

"Saiba, Rei Perion, que quando você receber sua perda, o senhorio da Irlanda perderá sua flor, e foi que ele não conseguiu detê-la. Então o rei ficou pensando sobre isso e outras coisas.

O autor pára de falar sobre isso e volta ao jovem que Gandales criou, que se chamava Doncel del Mar, que é como o chamavam, e ele foi criado com muito cuidado por esse senhor, Don Gandales e sua esposa, e ele ficou tão bonito que todos os que o viram ficaram maravilhados. E um dia Gandales cavalgou armado, que foi em grande medida um bom cavaleiro e muito valente e sempre acompanhou o Rei Languines no tempo que as armas seguiram. E mesmo que o rei saísse para segui-los, não o fez, antes que os usasse muito e indo assim armado, como vos digo, encontrou uma donzela que lhe disse: - Oh, Gandales, se muitos homens sabia o que eu agora, corte sua cabeça!

"Por quê?", disse ele.

— Porque você guarda a morte dele, ela disse. E saiba que esta foi a donzela que o Rei Perion disse que quando sua perda fosse coletada, o senhorio da Irlanda perderia sua flor.

Gandales, que não entendeu, disse:

"Donzela, por Deus, por favor me diga o que é isso."

"Eu não vou te dizer", ela disse, "mas ainda vai acontecer dessa maneira."

E partindo dele seguiu seu caminho. Gandales foi cuidadoso no que disse, e em uma só viola tornar-se muito aína em seu palafrém dizendo em voz alta: — Ah, Gandales, me apresse, estou tão morto! Ele olhou para cima e viu um cavaleiro armado vindo atrás dela com sua espada na mão, e Gandales atingiu o cavalo com suas esporas e se colocou entre eles e disse:

— Senhor cavalheiro a quem Deus dá azar, o que deseja a donzela?

"Como", ele disse, "você quer proteger esta por engano, ela me traz corpo e alma perdidos?"

"Eu não sei nada sobre isso", disse Gandales, "mas eu protejo você, porque as mulheres não devem ser punidas dessa maneira, mesmo que mereçam."

"Agora você vai ver", disse o cavaleiro, e colocando sua espada na bainha, ele voltou para um bosque onde estava uma donzela muito bonita, que lhe deu um escudo e uma lança e correu contra Gandales, e Gandales contra ele, e feriram-se com as lanças nos escudos, então voaram em pedaços e juntaram os cavalos e os corpos de tuberculose com tanta coragem que caíram para os dois lados e os cavalos com eles e cada um se levantou o mais rápido que pôde, e eles tinham sua batalha assim a pé, mas não demorou muito para que a donzela em fuga se esgueirasse entre eles e dissesse: "Senhores, fiquem quietos."

O cavalheiro que vinha atrás dela então saiu e ela lhe disse: "Venha à minha obediência".

"Vou para o grau", disse ele, "quanto à coisa no mundo que eu mais amo, e jogando o escudo de seu pescoço e a espada de sua mão, ele se ajoelhou diante dela, e Gandales ficou muito surpreso e ela disse ao cavaleiro que antes tinha:

"Diga àquela donzela debaixo da árvore para ir embora logo, ou você vai cortar a cabeça dela."

O cavalheiro voltou-se contra ela, e ela lhe disse:

"Oh, menina má, estou espantado por não ter atirado na sua cabeça!"

A donzela viu que sua amiga estava encantada e subiu em seu palafrém chorando e foi mais tarde. A outra empregada disse:

— Gandales, agradeço-lhe o que fez, boa sorte, porque se este senhor cometeu um erro, eu o perdoou.

"Eu não sei sobre o seu perdão", disse Gandales, "mas não vou tirar a batalha dele se ele não desistir."

"Você vai tirar", disse a donzela, "que se você fosse o melhor cavaleiro do mundo eu o faria derrotar você."

"Você vai fazer o que puder", disse ele, "mas eu vou tirar se você não me disser por quê."
você disse que ele guardou a morte de muitos homens importantes.

"Eu vou te dizer antes", disse ela, "porque eu amo este cavalheiro como meu amigo e você como meu ajudante."

Então ele o colocou de lado e lhe
disse: "Você vai me processar como um cavaleiro leal, porque alguém nunca saberá sobre você até que eu
diga." Ele, concedendo-o, disse-lhe: — Conte-lhe sobre aquele que você encontrou no mar que será a flor dos
cavaleiros de seu tempo. Este fará tremer o forte, este começará todas as coisas e terminará com sua honra,
em que os outros morreram, este fará tais coisas que ninguém se importaria que pudesse ser iniciadas ou
terminadas pelo corpo de um homem . Este fará o arrogante ter bom caráter, este será rude de coração contra
aqueles que o merecem, e ainda mais vos digo: que este será o cavalheiro do mundo que mais fielmente guardará o
amor e amará em um lugar adequado à sua alta façanha; e ele sabe que vem de reis de ambos os lados. agora ele
vê você

disse a donzela, "e acrede firmemente que tudo vai acontecer como eu lhe digo e se você descobrir que está
chegando, será mais mal do que bem por isso."

-Oh senhor! disse Gandales, "Peço-lhe, por Deus, diga-me onde posso encontrá-lo para que eu possa falar com
você em sua fazenda."

"Você não saberá isso de mim ou de qualquer outra pessoa", disse ela.

"Então me diga seu nome, pela fé que você deve à coisa no mundo que você mais ama."

— Você me conjura tanto que eu lhe direi, mas a coisa que eu mais amo, eu sei, me desagrada mais do que no
mundo, e este é aquele cavaleiro muito bonito com quem você lutou, mas por isso não deixo de trazer ele à minha
vontade, sem que ele pudesse fazer mais nada. Ele sabe que meu nome é Urganda, o Desconhecido, agora ele
gosta de mim, e me encontre se puder.

E ele, que a via como uma empregada do primeiro ano que, em sua opinião, não tinha mais de dezoito anos,
uma viola tão velha e tão frágil que se espantou como se podia ter um palafrém e começou a se benzer ao aquela
maravilha. Ao vê-lo assim, ela colocou a mão em uma bujela que tinha no colo, e colocando a mão, pegou como se
fosse a primeira e disse: "Você acha que me encontraria mesmo se estivesse procurando? para mim?" Bem, eu lhe
digo para não tomar por

essa ânsia, que se todos no mundo me pedissem, não me encontrariam se eu não quisesse.

"Então, Deus me salve", disse Gandales, "eu acho que sim." Mas eu imploro, por Deus, que você
Torne-se um membro do jovem que foi abandonado por todos, menos por mim.

"Não pense nisso", disse Urganda, "que esse mendigo será o abrigo e a ajuda de muitos, e eu o amo mais do
que você pensa, como quem cuida dele eu deixo de ter duas ajudas, em que outro não poderia dar conselho, e ele
receberá dois prêmios, onde será muito feliz, e agora eu recomendo você a Deus, que eu quero ir e você me verá
mais do que pensa.

E ele pegou o capacete e o escudo do amigo para levar embora. E Gandales, cuja cabeça o via desarmado,
parecia o cavaleiro mais bonito que já vira. E assim eles se separaram um por um. Donde dejaremos a Urganda ir
con su amigo y contarse ha de don Gandales, que partido de Urganda tornóse para su castillo y en el camino halló la
doncella que andaba con el amigo de Urganda que estaba llorando cabe una fuente, y como vio a Gandales conociólo
e disse:

— O que é isso, senhor, como aquela mulher traiçoeira que você estava ajudando não o fez matar?

"Ela não é traiçoeira", disse Gandales, "ela é melhor e mais instruída, e se você fosse um cavaleiro eu Faria você comprar bem a loucura que você disse.

— Ah, mesquinho! ela disse, como ele sabe enganar todo mundo.

"E que truque ele pregou em você?", disse ele.

— Que aquele senhor bonito que você viu me pegou, que por causa de sua posição ele viveria mais comigo do que com ela.

"Esse engano fez assim", disse ele, "porque foi da razão e da consciência, você e ela tem como me parece.

"Mas seja o que for", disse ela, "se eu puder vou me vingar."

"Você pensa que está louco", disse Gandales, "por querer irritar aquele que não apenas sabe disso antes de você, mas mais do que você pensa."

"Agora vá embora", disse ela, "pois muitas vezes aqueles que sabem mais caem nas armadilhas mais perigosas."

Gandales a deixou e seguiu seu caminho como antes, cuidando da fazenda de seu servo, e chegando ao castelo antes de ser desarmado, tomou-o nos braços e começou a beijá-lo, com lágrimas nos olhos, dizendo em seus corações: — Meu lindo filho, se Deus quer que eu chegue no seu bom momento.

Nesta época o menino tinha três anos e sua grande beleza foi maravilhosamente vista, e como ele viu a sua. adora chorar ele colocou as mãos na frente dos olhos como se quisesse limpá-los, pois Gandales estava feliz, considerando que sendo mais velho, sua tristeza doeria mais, e ele o colocou no chão e foi se desarmar e a partir daí com melhor vontade o curou, tanto que tinha cinco anos. Então ele fez um arco para si e outro para seu filho Gandalin e o fez atirar na frente dele, e ele o criou dessa maneira até os sete anos de idade. Pois bem, nesta altura, o rei Languines, passando pelo seu reino com a sua mulher e toda a casa, de uma cidade a outra, chegou ao castelo de Gandales, que era a estrada até lá, onde era muito celebrado; mas ordenou que seu Doncel del Mar e seu filho Gandalín e outros jovens fossem colocados em um curral, para que não o vissem, e a rainha, que estava posando no topo da casa olhando para um finister, viu os jovens que atiravam com seus arcos e o Doncel del Mar entre eles, tão bonito e tão bonito que muito se viu com espanto e ele o viu mais bem vestido que todos, de modo que parecia o senhor e que ninguém da companhia de Don Gandales viu quem perguntou, chamou suas donas e donzelas e disse:

"Venha e você verá a criatura mais linda que já foi vista.

Bem, todos olhando para ele como uma coisa muito estranha e crescida em beleza, o jovem estava com sede e colocando seu arco e flechas no chão foi até uma bica para beber. E um jovem mais velho que os outros pegou seu arco e quis atirar com ele, mas Gandalin não consentiu e o outro o empurrou com força. Gandalín disse: — Corrige-me, Senhor do Mar, e quando o ouviu parou de beber e foi contra o grande

criado e deixou-lhe o arco e pegou-o com a mão e deu-lhe com ele na cabeça um grande golpe segundo à sua força e eles travaram ambos, então o grande jovem, mal preparado, começou a fugir e encontrou o tutor que os guardava e disse: - O que você fez?

"O Senhor do Mar", disse ele, "me feriu".

Então ele foi até ele com a coleira e disse:

— Como, Doncel del Mar, você já está se atrevendo a machucar os jovens? agora você vai ver como eu vou puni-lo por isso.

Ajoelhou-se diante dele e disse:

— Senhor, quero que me machuque mais do que qualquer um que se atreva a fazer qualquer coisa na minha frente. mal ao meu irmão, e as lágrimas vieram-lhe aos olhos e o preceptor sujou-se e disse-lhe:

"Se você fizer isso de novo, eu vou te fazer bem chorar."

A rainha viu tudo isso bem e se maravilhou por que o chamavam de Doncel del Mar.

Capítulo 3

Como o rei Languines levou consigo o Doncel del Mar e Gandalín, filho de Don Gandales.

Sendo assim, nesse momento, o rei e Gandales entraram, e a rainha disse:

"Diga, Don Gandales, aquele belo jovem é seu filho?"

"Sim, senhora", disse ele.

"Bem, por que", disse ela, "você o chama de Donzela do Mar?"

"Porque ele nasceu no mar", disse Gandales, "quando eu vim da pequena Bretanha."

"Por Deus, você não pensa assim", disse a rainha. Ele disse isso porque o jovem era maravilhosamente bonito, e Don Gandales era mais gentil do que bonito. O rei, que estava olhando para o jovem e que parecia muito bonito, disse: "Faça-o vir aqui, Gandales, e eu quero criá-lo".

"Senhor", ele disse, "sim, eu vou, mas ainda não é a idade de deixar sua mãe."

Então ele foi buscá-lo e o trouxe e lhe disse: -

Donzela do Mar, você quer ir com o rei, meu senhor?

"Eu irei para onde você me enviar", disse ele, "e meu irmão irá comigo".

— Nem eu ficarei sem ele, disse Gandalin.

"Eu acho, senhor", disse Gandales, "que vocês dois terão que levá-los, porque eles não querem ir embora."

"Estou muito satisfeito", disse o rei. Então ele a pegou, mandou chamar seu filho Agrajes e lhe disse: "Filho, você ama muito esses jovens, porque eu amo muito o pai deles".

Quando Gandales viu isso, que o Doncel del Mar estava sendo colocado nas mãos de alguém que não valia tanto quanto ele, lágrimas vieram aos seus olhos e ele disse para si mesmo: eu vejo você em servidão a quem poderia servi-lo, Deus te guarde e te endireite nas coisas do teu serviço e da tua grande honra, e torna verdadeiras as palavras que o sábio Urganda de ti me disse e deixa-me chegar a tempo às grandes maravilhas, que te são prometidas em armas .

O rei, cujos olhos cheios de água o viram, disse: "Nunca pensei que você fosse tão louco".

"Eu não sou tanto quanto você se importa", disse ele, "mas se isso lhe agrada, ouça-me um pouco antes da rainha."

Então eles ordenaram que todos se afastassem, e Gandales lhes disse: "Senhores, saibam a verdade sobre este jovem que vocês estão carregando, que eu o encontrei no mar, e disse-lhes com que disfarce e também disse o que ele sabia sobre Urganda, mas por causa do processo que fez.

— Agora faça com ele o que você deve, para que Deus me salve conforme o aparelho que ele trouxe, acho que ele é de linhagem muito grande.

O rei ficou muito feliz em saber e elogiou o cavaleiro por mantê-lo tão bem e disse a Don Gandales:

— Bem, Deus teve tanto cuidado em guardá-lo, a razão é que nós o guardamos no príncipe e fazer bem quando o tempo for.

A rainha disse:

— Quero que seja meu se lhe agradar desde que tenha idade suficiente para servir as mulheres, então será seu.

O rei concedeu-lhe. Outro dia, pela manhã, partiram de lá levando os jovens com eles e seguiram seu caminho. Mas fale sobre a rainha que criou a Donzela do Mar com tanto cuidado e honra como se fosse seu próprio filho. Mas o trabalho que empreendeu com ele não foi em vão, porque sua engenhosidade era tal e sua condição era tão nobre que aprendeu todas as coisas muito melhor do que qualquer outra e mais rapidamente. Gostava tanto de caçar e cavalgar que, se o deixassem, nunca mais sairia de lá, atirando com seu arco, engordando os cães; a rainha ficou tão satisfeita com a forma como ele serviu que não o deixou tirar sua presença.

O autor aqui volta para contar sobre o Rei Perion e sua amiga Elisena. Como você já ouviu, Perion estava em seu reino depois de ter falado com os clérigos que o sonho liberou e muitas vezes pensou nas palavras que a donzela lhe disse, mas não conseguia entendê-las.

Pois bem, depois de alguns dias, estando em seu palácio, uma empregada entrou pela porta e lhe deu uma carta de Elisena, sua amiga, na qual ela lhe contava como o rei Garinter, seu pai, estava morto e ela estava indefesa, que ela teve misericórdia, que a rainha da Escócia, sua irmã, e o rei seu marido queriam tomar a terra dela. O rei Perion, por mais que estivesse de luto pela morte do rei Garinter, alegrou-se ao pensar em ir ver seu amigo, onde nunca perdeu o desejo, e disse à donzela:

"Agora vá e diga a sua senhora que sem parar por um único dia eu estarei com ela mais tarde."

A donzela ficou muito alegre. O rei, preparando o povo que era necessário, partiu então, para o caminho certo onde estava Elisena, e percorreu tanto em suas viagens que chegou à Pequena Bretanha, onde encontrou notícia de que Languines tinha todo o senhorio da terra, exceto aquelas cidades que seu pai deixou Elisena, e sabendo que ela estava em uma cidade chamada Arcate, ele foi para lá, e se ele foi bem recebido não deve ser contado, e por causa da semelhança dela com ele, eles se amavam muitíssimo. O rei disse-lhes para ligarem para todos os seus amigos e parentes porque ele queria se casar com ela. Elisena o fez com grande alegria de espírito, porque esse era o fim de seus desejos. Sabendo pelo rei Languines a vinda do rei Perion e como desejava casar-se com Elisena, mandou chamar todos os bons homens da terra e, levando-os consigo, foi ter com ele, ambos tendo sido saudados e recebidos com bom humor, e os casamentos e festivais celebrados, os reis concordaram em retornar aos seus reinos. E o rei Perion caminhando com Elisena, sua esposa, passando por uma margem do rio onde queria se hospedar, o rei foi pela margem sozinho, imaginando como saberia de Elisena sobre o filho que os clérigos lhe contaram, quando o absolveram do sono, e tanto Ele caminhou nesse pensamento que chegou a uma ermida, onde, prendendo seu cavalo a uma árvore, entrou para rezar e viu dentro dele um velho vestido com roupas ordeiras e disse ao rei: verdade que o rei Perion é casado com a filha de nosso senhor, o rei?

"É verdade", disse ele.

"Estou muito satisfeito", disse o bom homem, "por saber com certeza que o dela é muito amado com todo o meu coração."

"Onde você sabe?", disse ele.

— Pela boca dele, disse o bom homem. O rei, achando que sabia o que ela queria, deu-lhe a conhecer e disse: "Peço-lhe que me diga o que sabe dela".

"Eu cometaria um grande erro nisso", disse o bom homem, "e você me consideraria um herege, se o que foi dito na confissão, eu o manifestasse; basta o que te digo, o do amor

verdadeiro e leal te ama, mas quero que saiba o que uma donzela, na época em que você veio para esta terra, me disse, que me pareceu muito sábia e não consigo entender: que dois dragões sairiam da Little Britain que teriam seu domínio em Gaula e seus corações na Grã-Bretanha e de lá sairiam para comer as feras de outras terras e que contra uns seriam muito valentes e ferozes e contra outros mansos e humildes, como se não tivessem pregos ou corações e fiquei muito surpreso ao ouvir, mas não porque eu saiba o motivo disso.

O rei ficou espantado e, embora no momento ele não entendesse, o tempo estava claro que ele sabia que era verdade. E assim o rei Perion se despediu do eremita e voltou para as tendas onde sua esposa e companhia haviam partido, onde permaneceu naquela noite com grande vício. Deitada em sua cama com grande prazer, ela contou à rainha o que os mestres haviam declarado de seu sonho, e que ela implorou para que ela lhe dissesse se ela tivera filhos. A rainha que ouviu isso ficou tão envergonhada que a queria morta, e negou, dizendo que nunca daria à luz. Assim, o rei não podia naquele momento saber o que queria. Outro dia partiram de onde, e continuaram suas jornadas até chegarem ao reino de Gaula e agradou a todos na terra com a rainha que era uma dona muito nobre e ali o rei entreteve algo mais do que o habitual e havia em ela um filho e uma filha, filha, eles chamaram o filho Galaor e a filha Melicia. Quando o menino tinha dois anos e meio, foi assim que o rei, seu pai, estava em uma vila perto do mar que Bangil havia nomeado e enquanto ele estava em um fim de semana em um pomar e a rainha estava relaxando com suas amantes e donzelas, tendo o menino apto sim, que já começava a andar, viram entrando por uma veneziana que um jayán saiu para o mar com uma clava muito grande na mão e ele era tão grande e diferente que não havia homem quem viu aquele que não teria medo dele e também a rainha e sua companhia, alguns fugindo entre as árvores e outros caindo no chão, tapando os olhos para não ver; mas o gigante se endireitou contra a criança que estava indefesa e só o viu e vindo até ele estendeu os braços para a criança rindo e o pegou em seu próprio dizer:

"É verdade", a donzela me disse, e ela voltou pelo caminho que tinha vindo e, entrando em um barco, saiu para o mar.

A rainha, que o viu partir e que a criança a carregava, gritou bem alto, mas ela pouco fez, mas o seu luto e o de todos foi tão grande que mesmo estando o rei com muita dor, por não ter podido ajudar seu filho, vendo que remédio havia, desceu ao jardim para remediar a rainha que se matava que lhe veio à mente o outro filho que ele havia lançado ao mar e agora que com isso pensava remediar sua grande tristeza, ao vê-lo perdido para uma ocasião dessas, Não tendo esperança de coletá-lo, ele fez as maiores fúrias do mundo. Mas o rei levou-a consigo e deu-lhe as boas-vindas aos seus aposentos, e quando a viu mais calma disse: a verdade que dependendo da época que foi você não deve ser culpado.

A rainha, porém com muita vergonha, contou-lhe tudo sobre o primeiro filho. aconteceu como ele a lançou ao mar.

"Não se zangue", disse o rei, "porque agradou a Deus que não gostássemos muito desses dois filhos, e espero nEle que chegue o tempo em que, por um pouco de sorte, saibamos algo sobre eles. ."

Este gigante que o jovem trouxe era natural de Leonís, que tinha dois castelos em uma ilha e seu nome era Gandalac e ele não era tão malfeitor quanto os outros gigantes, antes ele era bem-humorado até ser vicioso, mas depois que ele era ele seria grande grosseria. Ele foi com seu filho até o final da ilha onde havia um eremita, um homem bom, de Santa

vida, e o gigante que aquela ilha tinha povoado de cristãos ordenou-lhe que desse esmolas para a sua manutenção, e disse:

—Amigo, este menino eu te dou para criá-lo e ensiná-lo tudo o que convém a um cavalheiro e eu te digo que ele é filho de um rei e de uma rainha e te defendendo que você nunca seja contra ele.

O bom homem lhe disse:

-Diga, por que você fez essa grosseria tão grande?.

"Isso eu vou dizer", disse ele. Você sabe que querendo entrar em um barco para lutar contra Albadán, o bravo jayán que matou meu pai e me tirou à força o rochedo de Galtares, que é meu, encontrei uma donzela que me disse: "O que você quer é terminará com o filho do rei Perion de Gaula, que será muito mais forte e mais leve que você".

E perguntei se ele estava dizendo a verdade. "Você verá isso", disse ela, "no momento em que os dois galhos de uma árvore se unirem que agora estão divididos".

Desta forma, este jovem, chamado Galaor, permaneceu no poder do eremita e o que veio dele será contado mais tarde.

Nesta época em que as coisas aconteciam como você ouviu, reinava na Grã-Bretanha um rei chamado Falangriz, que, morrendo sem herdeiro, deixou um irmão de grande bondade nas armas e muita disciplina, cujo nome era Lisuarte, com quem era recém-casado à filha do rei da Dinamarca, cujo nome era Brisena, e ela era a mais bela donzela encontrada em todas as ilhas do mar. E como ela foi exigida de muitos grandes príncipes, seu pai, temendo alguns, não se atreveu a entregá-la a nenhum deles.

Vendo esta Lisuarte e conhecendo suas boas maneiras e grande esforço, rejeitando a todos, casou-se com ele, que a serviu por amor. Quando este rei Falangriz morreu, os altos homens da Grã-Bretanha, sabendo das coisas que este Lisuarte em armas tinha feito, e por causa de sua grande proeza havia conseguido tão grande casamento, mandaram buscá-lo para que o reino tomase.

Capítulo 4

Como o rei Lisuarte navegou pelo mar e contribuiu para o reino da Escócia, onde foi recebido com grande honra.

A embaixada ouvida pelo rei Lisuarte, seu sogro ajudando-o com uma grande frota no mar entrou, onde navegando foi trazido para o reino da Escócia, onde foi recebido com grande honra pelo rei Languines. Essa Lisuarte trouxe consigo Brisena, sua mulher, e uma filha que estava nela quando morava na Dinamarca, que Oriana batizara, até os dez anos, a criatura mais linda que já se viu, tanto que essa era a aquele que Sem Par foi chamado, porque em seu tempo não havia nenhum que fosse igual a ele; e porque o mar estava bravo, lembrou-se de deixá-lo lá, implorando ao rei Languines e à rainha que o guardassem para ele. Eles ficaram muito felizes com isso e a rainha disse: "Acredite que vou mantê-la como sua mãe faria".

E como Lisuarte entrou com muita pressa nos seus navios, chegou à Grã-Bretanha. E ele encontrou alguns que o atrapalharam, como geralmente é feito em tais casos e por isso ele não pertenceu a sua filha por algum tempo e foi rei com grande trabalho que ele assumiu lá, e ele foi o melhor rei que havia, nem aquele que melhor manteve a cavalaria em seu direito até o rei Arthur reinar, que passou a todos os reis que foram antes dele, embora muitos reinassem entre um e outro.

O autor deixa Lisuarte reinando com muita paz e tranquilidade na Grã-Bretanha e volta para o Doncel del Mar, que na época tinha doze anos e em sua grandeza e membros parecia bem quinze. Serviu diante da rainha e tanto dela como de todas as donas e donzelas que ele era muito amado. Mas como Oriana, filha do rei Lisuarte, foi para lá, a rainha deu o Doncel del Mar para servi-la, dizendo:

"Amigo, este é um jovem que irá atendê-lo."

Ela disse que gostou. O jovem tinha esta palavra no coração de tal forma que depois nunca mais a pôs de lado da memória, que sem falta, tal como esta história o conta nos dias da sua vida, não se zangou por servi-la e por ela. seu coração sempre foi concedido, e esse amor durou enquanto durou, que assim como ele a amava, ela o amava. De tal maneira que nunca deixaram uma hora de amar um ao outro, mas o Doncel del Mar, que não sabia nem sabia nada sobre como ela o amava, foi muito audacioso em ter pensado nela de acordo com sua grandeza e beleza , sem cuidar dela, ouse dizer uma única palavra. E ela, que o amava de coração, teve o cuidado de não falar com ele mais do que com qualquer outra pessoa, porque eles não suspeitariam de nada, mas seus olhos tinham grande prazer em mostrar ao seu coração a coisa no mundo que ela mais amava . Assim, eles viveram secretamente sem projetar nada de sua fazenda para o outro. Pois bem, com o passar do tempo, como digo, o próprio Senhor do Mar compreendeu que agora poderia pegar em armas, se houvesse alguém que o fizesse cavaleiro, e isso ele desejava, considerando que assim seria e faria tal coisas onde quer que ele morreu, ou enquanto sua amante viveu, valorizou-o, e com esse desejo ele foi até o rei que estava em um jardim e ajoelhou-

"Senhor, se isso lhe agrada, seria hora de eu ser um cavaleiro."

O rei disse:

"Como, Senhor do Mar, você já se esforça para manter a cavalaria?" Saiba que é leve ter e sério manter. E quem quiser ganhar este nome de cavalaria e mantê-lo em sua honra, há tantas e tão sérias coisas que ele tem que fazer que muitas vezes seu coração se enfurece e se tal cavaleiro é que por medo ou covardia ele para fazendo o que ele

É conveniente, a morte seria melhor do que viver na vergonha e, portanto, seria bom para você sofrer por algum tempo.

O Doncel del Mar disse-lhe:

"Nem por isso deixarei de ser cavaleiro, pois se em meus pensamentos eu não tivesse que cumprir o que você disse, meu coração não se esforçaria para sé-lo". E como sou servo da tua misericórdia, faz o que me deves nisso, senão procurarei outro para o fazer.

O rei, temendo que ele o fizesse, disse:

"Donzela do Mar, eu sei quando será necessário que você seja assim, e mais para sua honra, e eu prometo a você que o farei, e enquanto sua armas e equipamentos foram adornados, mas, por que não?" de quem você estava cuidando?

"Para o rei Perion", disse ele, "que me disseram ser um bom cavaleiro."

"Agora", disse o rei, "fique, pois quando a estação estiver certa você o fará."

E então ele ordenou que a ordem de cavalaria necessária fosse preparada para ele e ele informou Ganales de tudo o que aconteceu com seu servo, que Ganales estava muito feliz e enviou-lhe por uma donzela a espada e o anel e a carta embrulhada em cera como ele a encontrou na arca onde o encontrou. E enquanto um dia a bela Oriana estava com outras donas e donzelas no palácio, descansando enquanto a rainha dormia, estava lá com elas a Donzela do Mar, que só olhou para sua dona não se atreveu e disse entre si:

— Ai, meu Deus, por que te agrada pôr tanta beleza nesta senhora, e em mim tanto aborrecimento e dor por causa dela, em um ponto forte meus olhos a fitaram porque perdendo o fogo com a morte pagarão por aquela grande loucura em que eles colocaram no coração!.

E assim, quase sem nenhum sentido, um jovem entrou e lhe disse: -

Donzela do Mar, há uma donzela estranha lá fora que te traz rosquinhas e te ama.
ver.

Ele queria sair com ela, mas quem o amava, ao ouvi-lo, seu coração estremeceu, de modo que se alguém olhasse para ele pudesse ver sua grande alteração, mas tal coisa eles não pensaram. E ela disse: "Donzela do Mar, fique e entre na donzela e veremos os donuts." Ele ficou quieto e a empregada entrou. E este foi o enviado por Ganales e ele disse: "Senhor Doncel del Mar, seu mestre Ganales te saúda muito, assim como aquele que te ama e te envia esta espada e este anel e esta cera e pede que você traga esta espada assim que durar, por seu amor.

Ele pegou os donuts e colocou o anel e a cera no colo e começou a desembrulhar o pano de linho que o cobria da espada, maravilhando-se como não tinha bainha, e enquanto Oriana pegava a cera não acreditava que houvesse qualquer outra coisa nele. havia e disse:

"Isso é o que eu quero desses donuts."

Ele preferia que ela levasse o anel, que era um dos mais bonitos do mundo. E olhando para a espada, o rei entrou e disse: - Donzela do Mar, o que você acha dessa espada?

"Senhor, ela me parece muito bonita, mas não sei por que ela está sem bainha."

"Faz quinze anos", disse o rei, "que não havia nenhum, e tomado-o pela mão, foi embora com ele e disse: "Você quer ser um cavaleiro e não sabe se é certo para você, e eu quero que você saiba

sua propriedade como eu a conheço.

E ele lhe contou como foi encontrado no mar com aquela espada e aquele anel no peito, assim como você ouviu. Ele disse:

— Eu acredito no que você me diz, porque aquela donzela me disse que meu mestre Gondales me enviou esta espada e eu pensei que ele estava errado em sua palavra em não dizer que meu pai era, mas o que você me diz não me importa, mas porque não conhecendo minha linhagem, nem eles me conhecem, mas me considero um fidalgo, e meu coração se esforça por isso, e agora, senhor, o cavalheirismo me convém mais do que antes, e ser tal que ganhe honra e bravura, como um que não sabe parte de onde vem e como se todos os da minha linhagem estivessem mortos, que os considero como tais porque não me conhecem nem eu a eles.

O rei acreditava que ele seria um bom homem e se esforçaria por todo o bem, e enquanto essas conversas veio um cavaleiro que lhe disse: "Senhor, o rei Perion de Gaula veio à sua casa".

"Como na minha casa?" disse o rei.

"Está em seu palácio", disse o cavaleiro. E foi lá muito aína como quem conheceu honra a todos e como se viam cumprimentando-se, e Languines lhe disse: "Senhor, aqui vieste a esta terra assim sem suspeitas?"

"Vim procurar amigos", disse o rei Perion, "pois preciso deles agora mais do que nunca, pois o rei Abis da Irlanda luta comigo e está com todo o seu poder em minha terra e se refugia no deserto e vem com ele Daganel, seu confrade, e ambos têm tanta gente e se juntaram contra mim, que parentes e amigos são muito necessários para mim, tanto por ter perdido muitos do meu povo na guerra, como pela morte de muitos outros que eu confiável.

Languines lhe disse:

"Irmão, sinto muito por sua doença e vou ajudá-lo da melhor maneira possível".

Agrajes já era cavaleiro e ajoelhado diante do pai, disse: "Senhor, peço-te um presente, e ele, que o amava como a si mesmo, disse: "Filho, pede o que quiseres."

— Exigindo-lhe, senhor, que me conceda que eu vá defender a rainha minha tia.

"Eu concedo isso", disse ele, "e vou enviar-lhe o mais honesto e bonito que puder."

O rei Perion estava, portanto, muito alegre. O Doncel del Mar, que estava ali, olhava muito para o rei Perion, não por causa de seu pai, que não o conhecia, mas pela grande bondade de armas que tinha ouvido falar dele, e queria mais ser um cavaleiro de sua mão do que de qualquer outra pessoa no mundo. E acho que o pedido da rainha ajudaria muito nisso. Mas achando-a muito triste pela perda de sua irmã, não quis falar com ela, e foi até onde estava sua dona Oriana, e ajoelhando-se diante dela, disse: "Sra. causa da tristeza que a rainha tem?

Oriana, que assim via diante de si aquele que ela amava mais do que ela mesma, sem que ela ou qualquer outro se desse conta, um grande choque ocorreu em seu coração e ela disse: "Ai, Doncel del Mar! de mim." e eu o farei de boa vontade.

"Ah, senhora!" disse ele, "que eu não sou tão ousado ou digno de tal dama." coisa para pedir, mas para fazer o que me é ordenado para você.

"E como", disse ela, "o seu coração está tão fraco que não basta rezar?"

"Tão fraco", disse ele, "que em todas as coisas contra ti eu pereça, mas em ti serve como aquele que, sem ser dele, é todo teu."

"Minha", disse ela, "desde quando?"

"Desde quando você gosta de mim", disse ele.

"E como eu gostei?" Oriana disse.

"Lembre-se, senhora", disse o Doncel, "que no dia em que seu pai saiu daqui, a rainha me pegou pela mão e, colocando-me diante de você, disse: 'Eu lhe dou este jovem para servi-la', e você disse que isso te agradou." Desde então, tenho e terei a mim mesmo para servi-lo sem que mais ninguém, nem mesmo eu, tenha minha senhoria enquanto eu viver.

"Essa palavra", disse ela, "você pegou com uma compreensão melhor do que o final que foi dita, mas estou satisfeita que seja assim." Ele ficou tão atordoado com o prazer que teve que não soube

responder a nada e ela viu que ele tinha todo o domínio sobre ele e dele saiu e foi até a rainha e soube que a causa de sua tristeza era a perda de sua irmã, que, voltando ao Doncel del Mar, ele lhe contou. O menino lhe disse:

"Se você, senhora, quiser que eu seja um cavaleiro, seria em auxílio daquela irmã de a rainha, concedendo-me o caminho.

"E se eu não concedesse", ela disse, "você não iria lá?"

"Não", disse ele; porque este meu coração derrotado, sem o favor de quem é, não poderia se sustentar em nenhuma afronta, nem mesmo sem ela.

Ela riu bem-humorada e disse a ele: "Bem,

foi assim que eu ganhei você, permita que você seja meu cavaleiro e ajude a irmã daquela rainha".

O Doncel beijou suas mãos e disse:

"Bem, meu senhor o rei não quis me fazer um cavaleiro, mas por minha vontade eu poderia agora me tornar deste rei Perion a seu pedido."

"Farei o que puder a respeito", disse ela, "mas será necessário dizer ao Infanta Mabilia, que seu pedido valeria muito diante do rei seu tio.

Então ele foi até ela e disse a ela como o Doncel del Mar queria ser um cavaleiro pela mão do rei Perion e que era necessário para ele e seu pedido. Mabilia, que era muito corajosa e amava o Doncel del Mar com um amor saudável, disse:

"Bem, vamos fazer isso por ele, ele merece, e venha para a capela de minha mãe, armado com todas as armas, e vamos fazer companhia a ele com outras donzelas." E o rei Perion querendo partir, o que, como eu soube, será antes do amanhecer, eu o mandarei pedir-lhe para me ver e lá ele fará nosso pedido, de longe ele é um cavalheiro bem-educado.

— Você diz bem, disse Oriana. E chamando os dois de Doncel del Mar, contaram-lhe como tinham arranjado; ele o tinha à sua mercê. Então eles partiram daquele discurso em que os três estavam de acordo e o Doncel ligou para Gandalín e lhe disse:

"Irmão, secretamente leve todas as minhas armas para a capela da rainha, pois pretendo ser cavaleiro esta noite, e como é conveniente para mim sair daqui na hora, quero saber se você quer ir comigo."

"Senhor", ele respondeu, "eu lhe digo que, no meu grau, nunca me separarei de você."

Lágrimas vieram aos olhos de Doncel e ele o beijou no rosto e disse: "Amigo,
agora faça o que eu lhe disse."

Gandalín colocou as armas na capela enquanto a rainha jantava e as toalhas eram levantadas, a Donzela foi até a capela e armou-se com todas as armas, menos a cabeça e as mãos, e fez sua oração diante do altar, rogando a Deus que em assim as armas como naqueles desejos mortais que ele tinha por sua amante lhe dariam a vitória. Desde que a rainha foi dormir, Oriana e Mabilia com algumas donzelas foram até ele para acompanhá-lo. E como Mabilia sabia que o Rei Perion queria cavalgar, ela mandou dizer a ele para vê-la primeiro. Ele veio depois e Mabilia lhe disse: "Senhor, faça o que eu te peço, Oriana, filha do rei Lisuarte".

O rei disse que o faria de boa vontade, que o mérito de seu pai o obrigava a fazê-lo. Oriana compareceu perante o rei e, visto que a via tão bela, bem acreditou que não se podia encontrar igual no mundo; e disse: — Quero te pedir um presente.

"Claro", disse o rei, "eu vou."

— Bem, faça-me isso minha criada, senhor, e mostre-o a ele, que estava de joelhos diante do altar. O rei viu o jovem tão bonito que ficou muito espantado e, aproximando-se dele, disse: - Quer receber ordens de cavalaria?.

"Eu quero", disse ele.

"Em nome de Deus", respondeu o rei, "e que Ele ordene que seja tão bem usado em voz e tão crescido em honra quanto ele cresceu em beleza para você, e colocando sua espora direita sobre isso, ele disse a ele : "Agora você é um cavaleiro e pode pegar a espada." .

O rei pegou-o e adorou-o e o jovem cingiu-o muito bem e o rei disse: "É verdade, este acto de o tornar cavaleiro de acordo com o seu gesto e aparência, gostaria de o ter feito com maior honra, mas espero em Deus que sua fama seja tal que ele testemunhe o que deve ser feito com mais honra, e Mabilia e Oriana ficaram muito felizes e beijaram as mãos do rei, e confiando o Doncel a Deus, ele seguiu seu caminho.

Este foi o início do namoro entre aquele senhor e esta infanta, e se aqueles que o lêem parecem estas simples palavras, não se surpreendam, porque não só numa idade tão tenra como a dele, mas a outros que com grande discrição muitas coisas aconteceram neste mundo, o grande e demais amor tinha tanta força, que o sentido e a linguagem em tais carros eram perturbados. Então com razão eles ao dizer e o autor em palavras mais polidas não as escrevem, devem ser sem culpa, porque cada coisa deve ser dada o que é conveniente para ela. O Senhor do Mar sendo feito cavaleiro, como se diz, e querendo despedir-se de Oriana, sua senhora, e de Mabilia, e das outras donzelas, que com ele na capela velavam, Oriana, que parecia partir-lhe o coração, sem Para fazê-lo entender, ele o chamou de lado e lhe disse: "Doncel del Mar, acho que você é tão bom que não acho que você seja filho de Gondales, sim."

quando souber, me conte.

O Doncel contou-lhe o que sabia do rei Languines sobre sua propriedade, e ela, muito feliz com o que aprendeu, o confiou a Deus e ele encontrou Gandalin na porta do palácio, que tinha sua lança e escudo e seu cavalo, e andando a cavalo, seguiu seu caminho, sem ser visto por ninguém, pois ainda era noite e ele andou tanto que entrou em uma floresta onde, ao meio-dia passado, comeu o que Gandalin lhe trouxe e, atrasado, ouviu sua mão direita algumas vozes muito dolorosas, como as de um homem que sentiu grande angústia e foi contra lá, e no caminho encontrou um cavaleiro morto e passando por ele viu outro que estava gravemente ferido e uma mulher estava sobre ele que fez gritou ele, enfiando-lhe os dedos nas mãos pelas chagas, e quando o cavaleiro viu o Doncel del Mar, disse: — Ai, senhor! Ajude-me e não me deixe matar essa mulher traiçoeira assim.

O Doncel lhe disse:

"Jogue-se fora, senhora, porque o que você está fazendo não combina com você."

Afastou-se e o cavaleiro ficou amortecido e o Doncel del Mar desceu do cavalo, que queria muito saber quem era, e tomou o cavaleiro nos braços, e assim que ficou acordado disse: - Ah, senhor!, estou morto, e leva-me onde há conselho de minha alma.

O menino lhe disse:

— Senhor cavaleiro, faça um esforço e diga-me se gosta de que fortuna é esta em que se encontra.

"A que eu queria levar", disse o cavalheiro, "que eu, sendo rico e de grande linhagem, casei com aquela mulher que você viu, por grande amor por ela, ela sendo exatamente o contrário, e ontem à noite fui com aquela cavalheiro que jaz morto, que nunca o vi senão esta noite que se hospedou comigo. E depois que eu o matei em batalha, eu disse a ela que a perdoaria se ela jurasse não me deixar mais cego ou vergonhoso. E ela concedeu assim, mas vendo tanto sangue escorrer das minhas feridas que não tive nenhum esforço, ela quis me matar colocando minhas mãos nelas, então estou morto e imploro que me leve aqui antes, onde um eremita mora quem vai curar minha alma.

O Doncel o fez cavalgar antes de Gandalín e ele cavalgou, e eles foram contra a ermida, mas a mulher má mandou dizer a três de seus irmãos que viessem por ali com suspeita de seu marido que iria atrás dela, e eles a encontraram e pediram como ela estava fazendo Então.

Ela disse:

"Oh, senhores, ajudem-me, pelo amor de Deus! Aquele mau cavaleiro que vai lá matou aquele que você vê lá e meu senhor está igualmente morto, vá atrás dele e mate-o e um homem que ele tem com ele, que fez tanto. ruim como ele

Ela disse isso porque se os dois morressem, sua maldade não seria conhecida, porque seu marido não seria acreditado. E montados em seu palafrém foram mostrá-los a ele. O Doncel del Mar já havia deixado o cavaleiro na ermida e voltava a caminho, mas viu como a dona veio com os três cavaleiros que disseram: "Esteja lá, traidor, esteja lá!"

"Você mente", disse ele, "não sou um traidor, antes de me defender bem da traição e vir a mim como cavalheiros."

"Traidor", disse o atacante, "todos lhe devemos o mal e o faremos!"

O Senhor do Mar, que tinha o seu escudo e o elmo amarrado, soltou o primeiro, e ele, e o feriu no escudo tão severamente que ele passou por cima e o braço em que estava preso, e derrubou ele e o cavalo ao chão, tão bravamente que o cavalo teve o dorso direito quebrado e o cavaleiro da grande queda, uma perna, de tal forma que nem um nem outro conseguiu se levantar e quebrou a lança e alcançou por sua espada que Gandales o guardaria, e ele soltou os dois e eles o encontraram e o encontraram no escudo, que falsificaram, mas não no arreio, que era forte. E o Doncel feriu um acima do escudo, e o cortou até o fecho e a espada atingiu seu ombro, de tal forma que com a ponta ele cortou sua carne e ossos, que o arreio não valeu a pena e quando ele jogou o espada era o cavaleiro no chão e foi até o outro que o golpeou com sua espada e o atingiu acima do elmo e o feriu com tanta força na cabeça que o fez abraçar com o pescoço do cavalo e se deixou cair por não atender outro golpe, e a traiçoeira ela queria fugir, mas a Donzela do Mar chamou Gandalin para levá-la. O cavaleiro a pé disse: "Senhor, não sabemos se esta batalha foi certa ou errada.

— De direito, não pode ser que aquela mulher má tenha matado o marido.

"Estamos enganados", disse ele, "e nos dê garantia e você saberá a razão pela qual o atacamos."

"O seguro", disse ele, "eu te dou, mas não tiro a batalha."

O cavalheiro contou à causa por que eles vieram até ele. E o Doncel benzeu-se muitas vezes para ouvir o que sabia: — Você vê o marido dela aqui nesta ermida que, assim como eu, vai te contar.

"Bem, é assim", disse o cavaleiro, "não vamos ficar à sua mercê."

"Isso eu não farei se vocês não jurarem como cavaleiros leais que levarão este cavaleiro ferido e sua esposa com ele para a casa do rei Languines, e vocês contarão o quanto dela aconteceu e que ela foi enviada por um novo cavaleiro que hoje deixou a cidade onde está e o deixou fazer o que era bom para ele.

Isso foi concedido pelos dois e pelo outro depois que o tiraram de debaixo do cavalo muito mal.

Capítulo 5

Como Urganda, o Desconhecido, trouxe uma lança para a Donzela do Mar.

A Donzela do Mar deu seu escudo e capacete para Gandalin e ele seguiu seu caminho e não foi muito longe quando viu uma donzela vir em seu palafrém e ela estava carregando uma lança com uma trança trançada no cabo, e ela viu outro donzela, que se juntou a ela, que vinha por outro caminho e ambos vieram falando contra ele, e quando chegou a donzela com a lança, ela lhe disse:

— Senhor, pegue esta lança e diga-lhe que antes do terceiro dia você construirá a casa de onde partiu. Ele ficou espantado com o que ela disse e disse: - Donzela, a casa, como pode morrer ou viver?

"Assim será", disse ela, "e eu lhe dou a lança por alguns favores que espero de você." A primeira será quando você fizer uma homenagem a um amigo seu onde ele será colocado na maior afronta e perigo que foi feito cavaleiro, depois de dez anos.

"Donzela", disse ele, "não farei tal honra ao meu amigo, se Deus quiser."

"Eu sei bem", disse ela, "que acontecerá como eu digo."

E, dando as esporas ao palafrém, seguiu seu caminho e soube que era Urganda, o Desconhecido; A outra empregada ficou com ele e disse: "Senhor, cavalheiro, sou de uma terra estrangeira, e se quiser esperar por você, terei até a terceira".

dia e vou parar de ir onde minha senhora está.

"E de onde você é?", disse ele.

— Da Dinamarca, disse a empregada. E ele sabia que estava dizendo a verdade, em sua língua, que Às vezes ela ouvia sua senhora Oriana falar quando era pequena e dizia: — Donzela, me agrada muito se você não a tem por desejo.

E perguntou-lhe se conhecia a donzela que lhe deu a lança. Ela disse para nunca maisvê-la, mas então, mas para dizer a ela que ela a estava trazendo para o melhor cavalheiro do mundo, e ela me disse que depois que eu te deixasse eu deveria te contar como era Urganda, a Desconhecida e que ela te ama muito.

"Oh, Deus", disse ele, "que azar eu não sei! E se eu parar de procurá-lo é porque ninguém a encontrará sem seu grau.

E assim caminhou com a donzela até o anoitecer, quando encontrou um escudeiro na estrada que lhe disse: "Senhor, onde vais?"

"Vou por aqui", disse ele.

"É verdade", disse o escudeiro, "mas se você quiser se estabelecer em uma cidade, será conveniente deixá-la, porque daqui você não encontrará uma grande peça, mas uma fortaleza que pertence a meu pai e lá todo o serviço será feito para você."

A empregada disse a ele que ficaria bem e ele concedeu. O escudeiro os desviou do caminho para guiá-los, e ele fez isso por causa de um costume que havia lá em um castelo onde o cavaleiro tinha que ir e ele queria ver o que ele faria, para nunca ver um cavaleiro -luta errante. Pois bem, quando lá chegaram naquela noite, estavam muito bem servidos, mas o Doncel del Mar não dormiu muito, pois a maior parte da noite ficou contemplando a patroa de onde saiu e de manhã armou-se e foi caminho com sua criada e o escudeiro. Seu hóspede lhe disse que lhe faria companhia até um castelo adiante. Assim viajaram três léguas e viram o castelo, que parecia muito bonito, que ficava sobre um rio, e havia uma ponte.

ponte levadiça, e no seu final uma torre muito alta e bonita. O Doncel del Mar perguntou ao escudeiro se aquele rio tinha outra passagem, senão pela ponte; ele disse que não, que todo mundo passou por isso e nós vamos passar por lá.

"Então vá em frente", disse ele. A donzela passou, e os escudeiros depois, e a Donzela do Mar depois da sobremesa, e ele estava tão firmemente pensando em sua amante que tudo saiu de sua mente. Assim que a donzela entrou, seis peões pegaram-na pelas rédeas, armados de capelinhas e couraças, e disseram: "Moça, é melhor você jurar, senão será morta".

"O que eu vou jurar?"

"Você jurará não fazer amor com seu amigo em nenhum momento, se ele não prometer que ele ajudará o rei Abies contra o rei Perion.

A donzela gritou que queriam matá-la. A Donzela do Mar foi lá e disse: "Maus vilões, que ordenaram que você colocasse as mãos na senhora ou donzela, além de Este, o que se passa na minha guarda?

E aproximando-se do mais velho, ele o pegou com o machado, e deu-lhe tal ferimento com a história, que o derrubou no chão; os outros começaram a espancá-lo, mas ele deu um golpe tão forte que o rasgou até os olhos e atingiu outro no ombro e o cortou até os ossos dos flancos. Quando os outros viram esses dois mortos por tais golpes, eles não estavam a salvo e começaram a fugir e ele jogou o machado em um deles, que decepou metade de sua perna, e disse à donzela:

— Vá em frente, que mal há quem tenha o direito de que nenhum bandido ponha as mãos na senhora ou na donzela.

Então eles foram em frente pela ponte e ouviram do outro lado da parte do castelo grande tumulto Disse a donzela: —

Grande barulho de gente, e eu ficaria em que você pegasse em seus braços.

"Não tenha medo", disse ele, "que em um lugar onde as mulheres são maltratadas, onde elas deveriam estar seguras, não pode haver homem que não valha nada."

"Senhor", ela disse, "se você não pegar em armas, eu não ousaria ir mais longe." Ele

os pegou e foi em frente e entrando pela porta do castelo viu um escudeiro que veio chorando e disse: - Oh, Deus, como matam o melhor cavaleiro do mundo, porque ele não jura

não pode ter direito!.

E passando por ela, o Doncel del Mar viu o rei Perión, que o fez cavaleiro, tão maltratado, que seu cavalo havia sido morto e dois cavaleiros com dez peões nele, armados, que o feriram por todos os lados e os cavaleiros lhe disseram : — Jura, se você não está morto.

O Doncel disse-lhes:

— Jogue-se fora, seus orgulhosos malvados, não ponham as mãos no melhor cavalheiro do mundo, porque todos morrerão por ele.

Então eles separaram dos outros um cavalo e cinco peões e, vindo contra ele, disseram-lhe: "É assim que você deve jurar ou morrerá".

"Como", disse ele, "devo jurar contra minha vontade?" Nunca será se Deus quiser.

Chamaram o porteiro para fechar a porta e o Doncel deixou o cavalo correr e feriu-o com a lança no escudo de madeira que o derrubou no chão sobre as ancas do cavalo e ao cair atingiu o cavaleiro com a cabeça no chão e seu pescoço estava torcido, e ele estava igualmente morto, e deixando os peões que o estavam machucando, ele foi até o outro e lhe passou o escudo e o arreio e enfiou a lança em seus lados, não havia necessidade

professora. Quando o rei Perion viu que estava sendo precipitado de tal maneira, fez um esforço para se defender melhor e com sua espada deu grandes golpes no povo a pé, mas o Senhor do Mar entrou tão incontrolavelmente entre eles com seu cavalo e ferindo com sua espada de golpes mortais indescritíveis, que enviou a maioria deles ao chão. Com isso, assim como com o que o rei fez, não demorou muito para que todos fossem destruídos, e alguns, que conseguiram fugir, escalararam o muro, mas o jovem desceu do cavalo e foi atrás deles, e tão grande era o medo que eles carregavam que, não se atrevendo a esperar, eles se deixaram cair da cerca de Ayuso, exceto dois deles, que entraram em uma câmara, e o Doncel, que os seguiu, entrou atrás deles e viu em uma deitar-se com um homem tão velho que dali não conseguiu se levantar e gritou: "Maus vilões, de quem vocês estão fugindo?"

"Antes de um cavalheiro", disseram eles, "que faz travessuras e matou seus sobrinhos e todos os nossos companheiros."

O jovem disse a um deles: "Mostre-me seu mestre, se você não está morto". Mostrou-lhe o velho que estava deitado na cama, começou a se benzer e disse: — Velho malvado, você está morrendo e tem esse hábito? se você pudesse agora pegue em armas para provar a você que você foi um traidor e assim você é para Deus e sua alma.

Então ele fez uma cara que queria bater nele com a espada e o velho disse: "Oh, senhor! Misericórdia, não me mate".

"Você está morto", disse o Doncel del Mar, "se você não jurar que tal costume nunca mais sua vida sustentada será.

Ele jurou.
— Bem, agora eu decidi, por que você manteve esse costume?
"Pelo rei Abies da Irlanda", disse ele, "ele é meu sobrinho e não posso ajudá-lo." com o corpo, gostaria de ajudá-lo com os cavaleiros andantes.
"Velho falso", disse o Doncel, "o que os cavalheiros devem ter para ajudá-lo ou impedi-lo?"

Então ele colocou o pé na cama e virou-o sobre ele e recomendando-lhe todos os demônios do inferno, ele saiu para o curral e foi pegar um dos cavalos dos cavaleiros que ele havia matado e trouxe-lhe o rei e disse : "Cavague, senhor, não me interessa muito." feliz com este lugar ou com quem está nele.

Então eles saíram do castelo, e o Senhor do Mar não jogou fora seu capacete.
porque o rei não o conhecia e já estando fora do rei disse:
"Amigo, senhor, quem é você que me encontrou perto da morte e me arrancou do meu obstáculo, muitos cavaleiros andantes e os amigos das donzelas que por aqui passaram, que eu sou aquele contra quem eles juraram ?"

"Senhor", disse o Doncel del Mar, "sou um cavalheiro que queria servi-lo."
"Cavalheiro", disse ele, "vejo bem que dificilmente um homem poderia encontrar outro tão bom ajuda, mas não vou deixá-lo sem conhecê-lo.
— Isso não tem você ou eu a favor, disse o Doncel.
"Então eu lhe imploro como cortesia que jogue fora seu capacete." Ele abaixou a cabeça e não respondeu, mas o rei implorou à donzela que a jogasse para ele e ela disse; "Senhor, faça o pedido do rei, que ele tanto deseja."

Mas ele não quis e a donzela tirou o elmo contra a sua vontade e quando o rei viu o seu rosto, soube que era o Cavaleiro que tinha feito cavaleiro a pedido das donzelas, e abraçando-o disse: — Por Deus , amigo! Eu te conheço melhor do que antes.

"Senhor", disse ele, "eu o conhecia bem, que você me deu a honra da cavalaria, que, se agradasse a Deus, eu o serviria em sua guerra em Gaula, tanto que me seria concedida e até então eu não gostaria de me dar a conhecer a você."

"Muito obrigado", disse o rei, "porque você faz tanto por mim que mais não poderia ser feito, e agradeço muito a Deus que tal trabalho tenha sido feito por mim."

Isso ele disse por tê-lo feito cavaleiro, que nem sequer pensou na dívida que tinha para com ele.

Falando sobre isso, chegaram a duas rodovias e o Doncel del Mar disse: —

Senhor, qual destas você quer seguir? "Esta é a parte sinistra", disse ele, "que é o direito de ir à minha terra."

"Para Deus você vai", disse ele, "eu vou levar o outro."

"Que Deus o guie", disse o rei, "e cumpra o que você me prometeu, que sua ajuda me tirou a maior parte do favor e me põe na esperança de que minha perda seja remediada".

Então ele saiu e o Doncel ficou com a donzela, que lhe disse: "Senhor cavaleiro, eu o guardei por causa do que a donzela que lhe deu a lança me disse que ela estava trazendo para o melhor cavaleiro do mundo, e eu o guardei por tanto tempo." visto, o que eu sei ser verdade. Agora eu quero ir ver aquela minha senhora de quem eu lhe falei.

"E quem é ela?" disse o Doncel del Mar.

— Oriana, filha do rei Lisuarte, disse ela. Ao ouvir a menção da patroa, seu coração estremeceu tanto que quase caiu do cavalo, e Gandalin, que o viu com espanto, abraçou-o e o Doncel disse: "Estou morto do coração".

A criada disse, cuidando para que outra doença fosse: —

Senhor cavaleiro, desarmem-se, que grande problema você teve.

"Não é necessário", disse ele, "que eu tenha estado doente muitas vezes.

O escudeiro, que você ouviu, disse à donzela: "Bem, eu vou te fazer companhia", disse ele, "já que tenho que estar lá na hora".

E dizendo adeus ao Doncel del Mar eles voltaram por onde vieram e ele foi embora em seu caminho, onde a fortuna o guiou.

O autor aqui deixa de falar do Doncel de Mar e retoma o relato de Don Galaor, que cresceu com o eremita, como você já ouviu falar, quando já tinha dezoito anos, tornou-se valente em corpo e musculoso, e sempre leu muitos livros, livros que o bom homem lhe deu, dos fatos antigos que os cavaleiros de armas passaram, de modo que quase com isso como com a coisa natural com que nasceu foi movido a um grande desejo de ser cavaleiro, mas não sabia se devia ter razão e implorou ao bom homem que o criou que lhe dissesse isso. Mas ele, percebendo que como cavaleiro tinha que lutar contra o gigante Albadán, lágrimas vieram aos seus olhos e disse-lhe: "Meu filho, seria melhor se você tomasse outro caminho mais seguro para sua alma do que usar

nas armas e na ordem de cavalaria, o que é muito trabalhoso.

"Meu senhor", disse ele, "seria muito difícil para mim seguir o que tomei contra minha vontade, e neste que meu coração é dado, se Deus me der boa sorte, eu o passarei a seu serviço. , senão eu não gostaria que a vida me deixasse

O bom homem, que viu sua vontade, disse-lhe:

"Bem, é assim que é, eu realmente lhe digo que se não for perdido para você, não será perdido para sua linhagem, que você é filho de um rei e uma rainha, e o gigante que lhe disse não sabe disso."

Quando Galaor ouviu isso, ficou muito feliz, como poderia estar mais feliz, e disse:

— O pensamento que até agora eu havia considerado grande em querer ser cavaleiro, agora considero pequeno, segundo o que você me disse.

O bom homem, temendo não ir embora, mandou dizer ao jayán como seu servo era maior de idade e queria ser cavaleiro, para ver o que lhe convinha. Ouvindo isso dele, ele cavalgou e foi até lá e achou Galaor muito bonito e corajoso, mais do que sua idade exigia, e disse-lhe: "Filho, eu sei que você quer ser um cavaleiro e quero levá-lo comigo e Eu vou trabalhar como eu faço."

seja muito para sua honra.

"Pai", disse ele, "nisto minha vontade será completamente cumprida".

Então ele o fez montar em um cavalo para carregá-lo. Mas primeiro se despediu do bom homem, ajoelhando-se diante dele, implorando que se lembrasse dele. O bom homem chorou e beijou-o muitas vezes e dando-lhe a sua bênção partiu com o gigante. E quando eles chegaram ao seu castelo, ele fez armas para ele e o fez cavalgar e vagar pelo campo, e deu-lhe dois esgrimistas para desembrulhá-lo e soltá-lo com o escudo e as costas, e o fez aprender todas as coisas de armas que combinavam com um cavaleiro; Ele ficou detido nisso por um ano, o que o gigante viu foi o suficiente para ele poder ser um cavaleiro sem constrangimento.

Aqui o autor deixa de falar sobre isso porque em seu lugar será mencionado o que este Galaor fez, e volta a contar o que aconteceu com a Donzela do Mar depois do Rei Perion e da donzela da Dinamarca e do castelo do antigo ficou quebrado. Andou dois dias sem encontrar aventura, e no terceiro dia, ao meio-dia, avistou um belíssimo castelo que pertencia a um cavaleiro chamado Galpano, que era o mais valente e valente em armas que se encontrava por todas aquelas partes., tanto duvidado e temido de tudo era; e junto com sua grande bravura e a força do castelo manteve tal costume, como um homem muito arrogante deve manter, seguindo mais o serviço do malvado inimigo, do que daquele altíssimo Senhor que o fez tão distinto entre todos os outros, que foi o que você vai ouvir agora. As donas e donzelas que por ali passavam obrigavam-nas a subir ao castelo e a sua vontade nascendo delas à força, fizeram-no jurar que enquanto vivesse não levariam outro amigo, e se não o fizessem decapitaria eles; e os cavaleiros afins, que tiveram que lutar com dois de seus irmãos e se fosse tal que os vencidos, lutariam com ele. E ele era tão gentil nos braços que eles não se atreveram a comparecer no campo.

E ele os fez jurar que se chamavam os vencidos de Galpano, ou cortaria suas cabeças, ou pegando o que trouxessem, teriam que ir a pé. Mas já zangado Deus, que tanta grosseria passou tanto tempo, concedeu à fortuna que, precedendo contra ele, aqueles que muitas vezes com grande arrogância com muitos deleites, tanto para seu prazer como apesar de tudo, tiveram, em um curto espaço de tempo, virou se fosse o contrário, aqueles ímpios pagando por sua maldade e outros como eles, dando exemplo terrível com que consertariam seus caminhos, como agora vos será dito.

Capítulo 6

*Como o Doncel del Mar lutou com os peões do cavaleiro que Galpano
chamou, e depois com os irmãos do senhor do castelo e com o próprio senhor.*

Bem, quando o Doncel del Mar chegou perto do castelo, ele viu uma donzela vir contra ele fazendo um duelo muito grande e com ela um escudeiro e uma donzela, que a guardavam. A donzela era muito bonita e tinha lindos cabelos, e ela os sacudia. O Doncel del Mar disse-lhe:

"Amigo, qual é a causa de tão grande problema?"

"Oh, senhor", ela disse, "é tão ruim que eu não posso falar sobre isso!"

"Diga-me", disse ele, "e se por direito eu puder ajudá-lo, eu o farei."

"Senhor", disse ela, "venho com um recado de minha senhora para um jovem cavalheiro dos bons que agora são conhecidos e quatro peões me levaram até lá e me levando ao castelo fui zombado por um traidor e, acima de tudo , ele me fez jurar que não haverá outro amigo enquanto ele viver.

O Doncel pegou-a pelas rédeas e disse-lhe:

— Venha comigo e lhe dê o direito, se eu puder; e tomando-a pelas rédeas ele deixou com ela falando, dizendo a ele quem era o cavalheiro cuja missão ela estava carregando.

"Você deve saber", disse ela, "se você me vingar, e eu lhe disser que ele é tal, que haverá muitos problemas quando ele descobrir sobre minha desonra."

— Certo, disse o Doncel del Mar.

Então eles chegaram onde os quatro peões estavam e o Doncel del Mar disse a eles:

"Maus traidores, por que vocês fizeram mal a esta donzela?"

"Porque não tínhamos medo", disseram eles, "de dar a ele o direito."

— Agora você vai ver, ele disse, e levou a mão à espada e os soltou e deu um, que estava levantando um machado para feri-lo, um golpe tão grande que seu braço foi cortado e ele foi jogado no chão. Ele caiu gritando, depois feriu outro pelo nariz pelo qual cortou até as orelhas.

Quando os dois viram isso, começaram a fugir contra um rio por causa de uma estreita grossa. Ele colocou sua espada na bainha e pegou a donzela pelas rédeas e disse:

-Vamos adiante.

A empregada lhe disse:

"Há um portão aqui perto onde vi dois cavaleiros armados."

"Então," ele disse, "eu quero vê-los."

Então ele disse:

"Donzela, venha atrás de mim e não tenha medo.

E entrando pelo portão do castelo, ele viu um cavaleiro armado diante dele, que cavalgava a cavalo e saiu eles jogaram atrás dele uma porta de vaivém. E o cavaleiro lhe disse com grande arrogância: "Venha, você receberá sua desonra".

"Deixemos isso", disse o Doncel, "para aqueles que podem saber, mas pergunte a si mesmo se você é quem forçou esta donzela."

"Não", disse o cavaleiro, "mas se fosse, o que seria então?"

"Vinga-o", disse ele, "se eu pudesse."

— Bem, eu quero ver como você luta.

E soltou enquanto o cavalo podia carregá-lo e morreu com o golpe e o Doncel del Mar feriu-o com a lança no escudo com tanta força que nenhuma arma ele trouxe.

Ele aproveitou e passou o ferro para as espadas e o encontrou morto no chão e pegando sua lança foi até outro cavaleiro que veio contra ele, dizendo:

— Você entrou aqui em um ponto ruim, e o cavaleiro o feriu no escudo que ele passou para ele, mas o ferro parou no arreio, que era forte, mas ele o feriu com a lança no capacete e o derrubou por a cabeça e o peito. O cavaleiro desembarcou sem parar e, como se viu, começou a gritar bem alto e três peões armados saíram de uma câmara e lhes disseram: — Matem este traidor.

Feriram seu cavalo e o derrubaram com ele; mas levantando-se de seu cavalo muito zangado, que o mataram, foi acertar o cavaleiro com sua lança no rosto, que o ferro saiu entre a orelha e o pescoço e depois caiu e voltou para aqueles a pé que o feriram e feriu-o nas costas, onde perdeu muito sangue, mas sua raiva era tão grande que ele não a sentiu, e feriu com sua espada quem o atingiu na cabeça, de modo que sua orelha e rosto foram cortados e quando ele o alcançou e a espada Ele se abaixou até o peito, e os outros dois foram contra o curral, dizendo em alta voz:

"Venha, senhor, venha, estamos todos mortos."

O Senhor do Mar montou no cavalo do cavaleiro que ele matou e foi atrás deles e viu um cavaleiro desarmado em uma porta que lhe disse: "O que é isso, cavaleiro, você veio aqui para me matar meus homens?"

"Eu vim", disse ele, "para vingar esta donzela pela força que fizeram com ela, se eu encontrar quem fez isso com ela."

A donzela disse:

"Senhor, esse é aquele por quem sou escarnecidido."

A Donzela do Mar disse a ele.

"Ay, cavaleiro orgulhoso, cheio de vilania, agora você vai comprar a maldade que fez!"

Armem-se mais tarde, se eu não te matar, eu te desarme assim, porque com bandidos como você não deve ter temperança.

"Sim, senhor", disse a donzela, "mate aquele traidor e não deixe espaço para mais mal vir." fazer, que tudo seria às suas custas!.

"Ai, mal", disse o cavaleiro, "em um momento ruim ele acreditou em você e veio com você, e entrou em um grande palácio e disse: "Você, cavalheiro, atenda-me e não fuja porque você pode me abrigar lugar algum.

"Eu lhe digo", disse o Doncel del Mar, "se eu fugir daqui, não me deixe em nenhum lugar nos lugares mais vigiados."

E não demorou muito para ela vê-lo vindo em cima de um cavalo branco, e ele todo armado, não havia nada de errado com ele e ele veio dizendo: "Oh, cavaleiro mau, você viu a donzela em um lugar ruim, você vai perder a cabeça aqui."

Quando o Doncel se ouviu ameaçar, ficou muito zangado e disse-lhe:

"Agora cada um de vocês fica com o seu e quem não o protege perde-o".

Então eles se permitiram correr ao grande ritmo dos cavalos e se feriram com suas lanças nos escudos que depois foram falsificados e os arreios também e os ferros inseridos na carne e uniram os corpos e escudos e capacetes, um com o outro, com tanta coragem que ambos desembarcaram. Mas foi tão bom para Doncel que ele pegou as rédeas na mão. Galpano levantou-se muito maltratado e eles colocaram as mãos nas espadas e colocaram os escudos na frente deles e se feriram com tanta ferocidade que assustaram quem os olhava. Muitas rachaduras caíram no chão dos escudos, muitos pedaços dos arreios, e os capacetes foram amassados e quebrados, bem como

que a praça onde lutaram era tinta de sangue. Galpano, que sentiu por uma ferida na cabeça, que o sangue lhe caía sobre os olhos, atirou-se para fora para limpá-los, mas o Doncel del Mar, que andava muito leve e com grande ardor, disse-lhe: - O que é? isso, Galpano? A covardia não combina com você, você não se torna um membro que você luta pela sua cabeça e se você mantiver errado você vai perdê-la?

Galpano lhe disse: "Sofre um pouco e vamos relaxar, há tempo de brigarmos". "Isso não é necessário", disse o Doncel, "porque eu não luto com você por cortesia, mas por fazer as pazes com aquela donzela que você desonrou.

E então ele foi tão ferozmente para ferir acima do capacete que ambos os joelhos o fizeram se ajoelhar e então ele se levantou e começou a se defender, mas não de forma que o Doncel não o trouxesse à sua plena vontade, que ele já estava tão cansado, que mal podia ter uma espada e só entendeu cobrir-se com o escudo, que estava todo cortado de seu braço, já que nada restava. Então, não tendo escolha, ele começou a fugir aqui e ali pela praça diante da espada do Doncel del Mar, que não o deixou descansar, e Galpano quis fugir para a torre, onde estavam seus homens, mas o Doncel del Mar alcançou-o alguns passos e pegando-o pelo elmo o atirou com tanta força que ele caiu no chão estendido e ele e o elmo ficaram em suas mãos e com a espada o acertou com tanta força no pescoço que o cabeça foi separada do corpo, e disse à donzela:

— A partir de hoje você pode ter outro amigo, se quiser, além daquele para quem você jurou despachar.

"Graças a Deus e a você", disse ela, "por matá-lo." Ele gostaria de escalar a torre; Mas ele viu a escada subir e montou no cavalo de Galpano, como era bonito, e disse:

"Senhor, tomarei a cabeça deste que me desonrou e darei a quem o comandado carregado de você.

"Não a use", disse ele, "pois isso vai enfurecê-lo, mas use o capacete em vez dela." A donzela concedeu e ordenou que seu escudeiro o tomasse, e então eles deixaram o castelo e encontraram a porta aberta para aqueles que haviam fugido para lá. Bem, estando na estrada, o Doncel del Mar disse:

"Diga-me, quem é o cavalheiro a quem você está levando a missão?"
"Saiba", disse ela, "que ele é Agrajes, filho do rei da Escócia."
"Bendito seja Deus", disse ele, "por eu poder fazer tanto para que ele não recebesse essa raiva, e eu lhe digo, moça, que ele é o melhor jovem cavalheiro que conheço agora, e se você o desonrou ele o trará de volta com honra!" E diga-lhe que lhe é confiado o seu cavaleiro, que encontrará na guerra de Gaula, se lá estivesse.

"Oh senhor", ela disse, "já que você o ama tanto, eu imploro que você me dê um presente!" Ele disse: "Muito disposto.

"Bem", disse a empregada, "diga-me seu nome."
"Donzela", disse ele, "não quero saber meu nome agora e pedir outro presente que eu possa cumprir."

"Outro presente," ela disse, "eu não quero."
"Se Deus me ajudar", disse ele, "você não é cortês em querer que qualquer homem saber nada contra a sua vontade.

"Ainda assim," ela disse, "decida se você quer ficar quieto."
Quando viu que não podia fazer isso, disse:

"Eles me chamam de Doncel del Mar, e partindo dela o mais rápido possível entrou em seu caminho. A donzela ficou muito feliz ao saber o nome do cavalheiro.

O Doncel del Mar estava muito ferido e saiu tanto sangue dele que a corrida foi sua tinta, o cavalo que era branco parecia vermelho em muitos lugares, e caminhando até a hora das vésperas viu uma fortaleza muito bonita e um cavaleiro estava vindo contra ele desarmado e, ao se aproximar dele, disse: -Senhor, onde você tirou essas chagas?.

— Num castelo que deixei aqui, disse o Doncel.

"E como você conseguiu esse cavalo?"

— Húbelo pelo meu que me mataram, disse o Doncel.

— E o senhor de quem era, o que aconteceu com ele?

"Oh, ele perdeu a cabeça!" disse Doncel. Então ele desceu do cavalo para beijá-lo pé e o Doncel desviou-o do apoio para os pés e o outro beijou a saia do seu arnês e disse:

"Oh, senhor, seja muito bem-vindo, pois recebi toda a minha honra por você."

"Senhor cavaleiro", disse o Doncel, "você sabe onde fui curado dessas feridas?"

"Eu sei", disse ele, "que nesta minha casa uma donzela, minha sobrinha, vai curá-la melhor do que qualquer outra nesta terra."

Então eles desmontaram e foram entrar na torre e o cavaleiro lhe disse: "Oh, senhor, aquele traidor que você matou me manteve morto e desprezado por um ano e meio, que eu não peguei em armas, que ele me fez Perco meu nome e juro que não me chame de derrotado e por sua causa sou para minha honra tornado.

Lá eles colocaram o Doncel del Mar em uma cama rica, onde ele foi curado de suas feridas pela mão da donzela, que lhe disse que ela lhe daria tanta saúde que ele se desculparia de andar por alguns dias, e ele disse que seguiria todos os seus conselhos.

Capítulo 7

Como no terceiro dia em que o Doncel del Mar partiu da corte do rei Languines, vieram aqueles três cavaleiros que trouxeram um cavaleiro em uma liteira e sua esposa traiçoeira.

No terceiro dia em que o Doncel del Mar partiu da casa do rei Languines, onde foi feito cavaleiro, chegaram os três cavaleiros que carregavam o falso dono e o cavaleiro seu marido ferido em uma liteira e os três cavaleiros colocados na mão do rei o dono de parte de um cavaleiro romance e eles lhe disseram quanto dele veio. O rei benzeu-se muitas vezes ao ouvir a traição de tal mulher e ficou muito grato ao cavaleiro que a enviou, pois nenhum deles sabia que o Doncel del Mar era um cavaleiro, mas sim sua esposa Oriana e os outros que você ouviu, antes eles cuidaram para que ele fosse ver seu mestre Gandales. O rei disse ao cavaleiro na liteira:

— Uma mulher traiçoeira como a sua não deveria viver.

"Senhor", disse ele, "faça o que deve, mas eu nunca consentirei em matar a coisa no mundo que eu mais amo, e despedido pelo rei, ele foi carregado em sua liteira." O rei disse à dona: — Por Deus, aquele cavaleiro foi mais leal a você do que você a ele, mas vou fazer você comprar sua deslealdade, e ele

mandou queimá-la. O rei ficou muito espantado com quem seria o cavaleiro que os fez vir para lá, e disse o escudeiro, com quem o Senhor do Mar se hospedava em seu castelo:

"Talvez seja um jovem cavalheiro que eu e uma dama de honra estamos esperando?"
Dinamarca que chegou aqui hoje?

"E que cavalheiro é ele?" disse o rei.

"Senhor", disse o escudeiro, "ele é muito jovem e tão bonito que é maravilhoso vê-lo, e vil fazer tanto em armas em pouco tempo, que se ele tiver a chance de viver, ele será o melhor cavaleiro do mundo."

Então ele contou o quanto ele viu e como ele salvou o rei Perion da morte.

"Você sabe", disse o rei, "qual é o nome dele?"

"Não, senhor", disse ele, "ele encobre demais."

Então havia o rei e todos mais ansiosos para saber do que antes, e o escudeiro disse: — A donzela estava com ele mais do que eu.

"Esta é a donzela?" disse o rei.

"Sim", disse ele, "veio processar a filha do rei Lisuarte."

Então ele ordenou que se apresentasse diante dele e disse o quanto dele via e como o esperava, então a donzela que lhe deu a lança disse que ela a trouxe para o melhor cavaleiro que agora podia tê-la em mãos.

"Eu sei tanto sobre ele", disse ela, "mas não sei nada sobre o nome dele."

"Oh, Deus! Quem será?", disse o rei. Mas sua amiga não duvidou de quem poderia ser, porque a empregada lhe contou como ela veio processá-la para levá-la com ela. E assim como ele foi nomeado, ele sentiu uma grande mudança em si mesmo, pois acreditava que o rei daria lugar para levá-la ao seu pai e ida não saberia notícias tão constantes sobre aquele que ela amava mais do que ela mesma. Assim se passaram seis dias sem notícias dele. E enquanto o rei conversava com seu filho Agrajes, que queria ir para Gaula com sua companhia, uma donzela entrou pela porta e ajoelhou-se diante deles e disse:

"Senhor, me escute um pouco antes de seu pai."

Então ele pegou em suas mãos um capacete com tantos ferimentos de espada que em nenhum lugar Ele estava saudável nele e deu a Agrajes e disse:

"Senhor, toma este capacete em vez da cabeça de Galpano e dá-o a nós em nome de um novo cavaleiro, aquele para quem é mais conveniente trazer armas do que qualquer outro cavaleiro do mundo, e este capacete ele te enviou, porque ele desonrou uma mulher." donzela que foi em sua missão.

"Como", disse ele, "Galpano morreu pela mão de um cavaleiro?" Por Deus donzela, você me diz maravilhas.

"É verdade, senhor", disse ela, "ele conquistou e matou tantos quantos havia em seu castelo e no final lutou sozinho com ele e cortou sua cabeça e porque ele foi chato para me trazer, ele disse que o capacete foi o suficiente."

"É verdade", disse o rei, "esse é o novo cavaleiro que passou por aqui, que por sinal seus estranhos cavalheirismos pertencem a outros, e ele perguntou à donzela se ela sabia como havia um nome.

"Sim, senhor", disse ela, "mas isso foi feito com grande arte."

"Por Deus, diga-me", disse o rei, "você vai me fazer muito feliz."

"Saiba, senhor", disse ela, "o que o Senhor do Mar nomeou."

Quando o rei ouviu isso, ele e todos os outros ficaram surpresos e disseram:

"Se ele foi perguntar quem o fez cavaleiro, não deve ser culpado, pois fez muito".

que ela me implorou e eu a demorei, e fiz mal em atrasar a cavalaria a quem ela trabalha tão bem.

-Oh! disse Agrajes, "onde posso encontrá-lo?" "Ele se recomenda

muito a você", disse a donzela, "e mande dizer para mim que ele

você encontrará na guerra de Gaula, se estiver lá.

— Oh, Deus, que boas notícias você me dá! disse Agrajes, "agora tenho mais vontade de Irei e, se o encontrar, jamais me separarei dele.

"É certo", disse a donzela, "que ele te ame muito; Grande foi a alegria que todos tiveram com a boa notícia do Doncel del Mar. Mas acima de tudo estava sua esposa Oriana, embora mais do que ninguém ela o encobrisse. O rei quis saber das donzelas como o fizeram cavaleiro e elas lhe contaram tudo. E ele disse: — Ele encontrou mais cortesia em você do que em mim, já que eu não demorei, exceto pelo profissional dele, que o via muito jovem.

A donzela contou a Agrajes o recado que ela trouxe daquele que a história vai contar à frente. E partiu com muito boa companhia para Gaula.

Capítulo 8

Como o rei Lisuarte mandou chamar a filha à casa do rei Languines e a mandou com a filha Mabilia, acompanhada de cavaleiros e duenas e donzelas.

Dez dias depois que Agrajes foi dividida, três navios chegaram lá em que Galdar de Rascuil veio com cem cavaleiros do rei Lisuarte e duenas e donzelas, para tomar Oriana.

O Rei Languines o recebeu bem, que o considerava um bom cavaleiro e muito são. Contou-lhe a ordem do rei, seu senhor, como mandava buscar a filha, e além disso Galdar disse ao rei em nome do rei Lisuarte que lhe suplicava que mandasse a filha Mabilia com Oriana, que assim como ela ela mesma seria tratada e honrada à sua vontade. O rei ficou muito feliz com isso e os adornou muito bem e teve o cavaleiro e as duenas e donzelas em sua corte alguns dias, dando-lhes muitas festas e favores, e ele tinha outros navios equipados e abastecidos com as coisas necessárias e ele tinha a cavaleiros e duenas e donzelas aparelhadas, aquelas que pareciam adequadas para tal viagem. Oriana, que viu que este caminho não podia ser desculpado, concordou em pegar suas jóias e enquanto as pegava viu a cera que o Doncel del Mar havia tomado e sentiu e lágrimas vieram aos seus olhos, e ela apertou as mãos dela com carinho, ele forçou e quebrou a cera e viu a carta que estava dentro e lendo-a descobriu que dizia:

"Este é Amadís Timeless, filho de um rei."

Ela, que viu a carta, pensou um pouco e entendeu que o Doncel del Mar tinha o nome de Amadís e viu que era filho de um rei. Tal alegria nunca entrou no coração de uma pessoa como entrou no seu. E chamando a donzela da Dinamarca, ela disse: — Amiga, quero te contar um segredo que só contaria ao meu coração e o guardaria.

como a porosidade de uma donzela tão nobre como eu e do melhor cavaleiro do mundo.

'Vou fazê-lo', disse ela, 'e senhora, não hesite em me dizer o que fazer.'

"Bem, amigo", disse Oriana, "você vai até o cavaleiro noviço que você conhece e diz a ele que eles o chamam de Doncel del Mar e o encontram na guerra de Gaula, e se você chegar primeiro, cuide dele, e como assim que o vir, dê-lhe esta carta e diga-lhe que ali encontrará o seu nome, aquele que estava escrito nela quando foi lançado ao mar e ele sabe que eu sei que é filho de um rei e que ele era tão bom quando não sabia disso, agora trabalhe para ser melhor e diga a ele que meu pai mandou me chamar e eles me levam até ele, que eu mando ele para dizer a ele para sair da guerra de Gaula e depois ir para a Grã-Bretanha e trabalhar para viver com meu pai até que eu o ordene."

A donzela, com esta incumbência a ouvir, foi despedida dela e entrou no caminho de Gaula, de que se falará no seu tempo. Oriana e Mabilia com duenas e donzelas, o rei e a rainha confiando-os a Deus, foram colocados nos navios, os marinheiros soltaram suas âncoras e içaram suas velas e, como o tempo estava bom, logo passaram na Grã-Bretanha, onde foram muito bem recebido.

A Donzela do Mar ficou ferido durante quinze dias na casa do cavaleiro e da donzela, sua sobrinha, que cuidava dele, ao fim do qual, quaisquer que fossem os ferimentos ainda recentes, ele não queria mais ficar ali. e partiu num domingo de manhã, e Gandalin com ele, que nunca se afastou dele. Isso foi no mês de abril e entrando em uma floresta ele ouviu os pássaros cantando, e ele viu flores por toda parte e como ele estava tão no poder do amor, ele se juntou ao amigo e começou a dizer:

— Ai, cativo Doncel del Mar, sem linhagem e sem bem, como você se atreveu a colocar seu coração e seu amor em poder daquele que vale mais do que os outros toda bondade e

beleza e linhagem! Oh, cativa por qualquer uma dessas três coisas, o melhor cavaleiro do mundo do amor não deve ser ousado, pois ela é mais bonita que o melhor cavaleiro de armas e sua bondade é mais valiosa que a riqueza do maior homem do mundo , e estou cativado por não saber quem sou, por viver com um trabalho tão louco, que morrerei amando sem ousar dizer.

Foi assim que ele fez o seu duelo e ficou tão espantado que só provou o pescoço do seu cavalo e olhou em um dos matagais da floresta e viu um cavaleiro armado em seu cavalo esperando seu inimigo, que ouvira todo aquele duelo que ele fez Doncel del Mar, e quando viu que estava calado, parou na frente dele e disse:

— Cavaleiro, parece-me que você ama sua amiga mais do que a si mesmo, desprezando-se muito e elogiando-a; Eu quero que você me diga quem ela é e a ame, já que você não é capaz de servir a uma dama tão nobre de acordo com o que eu ouvi de você.

O Doncel disse: —

Senhor, cavaleiro, a razão o obriga a dizer o que diz, mas o resto não saberá de forma alguma. E mais te digo que, por te amar, não poderias tirar bons frutos disso.

"Se um homem chega à ânsia e ao perigo", disse o cavaleiro, "como uma boa dama na glória, ele deve recebê-lo, porque no final receberá a recompensa que espera dele." E, bem, um homem em um lugar tão alto ama, como você, ele não deve ficar com raiva de nada que vier a ele.

O Doncel del Mar foi confortado pelo que o ouviu dizer e achou que isso era bom para ele. razão e queria ir em frente, mas o outro disse:

"Fique quieto, cavaleiro, ainda é conveniente que você me diga o que eu lhe peço à força ou por grau."

"Deus me ajude", disse o Doncel, "se você descobrir o meu grau, ou alguém me ordenou."

— Então você está na batalha, disse o cavaleiro.

"Estou mais satisfeito com isso", disse o Doncel del Mar, "do que com o que ele disse."

Então eles amarraram seus elmos e pegaram seus escudos e lanças, e querendo se afastar para sua feira, uma donzela veio e lhes disse: com muita pressa."

e não posso atender ao fim de sua batalha.

Perguntaram o que ele queria saber.

"Se algum de vocês viu", disse ela, "um jovem cavaleiro chamado Doncel del Mar.

"E o que você quer dele?", disse ele.

— Trago notícias de Agrajes, seu amigo, o rei da Escócia.

"Espere um pouco", disse o Senhor do Mar, "eu vou te falar sobre ele", e foi para o cavaleiro que o chamou para ficar de guarda, e o cavaleiro feriu o escudo tão bravamente que a lança estava em pedaços no ar, mas o Doncel del Mar, que o atingiu em cheio, atingiu ele e o cavalo no chão e o cavalo se levantou e quis fugir. Mas o Senhor do Mar o tomou e o deu a ele, dizendo:

"Senhor cavaleiro, pegue seu cavalo e não queira saber nada sobre nenhum deles contra a vontade deles."

Ele pegou o cavalo, mas não conseguiu cavalgar tanto que foi golpeado pela queda. o Donzela do Mar virou-se para a donzela e disse-lhe:

— Amigo, você conhece esse que você está perguntando?

"Não", ela disse; Nunca o vi, mas Agrajes disse-me que me daria a conhecer
Tanto que ele disse a ela que era dele.

"É verdade", disse ele, "e saiba que eu sou."

Então ele desamarrou seu capacete, e a donzela que viu seu rosto disse: "É
verdade, eu acredito que você está dizendo a verdade, que eu ouvi você elogiar a beleza de
admirar." "Bem, diga-me", disse ele, "onde você sai de Agrajes?"

"Em um banco", disse a donzela, "perto daqui, onde você tem sua empresa para entrar
no mar e ir para Gaula e ele queria saber de você primeiro porque você foi com ele.

"Deus, obrigado", disse ele, "e agora lidere e vamos vê-lo."

A donzela entrou no caminho e não demorou muito para eles verem as lojas e
Os cavaleiros foram até eles e, quando estavam perto, ouviram vozes atrás deles dizendo: "Tome

isso, cavaleiro, ainda é conveniente que você me diga o que estou lhe pedindo". Ele virou a
cabeça e viu o cavaleiro com quem ele havia justaposto antes, e outro cavaleiro com ele e pegando suas
armas foi contra eles que baixaram suas lanças e os cavalos correram mais rápido. E os que estavam nas lojas
o viram e tão bem colocado na cadeira que ficaram maravilhados; e certamente você pode acreditar que em seu
tempo não havia cavaleiro que parecesse mais bonito na sela, nem mais belo mais bonito, tanto que em alguns
lugares onde ele queria se esconder, ele era conhecido por eles e os dois cavaleiros feridos ele com lanças no
peito. escudo, que era falsificado, mas o arreio não era, que era forte, e as lanças estavam quebradas e ele feriu
o primeiro que derrubou antes e o encontrou com tanta força que o atingiu no chão e quebrou o braço e ficou
como morto e perdeu a lança, mas então ele colocou a mão na espada e soltou o outro que os feriu e o atingiu
acima do capacete, então a espada atingiu sua cabeça e enquanto ele puxava por ela romperam as amarras e
as arrancaram de sua cabeça e ele ergueu a espada ferindo-o e o outro ergueu seu escudo e o Cavaleiro do
Mar aparou o golpe, e passando a espada para sua mão sinistra, pegou-o pelo escudo e atirou-a pelo pescoço,
e acertou-o na cabeça com ela, de modo que o cavaleiro caiu no chão atordoado. . Feito isso, entregou as armas
a Gandalin e foi com a donzela às lojas.

Agrajes, que ficou muito espantado com quem seria o senhor que tão rapidamente aos dois
cavaleiros haviam vencido, ele foi contra ele e o encontrou e disse:

"Senhor, você é muito bem-vindo."

O Doncel del Mar desceu de seu cavalo e ambos foram se abraçar, e quando
Outros viram que era o Doncel del Mar, foram com ele muito felizes, e Agrajes disse: — Oh, Deus, eu
queria tanto te ver.

E então eles o levaram para sua tenda e ele a desarmou e teve o
cavaleiros que permaneceram no campo maltratado. E quando chegaram diante dele, disse-lhes:

"Por Deus! Você começou uma grande loucura ao se envolver em batalha com tal cavaleiro."

"É verdade", disse o do braço quebrado, "mas já faz uma hora que o peguei em tão pouco tempo que não
achei que pudesse encontrar defesa alguma nele, e ele contou o que aconteceu para ele na floresta, exceto o
duelo, que ele não se importou." ousou dizer Todos riram muito da paciência de um e do grande orgulho do
outro. Naquele dia divertiram-se ali com grande prazer e outro dia cavalgaram e caminharam tanto que chegaram
a Palinges, uma boa cidade que era um porto marítimo na fronteira de Gaula, e lá entraram nas naus de Agrajes
e com o bom vento rapidamente passaram o mar e chegaram a outra cidade de Gaula, que Galfán havia
nomeado, e de lá foram por terra para Baladín, um castelo onde estava o rei Perión, onde manteve sua guerra,
tendo perdido muitas pessoas, que foram muito feliz com a vindia deles, fez com que se alojassem bem e a
rainha Elisena disse ao sobrinho Agrajes que a visse. E chamou o Senhor do Mar e dois outros senhores para
irem até lá. Rei Perion provou o Doncel e o conheceu

que foi ele que ele fez cavaleiro e aquele que se deparou com ele no castelo do velho e foi contra ele e disse: "Amigo, você é muito bem-vindo e saiba que eu fiz um grande esforço em você, tanto que eu não duvide mais da minha guerra." Bem, eu tenho você em minha companhia.

"Senhor", disse ele, "em sua ajuda, você me ajudará enquanto minha pessoa durar e a guerra terminar."

Assim falando chegaram à rainha, e Agrajes foi beijar-lhe as mãos e ela foi com ele muito alegre. E o rei lhe disse:

"Dustress, você vê aqui o cavalheiro muito bom de quem eu lhe falei e que me tirou do maior perigo em que nunca fui; Eu lhe digo que você ama mais do que outro cavalheiro.

Ela veio abraçá-lo e ele se ajoelhou diante dela e disse: "Senhora, sou servo de sua irmã e por ela venho servi-la, e como ela mesma pode me mandar".

A rainha agradeceu-lhe com muito amor e amou-o porque era tão bonito e como membro dos seus filhos, que tinha perdido, as lágrimas vieram-lhe aos olhos, por isso chorou por aquele que estava diante dela e não o conhecia e o Doncel del Mar disse:

"Senhora, não chore, pois em breve você será restaurada à sua alegria com a ajuda de Deus e do rei e deste cavaleiro, seu sobrinho e eu, que o serviremos com prazer.

Ela disse:

— Meu bom amigo, você que é cavaleiro de minha irmã, quero que se hospede em minha casa e lá eles lhe darão as coisas que você precisa.

Agrajes queria levá-lo consigo, mas o rei e a rainha imploraram-lhe tanto que teve de para conceder, assim ele permaneceu sob a custódia de sua mãe, onde lhe prestaram muita honra.

Rei Abies e Daganel seu primo ouviram a notícia destes que chegaram ao rei Perion, e disse o Rei Abies, que era então o cavaleiro mais precioso que eles conheciam:

— Se o Rei Perion tem coragem de lutar e é forte, agora ele vai querer batalhar conosco.

"Eu não vou fazer isso", disse Daganel, "porque você está muito desconfiado."

Galain, o duque da Normandia, que ele era, disse:

"Vou lhe dizer como ele vai fazer isso: vamos cavalgar esta noite, eu e Daganel, e ao amanhecer vamos aparecer em sua aldeia com um número razoável de povo, e o Rei Abies fica com as outras pessoas na cidade." a floresta de Galpano escondida, e assim daremos esforço a quem ousar sair e nós, mostrando algum medo, trabalharemos para colocá-los na floresta até onde o rei está e assim todos estarão perdidos.

"Você diz bem", disse o Rei Abies, "e assim seja."

Então eles se armaram com todo o povo e entraram na floresta Daganel e Galaín, que o conselho deu, e foram bem adiante onde estava o rei e ficaram assim a noite toda, mas na manhã seguinte o rei Perion e sua esposa foram ver o que o Doncel del Mar estava fazendo e o encontraram se levantando e lavando as mãos e viram seus olhos vermelhos e suas bochechas molhadas de lágrimas, então parecia que ele dormia pouco à noite e sem falta, assim foi, que se associando com seu amigo, considerando o grande problema que lhe veio sem ter qualquer esperança de remédio, ela não esperava outra coisa senão a morte. A rainha chamou Gandalin e lhe disse: — Amigo, o que aconteceu com seu senhor que me parece em seu semblante estar em grande tristeza; É por causa de algum descontentamento que houve aqui?

"Senhora", disse ele, "aqui ele recebe muita honra e misericórdia, mas o faz como de costume." que chora em seu sono, assim como você vê agora que parece nele.

E assim que ficaram assim, os da cidade viram muitos inimigos bem armados, sim, e gritaram:

"Armas, armas!"

E o Doncel del Mar, que viu o retorno, saiu muito feliz. E o rei lhe disse: — Bom amigo, nossos inimigos estão aqui.

E ele disse: — Vamos nos armar e ir ver.

E o rei exigiu as suas armas e o Doncel as suas e como estavam armados e a cavalo dirigiram-se à porta da vila onde encontraram Agrajes que muito reclamou porque não a abriram, que era um dos cavaleiros mais vivos coração e mais agressivo em todas as afrontas, e ainda que a força como esforço o ajudasse, não haveria outra, a da bondade das armas passaria por ele, e ao chegarem, o Doncel del Mar disse:

— Senhor, mande-nos abrir a porta, e o rei, que não ficou menos do que feliz em lutar, mandou abri-la e todos os cavaleiros saíram e, ao verem seus inimigos, havia tantos ali que disseram isso. seria loucura atacá-los. Agrajes feriu o cavalo com as esporas dizendo: "Agora que tenha azar quem mais sofre".

E movendo-se contra eles, ele viu o Doncel del Mar avançar e todos eles se moveram juntos.

Daganel e Galain, que os viram vir contra si mesmos, prepararam-se para recebê-los, assim como aqueles que muito não gostavam deles. O Senhor do Mar o feriu com Galain, que veio na frente e o enfrentou com tanta força que ele e o cavalo caíram no chão e uma perna foi quebrada e ele quebrou a lança e depois colocou a mão na espada e deixou os outros correrem como um leão. vicioso, fazendo maravilhas ao acertar em todos os lugares, então não havia nada diante de sua espada que os derrubasse na terra, alguns mortos e outros feridos, mas tantos o feriram que o cavalo não pôde ir a lugar algum com ele, então Eu estava com muita pressa. Agrajes, que o viu, atacou-o com alguns dos seus e fez grandes estragos nos adversários. O rei Perion chegou com todo o povo com muito esforço, como quem com vontade de machucá-los vence, e Daganel os recebeu com os seus com muita alegria.

Então eles eram um e o outro misturados em um. Lá você veria o Doncel del Mar fazendo coisas estranhas, derrubando e matando a quantos encontrasse antes dele, que não havia homem que ousasse atendê-lo e ele penetrava nos inimigos, fazendo deles um círculo, que parecia um bravo leão. Agrajes, quando o viu fazer estas coisas, esforçou-se muito mais do que antes e disse em voz alta para que o seu povo se esforçasse:

"Senhores, eis o melhor e mais valente cavaleiro que já nasceu."

Quando Daganel viu como ele destruiu seu povo, ele foi ao Doncel del Mar como um bom cavaleiro e quis machucar o cavalo para que ele caísse entre os fugitivos, mas ele não conseguiu, e o Doncel deu-lhe um golpe tão topo do capacete, que à força romperam as amarras e saltaram de sua cabeça. O rei Perion, que veio em socorro do Senhor do Mar, deu a Daganel tal ferimento com sua espada que o partiu até os dentes. Então os das montanhas e da Normandia foram derrotados, fugindo para onde estava o rei Abies e muitos disseram:

"Oh, Rei Abies! Como você demora tanto para nos deixar matar?"

Y yendo así hiriendo en los enemigos el rey Perión y su compañía no tardó mucho que pareció al rey Abies de Irlanda con todos los suyos y venía diciendo: —Ahora a ellos, no quede hombre que no matéis y trabajad de entrar con ellos en a Vila!

Quando o rei Perion e seus homens viram, sem suspeitar, aqueles que não conheciam, ficaram muito assustados, pois já estavam cansados e não tinham lanças e sabiam que aquele rei

Abies era um dos melhores cavaleiros do mundo e aquele que eles mais temiam, mas o Senhor dos Mar começou a dizer-lhes:

— Agora, senhores, é preciso manter a honra de vocês, e agora aparecerão aqueles que se envergonham, e ele fez com que todos reunissem que estavam dispersos e os da Irlanda vieram a ferir com tanta valentia que era de admirar como aqueles que chegou frouxamente e com um grande coração de mal fazer. O rei Abies não deixou um cavaleiro na sela enquanto durou sua lança e, como a perdeu, pegou sua espada e começou a ferir com tanta bravura que assustou seus inimigos e seus próprios temidos com ele, ferindo e derrubando inimigos. De modo que os homens do rei Perion, incapazes de aguentar mais, recuaram contra a cidade. Quando o Senhor do Mar viu que as coisas estavam indo mal, ele começou a fazer muito melhor do que antes, para que os que estavam do seu lado não fugissem em desacordo e ficassem entre um povo e outro e ferindo e matando aqueles da Irlanda sua própria que as espadas não retornaram. Agrajes e o rei Perión, que o viram em tão grande perigo e fazendo tanto, sempre ficaram com ele. Assim todos os três foram protegidos pelos seus e com eles os adversários que o Rei Abies apresentou ao seu povo vendo a vitória tinha muito o que fazer, pois por sua vez ele se encontraria na cidade, onde esperava que sua guerra terminasse. E com essa pressa que se ouve chegaram às portas da cidade, onde, se não fosse por esses três senhores, entrariam juntos, mas sofreram tantos golpes e deram tantos que foi uma maravilha estar capaz de sofrer. O rei Abies, que acreditava que seu povo estava dentro com eles, passou adiante e não veio a ele assim, do que houve muita tristeza e mais de Daganel e Galain, que sabiam que estavam mortos e ele veio um de seus cavaleiros e disse-lhe:

"Senhor, você vê aquele cavaleiro no cavalo branco? Ele não faz nada além de maravilhas e ele tem mortos seus capitães e muitos outros.

Isso foi dito pelo Doncel del Mar, que montou o cavalo branco de Galpano. O Rei Abies aproximou-se e disse: "Cavaleiro, com a tua vinda, o homem do mundo que eu mais amei está morto."

Mas vou fazer você comprá-lo caro se quiser mais luta.

"Para mim lutar com você", disse o Doncel del Mar, "não é hora, pois você tem muita gente e confortável e nós temos muito poucos e estamos muito cansados, seria maravilhoso se você pudesse resistir, mas se você quero vingar como um cavaleiro o que você diz e mostrar a grande coragem de que você é elogiado, escolha seu povo que mais lhe agradará e eu no meu, e sendo igual você poderá ganhar mais honra, que não com muita gente e muita arrogância para vir e tomar o que pertence a outros sem causa nenhuma.

"Então agora, diga", disse o Rei Abies, "quantos você quer que a batalha seja?"

"Bem, você deixa comigo", disse o Doncel, "vou passar para outro jogo e pode ser que você goste mais; você está zangado comigo pelo que eu fiz e eu com você pelo que você faz nesta terra, bem, por nossa culpa não há razão para que alguém mais sofra e a batalha entre mim e você deveria ser, e então se você querem, com tal que a vossa gente assegure e a nossa também, se não se mexerem até ao fim dela.

"Assim seja", disse o Rei Abies, e ele chamou dez cavaleiros, os melhores de sua autoria, e com outros dez que o Senhor do Mar deu, eles garantiram o campo que, não importa o que acontecesse com eles, eles iriam não se mexa. O rei Perión e Agrajes o defenderam para não ir à batalha até de manhã, porque o viram gravemente ferido, mas não puderam impedi-lo, porque ele queria a batalha mais do que qualquer outra coisa, e isso era por duas coisas: uma, para provar a si mesmo com aquele que tão elogiado pelo melhor cavaleiro do mundo que era, e o outro, porque se o derrotasse seria o

ido à guerra, e ele poderia ir ver sua senhora Oriana, que nela era todo o seu coração e seus desejos.

Capítulo 9

Como o Senhor do Mar lutou com o Rei Abies sobre a guerra que eles tiveram com o Rei Perion de Gaula.

A batalha concertada entre o Rei Abies e o Senhor do Mar, como você ouviu, aqueles de um lado e do outro vendo que a maior parte do dia havia passado, concordaram, contra a vontade de ambos, que por mais um dia permaneceria. Assim, para enfeitar suas armas, bem como para sanar as feridas que tinham, e porque todas as pessoas de ambos os lados estavam assim maltratadas e cansadas, desejando lazer para o descanso, cada um foi levado para sua hospedaria. O Doncel del Mar entrou na cidade com o rei Perión e Agrajes e teve a cabeça desarmada e todos disseram: — Oh, bom cavaleiro, Deus o ajude e lhe dê a honra de poder terminar o que começou! Oh, que beleza de cavalheiro, neste está bem usado o cavalheirismo, pois acima de tudo o mantém em sua grande alteza!

E chegando ao palácio do rei, veio uma donzela que disse à Donzela do Mar: "Senhor, a rainha implora que você não desarme, mas em sua pousada, onde ela o atende".

Isso foi a conselho do rei e ele disse:

"Amigo, vá até a rainha e vá com você Agrajes para lhe fazer companhia".

Então o rei foi para seu quarto e o Doncel e Agrajes para o deles, onde encontraram a rainha e muitas donas e donzelas que os desarmaram, mas a rainha não consentiu que nenhuma mão fosse colocada sobre o Doncel, mas ela, que desarmou ele e coberto com um manto. Durante tudo isso, o rei chegou e viu que o Doncel estava ferido e disse: Por que você não estendeu mais o prazo da batalha?

"Não era necessário", disse ele, Doncel, "eu não tive uma ferida porque a deixei fazendo isso."

Então eles o curaram das feridas e deram-lhes o jantar. Outro dia pela manhã a rainha veio até eles com todas as suas damas e as encontrou conversando com o rei e começou a missa e, dito isso, o Doncel del Mar se armou, não com aquelas armas que ele trouxera na luta do dia antes, que não sobraram, para que se aproveitassem de alguma coisa, mas de outras muito mais belas e fortes, e despedido da rainha e das donas e donzelas, montou num cavalo solto que tinham à porta, e O rei Peñón levou-lhe o capacete e Agrajes o escudo, e um velho cavaleiro chamado Aganon, muito valorizado nas armas, a lança, que por sua grande bondade passada, tanto no esforço quanto na virtude, foi o terceiro com o rei e um filho do rei. E o escudo que ele carregava tornava o campo de ouro e dois leões nele azul, um contra o outro como se quisessem morder. E saindo do portão da cidade viram o rei Abies em um grande cavalo preto, todo armado, mas ainda sem amarrar o elmo. Os da cidade e os da hoste estavam todos onde melhor podiam ver a batalha e o campo já estava demarcado e o palenque feito com muitos andaimes ao redor. Então eles amarraram seus capacetes e pegaram seus escudos, e o Rei Abies jogou um escudo em volta do pescoço que tinha o acampamento índio e sobre ele um gigante figurativo e um cavaleiro que virou a cabeça. Ele trouxe essas armas porque estava lutando com um jayán que sua terra entrou nele e destruiu tudo e assim que sua cabeça foi cortada, ele a colocou em seu escudo e como ambos pegaram suas armas, todos foram ao campo , encorajando cada um a Deus, um ao seu, e eles foram atacar sem demora e grande corrida dos cavalos, como aqueles que eram de grande força e coração e os primeiros ferimentos eram todas as suas armas falsificadas

e quebrando as lanças, juntaram-se uns aos outros, então os cavalos, como eles, tão bravamente que cada um caiu por si e todos acreditaram que estavam mortos e os pedaços das lanças tinham furado os escudos, que os ferros chegaram à carne Mas, como ambos eram muito leves e vivos de coração, levantaram-se rapidamente e tiraram os pedaços de suas lanças e, pondo as mãos em suas espadas, atacaram-se com tanta bravura que os que os cercavam ficaram apavorados ao vê-los, mas o A batalha parecia desigual, não porque o Senhor do Mar não fosse bem feito e de altura razoável, mas o Rei Abies era tão grande que nunca encontrou um cavaleiro que não fosse um palmo maior e seus membros não parecessem os de um gigante , ele tinha em si todas as boas maneiras, exceto que ele era arrogante, mais do que deveria. A batalha entre eles foi tão cruel e com tanta pressa sem soltar e os golpes tão grandes, que pareciam apenas vinte cavaleiros. Eles cortaram os escudos, fazendo com que grandes cortes caíssem no campo e amassaram os capacetes e despojaram os arreios. Então era bom um para o outro conhecer sua força e ardor, e sua grande força e bondade de espadas faziam com que seus arreios fossem de pouco valor, de modo que cortavam mais em sua carne, que nos escudos não havia com o que podiam se cobrir ou se proteger e saía tanto sangue deles que era maravilhoso segurar, mas tão grande era o ardor que traziam que quase não o sentiam. Assim eles duraram nesta primeira batalha até a hora de Terce, pois fraqueza ou covardia nunca poderia ser conhecida neles, mas com grande espírito eles lutaram entre si, mais o sol que aqueceu suas armas colocou neles alguma fraqueza de cansaço e a isso vez que o rei Abies se jogou um pouco para fora e disse: — Levante-se e endireite nossos elmos, se você quiser que afrouxemos nossa batalha ele não perderá tempo e por mais que eu não goste de você, eu o valorizo mais do que qualquer cavaleiro que já lutei ; mais do que te valorizo, não te tem porque não te faz mal, porque mataste quem eu tanto amava e me envergonhou muito por ter durado tanto tempo na batalha contra tantos homens bons.

O Senhor do Mar disse:

"Rei Abies, você se envergonha disso e não de vir com grande arrogância fazer tanto mal a alguém que não merece?" Veja que os homens, especialmente os reis, não têm que fazer o que podem, mas o que devem, porque muitas vezes acontece que o dano e a força que eles querem fazer a quem o mereceu finalmente recai sobre eles e eles perdem tudo e até a vida em voltas, e se agora você quer que eu te deixe relaxar para que os outros o quisessem, a quem você, sem conceder muito, estava pressionando e porque você sente o que você fez para sentir, prepare-se que você vai não relaxar ao meu grau.

O rei pegou sua espada e a pequena parte do escudo e disse: — Para sua maldade você faz essa queima que ele te coloca neste lago de onde você não vai sair sem perder a cabeça.

"Agora faça o seu poder", disse o Doncel del Mar, "que você não vai relaxar até que sua morte chegue ou sua honra termine, e eles se atacaram com muito mais crueldade do que antes e eles se machucaram tão bravamente como se tivessem começaram a batalha então e naquele dia se eles não tivessem atacado. O Rei Abies, como era muito habilidoso devido ao grande uso de armas, lutava com muita sensatez, protegendo-se de golpes e ferimentos onde poderia causar mais dano; as maravilhas que o Doncel fez ao andar leve e agressivamente e ao dar golpes muito fortes colocaram todo o seu conhecimento e mal ao seu grau em confusão, não podendo mais sofrer, ele perdeu o campo e o Doncel del Mar acabou desfazendo seu braço todo o escudo, que nada restou e cortou sua carne em muitos lugares, então o sangue saiu muito e ele não podia mais machucar, que a espada girou em sua mão, ele estava tão aflito, que virando quase as costas ele estava olhando para algum covil com medo da espada que a sentiu tão grosseiramente;

mas como ele viu que não havia nada além da morte, ele voltou pegando sua espada com as duas mãos e soltou Doncel, tendo o cuidado de feri-lo em cima de seu capacete, e ele levantou o escudo onde recebeu o golpe e a espada entrou tão no fundo dele que ele não podia tirar e se jogar para fora, o Doncel del Mar deu-lhe um tal ferimento na perna exposta que metade dela foi cortada e o rei caiu de bruços no campo. O Doncel aproximou-se dele e, atirando-lhe o capacete, disse:

"Você está morto, Rei Abies, se você não desistir." Ele disse: "Eu estou realmente morto, mas não derrotado, e eu acredito que minha arrogância me matou, e eu imploro que você faça minha companhia segura, sem danos sejam recebidos, e me leve de volta para minha terra, e eu te perdôo e aqueles que te fazem mal." Eu quero, e mando entregar ao rei Perion tudo o que eu tirei dele e peço-lhe que me faça confessar que estou morto.

Quando o Doncel del Mar ouviu isso, lamentou muito, mas sabia muito bem que o outro não o lamentaria, se ele pudesse. Tudo isso aconteceu, como você ouviu, todo o exército e a cidade se reuniram, que estavam todos a salvo, e o rei Abies ordenou dar ao rei Perion tanto quanto ele quisesse e ele assegurou-lhe todo o seu povo até que o levassem para sua casa. terra., e tendo recebido todos os sacramentos da Santa Igreja, o rei Abies deixou sua alma; Seus vassalos o levaram para sua terra com grandes lágrimas por ele. O Doncel del Mar foi tomado pelo rei Perión y Agrajes e outros grandes de seu partido e retirado do campo com aquela glória que os vencedores em tais carros costumam levar, não só de honra, mas mais de restituição de um reino para aqueles que tinha perdido, para a vila com ele eles vão; e a donzela da Dinamarca, que veio até ele de Oriana, como você já foi informado, chegou lá no momento em que a batalha começou, e como ela viu que tanto para sua honra havia terminado, ela foi até ele e disse:

— Doncel del Mar, fale comigo separadamente e conte-lhe sobre sua propriedade, mais do que você sabe. Ele a recebeu bem e saiu com ela passando pelo campo, e a empregada lhe disse: "Oriana, seu amigo, me envia a você e eu lhe entrego em seu nome esta carta em que está escrito".

seu nome escrito

E ele pegou a carta, mas ele não entendeu nada do que ele disse, então ele ficou perturbado quando ouviu sua esposa mencionar, antes que a carta caísse de sua mão e a rédea no pescoço do cavalo, e ele estivesse fora de sua mente . A donzela exigiu a carta que estava no campo de um dos que assistiram a batalha e voltou para ele, todos observando o que aconteceu e maravilhados como a donzela tinha ficado tão perturbada com a notícia da donzela e, quando ela chegou Ele disse-lhe: "O que é isso, senhor, que recebes tão mal uma ordem da mais alta donzela do mundo, de quem te ama muito, e me fez sofrer tanto procurando por ti?"

"Amigo", disse ele, "não entendi o que você me disse sobre esse mal que aconteceu comigo, como aconteceu comigo antes de você antes.

A donzela disse:

"Senhor, não há necessidade de disfarçar comigo, pois eu sei mais sobre sua propriedade e a de minha senhora do que você sabe, que ela quis assim, e eu lhe digo que se você a ama, isso você não faz mal, que ela Ela te ama tanto que não poderia ser contada levianamente, e saiba que eles a levaram para a casa de seu pai e a mandaram dizer-lhe que, tanto que você se afasta desta guerra, você vai para a Grã-Bretanha e tentar viver com o pai dela até ela mandar, e dizer-lhe que ela sabe como você é filho de um rei e que ela não é, portanto, menos alegre do que você e que, como você não conhecia sua linhagem, você era tão bom, que você trabalha muito melhor agora.

Então ele lhe deu a carta e disse:

"Você vê aqui esta carta em que seu nome está escrito e você a usava em volta do pescoço. quando te jogaram no mar.

Ele a pegou e disse:

"Ai, carta! Como foste bem guardado por aquela senhora cujo coração é meu, por aquela por quem muitas vezes sou levado à morte, mas se por ela tive dor e angústia, em grau muito maior de grande alegria estou satisfeito. Oh, Deus e Senhor!, quando verei o momento em que aquela senhora poderá servir esta misericórdia que ela me faz, e lendo a carta ela soube dela que seu nome certo era Amadís. A criada lhe disse: — Senhor, quero voltar para minha senhora mais tarde, já que peguei seu recado.

"Oh, donzela!" disse o Senhor do Mar, "por Deus, relaxe aqui até o terceiro dia e Não se separe de mim de forma alguma e eu o levarei aonde você quiser.

"Eu vim até você", disse a donzela, "e farei com ele apenas o que você mandar."

Terminado o discurso, o Doncel del Mar foi até o rei e Agrajes que o atendia, e entrando na cidade todos disseram:

— Bem vindo o bom cavalheiro por quem recebemos honra e alegria.

Então eles foram ao palácio e encontraram a rainha com todas as suas senhoras e donzelas na câmara do Senhor do Mar, fazendo grande alegria, e em seus braços ele foi tirado de seu cavalo e desarmado pela mão da rainha, e vieram professores que o curaram das feridas e, embora fossem muitos, não havia um que lhe causasse muito embaraço. O rei queria que ele e Agrajes comessem com ele, mas ele só queria com a sua criada, para lhe prestar homenagem, que bem viu que podia remediar muito da sua angústia. Assim passou alguns dias com muito prazer, principalmente com as boas notícias que lhe chegaram, tanto que nem o trabalho passado nem as feridas presentes não o impediam de se levantar e andar por um quarto sempre conversando com a empregada que estava para ele foi preso, para não sair até que ele pudesse pegar em armas e levá-la. Mas um caso maravilhoso que aconteceu com ele naquela época foi a causa que, depois de alguns dias, a donzela saiu sozinha de lá, como você vai ouvir agora.

Capítulo 10

Como a Donzela do Mar era conhecida pelo Rei Perion, seu pai, e por sua mãe Elisena.

No início já foi contado como o Rei Perion deu a Rainha Elisena, sendo sua amiga, um dos dois anéis que ele carregava na mão, assim como o outro, sem que neles aparecesse nenhuma diferença e como na época em que o Doncel do Mar estava no rio lançado, na arca, usava aquele anel no pescoço, e como mais tarde foi dado ao Doncel por seu mestre Gandales com a espada, e o rei Perion havia perguntado várias vezes à rainha sobre o anel. anel e ela, com vergonha de não saber onde colocá-lo, disse a ele que o havia perdido, porque foi assim que aconteceu, que o Doncel del Mar estava passando por um quarto conversando com sua empregada, ele viu Melicia, filha do rei, uma menina que chorava e ele perguntou o que havia ali. A moça disse: "Senhor, perdi um anel que o rei me deu para guardar enquanto ele dorme".

"Bem", disse ele, "vou lhe dar outro tão bom ou melhor do que você dá a ele." Então ele tirou um anel de seu dedo e deu a ele. Ela disse: "Este é o que eu perdi."

"Não é", disse ele.

"Bem, é o melhor anel do mundo", disse a garota.

"Para isso é melhor", disse o Doncel del Mar, "que você dê a ela em vez da outra", e deixando-a, ele foi com a donzela para seu quarto e deitou-se em uma cama e ela na outra que estava lá . O rei acordou e exigiu que sua filha lhe desse o anel e ela lhe deu o que ela tinha; colocou-o no dedo acreditando que era dele, mas viu o outro que sua filha havia perdido deitada em uma extremidade da câmara e pegando-o junto com o outro e viu que era o que ele havia dado à rainha e disse para a menina:

"Como foi isso sobre este anel?"

Ela, que tinha muito medo dele, disse:

"Por Deus, senhor! Perdi o seu e o Doncel del Mar passou por aqui e como ele viu Eu estava chorando, ele me deu o que ele estava trazendo, e eu pensei que era seu.

O rei suspeitava da rainha, que a grande bondade do Senhor do Mar, juntamente com a de sua beleza excessiva, não a havia colocado em algum pensamento indevido, e pegando sua espada entrou no quarto da rainha e fechou a porta. disse:

— Dona, você sempre me negou o anel que eu te dei, e o Senhor do Mar agora deu a Melícia, como pode ser? O que, vê-lo aqui? Diga-me de onde veio, e se você mentir para mim, sua cabeça vai pagar.

A rainha, que o viu muito zangado, caiu aos seus pés e disse: Oh, senhor, pelo amor de Deus, Misericórdia! Bem, você suspeita muito de mim, agora vou lhe contar minha preocupação por ter negado você até agora.

Então ele começou a chorar muito forte, machucando o rosto com as mãos e disse como jogue seu filho no rio e deixe que ele carregue a espada e aquele anel.

-Santa Maria! disse o rei, "Eu acredito que este é o nosso filho."

A rainha estendeu as mãos dizendo: "Então,

por favor, o Senhor do mundo, agora vamos lá, você e eu", disse o rei, "e

Vamos perguntar a ele sobre sua fazenda.

Então os dois foram sozinhos para o quarto onde ele estava, e o encontraram dormindo muito pacificamente, e a rainha não fez nada além de chorar pela suspeita de que tanto contra a razão

foi tirado dela. Mas o rei tomou na mão a espada que estava posta à cabeceira da cama e, provando-a, reconheceu-a imediatamente, como quem com ela dava muitos e bons golpes, e disse contra a rainha: - Por Deus!, eu conheço essa espada, bem e agora acredito mais no que você me disse.

-Oh senhor! disse a rainha, "não vamos deixá-lo dormir mais, pois meu coração dói Muito de; e foi até ele e tomado-o pela mão puxou-o um pouco contra si dizendo: — Amigo, senhor, ajude-me nesta pressa e angústia em que estou. Ele acordou e a viola chorando muito alto e disse: - Senhora, o que é isso que você tem? Se meu serviço puder remediar algo, envie-me, que até a morte será cumprida.

-Ei, amigo! disse a rainha, "bem, agora você concorda com sua palavra de dizer de quem você é filho."

"Que Deus me ajude", disse ele, "não sei, fui encontrado no mar por uma grande aventura."

A rainha caiu a seus pés toda envergonhada e ele se ajoelhou diante dela e disse: - Oh, Deus!, o que é isso?.
Ela disse, chorando:
— Filho, você vê aqui seu pai e sua mãe.
Ao ouvir isso, disse:
"Santa Maria! O que é isso que estou ouvindo?"
A rainha, segurando-o nos braços, voltou e disse: "É, filho,
que Deus quis por sua misericórdia que recuperássemos aquele erro que cometí com muito medo e, meu filho, eu, como uma mãe ruim, joguei você no mar e você vê que aqui está o rei que te gerou.

Então ele se ajoelhou e beijou suas mãos com muitas lágrimas de prazer, agradecendo a Deus porque ele assim o livrou de tantos perigos para que no final ele lhe desse tanta honra e boa sorte com tal pai e mãe . A rainha lhe disse: "Filho, você sabe se tem outro nome além deste?"

"Senhora, eu sei", disse ele, "que quando saí da batalha aquela donzela me deu uma carta que carreguei envolto em cera quando fui atirado ao mar no qual ele diz que me chama de Amadís.

Então, tirando-a do peito, ela deu a ele e eles viram que era a mesma que Darioleta escreveu com a mão, e disse: "Meu filho amado, quando esta carta foi escrita eu estava com todo problema e dor e agora estou com toda tranquilidade e alegria, bendito seja Deus!, e de agora em diante te chamo por este nome.

"Eu vou fazer isso", disse ele. E ele se chamava Amadís, e em muitos outros lugares Amadís de Gaula. O prazer que Agrajes, seu primo, teve com esta notícia e todas as outras do reino, escusado será dizer que ao encontrar os filhos perdidos, ainda que estejam invertidos e mal condicionados, os pais recebem consolo e alegria. Bem, veja como poderia ser com aquele que no mundo inteiro era um espelho claro e brilhante.

Então, não deixando mais para falar sobre isso, vamos contar o que aconteceu mais tarde. o donzela da Dinamarca disse:

— Amadís, senhor, quero ir com esta boa notícia, que minha senhora terá muito prazer, e você ficará para dar alegria e felicidade a esses olhos que derramaram tantas lágrimas por causa de seu desejo.

Lágrimas vieram aos seus olhos, que escorriam pelo seu rosto, e ele disse:

"Meu amigo, você está confiado a Deus e a você eu confio minha vida que você tem piedade dela, que eu ousaria pedir a minha senhora de acordo com a grande misericórdia que ela agora me fez e estarei lá para servir ela muito rapidamente com outras armas, como na batalha do rei Abies que eu tive, onde você pode me conhecer, se não houvesse lugar para saber sobre mim.

Agrajes também se despediu dele, contando-lhe como a donzela a quem ele deu a cabeça de Galpano em vingança pela desonra que lhe fez, trouxe-lhe uma ordem de Olinda, sua esposa, filha do rei Vanaín da Noruega, que mais tarde foi vê-la. . Que ele ganhou como amigo no momento em que ele e seu tio Don Galvanes estavam naquele reino. Este Don Galvanes era irmão de seu pai, e porque não havia mais herança de um pobre castelo, eles o chamaram de Galvanes Sin Tierra e lhe disseram:

—Senhor primo, gostaria mais de sua companhia do que qualquer outra coisa; mas meu coração, que está em grande dificuldade, não me deixa ir ver aquela que, perto ou longe, estou sempre em seu poder e quero saber de você onde posso encontrá-lo quando voltar.

"Senhor", disse Amadís, "acho que me encontrarás na casa do rei Lisuarte, que me diz que há uma cavalaria mantida ali na mais alta alteza do que em qualquer casa de rei ou imperador do mundo, e peço que você me encomende ao rei." seu pai e sua mãe e que, assim como você a serviço deles, eles podem contar comigo pela educação que me deram.

Então Agrajes despediu-se do rei e sua tia à rainha, e cavalgando com sua companhia e o rei e Amadís com ele para lhe prestar homenagem, saindo pela porta da vila encontraram uma donzela que, levando o rei pelas rédeas , disse-lhe: — Lembre-se, rei, o que uma donzela lhe disse quando você

coletou sua perda, a senhoria da Irlanda perderia sua flor e sabor se dissesse verdade que você coletou esse filho que você perdeu e aquele bravo Rei Abies que foi a flor da Irlanda morreu. E digo-vos ainda mais: que nunca a cobrará pelo senhor que há até que venha o bom irmão da senhora, que soberbamente trará pela força das armas, párias de outra terra, e morrerá pela mão do aquele que será morto pela coisa no mundo que ele mais amava. Este era Marlot da Irlanda, irmão da rainha da Irlanda, aquele que matou Tristán de Leonís, sobre os párias que o rei Mares da Cornualha, seu tio, exigiu e Tristán morreu depois por causa da rainha e eu sei que foi coisa de o mundo que ele mais amava. E isso faz você dizer Urganda minha senhora.

Amadís disse-

Ihe: "Moça, diga a sua senhora que o cavaleiro a quem ela deu a lança é muito elogiado e que agora vejo ser verdade o que ele me deu, que com ela eu salvaria a casa de onde parti, que eu salvou o rei meu pai, que estava à beira da morte.

A donzela partiu e Agrajes, despedida do rei e de Amadís, onde a deixaremos até o seu tempo.

O rei Perion ordenou que chegassem os tribunais para que todos pudessem ver seu filho Amadís; onde muitas alegrias e jogos foram feitos em honra e serviço daquele senhor que Deus lhe deu, com quem e com seu pai esperavam viver em grande honra e descanso. Lá Amadís descobriu como o gigante levaria Don Galaor, seu irmão, e colocou sua vontade para trabalhar duro para descobrir o que foi feito e acusá-lo pela força das armas ou de qualquer outra forma que fosse necessária. Muitas coisas foram feitas naquelas cortes e o rei deu muitos presentes grandes, que levariam muito tempo para serem contados. No final do qual Amadís falou com seu pai dizendo que queria ir para a Grã-Bretanha, já que não tinha necessidade de lhe dar permissão.

O rei e a rainha trabalharam duro para detê-lo, mas de forma alguma conseguiram, porque o grande problema que sua senhora estava passando não deixava espaço para qualquer outra obediência, exceto que

e, levando consigo apenas Gandalin e outras armas que o rei Abies o havia despedaçado em batalha, ele se separou e caminhou por tanto tempo até chegar ao mar, e montando um chicote de montaria, ele entrou na Grande Bretanha e contribuiu para uma boa vila, que tinha o nome de Bristoya e lá ficou sabendo como o Rei Lisuarte estava na sua vila chamada Vindilisora e que era muito poderoso e muito acompanhado de bons cavaleiros, e que todos os mais reis das ilhas a eles obedeciam Partiu dali e entrou no seu caminho, mas não andou muito por ele, que encontrou uma donzela que lhe disse:

"Este é o caminho para Bristoya?"

"Sim", disse ele.

"Por acaso, você sabe se eu encontraria um chicote lá que pudesse passar em Gaula?"

"Por que você está indo para lá?", disse ele.

"Vou pedir um bom cavaleiro, filho do rei de Gaula, chamado Amadís e que há pouco conheceu o pai." Ele ficou espantado e disse: - Donzela, por quem você sabe disso?

— Para aquele que não pode esconder as coisas, e ele sabia de sua propriedade antes dele ou de seu pai, que é Urganda, o Desconhecido, e ela tem tanta necessidade que se não fosse por ele, por outro ninguém pode coletar o que ele deseja muito.

"Misericórdia seja com Deus", disse ele, "porque aquela de quem todos precisaram, precisou de mim." Saiba, donzela, que sou eu quem você exige e agora vamos atrás do que você quer.

"Como", ela disse, "você é quem eu estou procurando?"

"Eu sou sem falhas", disse ele.

"Então me siga", disse a donzela, "e leve você para onde está minha senhora."

Amadís saiu de seu caminho e entrou naquele que a criada o conduzia.

Capítulo 11

Como o gigante levou Galaor a ser condecorado pela mão do rei Lisuarte; que Amadís muito honrosamente o nomeou cavaleiro.

Don Galaor, estando com o gigante, como lhe dissemos, aprendendo a montar e esgrima e todas as outras coisas que convinha a um cavalheiro, sendo já muito hábil nisso e tendo completado o ano que o gigante lhe dera a prazo, ele disse-lhe: — Padre, agora rogo-lhe que me faça cavaleiro, pois atendi o que

você enviou ordens.

O gigante, que viu que já estava a tempo, disse-lhe: "Filho, dá-me prazer em fazê-lo e diz-me quem é que o queres fazer." "Rei Lisuarte", disse ele, "para quem tanta fama corre."

"Vou te levar lá", disse o gigante. E no terceiro dia, tendo todo o equipamento, eles partiram de lá, e seguiram seu caminho, e no quinto dia eles se encontraram perto de um castelo muito forte que estava em uma água salgada e o castelo tinha o nome de Bradoid, e era a mais bela que havia em toda aquela terra e estava assentada sobre uma rocha alta e de um lado corria água, e do outro havia um grande pântano, e da parte da água não se podia só entrar de barco e contra o pântano havia uma estrada tão larga que uma carroça podia ir e outra chegar, mas na entrada do pântano havia uma ponte estreita e era inclinada, e quando a subiam a água era muito funda e na entrada da ponte havia dois olmos altos, e o gigante e Galaor viram abaixo deles duas donzelas e um escudeiro e viram um cavaleiro armado em um cavalo branco com armas de leões e alcançar a ponte que estava erguida e não podia cruzar e gritou para o castelo. Galaor disse contra o gigante: — Se lhe agrada, vamos ver o que aquele cavaleiro vai fazer, e não demorou muito para que dois cavaleiros armados e dez peões desarmados fossem vistos contra o castelo na cabeceira da ponte e eles perguntaram o cavaleiro o que ele queria.

"Eu gostaria", disse ele, "de entrar lá."

"Isso não pode ser", disseram eles, "se você não lutar conosco primeiro."

"Bem, não pode ser para ele", disse ele, "abaixe a ponte e venha para a feira."

Os cavaleiros fizeram os peões abaixarem e um deles permitiu que o chamador corresse, sua lança abaixada e o cavalo forte, tanto quanto ele podia aguentar, e aquele com os braços dos leões se moveu contra ele e ambos se feriram bravamente. O cavaleiro do castelo quebrou sua lança e o outro o feriu tão gravemente que ele caiu no chão e o cavalo em cima dele, e foi para o outro que entrou na ponte e os dois corpos dos dois cavalos se juntaram que as lanças morreram dos encontros e a de fora achou a do castelo tão forte que ele e o cavalo caíram na água e o cavaleiro foi então morto e ele atravessou a ponte e fugiu contra o castelo e os vilões ergueram a ponte e as donzelas onde quer que fossem vozes que lhe levantavam a ponte e a que voltava para elas viu três cavaleiros bem armados vindo contra ele que lhe disseram:

—Você passou aqui em um ponto ruim, seria conveniente que você morresse na água como alguém que vale mais do que você morre; e todos os três o deixaram correr e o feriram tão ferozmente que fizeram o cavalo ceder e ele estava perto de cair, e eles quebraram as lanças e os dois ficaram feridos, mas ele feriu um deles de modo que a armadura que ele estava não o ajudou, que a lança entrou de um lado, e o ferro saiu do outro com um pedaço da haste e ele colocou a mão na espada com muita coragem e foi ferir os dois cavaleiros, e eles

para ele, e eles começaram uma batalha perigosa um com o outro; mas aquele com os braços dos leões, que temia a morte, trabalhou para se livrar deles, e deu um tal golpe com a espada no braço direito que ele caiu no chão com a espada e começou a fugir contra o castelo dizendo ruidosamente:

— Acorrido, amigos, eles matam seu mestre.

O dos leões, ouvindo que era o senhor, reclamou mais por derrotá-lo e deu-lhe um golpe tão forte acima do elmo que a espada perfurou sua carne, que o cavaleiro foi tão tolo que perdeu o apoio para os pés e caiu. não abraçou o pescoço do cavalo e o pegou pelo elmo, tirou-o da cabeça, e o cavaleiro quis fugir, mas viu que o outro estava entre ele e o castelo: "Você está morto", disse aquele com os leões, "se você não é um prisioneiro, você se concede

E ele, que tinha muito medo da espada que já sentia na cabeça, disse: — Ai, bom cavaleiro, misericórdia!, não me mate, pegue minha espada e me faça prisioneiro; Mas aquele com os leões, que viu cavaleiros armados e peões saindo do castelo, pegou-o pela borda do escudo e colocou a ponta da espada em seu rosto e disse: — Manda os que forem capturados; Se não, eu te mato. Ele lhes deu vozes para se virarem se quisessem sua vida; Eles, vendo o grande perigo, fizeram-no e disseram-lhes mais:

— Façam os peões arrombarem a porta, e então ele ordenou. Então ele o levou consigo e atravessou a ponte com ele e o do castelo que viu as donzelas encontrou aquele que era Urganda o Desconhecido e disse: "Ay! Senhor Cavaleiro, se você não me proteger daquela donzela, Eu estou morto."

"Que Deus me ajude", disse ele, "que não farei; antes que eu faça com você o que ela vai mandar.

Então ele disse a Urganda:

"Você vê o cavaleiro, senhor do castelo, o que você quer que eu faça com ele?"

— Corta a cabeça dele, se meu amigo não te der que eles têm prisioneiro no castelo lá e se a donzela que o fez ficar com ele não cair em minhas mãos.

"Assim seja", disse ele. E ela ergueu a espada para afugentá-lo, mas o cavaleiro disse:

"Ai, bom senhor! Não me mate, farei o que ela mandar."

"Bem, então seja", disse ele, "sem mais delongas."

Então chamou um dos peões e lhe disse: "Vá até meu irmão e diga a ele que se ele quer me ver vivo, então ele pode trazer o senhor que estava lá". ele é e a donzela que o trouxe: isso foi feito e, quando ele chegou, aquele com os leões lhe disse:

— Cavalheiro, está vendo seu amigo aí?

"Sim, mestre", disse ele, "mais do que nunca."

Urganda foi abraçá-lo e ele a ela.

"Bem, o que você vai fazer com a donzela?" disse o cavaleiro dos leões.

"Mate-a", disse Urganda, "sofri muito com ela; e ele fez um encantamento, para que ela tremesse para entrar na água, mas o senhor disse:

"Senhora, pelo amor de Deus, não deixe esta donzela morrer, porque ela foi presa por mim."

"Eu vou deixá-la desta vez para você, mas se eu cometer um erro, ela vai pagar tudo junto."

O senhor do castelo disse:

"Senhor, já que fiz o que me ordenaste, leva-me para longe de Urganda."

Ela lhe disse:

"Estou levando você para a honra deste que o derrotou".

Aquele com os leões perguntou à donzela por que de seu grau ela entrou na água.
"Senhor", disse ela, "me pareceu que eu tinha um machado em chamas de cada lado de mim."
Eles queimaram e quiseram se abrigar com a
água. Ele começou a rir e disse: "Por
Deus! Donzela, grande tolice é sua em causar raiva a quem pode se vingar tão bem."

Galaor, que tudo viu, disse ao gigante: "Quero
que este se torne cavaleiro, porque se o rei Lisuarte é tão honrado será pela sua grandeza, mas este
cavaleiro merece pelo seu grande esforço."

"Então vá até ele", disse o gigante, "e se ele não for, será para seu mal."
Galaor foi onde estava aquele com as armas dos leões, debaixo dos olmos, e em sua companhia
tinha quatro escudeiros e duas donzelas e quando ele chegou, ambos se cumprimentaram e Galaor
disse: — Senhor cavaleiro, pedindo-lhe um presente. Ele, que o via mais bonito do que nunca, pegou-o
pela mão e disse: — Está bem e eu te concedo.

"Então eu imploro como uma cortesia para me fazer um cavaleiro sem mais delongas, e
para ir ao Rei Lisuarte, para onde agora ia.
"Amigo", disse ele, "você seria tolo em deixar o melhor rei do mundo por tal honra e levar um pobre
cavaleiro como eu."

"Senhor", disse Galaor, "a grandeza do rei Lisuarte não fará nenhum esforço por mim,
assim como sua grande coragem que aqui eu vi você fazer e cumprir o que você prometeu.
"Bom escudeiro", disse ele, "qualquer outro que você pedir, eu ficarei muito mais feliz do que este,
que não cabe nem em você em honra."

Naquele momento, Urganda veio até eles como se não tivesse ouvido nada e
disse: "Senhor, o que você acha deste jovem?"
"Parece-me", disse ele, "o mais belo que já vi, e exige de mim um presente que não o satisfaz nem
a mim."

"E o que é?", disse ela.
"Que ele seja feito cavaleiro", disse ele, "enviando-se a caminho para pedir por ele ao rei Lisuarte."

"Certamente", disse Urganda, "para ele deixar de ser um cavaleiro lhe faria mais mal do que bem, e
eu lhe digo que não tire seu presente e o cumpra." E digo-vos que a cavalaria será mais bem aproveitada
nela do que em qualquer das que agora existem em todas as ilhas do mar, fora uma só.

"Bem, isso mesmo", disse ele, "em nome de Deus, e agora vamos a alguma igreja para fazer a
vigília."

"Não é necessário", disse Galaor, "porque hoje já ouvi missa e vi o verdadeiro corpo de Deus".

"Basta", disse o dos leões, e pondo a espada direita sobre ele e beijando-o, disse: "Agora você é
um cavaleiro e pegue a espada de quem você mais gosta."

"Você vai me dar", disse Galaor, "pois ninguém mais tomaria isso do meu agrado."
E chamou um escudeiro para lhe trazer uma espada que tinha na mão. Mas Urganda lhe disse: "Ele
não lhe dará aquele, mas aquele que está pendurado nesta árvore, com o qual você será mais feliz."

Então todos olharam para a árvore e não viram nada. Ela começou a rir com vontade e disse:

— Por Deus, está lá há dez anos, ninguém que passou por lá viu, e agora todo mundo vai ver; e olhando novamente eles viram a espada pendurada em um galho da árvore e parecia muito bonita e tão fresca como se estivesse então desgastada e a bainha muito ricamente trabalhada em seda dourada. Aquele com as armas dos leões a pegou e a amarrou a Galaor dizendo: "Uma espada tão bonita combinava com um cavaleiro tão bonito e é verdade que ele não desgosta de você".

que por tanto tempo o guardou para você.

Galaor ficou muito contente com ela e disse ao que tinha as armas dos leões: —

Senhor, convém-me ir a um lugar que não posso desculpar. Desejo muito sua companhia, mais do que qualquer outro cavalheiro, por favor, e me diga onde posso encontrá-lo.

"Na casa do rei Lisuarte", disse ele, "onde terei prazer em vê-lo, porque essa é a razão de ir para lá, porque sou cavaleiro há pouco tempo e tenho em tal casa para ganhar alguma honra Como sua.

Galaor ficou muito feliz com isso e disse a Urganda:

"Senhora donzela, muito obrigado por esta espada que você me deu, lembre-se de mim como seu cavaleiro", e, despedindo-se deles, voltou para onde havia deixado o gigante que estava escondido na margem de um rio.

Nesse meio tempo, que isso aconteceu, uma donzela de Galaor conversava com outra de Urganda, e dela soube como esse cavaleiro era Amadís de Gaula, filho do rei Perión, e como Urganda, sua amante, o fez vir para lá, que Ele tirou seu amigo daquele castelo pela força das armas, porque seu grande conhecimento não o ajudou, porque a senhora do castelo, que sabia muito dessa arte, o tinha, primeiro, encantado e não temendo o conhecimento de Urganda ... assegure a força das armas com aquele costume que o cavaleiro dos leões derrotou, e atravessou a ponte como lhe foi dito. E por isso o amigo o mandou ali, para trazer uma donzela, a sobrinha da senhora do castelo, aquela que você já ouviu falar, que queria se afogar na água. Foi assim que Urganda e o cavaleiro ficaram conversando durante parte do dia e ela disse: — Bom cavaleiro, você não sabe quem você condenou?

"Não", disse ele.

— Bem, a razão é que você sabe, que ele tem tanto coração e você também, que se esbarrar um no outro, não se conhecendo, seria uma grande desgraça. Saiba que ele é filho de seu pai e sua mãe; e esta é a que o gigante tirou deles quando ele tinha dois anos e meio de idade, e é tão grande e bonita como você pode ver agora e por amor a você e aos dele eu guardei essa espada para ele por tanto tempo, e Eu lhe digo que ele fará o melhor começo de sua vida com isso, um cavalheirismo que nunca foi cavaleiro na Grã-Bretanha.

Os olhos de Amadís se encheram de prazer e ela disse: "Oh, senhora! Diga-me onde posso encontrá-lo."

"Não é necessário agora", disse ela, "que você o procure, pois ainda é conveniente para o que está ordenado que aconteça."

"Então eu poderei vê-lo agora?"

"Sim", disse ela, "mas não será tão fácil para você saber como pensa." Ele parou de perguntar mais sobre isso e ela com sua amiga seguiu seu caminho. E Amadís com o seu escudeiro foi por outro caminho com a intenção de ir para Vindilisora, onde se encontrava então o rei Lisuarte.

Galaor aproximou-se do gigante e disse-lhe:

"Pai, sou um cavaleiro". Louvado seja Deus e o bom cavalheiro que o fez.

Ele disse:

— Filho, estou muito feliz com isso e exijo um presente seu.

"De boa vontade", disse ele, "concedo-o desde que não atrapalhe a minha conquista de honra."

"Filho", disse o gigante, "antes, se Deus quiser, será uma grande vantagem para ela."

"Bem, peça por isso", disse ele, "eu vou conceder."

"Filho", disse ele, "às vezes você me ouviu dizer como Albadán, o gigante, matou traiçoeiramente meu pai e tirou dele o rochedo de Galtares, que deve ser meu." Exigindo que você me dê o direito a isso, que ninguém como você possa me dar, e lembre-se da educação que eu fiz por você e como eu morri meu corpo por seu amor.

"Esse dom", disse Galaor, "não é algo que você me pede, antes de eu pedir que você me conceda essa batalha, porque ele te cumpre tanto e, se eu viver, sairá disso, todas as outras coisas que seu honra e lucro podem ser ainda maiores." que esta vida pague essa grande dívida em que você está, estou preparado para fazer; e então vamos lá.

— Em nome de Deus, disse o gigante. Então eles entraram no caminho do rochedo de Galtares e não foram muito longe até que encontraram Urganda, o Desconhecido e se cumprimentaram cortesmente e disseram a Galaor: "Você sabe quem o fez cavaleiro?"

"Sim", disse ele, "o melhor cavaleiro de quem já ouvi falar."

"É verdade", ela disse, "e é melhor que seja do que você pensa, e eu quero que você saiba quem é."

Então ele chamou Gandalaz o gigante e disse:

"Gandalaz, você não sabe que este cavaleiro que você levantou é filho do rei Perion e do rainha Elisena e pelas palavras que eu lhe disse, você o pegou e o criou?.

"É verdade", disse ele. Então ele disse a Galaor: "Meu

filho amado, saiba que aquele que o fez cavaleiro é seu irmão e é dois anos mais velho que você, e quando você o vir, honre-o como o melhor cavaleiro do mundo e trabalhe como você. achar conveniente no ardor e nos bons espíritos. .

"É verdade", disse Galaor, "que o rei Perion é meu pai e a rainha minha mãe, e que Eu sou o irmão daquele cavaleiro muito bom?

"Por todos os meios", disse ela.

"Deus de misericórdia", disse ele, "agora te digo que estou sob muito mais cuidados do que antes e minha vida em maior perigo, porque me convém ser como você, donzela, digamos, assim como eles e todos os outros com razão." eles devem acreditar.

Urganda se despediu deles e o gigante e Galaor seguiram seu caminho como antes. E Galaor perguntando ao gigante quem era aquela donzela tão conhecida, e ele lhe contando como era Urganda, a Desconhecida, e que ela se chamava assim porque muitas vezes foi transformada e desconhecida; Chegaram à margem de um rio e como estava muito calor combinaram de ficar numa barraca que montaram e não demorou muito para eles verem uma donzela vindo para um lado, outro para outro, então se reuniram perto da barraca e quando eles viram o gigante que queriam fugir, mas Don Galaor foi até eles e os fez voltar, prendendo-os e perguntou para onde estavam indo. Um disse:

— Vou por ordem de minha senhora ver uma batalha muito estranha de um único cavaleiro que tem que lutar com o forte gigante da rocha de Galtares, para que ele possa trazer a notícia para ela.

A outra empregada disse:

"Estou espantado com o que você diz que existe um cavaleiro que ousaria cometer uma loucura tão grande." e, embora meu caminho para outra parte seja, quero ir com você para ver algo tão irracional.

Ao saírem, Galaor lhes disse: "Moças,
não reclamem de vir aqui, vamos ver essa batalha e ir conosco".

Prometeram-lhe e ficaram muito contentes de vê-lo tão bonito com aquelas roupas de novo cavaleiro que o tornavam muito bonito, e todos juntos ali comeram e se divertiram e Galaor chamou o gigante de lado e disse-lhe:

"Padre, me agradaria muito se você me deixasse ir e fazer minha batalha, e sem você eu chegarei lá ainda mais."

Ele disse isso porque eles não sabiam que era ele quem tinha que fazer isso e não suspeitavam que com seu esforço ele queria realizar uma coisa tão grande. O gigante o concedeu contra sua vontade e Galaor se armou e entrou na estrada e as donzelas com ele e três escudeiras do gigante que mandou ir com ele, que carregava as armas e o que era necessário, e assim caminhou tanto que chegou a duas léguas do rochedo de Galtares e ali adormeceu na casa de um eremita e, sabendo que estava em ordem, confessou-lhe. E quando lhe disse que ia fazer aquela batalha, ficou muito assustado e disse-lhe:

"Quem te põe em uma loucura tão grande como esta? Pois em toda esta região não há tantos dez cavaleiros que se atreveriam a atacá-lo, ele é tão corajoso e assustador e sem misericórdia, e você estando em tal idade colocado se em tal perigo, perca você quer o corpo e até a alma, que aqueles que conscientemente se colocam na morte, podendo desculpá-la, eles mesmos mata.

"Padre", disse Don Galaor, "Deus fará sua vontade por mim, mas não abandonarei a batalha de forma alguma."

O bom homem começou a chorar, e disse-lhe: — Filho,
Deus te ajude e faça um esforço, porque nisso você não quer fazer mais nada e me apraz encontrá-lo em uma boa vida; e Galaor implorou-lhe que orasse a Deus por ele. Ali se estabeleceram naquela noite e outro dia, tendo ouvido missa, o cavaleiro Galaor armou-se e foi contra a rocha, que diante dele viu muito alta e com muitas torres fortes que faziam o castelo parecer maravilhosamente fraterno. As donzelas perguntaram a Galaor se ele conhecia o cavaleiro que iria lutar. Ele lhes disse: "Acho que o vi".

Galaor pediu à empregada que lhe dissesse quem ela era.

— Ninguém mais pode saber disso, a não ser o cavaleiro a ser combatido, e falando sobre isso chegaram ao castelo e encontraram a porta fechada. Galaor bateu e dois homens apareceram na porta e lhes disse:

"Diga a Albadán que um cavaleiro de Gandalaz está aqui, vindo lutar com
ele e que se ele demorar muito lá, que nenhum homem vai sair ou entrar que eu não o mate, se puder.

Os homens riram e disseram: "Esse
rancor não vai durar muito, porque ou você vai fugir ou vai perder a cabeça".

E foram contar ao gigante, e as donzelas vieram a Galaor e disseram: — Meu amigo, você é o
líder desta batalha?

"Sim", disse ele.

"Oh, senhor", eles disseram, "Deus o ajude e deixe terminar para sua honra, que grande
Feito você começar e ficar em boa hora, não nos atreveremos a atender o gigante.

-Amigos, não temam e vejam, pelo que vieram, ou voltem para a casa do eremita que
Eu estarei lá, se eu não morrer aqui.

Um disse: —

Qualquer mal que vier, veja, eu quero, porque eu vim.

Afastando-se do castelo, eles foram para a beira de uma floresta onde esperaram fugir se o cavaleiro fosse mau.

Capítulo 12

Sobre como Galaor lutou com o grande gigante, senhor do rochedo de Galtares.

A notícia foi para o gigante e não demorou muito, então ele saiu em um cavalo e ele parecia tão grande sobre ele que não há homem no mundo que ousaria olhar para ele, e ele tinha lâminas de ferro tão grande que de sua garganta a sua uma cadeira que ele cobriu e um capacete muito grande e muito pálido e uma maça de ferro grande e muito pesada com a qual ele golpeou. Os escudeiros e as donzelas ficaram muito assustados quando o viram, e Galaor não era tão forte que então não houvesse grande medo. Mas quanto mais perto ela chegava dele, mais ela o perdia. O jayán lhe disse: "Cavaleiro cativo, como ousa atender à sua morte, que aquele que o enviou aqui nunca mais o verá e espera e você verá como eu sei como feri-lo com uma maça."

Galaor foi perverso e disse:

— Diabo, você será derrotado e morto com o que eu trago em meu auxílio, que é Deus e a razão.

O jayán se moveu contra ele, o que não parecia, mas uma torre. Galaor foi até ele com sua lança baixada tão rápido quanto seu cavalo corria e o encontrou no peito com tanta força que o estribo o fez perder e a lança quebrou. O jayán levantou a maça para atingi-lo na cabeça e Galaor passou tão rápido que não o atingiu exceto na borda do escudo e quebrando as braçadeiras e o tiracol o fez cair no chão e alguns Galaor teriam ficado para trás ele e o golpe foi dado tão forte, que o braço não conseguiu segurar a maça e atingiu a boca de seu próprio cavalo, então ele caiu morto e ficou embaixo; y queriéndose levantar, habiendo salido de él a gran afán, llegó Galaor y diole de los pechos del caballo y pasó sobre él bien dos veces antes que se levantase ya la hora tropezó el caballo de Galaor en el del gigante y fue a caer de la otra parte. Galaor saiu do chão, que parecia estar à beira da morte, e colocou a mão na espada que Urganda lhe deu, e se deixou ir contra o jayán que a maça tirou do chão e o atingiu com o a espada em sua vara e cortou tudo o que restava apenas um pedaço, que ficou em sua mão, e com ela o jayán o atingiu com tanta força acima de seu capacete que uma mão o fez deitar no chão, porque a maça era forte e pesada , e ele, que bateu com muita força, e o capacete torceu em sua cabeça, mas como era muito leve e com o coração animado, imediatamente se levantou e pegou o jayán, que queria machucá-lo novamente, mas Galaor, que era astuto, e leve andava. Ele se protegeu do golpe e deu-lhe um ferimento no braço com a espada que cortou seu ombro, e baixando a espada para a perna, cortou quase metade. O Jayan deu uma grande voz e disse:

— Sim, cativo, sou desprezado por um único homem, e ele queria abraçar Galaor com grande maldade, mas não pôde avançar por causa do grande ferimento na perna e sentou-se no chão. Galaor o feriu novamente e quando o gigante estendeu a mão para bloqueá-lo, ele o atingiu de forma que seus dedos o derrubaram no chão com metade de sua mão; e o jayán, que tinha se estendido tanto, caiu e Galaor passou por cima dele e o matou com sua espada e cortou sua cabeça. Então os escudeiros e as donzelas vieram até ele e Galaor ordenou aos escudeiros que trouxessem a cabeça ao seu senhor; ficaram felizes e disseram:

"Pelo amor de Deus, senhor, ele o criou bem, que você mereceu o preço e ele o mereceu." vingança e lucro.

Galaor montou um cavalo dos escudeiros e viu dez cavaleiros saírem do castelo em uma corrente que lhe disse:

— Venha tomar o castelo, pois você matou o jayán, e nós, aqueles que o guardavam.

Galaor disse às donzelas:

"Senhoras, vamos ficar aqui esta noite."

Eles disseram que gostaram. Então ele fez os cavaleiros retirarem a corrente e todos se refugiaram no castelo onde havia belas casas e em uma delas ele desarmou e alimentaram ele e suas donzelas com ele. Assim, ficaram ali com grande prazer, olhando para aquela força de torres e muralhas, que lhes parecia coisas maravilhosas. Outro dia, todos aqueles da terra circundante estavam lá, e Galaor saiu para eles, e eles o receberam com grande alegria dizendo-lhe que ele ganharia aquele castelo matando o jayán que por força e grande recompensa os ordenou, que eles o queriam para o senhor. Ele agradeceu muito a ela; mas ele lhes disse que eles já sabiam como aquela terra era direito de Gandalac e que ele, como seu servo, tinha vindo lá para conquistá-la para ele, que eles deveriam obedecê-lo como senhor como eram obrigados e que ele os trataria com mansidão e honestamente.

"E ele é bem-vindo", disseram eles, "porque, como é natural e próprio, ele cuidará de nos fazer bem que esse outro que você matou nos tratou como estrangeiros e estranhos."

Galaor foi homenageado por dois cavaleiros, aqueles que lhe pareceram mais honrados, para que quando Gandalac chegasse eles lhe entregassem o castelo e tomando suas armas e as donzelas e um escudeiro dos dois que ele trouxe para lá entraram no caminho do casa do ermita, e lá chegou, o bom homem ficou muito feliz com ele e disse:

— Bem-aventurado filho, você deve amar muito a Deus, porque Ele te ama, porque Ele quis que você Vcõe foi feito uma bela vingança.

Galaor, recebendo sua bênção e implorando que se lembrasse dele em suas orações, entrou em seu caminho. Uma donzela implorou-lhe que lhe fizesse companhia e a outra disse: — Não vim aqui senão para ver o fim desta batalha, e vi tanta coisa que terei de contar onde quer que vá. Agora quero ir à casa do rei Lisuarte ver um senhor, meu irmão, que está lá.

"Amigo", disse Galaor, "se você vir um jovem cavalheiro que traz algumas armas de leões, diga-lhe que o jovem que ele fez cavaleiro está confiado a ele." E que vou trabalhar para ser um bom homem e se o vir dizer-lhe que tenho mais bens meus e dele do que ele sabe.

A donzela seguiu seu caminho e Galaor disse ao outro que desde que ele tinha sido o cavaleiro a batalha a fez contar a ele quem era sua senhora que a havia enviado para lá.

"Se você quer saber", disse ela, "siga-me e mostre para você aqui em cinco dias."

"Nem por isso", disse ele, "eu saberei que vou segui-lo."

Andaram assim até chegarem a duas estradas e Galaor, que estava na frente, passou por uma pensando que a donzela iria atrás dele, mas ela pegou a outra e esta foi na entrada da floresta chamada Brananda, que começa no Condado de Clara e de Gresca, e não demorou muito para Galaor ouvir algumas vozes dizendo: "Ai, bom cavaleiro, ajude-me!" Ele virou o rosto e disse: "Quem dá essas vozes?"

O escudeiro disse:

"Eu entendo que a donzela que nos deixou se afastou."

"Como", disse Galaor, "ele nos deixou?"

"Sim, senhor", disse ele, "de outra forma é assim."

— Pelo amor de Deus, eu não guardei.

E amarrando o elmo, e pegando o escudo e a lança, foi o mais longe que pôde onde ouviu as vozes e viu um anão feio a cavalo e cinco peões armados de capelinhas e machados e estava ferindo com um pau que tinha em sua mão. para a donzela Galaor veio até ele e disse: "Vai, coisa ruim e feia." Deus te dê azar.

E levou a lança para a mão sinistra. E ele foi até ele, e pegando o pau, ele deu-lhe um tal ferimento que ele caiu no chão todo atordoado, os peões foram até ele e o feriram em todos os lugares e ele deu um tal golpe com o pau na cara, que bateu no chão e ele feriu outro com a lança no peito que estava com o machado enfiado no escudo e não conseguiu tirá-lo, o que aconteceu com ele do outro lado e ele caiu e a lança ficou nele e ele tirou o machado do escudo e foi até os outros, mas eles não se atreveram a atendê-lo e passaram por uns arbustos tão espessos que ele não conseguiu ir atrás deles, e quando voltou, viu como o anão estava cavalgando e disse: - Cavaleiro, você me feriu gravemente e matou meus homens, e ele deu o flagelo ao anão.nag e foi o mais longe que pôde por uma estrada. Galaor tirou a lança do vilão e viu que era saudável, que ele gostava. E deu as armas ao escudeiro e disse: — Donzela, vá em frente e se cuide melhor.

E assim voltaram para a estrada, onde depois de pouco tempo chegaram a um rio chamado Bran e que não podia ser atravessado sem barco. A donzela que estava na frente encontrou a nau e passou do outro lado, e enquanto Galaor atendia a nau, chegou o anão que ele feriu e veio dizendo: Eu.

Galaor viu que com ele estavam três cavaleiros bem armados em bons cavalos.

"Como", disse um deles, "nós três iremos para um?" Eu não quero nenhuma ajuda.

E deixou-o ir o mais que pôde e Galaor, que já havia tomado suas armas, foi contra ele e foram feridos pelas lanças e o cavaleiro do anão falsificou todas as suas armas, mas não foi um grande ferimento e Galaor feriu bravamente que o jogou da cadeira, que os outros ficaram espantados e o deixaram correr juntos e ele eles e um errou o golpe e o outro fez pedaços de sua lança no escudo e Galaor o feriu tão gravemente que o capacete o derrubou seus pés, cabeça e perdeu os apoios para os pés e estava perto de cair; mas o outro virou-se e feriu Galaor com a lança nos peitos e quebrou a lança e embora Galaor sentisse muito o golpe, não falsificou seu arreio; Então todos eles colocaram suas mãos em suas espadas e começaram sua batalha, e o anão disse em voz alta:

"Mate o cavalo dele e ele não fugirá, e Galaor queria machucar quem derrubou seu capacete." E o outro levantou o escudo e entrou, pela borda bem um pé e atingiu o cavaleiro na cabeça com a ponta e o partiu até as mandíbulas, de modo que ele caiu morto. Quando o outro cavaleiro viu este golpe ele fugiu, e Galaor foi atrás dele e o feriu com sua espada acima do elmo e não o atingiu bem e baixou o golpe para o punho traseiro e tirou um pedaço e muitas malhas do arreio, mas o cavaleiro Acertou o cavalo com força com as esporas e jogou o escudo do pescoço para ir mais longe. Quando Galaor o viu assim, deixou-o e quis que o anão fosse enforcado pela perna, mas obrigou-se a fugir em seu cavalo o máximo que pôde e agarrou o cavaleiro com quem havia concordado anteriormente que já estava concordando. e lhe disse: "Cavaleiro, peso mais em você do que nos outros, porque disfarçado de bom cavaleiro você queria lutar, não sei por que você me atacou, eu não merecia.

"É verdade", disse o cavaleiro, "mas aquele anão traidor nos disse para ferir seu homens e você pegou à força uma donzela que queria ir com ele.

Galaor mostrou-lhe a donzela que o atendia do outro lado do rio e disse:

"Você vê a empregada? E se eu a forçasse, ela não me atenderia, mas vindo na minha companhia ela sentiu minha falta nesta floresta e ele a pegou e a machucou muito com um pau.

"Ah, traidor!" —disse o cavalheiro—, em um ponto ruim ele me fez vir aqui se eu o encontrasse.

Galaor o fez desistir de seu cavalo e lhe disse para atormentar o anão, que era um traidor.

Então o navio do outro grupo passou e o guia da donzela entrou na estrada, e quando ele passou entre ninguém e as vésperas a donzela mostrou-lhe um castelo muito bonito sobre um vale e disse-lhe: "Lá iremos e ficaremos".

E andaram tanto até chegar e foram muito bem recebidos como em casa de sua mãe da donzela que ela era e lhe disse:

"Senhora, honre este cavaleiro como o melhor escudo que ele já colocou em volta do pescoço."

Ela disse:

"Aqui vamos fazer-lhe todos os serviços e prazer."

A donzela lhe disse:

"Bom cavaleiro, para que eu possa cumprir o que lhe prometi, você tem que espere aqui, então eu voltarei em segurança.

"Eu imploro muito", disse ele, "para não me impedir, isso me deixaria muito triste."

Ela saiu e não demorou muito para que ela voltasse e dissesse a ele:

"Agora cavalgue e vamos embora".

"Em nome de Deus", disse ele. Então ele pegou suas armas e montando seu cavalo foi com ela e eles sempre andavam por uma floresta e na saída dela escurecia, e a donzela saindo da estrada que ela estava tomando tomou outro caminho e depois de um quarto da noite eles chegaram numa bela cidade que Grandares havia nomeado, e assim que chegaram ao alcázar a donzela disse: — Agora vamos descer e vir atrás de mim, que naquele alcázar eu lhe direi o que prometi.

"Então eu vou pegar minhas armas", disse ele.

"Sim", disse ela, "o homem não sabe o que pode acontecer."

Ela foi na frente e Galaor a seguiu até chegarem a uma parede e a donzela disse: "Suba aqui e entre, eu vou por outro caminho e vou até você". Ele subiu as escadas com grande ansiedade e pegou o escudo e o capacete e desceu ayuso e a donzela foi embora.

Galaor entrou por um pomar e chegou a um pequeno portão que ficava na muralha da fortaleza e ficou ali por um tempo até vê-lo aberto e viu a donzela e outra com ela e disse a Galaor: — Senhor cavaleiro, antes de entrar é melhor que me diga de quem você é filho.

"Pare com isso", disse ele, "porque eu tenho um pai e uma mãe que não ousaria dizer que sou filho deles até que seja melhor."

"Ainda assim", disse ela, "é melhor que você me diga, não vai te machucar."

"Saiba que eu sou filho do rei Perion e da rainha Elisena e não faz sete dias que eu não sabia como te contar."

"Entre", disse ela. Entrando eles o desarmaram e o cobriram com um manto e saíram de lá e um foi atrás e o outro na frente e ele no meio e entrou em um palácio grande e muito bonito, onde muitas senhoras e donzelas jaziam em suas camas, e se qualquer um perguntou quem estava lá, ambas as donzelas responderam. Assim eles passaram para um quarto que estava contido com o palácio e entrando, Galaor viu uma bela donzela em um quarto de roupas muito ricas, penteando seus belos cabelos, e quando viu Galaor colocou uma linda guirlanda na cabeça e foi contra ele dizendo:

— Amigo, seja bem-vindo, como o melhor cavalheiro que conheço.

"Senhora", disse ele, "e eu a considero muito bem como a donzela mais bonita que já vi."

E a donzela que o conduziu até lá disse:

— Senhor, vê aqui minha senhora e agora estou afastado da promessa; Saiba que o nome dela é Aldeva e ela é filha do rei de Serolis, e a esposa do duque de Bristoya, que é irmã de sua mãe, foi criada aqui. Desi," ele disse para sua amante. dou-te o filho do rei Perion de Gaula; vocês dois são filhos de reis e muito bonitos; Se vocês se amam muito, ninguém vai ficar mal por vocês.

E indo para fora, Galaor entretive aquela noite com a donzela a seu bel prazer e sem mais contar aqui, porque em carros semelhantes que em sã consciência ou virtude não estão de acordo com a razão, um homem deve passar por eles levemente, tendo-os naquela pequena grau que merecem ser tidos. Bem, quando chegou o momento em que era conveniente para ele sair de lá, ele levou as donzelas com ele e voltou para onde havia deixado suas armas. E armado ele escapou para o pomar e encontrou lá o anão que você já ouviu e disse a ele:

— Cavalheiro, você entrou aqui em um ponto ruim, pois vou fazer você e a mulher traiçoeira que o trouxe aqui morrerem.

Então ele gritou: "Saiam,

senhores, saiam, pois um homem está saindo dos aposentos do duque".

Galaor escalou a muralha e se refugiou em seu cavalo, mas não demorou muito para que o anão com As pessoas saíram por uma porta que eles abriram, e Galaor, que o viu entre todos, disse entre si:

— Sim! Sou um cativo morto, se não me vingar desse anão traidor, e ele foi autorizado a ir buscá-lo, mas o anão cavalgava atrás de todos em seu cavalo. E Galaor, com a grande raiva que carregava, entrou em todos. E começaram a machucá-lo de todos os lados; quando viu que não podia passar, feriu-os tão cruelmente que matou dois deles em que quebrou a lança, depois levou a mão à espada e deu-lhes golpes mortais, de modo que alguns foram mortos e outros feridos, mas antes que a corrida acabasse, eles mataram seu cavalo. Levantou-se com grande ânsia, o que o feriu, em todos os lugares. Mas, assim que se pôs de pé, castigou-os para que ninguém se atrevesse a ir ter com ele. Quando o anão o viu a pé, cuidou dele ferido no peito do cavalo e foi até ele o mais forte que pôde, e Galaor se jogou um pouco para fora e estendeu a mão e o pegou pelas rédeas e deu-lhe tal um ferimento do pomo da espada em seu peito, que o derrubou no chão, e da queda ele ficou tão atordoado que sangue saiu de suas orelhas e narinas, e Galaor pulou no cavalo e enquanto cavalgava ele perdeu o rédea e o cavalo saiu com ele estava com pressa e como ele era grande e um corredor antes de carregá-lo ele alongou um bom pedaço e como as rédeas ele queria jogar nos feridos, mas ele viu a janela de uma torre sua amiga que com seu manto lhe fez sinais para que se afastasse. Saiu de onde, porque já tinha vindo muita gente, e foi andando até entrar numa floresta.

Então ele deu o escudo e o capacete ao seu escudeiro. Alguns dos homens disseram que seria bom segui-lo; outros, que nada adiantaria, porque estava na floresta. Mas todos ficaram chocados ao ver como eles lutaram bravamente. O anão maltratado disse: "Leve-me ao duque e eu lhe direi de quem se vingar."

Eles o pegaram nos braços e o carregaram até onde estava o duque e contaram como ele havia encontrado a donzela na floresta, e porque ele queria trazê-la com ele gritou bem alto e pediu a um cavaleiro que viesse em seu auxílio. e seus homens morreram e ele foi ferido com a vara, e que ele então o seguisse com os três cavaleiros por tirar a donzela dele e como ele iria quebrá-los e derrotá-los; Finalmente, ele lhe contou como a empregada o trouxe até lá e

preso em seu quarto. O duque disse a ele que se ele conheceria a donzela, ele disse que sim. Então ele ordenou que todos os que estavam no castelo fossem até lá, e quando o anão entre eles a viu, ele disse:

"Este é aquele por quem seu palácio é desonrado.

"Ah, traidor!" disse a donzela, "mas você me feriu gravemente e teve seu homens e aquele bom senhor me defendeu, não sei se é este ou não.

O duque ficou muito zangado e disse:

"Donzela, vou fazer você me dizer a verdade", e ordenou que ela fosse presa. Mas devido aos tormentos ou males que lhe causaram, nunca descobriu nada e lá a deixou, para grande angústia de Aldeva, que a amava muito, e não sabia com quem deixaria Galaor, seu amigo, conhecer. O autor aqui para de falar sobre isso e começa a falar de Amadís e o que ele dirá sobre esse Galaor em seu lugar.

Capítulo 13

Como Amadís saiu de Urganda, o Desconhecido, e chegou a uma fortaleza, e o que aconteceu com ele lá.

Amadís de Urganda partiu do Desconhecido, com muito prazer no espírito por ter sabido que aquele que ele fez cavaleiro era seu irmão, e por acreditar que era rápido onde estava sua senhora, que mesmo que não a visse seria um grande consolo ao ver o lugar onde ela estava, andou tanto contra aquela parte por uma floresta sem encontrar uma cidade, que a noite caiu sobre ela e em um pedaço ele viu ao longe um fogo que parecia estar nas árvores e foi contra lá pensando em encontrar uma habitação. Então, desviando-se da estrada, caminhou até chegar a uma bela fortaleza que em uma de suas torres parecia, através de suas fenestrae, aquelas luzes que eram velas, e ouviu as vozes de homens e mulheres que cantavam e se alegravam. E ele bateu à porta, mas eles não o ouviram, e de vez em quando os que estavam na torre olhavam pelas ameias e o viam bater. E um senhor disse-lhe: "Quem és tu que a tal hora chamas?" Ele disse: "Senhor, sou um cavalheiro estranho.

"Parece", disse o homem na parede, "que você é estranho que você pare de andar durante o dia e ande à noite, mas eu acho que você faz isso sem motivo para brigar entre si, pois agora você não encontrará nada mas demônios."

Amadís lhe disse:

"Se houvesse algo de bom em você, às vezes você veria caminhando à noite aqueles que não podem fazer menos".

"Agora vá embora", disse o cavaleiro, "você não vai entrar aqui."

"Então me ajude Deus", disse Amadís, "eu cuido para que você não queira, cara, que algo vale a pena na sua empresa. Mas antes de ir eu gostaria de saber como você tem o seu nome.

"Eu vou te dizer," ele disse, "desde que quando você me encontrar você lute comigo."

Amadís, como estava zangado, concedeu-lhe. O cavaleiro disse: —

Saiba que dei o nome de Dardán, que você não pode ter uma noite tão ruim, que o dia em que me conhecer não será muito pior.

"Bem, eu quero", disse Amadís, "sair depois desta promessa e nos esclarecer com essas velas para nós lutarmos uns contra os outros.

"Como", disse Dardan, "para eu ir para a batalha como eu tive que pegar em armas, mais do que a noite?" Pena que alguém quebraria esporas ou usaria um arreio para ganhar tempo dela!

Então ele saiu do muro e Amadís seguiu seu caminho.

Aqui ele retrata o autor do orgulhoso e diz: — Seu

orgulhoso, o que você quer? Qual é o seu pensamento? Peço-lhe que me diga a pessoa bonita, a grande coragem, o coração ardente, se por acaso você herdou de seus pais ou a comprou com riquezas ou a alcançou nas escolas dos grandes sábios ou a ganhou pela misericórdia dos grandes príncipes. É verdade que você vai dizer não. Bem, onde você tem isso? Parece-me daquele altíssimo Senhor onde todas as coisas acontecem e vêm. E a este Senhor, que agradecimentos, que serviços em pagamento lhe prestas?

É verdade que nada mais é do que desprezar os virtuosos e desonrar os bons, maltratar os de suas ordens sagradas, matar os fracos com sua grande arrogância e muitos outros.

insultos contra o seu serviço. Acreditando em sua opinião que, além desta fama, a honra deste mundo você ganha, que assim como uma pequena penitência ao final de seus dias de glória do outro você ganhará. Oh! que pensamento vão e louco, tendo gasto seu tempo em tais coisas sem arrependimento, sem a satisfação que você deve ao seu Senhor, para guardar tudo junto para aquela hora triste e peregrina da morte que você não sabe quando nem em que forma virá para você? Você dirá que o poder e a graça de Deus são muito grandes junto com sua misericórdia, é verdade. Mas assim seu poder tinha que ser para forçar sua raiva e fúria com o tempo e te afastar daquelas coisas que Ele tanto abominava, porque te tornando digno, com dignidade você poderia alcançar seu perdão.

Considerando que não sem motivo o inferno cruel foi estabelecido por Ele. Mas quero agora deixar de lado isso que você não vê e me colocar em razão com você no presente que vimos e lemos. Diga-me: por que razão aquele malvado Lúcifer foi lançado do céu para o abismo profundo? Não por outro, mas por sua grande arrogância; E aquele forte gigante Nimrod, que primeiro toda a linhagem humana governou? Por que ele era indefeso de todos eles e como um animal bruto sem nenhum sentido eles atravessavam os desertos seus dias consumidos não por ele, exceto porque com sua grande arrogância ele queria fazer uma escada como forma de pensar por ela e subir e comandar os céus? Bem, por que deveríamos dizer que Hércules devastou e destruiu a grande Tróia e que seu poderoso rei Laomedon morreu? Não por outro motivo, mas pela soberba embaixada que enviou aos cavaleiros gregos por meio de seus mensageiros, que chegaram em segurança ao seu porto de Simeonta. Muitos outros que por esse orgulho maligno e perverso pereceram neste mundo e no outro poderiam ser contados, se esse motivo fosse ainda mais autoritário. Mas porque sendo mais verboso, seria mais chato de ler, deixará de contar, será apenas um traidor da sua memória, se aqueles que no céu e na terra, onde tiveram tanto poder e honra, se perdessem por orgulho, desonrado e danificado, que fruto há nessas palavras vis ditas por Dardan e outros como ele? Que controle eles têm sobre um ou outro, ou eles podem pensar nisso? A história irá mostrar-lhe mais tarde.

A festa de Amadí com grande fúria daquele senhor muito arrogante Dardán, percorreu a floresta procurando algum arbusto aparelhado onde pudesse se abrigar. E assim indo ele ouviu falar antes dele, e indo rapidamente aguilhoar seu cavalo mais ele encontrou duas donzelas em seus palafrém e um escudeiro com eles, ele se aproximou e os cumprimentou com cortesia, e eles lhe perguntaram de onde ele tinha vindo a tal hora armado; contou-lhes tudo o que lhe acontecera desde que era noite.

"Você sabe", eles disseram, "qual era o nome daquele cavalheiro?"

"Sim, eu sei", disse ele, "que ele me contou e disse que havia um nome Dardán."

"É verdade", disseram eles, "que ele se chama Dardan, o Orgulhoso, e este é o mais soberbo cavalheiro nesta terra.

— Acho que sim, disse Amadís. E as donzelas lhe disseram: —

Senhor cavaleiro, temos nossos aposentos aqui perto de nós, fique conosco.

Amadís o concedeu e indo juntos encontraram duas barracas armadas onde as donzelas estavam hospedadas e lá desceram e, Amadís desarmando, as donzelas ficaram muito felizes com sua beleza e jantaram com muito prazer e fizeram para ele uma barraca onde ele dormia e enquanto as donzelas lhe perguntavam para onde ia.

— Contra a casa do rei Lisuarte, disse ele.

"E aqui vamos nós", disseram eles, "para ver como acontecerá uma duenna que foi uma das melhores em seu caminho nesta terra e a mais fidalgo quando no mundo ela tem, foi posta à prova de uma batalha e tem que aparecer nestes dez dias com quem luta por

ela perante o rei Lisuarte, mas não sabemos o que lhe acontecerá, pois aquele contra quem ela tem de se defender é agora o melhor cavaleiro da Grã-Bretanha.

"Quem é esse", disse Amadís, "que valoriza tanto as armas onde há tantas boas?"

"O mesmo do qual você agora se separou", disseram eles. Dardan, o Orgulhoso.

"Por que razão", disse ele, "deve ser esta batalha? Diga-me, Deus o ajude."

"Senhor", diziam, "este cavaleiro ama uma amante desta terra que era filha de um cavaleiro casado com esta outra amante, e o amado disse a seu amigo Dardán que nunca faria amor com ela se não o fizesse. leve-a à casa do rei." Lisuarte e disse que os bens da madrasta deviam ser dele e que por isso devia brigar com quem dissesse o contrário e fez tal como o amigo mandou e o outro dono não estava tão bem raciocinado como ele era necessário, e ele disse que ficaria testador perante o rei por si mesmo, e isso ele fez pelo grande direito que tem, cuidando para encontrar quem o manteria para ela, mas Dardan é um cavaleiro de armas tão bom que , caolho do que certo, todo mundo duvida de sua batalha.

Amadís ficou muito feliz com esta notícia, porque o cavaleiro iria contra os arrogantes e que poderia vingar sua crueldade tendo o direito e porque a batalha seria travada na frente de sua esposa Oriana, e ele começou a pensar nisso com muita firmeza. . As donzelas pararam de se importar com seus cuidados e uma delas disse:

"Sir Knight, peço-lhe por cortesia que nos diga o motivo de sua Pensei, se você pode dizer tão bem.

"Amigos", disse ele, "se você me prometer, como donzelas leais, me ter não conte a ninguém, eu vou te dizer para o grau.

Eles a concederam e ele disse: —

Eu estava pensando em lutar por aquele dono que você me disse e vou fazer isso, mas não quero que ninguém saiba.

As donzelas o tinham em alta conta, pois o haviam elogiado tanto em armas, e disseram: "Senhor, seus pensamentos são bons e de grande esforço, Deus conceda que seja bom", e foram dormir em seus tendjones, e à noite.Amanhã cavalgaram e entraram no seu caminho e as donzelas lhe imploraram que, já que tinham viajado e alguns infelizes caminhavam naquela floresta, que não abandonasse a companhia deles; ele deu a ela.

Então eles foram juntos conversando sobre muitas coisas e as donzelas imploraram a ele, já que Deus as havia reunido assim, que lhes dissesse seu nome, ele lhes disse e lhes confiou que ninguém deveria saber.

Pois bem, andando, como se ouve, abrigando-se no deserto, sendo viciosos em suas tendas com a provisão que as donzelas carregavam, aconteceu-lhes que viram dois cavaleiros armados debaixo de uma árvore, que cavalgavam em seus cavalos e se postavam diante deles em a estrada e ele um Um deles disse para o outro: "Qual destas donzelas você quer, e eu fico com a outra?"

"Eu quero esta donzela", disse o cavaleiro.

"Bem, eu tenho este, e cada um pegou o seu." Amadís disse-lhes: "O que é isto, senhores, o que querem das donzelas?"

Eles disseram:

— Faça como nossos amigos.

"Você quer usá-los tão levemente", disse ele, "sem prazer?"

"Bem, quem vai jogá-los em nós?", eles disseram.

"Eu", disse Amadís, "se puder."

Então ele pegou seu capacete, escudo e lança e disse:

"Agora você deve deixar as donzelas."

"Você vai ver primeiro", disse um, "como eu sei lutar", e ambos soltaram seus cavalos em grande corrida e se feriram bravamente com suas lanças. O cavaleiro quebrou sua lança e Amadís o feriu tão gravemente que o derrubou sobre o cavalo com a cabeça chata e os pés para cima, e quebrando os braços do elmo, saiu de sua cabeça. O outro senhor veio contra ele com muita força e o feriu de tal maneira que, falsificando suas armas, o feriu; mas a ferida não foi grande e quebrou a lança. Amadís perdeu a partida e os cavalos juntaram-se uns aos outros como os escudos, e Amadís agarrou-o e, tirando-o da sela, derrubou-o no chão e assim os cavaleiros a pé e os cavalos ficaram soltos. Amadís levou as donzelas à sua frente e seguiram caminho até chegarem à margem de um rio onde mandaram armar e alimentar os seus estábulos, mas antes que descesse chegaram os cavaleiros com quem ele lutava, e disseram-lhe: " Você deve defender as donzelas." com a espada assim como com a lança, se não as levarmos.

"Você não deve carregar", disse ele, "tanto que eu possa defendê-los."

"Então deixe a lança", eles disseram, "e vamos ter a batalha."

"Isso é o que vou fazer", disse ele, "se você vier um por um."

E entregando sua lança a Gandalin, ele pegou sua espada e foi até um deles, aquele que era mais apreciado para ferir, e eles começaram sua batalha, mas em pouco tempo o cavalo foi tão maltratado que foi conveniente para seu companheiro para ajudá-lo, embora prometido de outra forma. E Amadís, que viu, disse: "O que é isso, senhor, não é verdade? Digo-lhe que não lhe prezo nada."

O senhor chegou solto e como era valente feriu Amadís com grandes golpes. Mas ele, que podia se ver com os dois na batalha, não quis ser preguiçoso e feriu aquele que atingiu toda a sua força frouxamente em seu capacete e o atingiu de lado, então ele abaixou o homem e cortou as tiras de seu arnês com sua mão, carne e ossos e a espada caiu de sua mão; O cavaleiro se considerou morto e começou a fugir e foi até o outro e o atingiu no escudo do lado direito do punho e o cortou tanto que alcançou sua mão e a partiu até o braço e o cavaleiro disse: " Ai, senhor, morto!" Estou! Então largou a espada da mão e o escudo do pescoço, e Amadís lhe disse: "Isso não é necessário, não o deixarei se não jurar

donsela contra sua vontade.

O cavaleiro então jurou, e o fez colocar a espada na bainha e colocar o escudo em volta do pescoço e deixá-lo ir para onde se abrigava. Amadís voltou-se para as donzelas onde estavam os tendjones e elas lhe disseram: "É verdade, senhor cavaleiro, seríamos desprezados se não fosse por você, em quem há mais bondade do que nos importa e com grande esperança estamos que você não só ficará satisfeito com a arrogância que as palavras de Dardan lhe disseram, mas até mesmo o dono ficará da grande afronta em que é colocado, se a fortuna orientar que você tome a batalha por ela.

Amadís ficou envergonhado porque assim o elogiaram e desarmado, comeram e saborearam um pedaço e voltando ao seu caminho, caminharam tanto, para o que chegaram a um castelo e lá ficaram com uma duena que lhes prestou muita honra. E outro dia caminharam sem que nada de notável lhes acontecesse até chegarem a Vindilisora, onde estava o rei Lisuarte, e chegando perto da vila, Amadís disse às donzelas:

— Amigos, não quero ser ninguém conhecido e até que o cavaleiro venha para a batalha ficarei aqui em algum lugar disfarçado; mande comigo um desses jovens que me conhece e me liga quando for a hora.

"Senhor", disseram eles, "faltam apenas dois dias para o prazo. Se lhe agradar, ficaremos com você e teremos alguém na cidade que nos dirá quando o cavalheiro estará lá."

"Assim seja", disse ele. Então eles saíram do caminho e armaram suas barracas à beira de um rio, e as donzelas disseram que queriam chegar à cidade e voltar mais tarde. Amadís cavalgava a cavalo, desarmado como estava, e Gandalin com ele, e foram para uma colina onde lhes parecia a melhor cidade que podiam ver, e havia uma grande estrada ali perto. Amadís sentou-se ao pé de uma árvore e começou a olhar a cidade e viu as torres e os altos muros e disse em seu coração: — Oh, Deus, onde está a flor do mundo aí! Oh, cidade, como você está agora em grande alteza por ser em você aquela senhora que entre todas as mulheres do mundo é inigualável em bondade ou beleza, e até digo que ela é amada mais do que todas as que são amadas, e isso provarei ao melhor cavalheiro do mundo se me fosse concedido!

Depois de ter elogiado sua amante, tanto cuidado veio a ele que as lágrimas vieram aos seus olhos e, morrendo, seu coração caiu em um pensamento tão grande que tudo se torceu de tal maneira que ele não sabia nada sobre si mesmo ou sobre qualquer outra pessoa. Gandalin viu uma companhia de duenas e cavaleiros vindo pela grande estrada e que eles estavam indo contra onde seu senhor estava, e foi até ele e disse:

— Senhor, você não vê essa companhia que vem aqui?

Mas ele não respondeu e Gandalin o pegou pela mão e o puxou contra ele e ele concordou. suspirando muito alto e com o rosto molhado de lágrimas, Gandalin disse-lhe:

— Que Deus me ajude, senhor, sinto muito por você pensar que toma tanto cuidado que outro cavalheiro do mundo não tomaria e você deveria chorar por você e se esforçar como toma em outras coisas.

Amadís lhe disse:

"Oh, amigo Gandalín, meu coração está sofrendo!" Se você me ama, eu sei que você preferiria me aconselhar a morrer do que viver em tantos problemas desejando o que não vejo.

Gandalin não suportou que ele não chorasse e disse-lhe:

"Senhor, esta é uma grande desgraça, um amor tão carinhoso, então me ajude Deus, acredito que não há ninguém tão bom ou tão bonito que seja igual ao seu bondade e que você tem

Amadís, que ouviu isso, ficou muito bravo e disse:

"Olha, seu bobo louco, eu tinha que valer, nem ninguém, tanto quanto aquele em quem tudo de bom do mundo é, e se você disser isso de novo, você não vai dar um passo comigo.

Gandalin disse:

"Limpe os olhos para que aqueles que vêm não te vejam assim."

"Como", disse ele, "alguém está vindo?"

— Sim, disse Gandalin. Em seguida, mostrou-lhe as duenas e os cavalheiros que já estavam perto do outeiro. Amadís montou em seu cavalo e foi contra eles e os cumprimentou, e eles o cumprimentaram e viram entre eles uma bela e bem vestida duena que chorava muito ferozmente. Amadís lhe disse: — Dona, Deus te faça feliz.

"E honre-o", disse ela, "que alegria agora tenho grandemente alongado, se Deus não me ajudar."

"Deus te dê", disse ele. Mas, que cuidado é esse que você tem?.

"Amigo", disse ela, "tenho tanto quanto tenho em aventura e prova de uma batalha, e depois ele entendeu que aquela era a duena que lhe contaram e lhe disse: - Duenna, você vai fazer isso depois de você ?"

"Não", ela disse, "e meu prazo é amanhã."

"Bem, como você cuida disso?", disse ele.

"Perder o que tenho", disse ela, "se na casa do rei não houver ninguém que me lamente e lute por misericórdia e para manter a justiça."

"Deus lhe dê um bom remédio", disse Amadís, "pois eu ficaria muito feliz por você, assim como por você." porque eu não gosto do que é contra você.

"Deus faça de você um bom homem", disse ela, "e dê a você e a mim uma rápida vingança contra ele."

Amadís foi para suas tendas e a duena com sua companhia para a cidade e as donzelas chegaram logo e lhe contaram como Dardán já estava na cidade bem vestido para fazer sua batalha. E Amadís contou como encontrou o dono e o que aconteceu.

Naquela noite eles se divertiram e ao amanhecer as donzelas se levantaram e contaram a Amadís como iam para a vila e que o mandariam contar o que o cavaleiro estava fazendo.

"Quero ir com você", disse ele, "porque estou mais perto e quando Dardán vai ao campo, um deles vem me dizer; e então ele se armou e saíram todos juntos e estando perto da cidade, Amadís ficou no final da floresta e as donzelas foram embora. Ele desceu do cavalo e jogou o capacete e o escudo no chão e estava esperando e seria isso quando o sol nascesse. Nessa época que se ouve o rei Lisuarte cavalgava com uma grande companhia de bons homens e foi a um campo que ficava entre a cidade e a floresta e lá veio Dardán muito armado num belo cavalo e trouxe seu amigo pelas rédeas o mais vestido que ele foi capaz de levá-la e assim ele ficou com ela diante do rei Lisuarte e disse:

"Senhor, mande este dono entregar o que deveria ser dela, e se houver um cavaleiro que diga não, eu vou lutar com ele."

O rei Lisuarte ordenou então que a outra duena chamasse e ela veio até ele e disse-lhe:

-Dueña, quem vai lutar por ti?

"Senhor, não", disse ela, chorando. O rei estava muito triste por ela porque ela era uma boa dona. Dardán ficou na praça onde teve que comparecer até a hora de Terce assim armado, e se nenhum cavaleiro se aproximasse dele, o rei lhe daria seu julgamento, e assim o viam, era uma hora, logo como pôde, para contar a Amadís. Cavalgava e pegando em suas armas disse a Gandalín e a donzela que fossem por outro caminho e que se ele deixasse a batalha para sua honra deveriam ir para as baías e ele iria lá e então saiu da floresta todo armado e em cima de um cavalo branco e foi até onde estava Dardan, vestindo suas armas.

Quando o rei e os da cidade viram o cavaleiro sair da floresta, ficaram muito surpresos de quem era, que nenhum deles poderia saber, mas disseram que nunca veriam um cavaleiro que parecesse tão bonito armado e a cavalo. . O rei disse ao dono reutada:

— Senhora, quem é esse senhor que quer defender sua razão?

"Que Deus me ajude", disse ela, "não sei se nunca o vi, deixe-o se juntar a mim."

Amadís entrou no campo onde estava Dardán e lhe disse: "Dardán,

agora fique de olho em seu amigo, pois defenderei o outro dono com a ajuda de Deus e tirarei o que prometi a você".

"E o que você me prometeu?", disse ele.

"Que eu lutaria com você", disse Amadís, "e isso foi porque eu sabia seu nome quando você era um vilão contra mim.

"Agora eu prezo menos do que antes", disse Dardan.

"Agora eu não me importo com o que você me diz", disse Amadís, "como estou perto de mim mesmo." vingar, Deus me dando sorte.

"Bem, venha o proprietário", disse Dardán, "e trate-se com seu cavaleiro e vingue-se se puder."

Então o rei e os cavaleiros chegaram para ver o que estava acontecendo e Dardán disse à dona:

— Este cavaleiro quer a batalha para você, você lhe concede o seu direito?

"Eu concedo," ela disse, "e Deus te abençoe de acordo."

O rei olhou para Amadís e viu que ele tinha seu escudo falsificado em muitos lugares e disse contra os outros cavaleiros:

— Se aquele estranho cavalheiro exigisse um escudo, eles o dariam com o direito.

Mas Amadís tinha tanto a preocupação de brigar com Dardán que em outro não tinha cabeça, tendo em sua memória aquelas palavras sujas que dizia muito mais frescas e mais recentes do que quando aconteceram, em que todos tiveram que dar o exemplo e colocar um freio em suas línguas, especialmente com aqueles que não sabem, por causa do semelhante, muitas vezes grandes coisas aconteceram para notar. O rei atirou-se para fora e todos os outros e Dardan e Amadis avançaram um contra o outro de longe e os cavalos eram corredores e leves e eram de grande força que se feriram com suas lanças com tanta bravura que suas armas todas forjadas, mas nenhuma foi ferido e as lanças foram quebradas e eles juntaram os corpos dos cavalos e com os escudos com tanta bravura que foi maravilhoso e Dardán foi para a terra daquela primeira justa, mas foi tão bom para ele que ele tomou as rédeas em seu mão e Amadís passou ele e Dardán se levantaram aína e cavalgaram como aquele que era muito leve e segurou sua espada com muita coragem. Quando Amadís virou seu cavalo para ele, viu que estava em condições de atacá-lo e pegou sua espada e ambos foram atacar com tanta bravura que todos ficaram com medo de ver tal batalha e o povo da cidade estava ao lado do torres e pela muralha e pelos lugares onde os melhores podiam ver o combate, e as casas da rainha ficavam na muralha e havia muitas fenestrae onde estavam muitas duenas e donzelas e via a batalha dos cavaleiros que parecia assustador ao ver que estavam feridos por cima dos capacetes que eram feitos de aço fino, de modo que todos pareciam queimar suas cabeças de acordo com o grande fogo que saía deles, e dos arreios e outras armas fizeram muitas peças e cotas de malha e muitas fendas caírem o solo. escudos.

Então a batalha deles foi tão crua que quem viu levou um grande susto, mas eles não ficaram feridos em todos os lugares e cada um mostrou ao outro sua força e ardor. O rei Lisuarte, que olhava para eles, por mais afrontas que lhe tivessem acontecido e vistas pelos seus olhos, tudo parecia tão bom como nada e disse:

— Esta é a batalha mais corajosa que o homem já viu e eu quero ver o que vai acabar e farei aquele que vencer aparecer na porta do meu palácio, para que todos os que vencerem a honra possam vê-lo.

Os cavaleiros andando com grande ardor em sua batalha, como você ouviu, ferindo-se com golpes muito grandes sem um pouco de folga, Amadís, que tinha muita raiva contra Dardan, e que naquela casa daquele rei onde estava sua amante, ele esperava habitar, porque Ele a serviu por ordem sua, vendo que o senhor o deteve tanto, começou a atacá-lo com grandes e duros golpes, como aquele que se algo valia, ali mais do que em outro lugar, onde sua amante não era, ele queria mostrar isso, de uma forma que antes da chegada do terceiro todos soubessem que Dardán tinha o pior da batalha, mas não de tal forma que ele não se defendesse, que não houvesse tal um truque que ele se atreveu a lutar com ele. Mas tudo não valia nada, que o estranho cavaleiro não fez nada além de melhorar em força e ardor e feri-lo

com tanta força como no início, que todos diziam que nada o diminuía além de seu cavalo, que ele não era mais tão corajoso quanto precisava ser.

E outra coisa, aquele com quem eles lutavam, que muitas vezes tropeçava e os machucava que podiam desequilibrá-los com força e Dardán, que se preocupava mais em lutar a pé do que a cavalo, disse a Amadís:

— Cavalheiro, nossos cavalos estão morrendo, estão muito cansados e isso faz com que nossa batalha dure muito; Acredito que se andássemos a pé, quanto tempo levaria para eu ter conquistado você.

Eles disseram isso tão alto que o rei e todos que estavam com ele ouviram e o estranho cavaleiro ficou muito embaraçado e disse: "Bem, você acha que é melhor defender a pé do que

a cavalo, vamos descer e defender-se , porque você precisa muito dele e embora não me pareça que o cavaleiro deva deixar seu cavalo assim que puder.

Então eles desmontaram de seus cavalos sem demora e cada um pegou o que restava de seu escudo, e com grande ardor eles se soltaram e se feriram muito mais ferozmente do que antes, o que era uma maravilha de se ver. Mas o estranho senhor melhorou muito, pois era melhor alcançá-lo e atingi-lo com grandes golpes e muitas vezes ele não o deixava relaxar, mas viu que precisava e muitas vezes o fez voltar de um para o outro .capa e alguns ahihojar, tanto que todos disseram:

"Loucura", exigiu Dardán quando quis descer a pé com o cavaleiro, que não conseguia alcançá-lo em seu cavalo, que estava muito cansado.

Assim o cavaleiro trouxe Dardán a toda a sua vontade que ele já lutava mais para evitar golpes do que para ferir e atirava lá fora contra o palácio da rainha e das donzelas e todos diziam que Dardán morreria se persistisse mais na batalha . Quando passaram por baixo das janelas, todos disseram:

— Santa Maria, Dardán está morto!

Então, Amadís ouviu a donzela da Dinamarca falar e a conheceu na fala e provou suso e viu sua esposa Oriana que estava em uma janela e a donzela com ela e assim como ela a viu, então a espada girou em sua mão e sua batalha e todas as outras coisas morreram para ele ver. Dardán já havia vagado e viu que seu inimigo estava olhando para outro lugar e, pegando a espada com as duas mãos, deu-lhe um golpe tão forte acima do elmo que torceu sua cabeça. Amadís não deu outro golpe por esse golpe, nem fez nada além de endireitar o elmo, e Dardán começou a feri-lo por toda parte. Amadís o feriu algumas vezes, então seus pensamentos mudaram para olhar para sua esposa. Neste momento Dardán começou a melhorar e ele a piorar e a donzela da Dinamarca disse: — Aquele senhor viu alguém aqui! É verdade que o cavalheiro

não deve perecer seu trabalho em tal hora. Amadís que o ouviu ficou tão envergonhado que quis ser morto, temendo que sua esposa acreditasse que ele tinha covardia e soltou Dardán e o atingiu acima do capacete com um golpe tão forte que o fez tocar o chão com pelas mãos e o pegou pelo capacete e puxou com tanta força que o tirou da cabeça e lhe deu um ferimento tão grande que o fez cair atordoado e o atingiu no rosto com o pomo da espada, disse: - Dardán, você está morto se o dono não tirar Disse-lhe: — Sim, senhor, misericórdia! Eu não morro, eu desisto.

Então o rei e os cavaleiros vieram e o ouviram. Amadís, que se envergonhava do que lhe acontecera, foi a cavalo e deixou-se ir até onde a floresta podia correr. O amigo de Dardán chegou onde ele estava tão maltratado e lhe disse:

— Dardán, hoje não me chame de amigo, você ou qualquer outra pessoa no mundo, mas aquele bom cavaleiro que agora lutou esta batalha.

"Como", disse Dardán, "eu sou derrotado e desprezado por causa de você e você quer me abandonar por causa daquele que foi para seu mal e para minha desonra?" Pelo amor de Deus, você é uma mulher que diz essas coisas, e eu lhe darei a recompensa por sua traição.

E pondo a mão na espada, que ainda tinha o cinto, deu-lhe um golpe tão grande que ele jogou a cabeça para os pés. Depois disso, pensou um pouco e disse:

"Ah, cativo!" O que eu fiz? Matei a coisa no mundo que eu mais amava, mas vou vingar sua morte.

E pegando a espada pela ponta, enfiou-a sozinho, para que não a pudessem correr, embora trabalhassem nela, e como todos vieram vê-lo por espanto, nenhum deles foi atrás de Amadís, ao encontro dele; Mas todos os outros ficaram muito satisfeitos com aquela morte, porque embora este Dardan fosse o cavaleiro mais valente e corajoso de toda a Grã-Bretanha, sua arrogância e má condição significavam que ele não o usava exceto para insultar muitos, tomando as coisas desproporcionais, tendo mais força e grande ardor no coração do que o julgamento do altíssimo Senhor, que com muito pouco de seu poder torna o muito forte do muito fraco derrotado e desonrado.

Capítulo 14

Como o rei Lisuarte enterrou Dardan e seu amigo e os colocou em seus cartas do sepultura que diziam que estavam mortas.

Então esta batalha foi vencida em que Dardán e seu amigo tiveram mortes tão cruéis, o rei mandou trazer dois monumentos e os colocou em leões de pedra e lá eles colocaram Dardán e seu amigo no campo, onde a batalha foi com letras que como aconteceu eles apontaram E mais tarde, com o tempo, o nome daquele que o derrotou foi colocado ali, como se dirá mais adiante, e o rei perguntou o que fazer com o cavaleiro estranho, mas eles não sabiam como lhe dizer a não ser para vá o mais rápido possível em seu cavalo contra a floresta.

-Oh! —disse o rei—, que poderia ter em sua companhia tal homem que mais do que seu grande esforço, acho que é muito comedido, que todos vocês ouviram o abiltamiento que Dardán lhe disse, e embora em seu poder ele não quero matá-lo, bem, creio que ele entendeu no humor do outro que não teria sido misericordioso se o tivesse.

Nesse discurso ele foi ao seu palácio falando ele e todo o estranho cavalheiro. Oriana disse à donzela da Dinamarca:

— Amigo, desconfio naquele senhor que lutou aqui que é Amadís, que já Chegaria a hora de vir, já que eu mandei ele ordenar que ele viesse, ele não parava.

"É verdade", disse a donzela, "eu acho que sim, e eu deveria ser membro hoje quando vi o cavalheiro que trouxe um cavalo branco, que sem falta um certo eu o deixei quando saí de lá."

Então ele
disse: "Você sabia que armas ele tinha?"
"Não", disse ela, "que o escudo estava desbotado pelos golpes, mas me pareceu que havia um campo de ouro."

"Senhora", disse a donzela, "na batalha do rei Abies ele tinha um escudo que tinha um campo de ouro e dois leões azuis levantados um contra o outro, mas aquele escudo estava todo quebrado ali e ele mandou fazer outro depois e ele me disse que traria quando viesse aqui e acho que é.

"Amigo", disse Oriana, "se for este, ou ele vem ou manda para a cidade e você vai lá, mais longe do que de costume, para ver se encontra o recado dele."

"Senhora", disse ela, "vou fazer assim", e Oriana disse:
"Oh, Deus! Que misericórdia você me faria se ele fosse, porque agora vou ter um lugar para falar com ele."

Desta forma os dois fizeram seu discurso e ela levou Amadís para contar o que havia acontecido com ela. Quando Amadís saiu da batalha, atravessou a floresta tão secretamente que ninguém sabia nada sobre ele e chegou tarde às baías, onde encontrou Gandalín e as donzelas que tinham ensopado para comer, e descendo do cavalo o desarmaram e as donzelas lhe contaram como Dardán matou seu amigo e depois a si mesmo, razão pela qual se benzeu muitas vezes por um caso tão ruim e depois se sentaram para comer com grande prazer. Mas Amadís nunca começou de sua memória como ele deixaria sua amante saber de sua vinda e o que ele ordenou que ela fizesse. Levantando as toalhas da mesa, levantou-se e, empurrando Gandalin para o lado, disse:

"Amigo, vá para a vila e trabalhe como achar melhor para a empregada da Dinamarca, e seja muito secretamente, e diga-lhe como estou aqui; manda-me dizer o que vou fazer.

Gandalin concordou em ir a pé mais disfarçadamente e assim foi, e chegando à cidade foi ao palácio do rei e não demorou muito quando a donzela da Dinamarca viu que ela não fazia nada além de ir e vir. Ele foi até ela e a cumprimentou, e ela o cumprimentou, e olhou mais para ele e viu que era Gandalin e disse a ele: "Ay, meu amigo! De nada." E onde está o seu senhor?

"Foi a tal hora hoje que você o viu", disse Gandalin, "que foi ele quem ganhou o batalhe e deixe-o escondido naquela floresta e me mande ver você dizer a ele o que ele vai fazer.

"Ele é bem-vindo a esta terra", disse ela, para procurar Amadís, que está nesta terra, para caminhar com ele, e então você ficará em sua companhia sem que ninguém suspeite de nada.

Assim, eles entraram no palácio da rainha, e a donzela disse contra Oriana:
"Senhora, você vê aqui um escudeiro que lhe traz uma ordem da rainha dos escoceses".
Oriana ficou, portanto, muito feliz e muito mais quando viu que era Gandalin e, ajoelhando-se diante dela, disse-lhe: "Senhora, a rainha manda muito te cumprimentar, como aquela que te ama e aprecia a quem agradararia a sua honra e rio." Eu morreria por ela do aumento.

"Boa sorte para a rainha", disse Oriana, "e estou muito grata por suas encomiendas,
Venha a esta janela e diga-me para fazer mais.

Então ele se separou dele e o fez sentar e lhe disse: "Amigo,
onde você está deixando seu mestre?"
"Ela o deixou naquela floresta", disse ele, "de onde ele saiu ontem à noite quando venceu a batalha."
"Amigo", disse ela, "o que será dele? Que você tenha boa sorte."
"Senhora", disse ele, "é o que você quer dele, como aquele que é todo seu e morre por você e sua alma sofre mais do que nunca, cavalheiro." mal ou bem que lhe acontece e por Deus, senhora, tenha misericórdia dele, que o mal que ele sofreu até agora no mundo não há outro que possa sofrer, tanto que muitas vezes ele espera cair diante de si mesmo morto já tendo partido seu coração em lágrimas e se ele tivesse a chance de viver ele se tornaria o melhor cavaleiro que nunca trouxe armas e, aliás, de acordo com as grandes coisas que para ele, depois de cavaleiro, aconteceram à sua honra, então ele é agora, mas morreu sorte quando o conheceu, que morrerá antes do tempo, e que seria melhor para ele morrer no mar onde foi lançado sem que seus pais o soubessem, pois o vêm morrer sem poder ajudá-lo — e ele o fez. nada além de chorar e disse—: Senhora, esta morte de meu senhor será crua, e muitos sofrerão com ele se o fizer sem qualquer alívio. ou sofrer mais do que no passado.

Oriana disse chorando e apertando as mãos e os dedos um contra o outro: — Ah,
amigo Gandalín! Pelo amor de Deus, cale a boca, não me diga mais, Deus sabe o quanto isso me pesa, se você acredita no que digamos, eu prefiro matar meu coração e todo o meu bem, e eu amaria sua morte tanto quanto alguém que um dia não viveria se morresse, e você me culpa porque conhece o problema dele e não o meu, que se você sabia mais que você me machucaria e não me culparia, mas as pessoas não conseguem concordar com o que querem, antes disso passa a ser mais desviante, deixando em seu lugar o que as ofende e as irrita e assim me vem do seu Senhor, Deus sabe se eu pudesse com que vontade remediaria seus grandes desejos e os meus.

Gandalin disse a
ela: "Faça o que você deve, se você o ama, pois ele te amou acima de todas as coisas que são amadas hoje, e senhora, agora diga a ele como fazê-lo."

Oriana mostrou-lhe um jardim que pertencia ao yuso daquela fenestra onde conversavam e disse-lhe:

— Amigo, vá ao seu mestre e diga-lhe para vir esta noite bem escondido e entrar no jardim e aqui embaixo está o quarto onde eu e Mabilia dormimos, que tem uma pequena janela perto do chão com uma rede de ferro e vamos conversar lá, Mabilia já conhece meu coração, e tirando do dedo um anel muito bonito, pediu a Gandalín que o levasse para

Amadís, porque ela o amava mais do que qualquer outro anel que ele tinha e disse:

— Antes de ir você vai ver Mabilia, que vai ser muito boa em encobrir você, que é muito esperta, e vocês dois vão dizer que trazem notícias dela sobre a mãe dela, para que eles não desconfiem de nada.

O que.

Oriana mandou chamar Mabilia para ver aquele escudeiro de sua mãe e quando viu Gandalin entendeu o motivo, e Oriana foi até a rainha, sua mãe, que perguntou se aquele escudeiro logo voltaria para a Escócia, pois com ele eu mandaria rosquinhas para a rainha.

"Senhora", disse ela, "o escudeiro veio procurar Amadís, filho do rei de Gaula, o bom cavaleiro de que falam muito aqui.

"E onde está isso?", disse a rainha.

"O escudeiro diz", disse ela, "que faz mais de dez meses que ele encontrou notícias que aqui e se surpreenda como você não pode encontrá-lo.

"Que Deus me ajude", disse a rainha, "me daria um grande prazer ver tal cavaleiro na companhia do rei, meu senhor, o que seria um grande alívio para ele nos muitos eventos que lhe chegam de tantos lugares, e eu lhe digo que se ele vier aqui, não será dele para nada que ele exija e o rei possa cumprir.

"Senhora", disse Oriana, "não sei mais sobre sua cavalaria do que o que dizem, mas lhe digo que era a donzela mais bela que se conhecia na época em que serviu antes de mim e antes de Mabilia e outros em a casa do rei da Escócia."

Mabilia, que ficou com Gandalín, lhe disse: "Amigo, ele já é seu senhor nesta terra?"

"Senhora", disse ele, "sim, e ele ordenou que você saudasse muito como o primo do mundo que ama mais, e ele foi o cavaleiro que venceu a batalha aqui.

"Oh Senhor Deus!" ela disse: "Abençoado seja você, porque você fez um cavaleiro tão bom." nossa linhagem e você o fez conhecido para nós.

Então ele disse a Gandalín:

"Amigo, o que aconteceu com ele?"

"Senhora", disse ele, "seria bom se a força do amor não fosse que você o tivesse morto, e pelo amor de Deus, senhora, prenda-o e ajude-o, pois verdadeiramente, se não há descanso em seus amores, perdido é o melhor cavaleiro que existe na vida." sua linhagem, nem no mundo inteiro.

"Ele não morrerá por mim", disse ela, "até onde eu puder; agora ele te vê e me cumprimenta muito e diz para ele vir como minha senhora manda e você pode falar conosco como escudeiro de minha mãe, sempre que for necessário.

Gandalín partiu de Mabilia com aquela coleção que trouxe ao seu senhor e o esperou esperando a vida ou a morte, dependendo das notícias que trouxessem, que sem falta naquela época tinha tanto cuidado de sofrer, que o grande descanso que ao ver tão perto de onde estava sua amante, ele a recebera, ficara com tanto desejo de vê-la e com o desejo de tanta preocupação e angústia, que chegou à beira da morte, e ao ver Gandalín chegando, ele foi contra ele e disse: — Amigo Gandalín, que notícias você traz?

"Senhor, bom dia", disse ele.

"Você viu a empregada da Dinamarca?"

-Sim eu vi.

"E você ouviu dela o que fazer?"

"Senhor", disse ele, "as notícias são melhores do que você pensa." Ele estremeceu todo de prazer e disse: "Pelo amor de Deus, diga-me aína."

Gandalín lhe contou tudo o que havia acontecido com sua esposa e as conversas que ambos tiveram e o que sua prima Mabilia lhe disse e a conversa que ela concordou em deixar, então não havia mais nada que ele não lhe contasse. Você não pode mais considerar o grande prazer que veio disso, e ele disse a Gandalin:

— Meu verdadeiro amigo, você foi mais sábio e ousado em minhas ações do que eu, e isso não é surpreendente, pois tanto seu pai tem muito bem, e agora percebi, se você conhece bem o lugar para onde ele mandou que eu estava

"Sim, senhor", disse ele, "Oriana me mostrou."

Ai Deus! disse Amadís, "como posso servir a esta senhora o grande favor que ela me concede?" Agora não sei por que reclamo do meu problema.

Gandalin deu-lhe o anel e disse: "Leve

este anel que sua senhora lhe enviou, porque era o que ela mais amava". Ele a pegou, com lágrimas nos olhos, e, beijando-a, colocou-a no lado direito da cabeça.

coração e era um pedaço que não podia falar, caso contrário, ele colocou no dedo e disse:

— Ah, anel, como você andou nessa mão que no mundo não se achou outra que valesse tanto a pena encontrar!

"Senhor", disse Gandalin, "vai ter com as donzelas e alegrai-vos, porque este cuidado vos dará destrói e pode causar muito dano aos seus amores.

Assim o fez e nesse jantar falou mais e com mais prazer do que de costume, que estavam muito contentes por este ser o cavalheiro mais gracioso e agradável do mundo, quando o pensamento e a tristeza não o impediam. E quando chegou a hora de dormir, eles se deitaram em suas baías como de costume, mas quando chegou a hora, Amadís se levantou e descobriu que Gandalín tinha seus cavalos selados e suas armas prontas, e se armou que não sabia como isso poderia acontecer para ele e cavalgaram contra a cidade e chegando a um monte de árvores, que estavam perto do pomar, que Gandalín tinha visto neste dia, eles desmontaram e deixaram seus cavalos lá e foram a pé e entraram no pomar por um portão que as águas tinha feito, e chegando à janela chamou Gandalín muito passo. Oriana, que não se deu ao trabalho de dormir, que ouviu, levantou-se e ligou para Mabilia e disse:

"Eu acho que este é o seu primo aqui."

"Ele é meu primo", disse ela, "mas você não tem mais parte nele do que toda a sua linhagem."

Então os dois foram até a janela e colocaram algumas velas dentro que davam uma grande luz e a abriram. Amadís viu sua esposa à luz das velas, parecendo-lhe tão boa que não há quem acredite que tamanha beleza caberia em nenhuma mulher do mundo. E ela estava vestida com panos de seda indianos feitos de muitas flores douradas e grossas, e eles estavam em cabelos, que eram maravilhosamente lindos e ela não os cobria exceto com uma guirlanda muito rica e quando Amadís a viu assim, tudo tremeu. grande prazer que havia em vê-la e o coração pulou tanto, que não conseguia relaxar. Quando Oriana assim lo viu, chegou à janela e disse: —Mi señor, vos seáis muy bien venido a esta tierra, que mucho os hemos deseado y habido gran placer de vuestras buenas nuevas venturas, así en las armas como en el conocimiento de vuestro pai e mãe.

Ao ouvir isso, Amadís, ainda que espantado por se esforçar mais do que por qualquer outra afronta, disse: "Senhora, se a minha discrição não basta para satisfazer a misericórdia que me dizes e a que me fizeste no enviado do donzela da Dinamarca, não se maravilhe." disso, porque o coração muito perturbado e de amor mais que suficiente aprisionado, não deixa a língua em seu poder livre. E porque assim como com tua saborosa lembrança subjugo todas as coisas que penso, assim com tua vista sou subjugado sem que me reste nenhum sentido em minha mente para que fique em meu livre poder.

E se eu, minha senhora, fosse tão digno ou meus serviços merecessem, eu te pediria misericórdia por este coração conturbado antes que tudo com lágrimas esteja certo, e a misericórdia que eu te peço, senhora, não é para mim descanso, que as coisas verdadeiramente amadas, quanto mais se alcança, mais o desejo e o cuidado aumentam e crescem, mas porque, morrendo completamente, morreria aquele que não pensa em nada além de servir a você.

"Meu senhor", disse Oriana, "tudo o que você me diz eu acredito sem dúvida, porque meu coração me mostra ser verdadeiro no que sente, mas eu lhe digo que não tenho um bom cérebro sobre o que você faz, em cuidar como Gandalín me disse." , porque só pode resultar em ser a causa de descobrir nossos amores, que tanto mal poderia acontecer conosco, ou de morrer a vida de um, a do outro não poderia ser sustentada . E por isso te ordeno, por esse senhorio que tenho sobre ti, que pondo a temperança em tua vida, a ponhas na minha, que nunca pensa senão em encontrar um meio para que teus desejos tenham descanso.

"Senhora", disse ele, "em tudo farei sua incumbência, exceto no que minha força não for suficiente."

"E o que é isso?", disse ela.

"O pensamento", disse ele, "de que meu julgamento não pode resistir aos desejos mortais de alguém que é cruelmente atormentado."

"Nem estou dizendo", disse ela, "que você a remova completamente, exceto que seja com essa medida que você não se deixe aparecer assim diante dos homens de bem, porque a vida é devastadora, você já sabe o que seja ganho, como eu disse, e meu senhor eu lhe digo que fique com meu pai se ele pedir, para que você faça o que acontecer com você por minhas ordens, e de agora em diante fale comigo sem constrangimento, dizendo-me o que mais lhe agrada, e farei o que puder.

"Senhora", disse ele, "eu sou seu e vim por sua ordem, só farei o que você mandar."

Mabilia se aproximou e

disse: "Senhora, deixe-me ficar com uma parte desse cavalheiro."

"Venha", disse Oriana, "quero vê-lo enquanto você fala com ele."

Disse-lhe então:

— Senhor primo, seja muito bem-vindo, que grande prazer o senhor nos deu.

"Senhora prima", disse ele, "e encontrei-te muito bem, que onde quer que te visse fui obrigado a amá-la e amá-la e muito mais neste, onde aceitando o duelo terás piedade de mim."

Ela disse:

— A seu serviço porei minha vida e meus serviços, mas sei muito bem, pelo que sei desta senhora, quão escusados podem ser.

Gandalin, que viu a manhã chegar, disse: —

Senhor, por mais que não se prenda a isso, o dia, que está chegando, nos constrange daqui em diante.

Oriana disse:

"Senhor, agora vá e faça como eu lhe disse.

Amadís, pegando as mãos que Oriana tinha do lado de fora através da rede da janela, enxugando com elas as lágrimas que escorriam pelo seu rosto, beijando-os muitas vezes, separou-se deles, e montados em seus cavalos chegaram antes do amanhecer romper os tendjones, onde ele foi desarmando para sua cama deitado sem qualquer sentido.

As donzelas se levantaram e uma ficou para fazer companhia a Amadís e a outra foi para a vila; e saiba que ambos eram lindos e primos em primeiro grau do dono por quem Amadís fez a batalha. Amadís dormiu até o nascer do sol e, levantando-se, chamou Gandalín e ordenou que ele fosse para a vila, como sua senhora e Mabilia haviam ordenado. Gandalín foi embora, e Amadís ficou conversando com a donzela, e não demorou muito para que a outra chegassem à aldeia, chorando alto e enquanto seu palafrém andava. Amadis disse:

"O que é isso, meu bom amigo; quem te fez pesar? Então me ajude Deus, será muito bem corrigido, se eu não perder meu corpo primeiro.

"Senhor", disse ela, "em ti está todo o remédio."

"Agora diga", disse ele, "e se eu lhe der o direito novamente, não faça companhia ao estranho cavalheiro."

Quando a donzela ouviu isso, ela lhe disse: "Senhor, nossa prima, a senhora, por quem você lutou a batalha, está na prisão, e o rei ordena que ela envie o cavaleiro que lutou por ela para lá; se não, ela não sairá da cidade de forma alguma e você sabe muito bem que ela não pode fazer isso porque ela nunca teve conhecimento de você. E o rei ordena que você procure por toda parte com grande fúria contra ela, acreditando que por sua sabedoria você está escondido.

"Preferia", disse ele, "que fosse de outra forma, porque não tenho tanta honra de me dar a conhecer a um homem tão alto, e digo-lhe que, mesmo que todos em sua casa me encontrassem, eu não dê um passo só para chegar lá." ; se por força não, mas eu não posso ficar sem fazer o que você quer, que eu te amo muito e preço.

Eles se ajoelharam na frente dele, agradecendo muito.

"Agora vá embora", disse ele, "ela é uma de vocês para o dono e diga a ela para se aproveitar do rei que não exigirá nada contra a vontade do cavalheiro e estarei lá amanhã às três."

A donzela então bebeu e disse à dona, com quem ficou muito feliz e foi até o rei, dizendo: "Senhor, se você conceder que não vai pedir ao cavaleiro contra a sua vontade, estará aqui amanhã às três, e se não eu não vou falar com ele, nem você vai conhecê-lo, então me ajude Deus, eu não sei quem ele é, nem por que ele quis brigar comigo.

O rei concedeu-lhe, quão ansiosamente ele tinha para conhecê-lo. Com isso o proprietário foi embora e a notícia correu pelo palácio e pela cidade, dizendo:

"Amanhã, o bom cavaleiro que venceu a batalha estará aqui!"

E todos se deleitavam com eles, porque não gostavam de Dardán por sua arrogância e mau estado, e a donzela virou-se para Amadís e contou-lhe como o casamento foi concedido pelo rei, como o proprietário pediu.

Capítulo 15

Como Amadís se deu a conhecer ao rei Lisuarte e aos grandes da sua corte e foi muito bem recebido por todos.

Amadís se divertiu naquele dia com as donzelas e outro dia pela manhã e se armou e montando seu cavalo, levando apenas as donzelas, foi para a cidade, e o rei estava em seu palácio, e Amadís foi para a pousada de o dono, e ao vê-lo, ajoelhou-se e disse: — Senhor, tanto quanto eu tenho, o senhor me deu. Ele lhe disse: "Senhora, vamos à presença do rei e, tirando você, poderei voltar para onde tenho que ir".

Então ele tirou o capacete e pegou a senhora e as donzelas e foi para o palácio, e por dois
Eles estavam dizendo:

"Este é o cavaleiro que derrotou Dardan."

O rei que o ouviu foi ter com ele e, quando o viu, foi contra ele e disse-lhe: -Amigo,
seja bem-vindo, muito desejado.

Amadís ajoelhou-se e disse: "Senhor,
Deus te dê alegria".

O rei o pegou pela mão e disse: "Então
me ajude Deus, você é um bom cavaleiro."

E Amadís o colocou à sua mercê e disse: "Ela é
a verdadeira dona?"

"Sim", disse ele.

"Senhor", disse Amadís, "acredito que o dono nunca soube quem fez a batalha, mas só agora."

Todos ficaram maravilhados com a grande beleza de Amadís e como, sendo tão jovem, conseguiu derrotar Dardán, que era tão forte, que o temiam em toda a Grã-Bretanha.

Amadís disse ao rei:

"Senhor, já que a tua vontade foi satisfeita e a duena foi removida, seja Deus."
confiado e você é o rei a quem eu serviria antes.

-Ei, amigo! disse o rei, "esta viagem você não vai fazer tão rapidamente, se você não quer me fazer sentir muito."

Ele disse:

— Deus me livre disso, antes que eu tenha em meu coração servir-te, se eu fosse tal que o merecesse.

"Bem, assim é", disse o rei, "eu imploro muito que você fique aqui hoje." Ele concedeu sem mostrar que gostou. O rei pegou-o pela mão e levou-o para uma câmara onde o fez desarmar e onde desarmaram todos os outros cavaleiros que ali vinham em grande número, porque este era o rei que mais os honrava e tinha mais deles em sua casa , e mandou-lhe dar uma capa para cobrir e chamando o rei Arban de Norgales e o conde de Gloucester, disse-lhes: — Senhores, façam companhia a este senhor, que parece ser a companhia de bons homens.

E ele foi até a rainha e disse a ela que tinha em sua casa o bom cavaleiro que venceria a batalha.

"Senhor", disse a rainha, "isso me agrada muito, e você sabe qual é o nome dele?"

"Não", disse o rei, "por causa da promessa que fiz, não ousei perguntar."

"Talvez", ela disse, "ele é filho do rei Perion de Gaula?"

"Eu não sei", disse o rei.

"Aquele escudeiro", disse a rainha, "com quem Mabilia está falando está procurando por ele e diz que encontrou notícias, ele estava vindo para esta terra."

O rei mandou chamá-lo e disse:

"Venha atrás de mim e saberei se você conhece um cavaleiro que está em meu palácio".

Gandalin foi com o rei e como ele sabia o que tinha que fazer, tanto que viu

Amadís ajoelhou-se diante dele e disse: "Oh,

Sr. Amadís! Faz muito tempo que venho perguntando."

"Amigo Gandalin", disse ele, "de nada, e que notícias do rei da Escócia?"

"Senhor", disse ele, "muito bom e de todos os seus amigos."

O rei abraçou e disse:

"Agora, meu senhor, não há necessidade de esconder de você, que você é aquele Amadís, filho do rei Perion de Gaula, seu conhecimento e o dele era quando você matou em batalha aquele precioso rei Abies de Irlanda para onde você a devolveu ao seu reino, que ela quase perdeu."

Então todos eles vieram a ver mais do que antes, que eles já sabiam que ele tinha feito tais coisas em armas que ninguém mais poderia fazer. Então eles passaram aquele dia fazendo-lhe muita honra e na noite que veio, o rei Arbán de Normales o levou consigo para sua pousada, a conselho do rei e disse-lhe para trabalhar duro e fazê-lo ficar em casa.

Naquela noite Amadís hospedou-se com o rei Arbán de Norgales, muito servido ao seu prazer. O rei Lisuarte falou com a rainha dizendo-lhe como não podia deter Amadís e que tinha muito a desejar que um homem tão distinto do mundo ficasse em sua casa, que com tais fossem os príncipes mais honrados e temidos e que ele não saber que caminho para ele tinha.

"Senhor", disse a rainha, "descontado seria um homem tão grande como você, que Um tal cavaleiro vindo à sua casa a deixou sem lhe conceder o que ele exigia.

"Ele não me pede nada", disse o rei, "eu lhe daria tudo."

"Bem, eu vou te dizer o que vai ser, pergunte a ele ou a alguém de sua parte, e se ele disser, diga a ele para vir me ver antes que ele vá e eu vou implorar a ele com minha filha Oriana, com sua prima Mabilia , que o conhecem muito desde então." que ele era uma empregada e os serviu e dizer a ele, todos os outros senhores são seus e queremos que ele seja nosso, para o que precisamos.

"Você diz muito bem", disse ele, "e por esse caminho, sem dúvida, ele permanecerá, e se não o fizesse com razão, poderíamos dizer que seria mais curto na criação do que longo no esforço, e o rei Arbán de Norgales falou naquela noite com Amadís, mas ele não conseguiu alcançar nenhuma esperança de que permanecesse, e outro dia ambos foram ouvir missa com o rei e assim que foi dito, Amadís veio se despedir do rei e o rei lhe disse:

"É verdade, meu amigo, sua partida me pesa e por causa da promessa que fiz a você, não ouso pedir-lhe nada que não sei se o incomodaria, mas a rainha quer que você a veja Antes que você vá embora."

"Farei isso de boa vontade", disse ele. Então ele o pegou pela mão e foi até onde a rainha estava e disse a ela: "Veja aqui o filho do rei Perion de Gaula".

"Então, Deus me salve", disse ela, "e eu tenho muito prazer e ele é muito bem-vindo."

Amadís queria beijar suas mãos, mas ela o fez sentar ereto e o rei voltou para sua senhores que muitos no skate deixaram.

A rainha conversou com Amadís sobre muitas coisas e ela respondeu muito astutamente, e as donas e donzelas ficaram muito maravilhadas ao ver sua grande beleza e ele não conseguia levantar os olhos a menos que visse sua senhora Oriana, e Mabilia veio abraçá-lo como se ela não, eu teria visto. A rainha disse à filha: "Receba este senhor que te serviu tão bem quando era uma donzela e vai te servir agora."

como um cavalheiro, se você não tem falta de contenção, e me ajude a rezar tudo o que eu vou pedir de você.

Então ele lhe disse:

"Cavaleiro, meu senhor o rei gostaria muito que você ficasse com ele e ele não conseguiu alcançá-lo, agora eu quero ver quanto mais as mulheres têm nos cavaleiros do que os homens e eu imploro você para ser meu cavaleiro e meu amigo." filha e de tudo isso que você vê aqui, nisso você fará moderação e removerá você não terá que afrontar o rei exigindo para nossas coisas qualquer cavalheiro, que tendo você todo seu seremos capazes de desculpar, e todos eles vieram implorar a ele e Oriana Ele fez um sinal com o rosto para conceder, a rainha disse-lhe:

"Bem, senhor, o que você vai fazer sobre o nosso pedido?"

"Senhora", disse ele, "quem faria a ele senão sua missão, que você é a melhor rainha do mundo, dentre todas essas damas, eu, senhora, fico a seu pedido e de sua filha e depois de todas as outras, mas Digo-te que não pertencerei a outro que não seja teu, e se servir ao rei em alguma coisa, será como teu e não como dele.

"Assim recebemos você, eu e todos os outros", disse a rainha. Então mandou dizer ao rei, que ficou muito feliz e mandou o rei Arbán de Norgales trazê-lo e ele assim o fez e vindo diante dele, abraçando-o com muito amor, disse: -Amigo, agora estou muito feliz por ter terminado isso que eu queria tanto e, é verdade, eu

Eu quero que você receba mercedes de mim.

Amadís o tinha à mercê indicada.

Desta forma que ouve, Amadís ficou na casa do rei Lisuarte por ordem da sua amante.

Aqui o autor deixa de contar sobre isso e leva a história para falar de Don Galaor. Don Galaor saiu da companhia do duque de Bristoya, onde o anão o irritou tanto, foi por aquela floresta que eles chamavam de Amida e ele caminhou até perto da hora das vésperas sem saber para onde ia ou encontrar qualquer cidade e aquela hora ele alcançou um gentil escudeiro que estava em cima de um cavaleiro muito galante, e o cavaleiro Galaor, que tinha um ferimento muito grande e terrível, que um dos três cavaleiros, que o anão trouxe para o barco, fez com ele , e cumprindo sua vontade com a donzela Ele havia piorado muito, ele disse:

"Bom escudeiro, você poderia me dizer onde eu poderia ser curado de uma ferida?"

"Conheço um lugar", disse o escudeiro, "mas como você não se atreve a ir lá, e se eles vão, são desprezados."

"Vamos deixar isso", disse ele, "será que haveria alguém lá para me curar?"

"Antes que eu acredeite", disse ele, "que você encontrará outra pessoa para fazer algo com você."

"Mostre-me onde está", disse Galaor, "e verei do que você quer me assustar."

"Eu não vou fazer isso se você não quiser", disse ele.

"Ou você vai mostrar", disse Galaor, "ou eu vou fazer você mostrar, você é um vilão." que seja feito em você, você merece com razão.

"Você não pode fazer nada", disse ele, "pelo qual eu dou prazer a um cavaleiro tão mau e tão sem virtude."

Galaor pegou sua espada para assustá-lo e disse:

"Ou você vai me levar ou vai deixar a cabeça aqui."

"Eu vou guiá-lo", disse o escudeiro, "onde sua loucura é punida e eu sou vingado pelo que você faz comigo."

Depois desceram a estrada cerca de uma légua, chegaram a uma bela fortaleza que estava em um vale, coberto de árvores.

"Você vê aqui", disse o escudeiro, "o lugar de que lhe falei, deixe-me ir."

"Vá embora", disse ele, "não recebo muito da sua empresa."

"Você vai pagar menos", disse ele, "em breve."

Galaor foi contra a fortaleza e viu que estava reconstruída e chegando à porta viu um cavaleiro bem armado em seu cavalo e com ele cinco peões também armados, e eles disseram contra Galaor: "É você quem trouxe nosso escudeiro preso?"

"Eu não sei", disse ele, "quem é seu escudeiro, mas eu trouxe um aqui, o pior, e de pior disposição do que nunca no homem que vi."

"Pode ser isso", disse o cavaleiro, "mas o que você exige aqui?"

"Senhor", disse Galaor, "estou muito dolorido de um ferimento e gostaria de ser curado dele."

"Então entre", disse o cavaleiro. Galaor foi na frente e os peões o atacaram de um lado e o cavalo do outro e ele era um vilão, e Galaor, tirando um machado de suas mãos, virou o cavalo e deu-lhe um golpe tão grande que não houve precisamente mestre, e deu pelos peões de tal maneira que matou os três e os dois fugiram para o castelo. Galaor atrás deles, e seu escudeiro lhe disse: -Tome, senhor, suas armas, que eu ouço um grande retorno no castelo. Ele o fez e o escudeiro pegou um escudo dos mortos e um machado e disse: "Senhor, eu o ajudei contra os vilões, mas não vou colocar as mãos em um cavaleiro,"

Eu perderia para sempre se não fosse um cavaleiro.

Galaor lhe disse:

"Se eu encontrar o bom cavaleiro que estou procurando, logo farei de você um cavaleiro", e então eles foram em frente e viram dois cavalos e dez peões chegando, e voltaram para os dois que estavam fugindo, e o escudeiro que havia guiado Galaor lá estava em uma janela, gritando dizendo: "Mate-o, mate-o, mas fique com o cavalo e será para mim."

Quando Galaor ouviu isso, muito zangado, ele se deixou correr contra eles e eles contra ele, e eles quebraram suas lanças, mas o que Galaor encontrou não precisou pegar em armas, e ele virou a espada em sua mão contra o outro. com grande ardor. , e com o primeiro golpe que lhe deu o derrubou do cavalo e virou-se muito rapidamente contra os peões e viu como o escudeiro havia matado dois deles e disse-lhe: — Abaixo todos vocês, traidores.

E assim fizeram, para que ninguém escapasse. Quando o escudeiro viu isso, foi até a janela estava olhando, estava subindo uma escada com grande pressa contra uma torre, gritando: "Senhor, arme-se, senão você está morto."

Galaor foi até a torre e antes de chegar lá viu um cavaleiro vindo todo armado e ao pé da torre tinham um cavalo para ele e ele quis montar. Galaor, que havia descido dele porque não podia entrar por baixo de um portal, aproximou-se dele e, segurando a rédea, disse: — Cavalheiro, não cavalgue, não sou seu segurado.

O cavaleiro virou o rosto para ele e disse: "Você é quem matou meus confrades e as pessoas deste meu castelo".

"Não sei de quem você está falando", disse Galaor, "mas estou lhe dizendo que aqui encontrei as piores e mais falsas pessoas que já vi."

"De boa fé", disse o cavaleiro, "o que você matou é melhor do que você, e você vai comprá-lo caro."

Então eles se soltaram a pé como estavam e tiveram sua batalha muito dura, o castelo era um cavaleiro muito bom, e não havia homem que o visse que não se espantasse, e assim saíram ferindo um grande pedaço. Mas o cavaleiro, não podendo mais resistir aos grandes e duros golpes de Galaor, começou a fugir, e ele, atrás dele, e assim atravessou um portal pensando saltar de uma janela para um andaime e com o peso das armas ele não conseguiu. Ele conseguiu pular para onde queria e teve que cair em algumas pedras, e ele estava tão alto que caiu em pedaços, e Galaor, que o viu cair, pegou, amaldiçoando o castelo e os habitantes. Enquanto estava lá, ouviu vozes em uma câmara dizendo: "Senhor, por favor, não me deixe aqui".

Galaor veio até a porta e disse:

"Bem, abra."

E eles

disseram: — Senhor, eu não posso, estou acorrentado.

Galaor deu o pé à porta e, derrubando-a, entrou e encontrou uma bela dona que tinha uma corrente grossa em volta do pescoço e ela lhe disse:

"Senhor, e o senhor do castelo e as outras pessoas?" Ele disse: "Eles estão todos mortos, e que ele deveria ir lá buscar alguém para curá-lo de uma ferida."

"Eu vou curá-lo", disse ela, "e me tirar deste cativeiro."

Galaor quebrou o cadeado e tirou o dono da câmera. Mas diante dela tirou de um baú duas bujetas que o senhor do castelo tinha ali, com outras coisas para aquela necessidade, e foram até a porta do castelo e lá Galaor encontrou a primeira com que lutou, que ainda estava fervendo e ele trouxe seu cavalo para cima de um pedaço e saiu do castelo. Galaor provou a dona e viu que ela era maravilhosamente bela e disse a ela: "Senhora, eu a libertei da prisão e sou eu que caio nela se você não me perseguir".

"Eu vou concordar", disse ela, "em tudo que você enviar, que se eu fizesse o contrário Seria mau conhecimento, segundo a grande tribulação de que me tiraste."

Com essas razões amorosas e benévolas e com as artimanhas de Don Galaor e com as do proprietário, que por acaso estavam de acordo com elas, puseram em ação o que não sem grande embaraço deveria ser posto por escrito; Finalmente, naquela noite abrigaram-se na floresta com alguns caçadores em seus tendões e lá a dona da ferida e o bom desejo que ela lhe mostrara curou-o e contou-lhe como sendo filha de Teolís, o Flamengo, a quem o rei Lisuarte havia em seguida, dado Clara County e um proprietário que tinha sido um amigo.

"E enquanto eu estava lá", disse ela, "com minha mãe em um mosteiro, que fica perto daqui, aquele cavalheiro orgulhoso que você matou me processou em casamento, e porque minha mãe o desprezava, ele esperou um dia quando eu estava entretenendo com outras donzelas e me levou e me levou embora." naquele castelo e me colocando naquela prisão muito grossa, ele me disse:

"Você me rejeitou como marido, minha fama e honra foram muito prejudicadas por você, e eu lhe digo que você não vai sair daqui até que você e sua mãe e seus parentes me implorem para tomá-lo como esposa." E eu, mais mais do que qualquer outra coisa no mundo, eu não gostava dele, eu tomava isso como o melhor remédio, confiando na misericórdia de Deus para estar ali naquela tristeza por algum tempo que ele a teria para sempre casada com ele.

"Bem, senhora", disse Galaor, "o que devo fazer com você, já que viajei muito e em O que seria raiva para você esperar por mim?

"Leve-me", disse ela, "ao mosteiro onde minha mãe está."

"Bem, guiado", disse Galaor, "e eu o seguirei."

Então eles entraram na estrada e chegaram ao mosteiro antes do pôr do sol, onde a donzela e Galaor foram recebidos com muito prazer e muito melhor desde que a donzela lhes contou sobre as coisas estranhas que ela havia feito em armas. Lá Galaor descansou a pedido daquelas senhoras. Aqui o autor para de contar e volta a falar de Agrajes, do que aconteceu com ele depois que entrou na guerra de Gaula.

Capítulo 16

O que está envolvido no que aconteceu com Agrajes depois que ele veio da guerra de Gaula e algumas coisas que ele fez.

Agrajes, retornado da guerra na Gália ao mesmo tempo que Amadís, o rei Abies da Irlanda morto em batalha, e tendo encontrado seu pai e sua mãe, como lhe foi dito, tendo preparado para passar pela Noruega, onde sua esposa Olinda estava, fui um dia correr montanha acima e estando na beira do mar em cima de um rochedo, de repente veio uma chuva de granizo com um vento grande e orgulhoso que o mar de forma desigual o fez agitado, pelo qual um navio virou muitas vezes com a força dos navios em perigo de serem inundados viu. Com grande misericórdia ele moveu, a noite chegando grandes incêndios ele fez acender porque o sinal deles era a causa da salvação do povo do navio, atendendo ali o fim que desse grande perigo resultaria. Finalmente, a força dos ventos, a sabedoria dos marinheiros e, sobretudo, a misericórdia do verdadeiro Senhor daquele chicote que muitas vezes foi considerado perdido, ao porto, sendo salvo, o fizeram chegar. De onde algumas donzelas foram levadas em grande embaraço pelo perigo presente para Agrajes, que gritava aos seus caçadores acima das rochas para ajudá-los com grande diligência, elas foram libertadas, que as enviou para algumas fazendas próximas, onde ele tinha seu abrigo. Pois bem, quando o povo deixou o navio e se alojou naquelas casas depois de ter jantado em volta das grandes fogueiras que Agrajes lhes mandou fazer, dormiu muito ferozmente. Nesse meio tempo, as donzelas foram alojadas por sua ordem em seu próprio quarto, porque mais honra e serviço as donzelas recebiam, mesmo para ele elas não eram vistas. Mas o povo já calmo como um jovem cavalheiro, desejoso de ver as mulheres mais para servi-las e honrá-las do que para ser seu súdito do coração em outra parte que estava antes, ele queria ver o que elas estavam fazendo pelas portas da câmara e ver estando eles ao redor de uma fogueira falando com grande prazer, no remédio do perigo passado, encontrou entre eles aquela bela infanta Olinda, sua amante, filha do rei da Noruega, para quem ele assim no reino de seu pai como no seu e no seu muitos outros lugares Ele havia feito coisas em armas, o que seu coração, sendo livre, havia cativado e subjugado de tal maneira, que atormentado por grande angústia e cuidado, muitas de suas forças quebradas atraíam infinitas lágrimas aos seus olhos.

Bem, perturbado por tal visão, ocorreu-lhe em sua memória em grande perigo que a viu e a parte em que se a viu, como que sem sentido disse: — Ai, Santa Maria!, me ajude, esta é a senhora do meu coração.

O que ela ouviu, sem suspeitar do que era, a uma criada enviada para saber o que era. Este, então, abrindo ali a porta a Agrajes transportado, viu este último, que, dando-se a conhecer e dizendo à patroa, não menos alegre, que ali estava, mandou-o entrar, onde depois de muitos Atos amorosos passaram entre eles, dando fim aos seus grandes desejos, naquela noite com grande prazer e grande alegria de seus espíritos passou e aquela companhia estava lá em grande descanso seis dias enquanto o mar estava calmo, e todos eles tinham Agrajes com sua dama sem ninguém que nem os dois sentiram, mas suas donzelas. Pois então ele sabia como Olinda foi para a Grã-Bretanha para morar na casa do rei Lisuarte com a rainha Brisena, para onde seu pai a mandou, ele disse como estava preparado para ir para a Noruega onde ela estava, e que Deus lhe deu tamanha felicidade, que sua viagem voltaria para onde estava, para servir e ver seu irmão Amadís, que ele pensou encontrar lá. Olinda agradeceu muito e implorou e

ele ordenou que assim fosse. Isto arranjado ao fim daqueles seis dias, estando o mar tão calmo que podiam navegar sem qualquer perigo, todos se refugiaram no mar.

Despediu-se de Agrajes e seguiram o seu caminho e sem qualquer interlúdio que os impedisse chegaram à Grã-Bretanha, de onde partiram do mar e chegaram à ilha de Vindelisora, onde se encontrava o rei Lisuarte, bem como o seu e o da rainha e de sua filha e de todas as outras donas e donzelas, Olinda foi muito bem recebida, por ser de tão alto lugar, e de abundante beleza.

Agrajes que na margem do mar ficou olhando aquele navio, no qual estava a sua amada senhora, e, tendo-a perdido de vista, levou para Brianntes, aquela cidade onde se encontrava o rei Languines, seu pai, e ali encontrando D. Galvanes Sin Tierra, seu tio, disse que seria bom ir à corte de D. Lisuarte, onde viviam tantos bons cavaleiros, porque ali mais do que em qualquer outro lugar podiam ganhar honra e fama, o que tudo se perdeu naquela terra, onde só podiam exercitar o coração com gente de pouco preço em armas. Don Galvanes, que bom cavaleiro era, desejoso de ganhar honras, não o impedindo de nenhum senhorio, que devia governar, porque só possuía um castelo, aproveitou para fazer aquele caminho que Agrajes, seu sobrinho, lhe disse, e despedido do Rei Languines, entrando no mar, apenas com eles carregando suas armas e cavalos e dois escudeiros, o tempo bom que havia chegado em curto espaço de tempo na Grã-Bretanha, em uma cidade chamada Bristoya, e de lá partir e caminhando por uma floresta na saída da mesma encontraram uma donzela, que lhes perguntou se sabiam que aquela estrada levava ao rochedo de Galtares.

— Não, eles disseram;

"Mas por que você pergunta?", disse Agrajes.

"Para descobrir", disse ela, "se vou encontrar um bom cavalheiro que possa remediar uma grande preocupação que trago comigo.

"Você está errado", disse Agrajes, "porque nesta rocha que você diz não encontrará outro cavaleiro senão aquele bravo gigante Albadán, que se você cuidar dele de acordo com suas más ações, ele as duplicará."

"Se você soubesse o que eu fiz, você não teria", disse ela, "por engano, que o cavaleiro que eu exijo foi combatido com aquele gigante e o matou em batalha um por outro.

"É verdade, donzela", disse Galvanes, "maravilhas que você nos diga, que nenhum cavaleiro com qualquer gigante tomou, na verdade com aquele que é mais corajoso e mais evasivo do que há em todas as ilhas do mar, mas foi o rei Abies da Irlanda que lutou com um, ele armou e o gigante desarmou e o matou e ainda o levou à maior loucura do mundo.

"Senhores", disse a donzela, "este outro homem a fez mais como um bom cavalheiro do que eu digo."

Então ele lhes contou como foi a batalha, e eles ficaram maravilhados e Agrajes perguntou à donzela se sabia o nome do cavalheiro que fizera tanto esforço.

"Sim", disse ela.

"Bem, peço-lhe muito", disse Agrajes, "como cortesia, que você nos diga."

"Diga-lhe", disse ela, "que o nome dele é Don Galaor e ele é filho do rei de Gaula."

Agrajes sacudiu tudo e disse: "Ai,

donzela! Como pode me contar as novidades do mundo que o tornam mais feliz, em saber daquele confrade que estava mais morto do que vivo.

Então ele contou a Dom Galvanes o que sabia sobre Galaor, como o gigante o levaria e que Até então eu não sabia de nenhuma novidade.

"É verdade", disse Galvanes, "a vida dele e de seu irmão Amadís não foi nada além de maravilha e o início de suas armas, tanto que duvido que outros no mundo possam ser encontrados como eles."

Agrajes disse à donzela: "Amiga,
o que você quer desse senhor que você está procurando?"
"Senhor", ela disse, "eu gostaria que você perseguisse uma donzela que está presa por ele e a fizesse pegar um anão traidor, a criatura mais falsa do mundo inteiro.
Então ela lhe contou tudo o que aconteceu com Galaor com o anão, assim como já foi contado, mas sua amiga não contou nada sobre Aldeva e "Senhores, porque a donzela não quer ceder com o que o anão diz, o O duque de Bristoya jura que vai queimá-lo dentro de dez dias, e isso é uma grande preocupação para as outras duenas, se a donzela, com medo da morte, quiser condenar algumas delas dizendo que levou Galaor para lá para esse fim. E dos dez dias os quatro já passaram.

"Bem, é assim", disse Agrajes, "não vá mais longe, vamos fazer a nós mesmos o que Galaor faria, se não fosse pela força seria pela vontade, e agora nos guie no nome de Deus."

A donzela voltou pelo caminho por onde tinha vindo, e eles a seguiram e chegaram na casa do duque um dia antes da moça ser queimada, na hora que o duque estava sentado para comer e desmontando de seus cavalos entraram armados onde ele eu era. O duque os cumprimentou e eles o cumprimentaram e lhes disse para comer.

"Senhor", disseram eles, "primeiro vamos dizer-lhe o motivo de nossa vinda."
E Dom Galvanes lhe disse:
— Duque, você tem uma donzela presa por palavras falsas e ruins que um anão lhe disse; Pedimos muito que a deixe ir, porque não é sua culpa e se for necessária uma batalha por isso, nos defenderemos de dois outros senhores, que vão querer atender o pedido.
"Você falou muito", disse o duque, e ele mandou chamar o anão e lhe disse: "O que você diz a isso que esses cavaleiros dizem, que você me fez prender falsamente a donzela e que eles vão colocá-lo na prisão? batalha; Eu lhe digo que é conveniente que você tenha alguém para defendê-lo.
"Senhor", disse o anão, "haverá alguém que acredita que o que eu disse é verdade."
Então um senhor chamou seu sobrinho, que era forte e musculoso, que não parecia estar em dúvida com ele, e lhe disse: "Sobrinho, é melhor você manter minha razão contra esses senhores".

O sobrinho disse:
"Senhores, o que vocês dizem contra este anão leal, que levou grande desgraça ao cavaleiro que a donzela trouxe aqui? É vocês, por acaso?" E eles provaram que ele fez o anão caolho e que a falsa donzela deve morrer, porque ele a colocou no quarto do duque.
Agrajes, que foi o mais afetado, disse: "É verdade, nenhum de nós é esse, embora gostaríamos de aparecer para ele em suas ações, nem nele havia um olho e eu vou lutar com ele e a donzela diz que ele não deveria morrer e que o anão era contra eles desleal.

— Então que seja a batalha, disse o sobrinho do anão; e pedindo suas armas, armou-se e Ele montou a cavalo e disse contra Agrajes:
"Cavalheiro, agora Deus não permita que você seja aquele que trouxe a empregada que eu trouxe aqui. compraria seu excesso.
"Certamente", disse Agrajes, "ele não pensaria muito em lutar com dois como você, por qualquer motivo, quanto mais sobre este, com que direito ele manteria.

O duque parou de comer e foi com eles e os colocou em um campo, onde já alguns Outros testes foram tratados lá e ele lhes disse:

— A donzela que aprisionei não ponho em razão de sua batalha, porque a ela Não diz respeito ao único olho que o anão recebeu.

"Senhor", disse Agrajes, "você a prendeu por causa do que o anão disse e eu lhe digo que ele lhe disse falsidade, e se eu ganhar este senhor, que mantém sua razão, você nos deu com razão."

"Eu já lhe disse o meu", disse o duque, "e não farei mais nada."

E saindo do meio deles foram atacar a grande corrida dos cavalos e se feriram bravamente com as lanças que depois foram quebradas e unidas dos corpos dos cavalos e dos escudos, caíram em suas respectivas partes e cada um ficou levantaram-se bravamente e com grande maldade que tinham, colocaram as mãos nas espadas e atacaram a pé dando uns aos outros grandes e duros golpes que todos os que assistiam ficaram maravilhados, as espadas eram cortadores e os cavaleiros de grande força e em pouco tempo suas armas estavam em tal disfarce paradas, que não havia muita defesa nelas, os escudos estavam cortados em muitas partes e os capacetes amassados. Galvanes viu o sobrinho andar com vigor e leveza e mais agressividade do que o outro, era muito alegre, e se antes o apreciava, muito mais agora, e Agrajes tinha tanto jeito que, embora no início fosse muito animado, de onde parecia para ser muito rápido Cansado, ele manteve sua força de tal forma que ficou muito mais leve e agressivo no final, tanto que em alguns lugares ele era tão pequeno no início, que no final havia vitória na batalha, porque isso é assim que Galvanes viu, como o sobrinho do anão se jogou para fora e disse contra Agrajes: "Asaz lutamos um contra o outro e parece-me que nem o cavaleiro por quem você luta nem meu tio anão são culpados, que de outra forma a batalha não duraria tanto e se você quiser sair dando por leal ao cavaleiro e ao anão.

"É verdade", disse Agrajes, "o cavaleiro é leal e o anão falso e mau, e eu não vou deixar você até que sua boca diga e lute para se defender.

O cavaleiro mostrou o seu poder, mas pouco beneficiou, pois já tinha percorrido um longo caminho e Agrajes o feriu com grandes golpes e muitas vezes, e o cavaleiro não o comprehendeu e cobriu-se com o seu escudo. Quando o duque o viu assim na aventura da morte houve grande pesar, que o amava muito e ia contra seu castelo por não vê-lo matar e disse: — Agora juro que não farei um cavaleiro andante mas tudo escárnio.

"Você cometeu uma guerra louca", disse Galvanes, "ao enfrentar os cavaleiros andantes, que querem compensar o caolho."

Neste momento o cavaleiro caiu aos pés de Agrajes e atirou-lhe o elmo e deu-lhe grandes golpes da maça espada na cara e disse:

"Você deveria dizer que o anão fez o cavaleiro caolho."

"Oh, bom cavalheiro!" disse o outro, "não me mate e eu direi do cavaleiro por que você lutou que ele é bom e leal e prometo tirar a donzela da prisão."

Mas, pelo amor de Deus, não quero que eu diga que o anão, que é meu tio e me criou, é falso.

Isso foi ouvido por todos que olharam ao redor. Agrajes lamentou o cavaleiro e disse: "Pelo anão eu não faria nada, mas por você que o considero um bom cavaleiro farei o mesmo". que eu tirarei de você, removendo a donzela da prisão do seu poder.

O cavaleiro concedeu. O duque, que não viu nada disso, já estava perto do castelo e Galvanes pegou-o pelas rédeas e mostrou-lhe o sobrinho do anão aos pés de Agrajes e disse: — Aquele, morto ou derrotado, que nos dizes da donzela?

"Cavalheiro", disse o duque, "você está mais do que louco se pensa que eu deveria bancar a empregada, mas o que eu concordei e jurei."

"E o que você jurou?", disse Galvanes.

"Que eu a queimaria amanhã", disse o duque, "se você não me dissesse o que o cavalheiro trouxe para o meu palácio."

"Por que", disse Galvanes, "você não nos dá?"

"Não", disse o duque, "não pare mais neste lugar, senão eu mando fazer."

Então muitos de sua companhia chegaram e Galvanes puxou a mão do freio e disse: "Você nos ameaça e não retira a donzela, quem está certo?" Portanto, desafio você por mim e por todos os cavaleiros errantes, que querem me ajudar.

"E eu desafio você e todos eles", disse o duque, "e eles vão andar mal em minha terra."

Dom Galvanes virou-se para onde estava Agrajes e contou o que havia acontecido com o duque e como eram seus desafios, dos quais ele era muito perverso e disse: a terra.

E montado em seu cavalo disse contra o sobrinho do anão: "Lembrem-se do que me prometeram no caso da donzela e depois cumpram com seu poder."

— Farei tudo o que estiver em mim, disse ele. Já estava perto da véspera, quando a tal hora a batalha terminou e então eles se separaram e entraram em uma floresta chamada Arunda e Galvanes disse: "Sobrinho, nós desafiamos o duque, vamos esperar aqui e prendê-lo e alguns outro de nós." o que vai acontecer

"Tudo bem", disse Agrajes. Então eles saíram da estrada e entraram em um arbusto espesso, e lá eles desceram de seus cavalos e enviaram os escudeiros para a cidade para trazer o que eles precisavam. Lá eles ficaram naquela noite. O duque foi muito cruel contra a donzela, mais do que antes, e a fez vir até ele e disse-lhe para curar sua alma, que outro dia ela seria queimada se não lhe contasse a verdade sobre o cavaleiro, que ela não quer dizer qualquer coisa. O sobrinho do anão ajoelhou-se diante do duque e disse-lhe a promessa que ele faria, implorando a Deus que a donzela lhe desse, mas isso foi desculpado porque ele perderia todos os seus bens em vez de quebrar o que jurou. O senhor estava muito arrependido porque queria tirar sua homenagem. Por outra manhã o duque ordenou que a donzela fosse trazida até ele e disse:

— Ou escolhe no fogo ou dizendo o que te peço, que não podes escapar de um destes.

Ela disse:

"Vocês fará a sua vontade, mas não a razão."

Então o duque ordenou que ela levasse doze homens armados e dois cavaleiros armados com eles e ele montou um grande cavalo, apenas um cajado na mão, e foi com eles queimar a donzela na orla da floresta. E quando chegaram, o duque disse:

— Agora, ponha fogo nele e morra com sua obstinação.

Don Galvanes e seu sobrinho viram tudo isso muito bem, eles estavam atentos, não para isso, mas para qualquer outra coisa em que pudessem irritar o duque, e como estavam armados, cavalgaram rapidamente e enviaram um escudeiro que só entendeu pegue a donzela e coloque-a em segurança e saindo para lá viram o fogo e como queriam jogar a donzela fora, mas ela estava com tanto medo que disse:

"Senhor, vou dizer a verdade", e o duque, que se aproximava por ouvir, viu como ele vinha
Don Galvanes y Agrajes campo e disse em voz alta: "Vá embora,
combina com você, a donzela."

Os dois cavaleiros foram até eles e enfrentaram suas lanças com muita bravura, mas para os
cavaleiros do duque ambos caíram no chão, e aquele que Galvanes derrubou não precisava de um mestre;
O duque colocou sua companhia entre ele e eles, e Galvanes lhe disse:

"Agora você vai ver a guerra que você levou."

E eles o soltaram e o duque disse a seus homens:

"Matem seus cavalos e eles não poderão ir, mas os cavaleiros entraram no meio deles tão bravamente
golpeando em todos os lugares com suas espadas e pisoteando-os com seus cavalos para que eles se
espalhassem eles no chão." campo, alguns mortos, outros aleijados, e aqueles que permaneceram fugiram
ainda mais.

Quando o duque viu isso, não era seguro e começou a ir contra a cidade o máximo que podia e
Galvanes foi atrás dele uma peça dizendo: - Fique, senhor duque, e verá com quem levou homecito, mas

ele Não fez nada além de fugir e chamar Vozes altas o apressaram, e Galvanes e seu sobrinho se
viraram e descobriram que o escudeiro tinha a donzela no palafrém e ele em um cavalo pertencente aos
cavaleiros mortos, e eles foram com ela para a floresta. O duque armou-se com toda a sua companhia e
chegando à floresta não viu os cavaleiros e deixou os seus cinco por cinco para todas as partes e foi com
outros cinco por um caminho e sofreu muito de andar, tanto que estando acima de um vale olhou para
baixo e viu como eles foram com sua empregada e o duque disse:

— Agora para eles e não abrigo, e eles foram para o mais distante dos cavalos. Galvanes, que assim
os viu, disse: — Sobrinho, parece sua bondade em saber se defender, que este é o duque e sua companhia;
são cinco, não é por isso que ele não se sente covarde.

Agrajes, que era muito trabalhador, disse:

"É verdade, senhor tio, estando eu consigo, não daria muito por cinco da companhia do duque."

Com isso, ele veio e disse-

Ihes: "Vocês me desonraram muito, e lamento não ser vingado matando como
sua.

Galvanes disse:

"Agora para eles."

Então eles se soltaram e se feriram com as lanças nos escudos, com tanta força que mais tarde foram
quebrados, mas os dois se divertiram tanto que não conseguiram tirá-los das cadeiras e pegar suas
espadas feriram um ao outro com grandes golpes, como aqueles que sabiam fazer bem e os do duque os
atacavam bravamente, então a batalha de espadas entre eles foi brava e crua. Agrajes feriria o duque com
grande crueldade e o feriu sob a viseira do capacete e foi um golpe tão forte que cortando o capacete
cortou o nariz até as traves, e o duque, considerando-se morto, começou a fugir o quanto pôde e Agrajes
em Atrás dele e não podendo alcançá-lo, virou-se e viu como seu tio se defendia dos quatro e dizia entre
si: "Oh, Deus! Um cavaleiro tão bom guarda esses traidores, e eles foram feridos bravamente e Galvanes
feriu um de modo que a espada o fez cair de sua mão e ao vê-lo envergonhado pegou-o pela borda do

escudo e o atirou com tanta força que ele caiu no chão e viu que Agrajes caiu um dos os outros e
Galvanes soltaram os dois que o feriram, mas eles não prestaram atenção, fugindo pela floresta não
conseguiram alcançá-los e voltando para onde estava a donzela, perguntaram-lhe se havia uma cidade
próxima.

"Sim", disse ela, "há uma fortaleza pertencente a um senhor chamado Olivas, que por sendo inimigo do duque, por causa de seu primo que o matou, ele o receberá com prazer.

Então ele os guiou até chegarem lá, o senhor os recebeu muito bem e muito melhor quando ele sabia o que aconteceu com eles.

Pois bem, outro dia eles se armaram e foram embora, mas Olivas os chamou de lado e lhes disse: Rei Liuarte; pedindo conselhos e ajuda, como cavaleiros que se colocam em grandes afrontas, para manter a lealdade e fazê-la mantê-la, aqueles que a quebram sem medo de Deus e sua vergonha.

"Senhor", disse Galvanes, "você é obrigado a exigir essa morte que diz, se foi feia e nós o ajudaremos, se necessário, tendo justa causa para isso e o faremos se o duque em batalha alguns cavaleiros ele vai querer colocar, porque, como você, nós não gostamos dele.

"Muito obrigado", disse ele, "e quero ir com eles." Então ele se armou e juntou-se a eles na estrada de Vindilisora, onde o rei Lisuarte se preocupou em encontrá-lo.

Capítulo 17

Como Amadís era muito querido na casa do rei Lisuarte, e as notícias que soube do seu irmão Galaor.

Contaram-vos como Amadís ficou na casa do rei Lisuarte como cavaleiro da rainha no momento em que matou aquele orgulhoso e bravo Dardán em batalha e ali, tanto do rei como de todos, era muito amado e honrado. E um dia a rainha mandou chamá-lo para falar com ele, e quando ele estava diante dela, uma donzela entrou no portão do palácio, ajoelhando-se diante da rainha, e disse: "Senhora, este é um cavaleiro que carrega armas de leões?" .

Ela então entendeu que ele estava dizendo isso por Amadís e
disse: — Donzela, o que você quer?

"Senhora", disse ela, "trago-lhe uma ordem de um novo cavaleiro que
maior e maior início de cavalaria que nunca fez um cavaleiro em todas as ilhas.

"Você diz muito", disse a rainha, "que há muitos cavaleiros nas ilhas e você não."
você conhecerá a propriedade de todos.

"Senhora", disse a donzela, "é verdade, mas quando você souber o que ele fez, você vai me dar razão."

"Bem, eu imploro", disse a rainha, "diga isso."

"Se eu visse", disse ela, "o cavaleiro muito bom que ele valoriza mais do que todos os outros, eu lhe diria
isso e muitas outras coisas que mandam ele dizer."

A rainha, que queria saber, disse: "Você vê aqui
o bom cavaleiro que você procura e eu lhe digo verdadeiramente que ele é."

"Senhora", disse a donzela, creio que uma dama tão boa como você não diria nada além da verdade, e
então disse contra Amadís: "Senhor, a bela donzela que você fez cavaleiro diante do castelo de Baldoid quando
derrotou os dois cavaleiros da ponte e vocês três da calçada e prendeu o senhor do castelo e tirou o amigo
de Urganda pela força das armas, ordene que eles o recomendem assim como aquele que o tem no lugar de
senhor e te manda dizer que lutará para ser um bom homem ou pagará com a morte, e se fosse tal em preço e
honra de cavalaria que lhe contaria mais sobre sua propriedade do que você sabe agora, e se tal não sai que
você deve valorizá-lo, ele ficará em silêncio.

Nisto, Amadís mais tarde soube que era seu irmão e lágrimas vieram aos seus olhos que todas as donas e
donzelas que estavam lá e sua esposa, mais do que todas, pararam de mentir, porque ela estava muito
espantada, pensando se poderia vir a cuidado de tal forma que o choro o fizesse, que não de dor, mas de
grande prazer lhe viesse. A rainha disse: "Agora conte-nos o início do cavaleiro que você tanto elogia."

"Senhora", disse a donzela, "o primeiro lugar onde o requesta tomou foi na rocha de Galtares lutando com
aquele bravo e forte chamado Albadán, a quem ele derrotou e matou no campo um por um.

Então ele contou à batalha como aconteceu e que ela viu e a razão pela qual foi. o
rainha e todos ficaram muito surpresos com uma coisa tão estranha.

"Donzela", disse Amadís, "você sabe para onde o cavaleiro foi quando o gigante matou?"

"Senhor", disse ela, "eu o deixei depois que a batalha foi vencida e o deixei com outra donzela que deveria guiá-lo a uma de suas amantes que a enviaria para lá e não posso dizer mais nada, e ele foi embora lá." A rainha disse: "Amadís, você sabe quem será esse senhor?"

"Senhora, eu sei, embora não o conheça."

Então ele lhe contou como era seu irmão e como o gigante chegou quando criança e o que Urganda lhe contou sobre ele.

"É verdade", disse a rainha, "duas estranhas maravilhas são a sua educação e a dele, e como pode ser que sua linhagem não conhecesse nem eles te conheciam, e eu ficaria muito feliz em ver tal cavaleiro na companhia do rei, meu Senhor."

Então eles estavam falando como se você ouvisse uma grande peça, mas Oriana, que estava longe, não ouviu nada disso e ficou muito brava, pois viu Amadís chorar e disse contra Mabilia: "Chame seu primo e vamos saber o que aconteceu com ele".

Ela o chamou, e Amadís foi até eles, e quando se viu diante de sua patroa, todos os As coisas do mundo foram esquecidas e Oriana disse com um semblante zangado e perturbado: — A quem

você pertencia com a notícia da donzela que te fez chorar? Ele contou tudo a ela como contou à rainha.

Oriana perdeu toda a sua raiva e ficou muito feliz e disse-lhe: "Meu senhor, peço-lhe que me perdoe, suspeitei do que não devia".

"Ah, senhora!" -disse-, não há necessidade de perdoar, porque nunca entrou no meu coração fúria contra você, fora isso ele disse:

"Senhora, por favor, peça-me para procurar meu irmão e trazê-lo aqui a seu serviço, que de outra forma ele não virá.

E este Amadís disse por trazê-lo, que o queria muito e porque lhe parecia que não Eu passaria muito tempo sem procurar algumas aventuras onde prez e honra vencessem. Oriana disse a ele:

"Então me ajude Deus, eu ficaria muito feliz que tal cavalheiro aqui viesse e morasse Eu concordo e te dou a chance, mas diga à rainha e parece que você está fazendo o que ela manda. Ele agradeceu muito humildemente e foi até a rainha e disse: "Senhora, seria bom se tivéssemos esse senhor na companhia do rei".

"É verdade", ela disse, "eu ficaria muito feliz com eles, se isso pudesse ser feito."

"Sim, ele pode", disse ele, "se você me der permissão, senhora, para procurá-lo e trazê-lo, caso contrário, não o teremos aqui antes de muito tempo antes que ele ganhe mais honra.

"Em nome de Deus", disse ela, "concedo-lhe licença, desde que o encontre e se vingue."

Amadís ficou muito feliz e despedindo-se dela e de sua patroa e de todos os outros, foi para sua hospedaria, e outra manhã depois de ter ouvido a missa, armou-se e montou em seu cavalo só com Gandalín, que carregava as outras armas, e entrou em seu caminho por onde andou até a noite, que abrigou na casa de uma criança velha. Outro dia, seguindo o caminho, ele entrou em uma floresta e já tendo caminhado duas partes do dia por ela, ele viu uma dona que vinha com suas duas donzelas e quatro escudeiros, e um cavaleiro em uma liteira, e todos choraram ferozmente. Amadís veio até ela e disse: "Senhora, o que você está carregando nessas liteiras?"

"Eu carrego", disse ela, "toda minha preocupação e minha tristeza, que ele é um cavalheiro com quem eu fui casada e ele está tão gravemente ferido que eu cuido para que ele morra." Él se llegó a las andas y alzó un paño que le cubría y vio dentro un caballero asaz grande y bien hecho, mas de su hermosura no parecía nada, que el rostro había negro e hinchado y en muchos lugares herido, y poniendo la mano en ele disse:

"Senhor cavaleiro, de quem você recebeu este mal?" Ele não respondeu e virou a cabeça ligeiramente. Amadís disse à dona: — A quem esse senhor fez tanto mal?

"Senhor", disse ela, "de um senhor que guardava uma ponte aqui à frente desta estrada, que, querendo atravessar-nos, disse que seria melhor se dissesse primeiro que era da casa do rei Lisuarte, e meu senhor disse por que quis saber?", disse-lhe o cavaleiro: "Porque não passa por aqui ninguém que seja seu que não o mate", e o senhor perguntou-lhe porque não gostava de tantos cavaleiros do rei Lisuarte. "Não gosto muito dele", disse ele, "e gostaria de tê-lo em meu poder para me vingar dele." Ele respondeu por que não gostava tanto dele.

Ele disse: "Porque ele tem em sua casa o cavaleiro que matou aquele valente Dardan e por isso ele receberá muita desonra de mim e de outros." E quando meu marido ouviu isso, pensando sobre ele o que o cavaleiro estava dizendo, ele disse: "Saiba que sou dele e seu vassalo, que por você ou por outro eu não negaria isso". Então o cavaleiro da ponte, com grande raiva dele, pegou suas armas o mais rápido que pôde e eles começaram sua batalha, muito crua e feroz para uma maravilha, e no final meu senhor foi tão maltratado quanto você está agora, senhor, você vê e o Cavaleiro acreditou que ele estava morto e mandou que o levássemos para a casa do Rei Lisuarte no terceiro dia.

Amadís disse:

— Senhora, dê-me um destes escudeiros que o cavaleiro me mostra, para que ele ele recebeu esse dano por amor a mim, me convém mais do que outro vingá-lo.

"Como", disse ela, "é você por quem ele desama o rei Lisuarte?"

"Aquele, sou eu", disse ele, "e se eu puder, vou me certificar de que ele não o desame ou a qualquer outra pessoa."

"Oh, bom cavalheiro", disse ela, "Deus o guie e lhe dê uma boa viagem e faça um esforço, e dando-lhe um escudeiro, deixe-o ir com ele, despediram-se, o proprietário continuou seu caminho como antes e Amadís dela, e eles andaram tanto que chegaram Ele foi até a ponte e viu como o cavaleiro estava jogando mesa com outro, e então ele saiu do jogo e veio contra ele em cima de um cavalo armado com todas as suas armas, e disse: "Fique, cavaleiro, não entre na ponte se não jurar primeiro".

"E o que devo jurar?", disse ele.

"Se você é da casa do rei Lisuarte e se você é dele, eu vou fazer você enlouquecer."

"Isso eu não sei", disse Amadís, "mas eu lhe digo que sou da casa dele e um cavalheiro da sua esposa reina, mas isso não faz muito tempo.

"Desde quando você está?" disse o cavalheiro na ponte.

— Desde quando um dono de renome veio para lá.

"Como", disse o cavaleiro, "você é quem lutou por ela?"

— Fiz com que ela chegassem à direita, disse Amadís.

"Para minha cabeça!" disse o cavaleiro, "Eu vou fazer você perder a cabeça, se eu puder, porque você matou um dos melhores da minha linhagem."

"Eu não o matei", disse Amadís, "mas fiz com que ele retirasse a soberba exigência de que fez e se suicidou como um mau incrédulo.

"Não é o caso", disse o cavaleiro, "porque ele foi morto por você e não por outro, e você morrerá por ele."

Então ele se moveu contra ele o mais rápido possível de seu cavalo e Amadís para ele, e ambos se feriram com as lanças nos escudos e depois foram quebrados, mas o cavaleiro da ponte caiu no chão sem parar, ao que ficou muito espantado, que tão levemente o derrubou, e Amadís, cujo elmo estava torto na cabeça, o endireitou e enquanto havia espaço para o cavaleiro montar em seu cavalo e lhe deu três golpes com sua espada antes de Amadís pegar sua mão, mas jogando a mão dela foi até o cavaleiro e o feriu na margem do

capacete contra a funda e cortou um pedaço dele e a espada atingiu seu pescoço e o cortou tanto que sua cabeça não pôde ser sustentada e pendurou sobre seus seios e então ele foi morto.

Quando os que estavam na ponte viram isso, fugiram. O escudeiro da duena se assustou com esses dois golpes, um da lança e outro da espada. Amadis lhe disse:

"Agora veja você e diga a sua senhora o que você viu."

Ao ouvir isso, ele então saiu do caminho, e Amadís atravessou a ponte sem mais delongas, parando ali e andando pela estrada até sair da floresta e entrar em um prado muito bonito e muito grande para admirar e ele pagou muitas ervas verdes que via por toda parte, como aquele que florescia no verde e alteza dos amores e saboreava à sua mão direita e via um anão com um gesto muito disforme que montava um palafrém, e chamando-o perguntou de onde vinha. O anão respondeu: "Venho da casa do Conde de Clara".

"Por acaso", disse Amadís, "você viu um jovem cavalheiro lá chamado Galaor?"

"Senhor", disse o anão, "mas sei de onde neste terceiro dia sairá o melhor cavaleiro que entrou nesta terra."

Ao ouvir isso, Amadís disse: —

Ah, anão, pela fé que você deve a Deus, leve-me até lá e veja!

"Sim, eu aceito", disse o anão, "desde que você me conceda um presente e você irá comigo onde eu pedir."

Amadís, com muita vontade de saber de Galaor, seu irmão, disse: "Eu concedo a você".

"Em nome de Deus", disse o anão, "que seja nosso e agora vou guiá-lo onde você verá o cavaleiro muito bom e muito forte em armas."

Então Amadís disse: -Eu

imploro pelo meu amor que você me leve para a corrida que vamos para a próxima.

"Eu vou fazer isso", disse ele, e então eles deixaram aquela estrada e pegaram outra e caminharam todo o caminho. naquele dia sem aventura os encontrei e os levei a noite se encaixa em uma fortaleza.

"Senhor", disse o anão, "aqui você se hospedará, onde há uma senhora que o servirá."

Amadís chegou àquela fortaleza e encontrou o dono que o acolheu muito bem, dando-lhe uma ceia e uma cama bastante rica para dormir, mas não o fez, pois seus pensamentos eram tão grandes em sua esposa que quase não dormia. noite, e outro dia, dispensado do dono, entrou no guia do anão e caminhou até o meio dia e viu um cavaleiro que lutava com dois, e quando chegou até eles disse-lhes: "Venham cá, senhores, se por favor, e me diga por quê." o que você está lutando

Eles se jogaram para fora e um dos dois disse: "Porque este
diz que só ele é tão bom em realizar uma grande ação quanto nós dois".

"É verdade", disse Amadís, "a causa é pequena, que o valor de um não faça perder o valor do outro."

Eles viram que ele tinha razão e saíram da batalha e perguntaram a Amadís se ele conhecia o cavaleiro que lutava pela duena na casa do rei Lisuarte, porque Dardán, o bom cavaleiro, havia sido morto.

"E por que você pergunta?", disse ele.

— Porque gostaríamos de encontrá-lo, disseram.

"Não sei", disse Amadís, "se o dizes por bem ou por mal, mas vi-o há pouco tempo em casa do rei Lisuarte, e ele deixou-os e foi-se embora." Os senhores conversaram entre si e

dando as esporas aos cavalos foram atrás de Amadís, e aquele que os viu chegando pegou suas armas e nem ele nem eles trouxeram lanças que os quebrariam em suas justas. O anão lhe disse:

"O que é isso, senhor, você não vê que há três cavaleiros?"

"Não estou curado", disse ele, "porque se cometem um crime contra mim sem motivo, me defenderei se puder".

Chegaram e disseram: —

Cavaleiro, queremos te pedir um presente e nos dar, senão você não vai se separar de nós.

"Eu vou dar a você primeiro", disse ele, "se eu tiver o direito de fazê-lo."

"Então diga-nos", disse o único, "como um cavaleiro leal, onde você se importa que encontremos o cavaleiro por quem Dardan foi morto. Aquele

que não podia fazer outra coisa senão dizer a verdade,

disse: — Sou, e se soubesse que tal era o dom, não o concederia a você por não me elogiar por isso.

Quando os cavaleiros o ouviram, todos disseram: — Ai,

traidor, você está morto!, e pondo as mãos nas espadas, soltaram-no com muita bravura. Amadís colocou a mão na espada como quem tem um grande coração e os deixou ir com muita raiva por tê-lo tirado de sua batalha e eles o atacaram tão mal, e ele feriu um deles acima do capacete com tal golpe que atingiu-o no peito. o ombro que as armas com a carne e os ossos foram todas cortadas até que a espada desceu para os lados, de modo que seu braço ficou pendurado, ele caiu do cavalo e soltou os dois que o feriram bravamente e deu a alguém pelo elmo um golpe tão grande que o fez pular da cabeça e a espada desceu até o pescoço e o cortou ainda mais e o cavaleiro caiu. E o outro que viu isso começou a fugir de onde quer que viesse. Amadís, que o viu em um cavalo correndo e que estava fugindo dele, parou de segui-lo e voltou para Gandalín. O anão lhe disse:

"Isso mesmo, senhor, é melhor eu cuidar do presente que você me prometeu que eu acreditei e agora vamos em frente."

Então eles foram naquele dia se abrigar na casa de um eremita, onde jantaram muito mal.

De manhã voltou ao caminho por onde o anão o conduzia e caminhou até a terceira hora e ali o anão lhe mostrou, num belo vale, dois altos pinheiros e abaixo deles um cavaleiro todo armado num grande cavalo e dois cavaleiros que passavam. o campo atrás de seus cavalos em fuga, que o cavaleiro do pinheiro os derrubou e sob o outro pinheiro jazia outro cavaleiro deitado sobre um elmo e seu escudo cabe sim, e mais de vinte lanças ao redor do pinheiro e perto dele dois cavalos selados. Amadís, que os olhava, disse ao

anão:

"Você conhece esses senhores?"

O anão lhe disse:

"Vê, senhor, aquele senhor deitado no pinheiro?"

"Entendo", disse ele.

"Bem, este é", disse o anão, "o bom cavalheiro que eu tinha para lhe mostrar."

"Você sabe o nome dele?", disse Amadís.

"Sim, senhor, que se chama Angriote de Estravaus e é o melhor cavalheiro que eu poderia lhe mostrar em grande parte."

— Agora eu percebi, por que você tem tantas lanças aí?

"Isso é o que eu vou te dizer", disse o anão. E quando estava em sua posse, ele disse que se considerava o mais rico do mundo. Ela lhe disse: "Você não vai se considerar cortês por ter uma amante à força; você pode muito bem me ter, mas você nunca vai voluntariamente ou amar, se você não fizer algo primeiro." "Dueña", disse Angriote, "é algo que eu possa fazer?" "Sim", disse ela. "Bem, envie-o e eu o cumprirei até a morte". o

dono que não gostava muito dele, cuidava de colocá-lo onde morreu ou fez tantos inimigos que com eles se defenderia dele e ordenou que ele e seu irmão guardassem este vale dos pinheiros, de todos os cavaleiros andantes que passavam por ela e fazê-los prometer pela força das armas que, aparecendo na corte do rei Lisuarte, faria o amigo de Angriote ser mais bonito do que o deles, e se por acaso este cavaleiro, seu irmão, que vedes a cavalo, fosse derrotado , que nada mais poderia ser feito por causa disso, lutaram e todos os pedidos permaneceram em Angriote sozinhos e guardaram o vale por um ano. E assim os cavaleiros o guardavam durante o dia e à noite eles o abrigavam em um castelo atrás daquela colina que você vê.

Mas deixe-me dizer-lhe que já se passaram três meses desde que começaram que até agora Angriote nunca tocou em um cavaleiro, que seu irmão conquistou todos eles.

"Creio", disse Amadís, "que me dizes a verdade, que ouvi dizer na casa do rei Lisuarte que ele deveria ir para lá como cavaleiro, que concederia aquela duenna mais bonita que a amiga e cuidaria para que ela chamou Grovenesa."

"É verdade", disse o anão, "e, senhor, bem, eu fiz o que você queria. você prometeu e vai comigo onde você tem que ir.

"Muito disposto", disse Amadís, "qual é a carreira certa?"

"Através do vale", disse o anão, "mas não quero que passemos por ela, porque ela está muito grávida."

"Não se cure disso", disse ele.

Então ele foi em frente e na entrada do vale encontrou um escudeiro que lhe disse: - Senhor cavaleiro, não vá mais longe se não conceder que o amigo é mais bonito. daquele senhor, que está deitado no pinheiro, do que o seu.

"Se Deus quiser", disse Amadís, "nunca vou conceder uma mentira tão grande, se pela força eu não Eles me fazem dizer isso ou eles não tiram minha vida.

Quando o escudeiro ouviu isso, disse-lhe:

"Bem, tomem-se, caso contrário terão que lutar com eles."

Amadís disse:

"Se me atacarem, defender-me-ei se puder", e seguiu em frente sem medo.

Capítulo 18

De como Amadís lutou com Angriote e seu irmão, que mantinha uma passando por um vale onde argumentavam que ninguém tinha amigo mais bonito do que Angriote.

Assim que o irmão de Angriote o viu, ele pegou suas armas e foi contra ele e disse:

"É verdade, cavaleiro, você fez uma grande loucura em não conceder o que eles exigiram de você, que você você terá que lutar comigo.

"Estou mais satisfeito com isso", disse Amadís, "do que com a maior mentira do mundo."

"E eu sei", disse o cavaleiro, "que você a concederá em outro lugar onde será mais embaraçoso para você."

"Eu não cuido disso assim", disse ele, "se Deus quiser".

"Então cuidem-se", disse o cavaleiro. Então eles foram na velocidade de seus cavalos, um contra o outro, e se feriram nos escudos e o cavaleiro fingiu o escudo para Amadís, mas ele parou no arreio e a lança quebrou e Amadís o pegou com tanta força que ele jogou ele sobre as ancas do cavalo, e o cavaleiro, que era muito corajoso, puxou as rédeas para que ele as quebrou e as pegou nas mãos e bateu no chão com o pescoço e as costas e foi tão maltratado que não conhecia a si mesmo ou a outro papel. Amadís desceu até ele e tirou o capacete de sua cabeça e o violou discordando, que não falou e pegando-o pelo braço puxou-o contra si e o cavaleiro concordou e abriu os olhos e Amadís lhe disse: "Você está morto , se você não se considera um prisioneiro."

O cavaleiro que viu a espada acima de sua cabeça, temendo a morte, concedeu-se um prisioneiro. Então Amadís montou em seu cavalo, que viu que Angriote estava cavalgando e pegou suas armas e lhe enviou uma lança com seu escudeiro. Amadís pegou a lança e foi até o cavaleiro e ele veio contra ele enquanto seu cavalo corria e eles se feriram com as lanças nos escudos, então foram quebrados sem nenhum outro dano, aparecendo por si mesmos cavaleiros muito bonitos, que em muitas outras partes não seriam encontradas. Amadís pegou sua espada e virou seu cavalo contra ele, e Angriote lhe disse:

— Seja, senhor cavaleiro, não se preocupe com a batalha das espadas, que você pode muito bem ter, e acho que será seu dano.

Ele disse isso porque achava que não havia cavaleiro no mundo que fosse melhor espadachim do que ele.

"E vamos lutar até que essas lanças morram ou um de nós caia do cavalo."

"Senhor", disse Amadís, "tenho algo para fazer em outro lugar e não posso parar por tanto tempo."

"Como", disse Angriote, "você se importa tão levemente que eu vá embora?" Não tenho assim, mas peço-te muito que diante das espadas voltemos a justificar.

Amadís concedeu-lhe, como lhe agradou, e então ambos foram embora e pegaram suas lanças, as que mais lhe agradaram, e estendendo-se uma da outra, deixaram-se encostar e feriram-se com as lanças. com muita bravura e Angriote foi ao chão e o cavalo que ele e Amadís, que passava, tropeçou no cavalo de Angriote e caiu com ele do outro lado, e um pedaço da lança que havia entrado em seu escudo com a força do a queda penetrou em seu arreio e em sua carne, mas não muito, e ele se levantou muito leve como quem não queria vergonha para si mesmo, mais no caso de sua senhora e jogou o pedaço da lança para longe de si e colocou a mão sobre sua espada ele soltou contra Angriote, que ele viu com sua espada na mão, e Angriote lhe disse:

— Cavalheiro, considero-o um bom rapaz e rezo para que, antes de sofrer mais danos, permita que meu amigo seja mais bonito que o seu.

"Cala a boca", disse Amadís, "pois tal mentira nunca será concedida pela minha boca."

Então eles foram atacando e ferindo com suas espadas com golpes tão fortes que assustavam, tanto aqueles que olhavam para eles quanto eles mesmos que os recebiam, considerando entre si que poderiam sofrer; Mas esta batalha não poderia durar muito, pois Amadís estava lutando por causa da beleza de sua dona, onde seria melhor ele ser morto do que morrer um ponto do que deveria e começou a bater com toda a força com tanta força que a grande nem a sabedoria nem a grande coragem de golpear com a espada não eram favoráveis a Angriote, que em poucas horas o tirou de todas as suas forças e tantas vezes desceu a espada sobre sua cabeça e corpo que foi saindo dele em mais de vinte lugares. Quando Angriote se viu à beira da morte, jogou-se para fora o melhor que pôde e disse: "É verdade, cavalheiro, há mais bondade em você do que o homem pode pensar".

"Concordem-se como prisioneiros", disse Amadís, "e será seu pró, que sejam tão maltratados que, se a batalha terminasse, seria sua vida, e eu senti muito por isso, porque eu aprecio mais você do que você cuida de si mesmo."

Isso ele disse por sua grande bondade de armas e pela cortesia que usou com o dono tê-lo em seu poder. Angriote, que não podia fazer mais, disse:

"Eu me entrego a você como um prisioneiro, bem como ao melhor cavaleiro do mundo e assim como todos aqueles que carregam armas hoje devem ser concedidos, e eu lhe digo, senhor, que eu não tomo isso como uma diminuição, mas por uma grande perda, que hoje perco minha coisa no mundo que mais amo.

"Você não vai perder", disse Amadís, "se eu puder, quão inconveniente seria, se aquela grande restrição que você usou contra aquela que você diz que usou não recebesse o pagamento e o prêmio que merece e você pagará isso, se eu puder, mais eu dou do que antes." Isso eu prometo a você como um cavalheiro leal, assim que eu retornar de um processo em que estou indo.

"Senhor", disse Angriote, "onde vou encontrá-lo?"

"Na casa do rei Lisuarte", disse Amadís, "voltarei lá, se Deus quiser."

Angriote gostaria de levá-lo ao seu castelo, mas não queria sair do caminho que havia tomado antes e, dispensado deles, colocou-se na guia do anão para lhe dar o presente que lhe prometeu e caminhou cinco dias sem encontrar uma aventura; Ao final deles, o anão mostrou-lhe um castelo muito bonito e maravilhosamente forte, e disse-lhe: "Senhor, naquele castelo você me dará o presente".

"Em nome de Deus", disse Amadís, "darei a você se puder."

"Essa confiança eu tenho", disse o anão, "e mais, depois de ter visto suas grandes coisas." E senhor, você sabe o nome deste castelo?

"Não", disse ele, "nunca entrei nesta terra."

"Saiba", disse o anão, "que Valderín se chama."

E assim falando chegaram ao castelo e o anão disse:

"Senhor, pegue suas armas."

"Como", disse Amadís, "será necessário?"

"Sim", ele disse, "eles não deixam aqueles que entram sair levianamente."

Amadís pegou suas armas e foi em frente e o anão e Gandalín atrás dele, e

Ao entrar na porta provou um cabo e outro, mas não viu nada e disse contra o anão: "Este lugar me parece deserto".

-Por Deus! ele disse, eu também.

"Bem, por que você me trouxe aqui ou que presente você quer que eu te dê?"

O anão lhe disse:

— É verdade, senhor, eu vi aqui o cavaleiro mais bravo e mais forte em armas que eu gostaria de ver e ele matou dois cavaleiros ali naquela porta e um deles era meu senhor, e ele o matou tão grosseiramente quanto aquele em que havia nunca misericórdia, e eu gostaria de pedir-lhe a cabeça daquele traidor que o matou, que já trouxe outros cavaleiros aqui para vingá-lo e, pecado mau!, eles agarraram a morte e outras paixões cruéis.

"Isso mesmo, anão", disse Amadís, "você é leal, mas não deveria trazer os cavaleiros se não lhes dissesse com quem eles iriam lutar primeiro."

"Senhor", disse o anão, "o cavaleiro é bem conhecido de um dos bravos do mundo e se eu dissesse, ninguém seria tão astuto a ponto de ousar vir comigo.

"E você sabe qual é o nome dele?"

"Sim, eu sei", disse o anão, "que o nome dele é Arcalaus, o Encantador."

Amadís olhou em todos os lugares e não viu nenhum e desceu do cavalo e esperou até as vésperas e disse: "Anão, o que você quer que eu faça?"

"Senhor", disse ele, "a noite está chegando e não acho bom ficarmos aqui."

"É verdade", disse Amadís, "não sairei daqui até que o cavalheiro chegue ou alguém me fale sobre ele."

— Por Deus! Não vou ficar aqui — disse o anão —, pois tenho tanto medo que Arcalaus me conheça e saiba que estou lutando para matá-lo.

"Ainda assim", disse Amadís, "você vai ficar aqui e eu não quero me livrar do don, se eu puder." o anão para não fugir, ele estava com tanto medo, e Amadís lhe disse : "Vamos seguir essas etapas e ver o que está lá."

-Oh senhor! disse o anão, "misericórdia, não há razão para eu entrar em seu lugar tão assustador, e por Deus me deixe ir, que meu coração está muito assustado.

"Eu não vou deixar você", disse Amadís, "até que você tenha o presente que eu prometi ou veja como eu faço meu poder."

O anão, que estava tão assustado, disse:

"Deixe-me ir e eu vou tirar o seu presente e ficar feliz com ele."

"Quanto a mim", disse Amadís, "não estou mandando que você retire o presente, não diga depois que eu perdi o que eu deveria fazer.

"Senhor, eu tomo você como certo e eu pago", disse ele, "e quero atendê-lo pelo caminho que viemos até vermos se você vai.

"Vá para a sorte", disse Amadís, "e ficarei aqui esta noite até de manhã, esperando o cavalheiro."

O anão seguiu seu caminho e Amadís desceu os degraus e foi em frente, não vendo nada e foi tão longe por eles que se viu numa planície e estava tão escuro que não sabia para onde ia, e foi até lá. para frente e esbarrou em um e, estendendo as mãos sobre ele, bateu em uma barra de ferro na qual estava pendurada uma chave e abriu um cadeado na rede e ouviu uma voz dizer: "Oh, senhor, quanto tempo vai durar este grande problema? " Oh, morte, onde você leva tanto tempo?

Amadís ouviu uma canção e não ouviu mais, e entrou na caverna com o escudo no pescoço e o capacete na cabeça e a espada nua na mão, e então se viu em um belo palácio onde havia uma lâmpada que acendia ele, e ele viu em uma câmara seis homens armados que

Eles dormiam e tinham escudos e machados e ele veio e pegou um dos machados e foi em frente e ouviu mais de uma centena de vozes dizendo:

— Deus, Senhor, envia-nos a morte, porque não sofremos um cuidado tão doloroso.

Espantou-se com a audição e com o barulho das vozes que os homens adormecidos acordaram e disseram uns aos outros: "Levante-se e tomem o flagelo e silenciem esses cativos que não nos deixam descansar durante o sono".

— É isso que vou fazer, e deixar que dilacerem o sonho de que me acordaram.

Então ele se levantou muito rapidamente e tomando o flagelo viu Amadís ir à sua frente, do qual Ficou muito espantado com o que viu ali e disse:

— Quem vai lá?

"Eu vou", disse Amadís.

"E quem é você?" disse o homem.

"Sou um cavalheiro estranho", disse Amadís.

— Quem o colocou aqui sem licença?

"Não, nenhum", disse Amadís, "eu entrei."

-Você? disse ele, "este foi um ponto ruim para você, que será conveniente para você ser mais tarde preso naquele pequeno problema que são aqueles cativos que dão vozes tão altas.

E virando-se, fechou rapidamente a porta e, despertando os demais, disse: —

Camaradas, estão vendo aqui um senhor malandro que entrou aqui vindo de seu posto.

Então um deles, que era o carcereiro e tinha muito corpo e força, disse: "Agora me deixe com ele, e eu vou colocá-lo com os que estão lá."

E tomando um machado e um escudo, foi contra ele e disse: "Se você duvida de sua morte, deponha suas armas, e se não, cuide disso, porque em breve você terá este meu machado".

Amadís ficou furioso ao ouvir a ameaça e disse: "Eu

não daria um canudo por você, não importa o que você seja: grande e corajoso, você é sangue ruim e ruim, e morrer dói seu coração", e então eles ergueram os machados e se feriram com eles e o carcereiro o acertou por cima do elmo e o machado foi bem para ele, e Amadís o acertou no escudo então ele o passou para ele. E o outro atirou-se para fora e carregou o machado no escudo. E ele pôs a mão na espada e deixou-se ir até ele e cortou o cabo do seu machado; o outro, que era muito corajoso, teve o cuidado de colocá-lo sozinho, mas de outro modo ocorreu-lhe que em Amadís havia mais força do que em qualquer outro que se encontrasse naquele momento, e o carcereiro o levou em sua braços e lutou para derrubá-lo. E Amadís o atingiu com a maçã da espada no rosto que quebrou sua mandíbula e o derrubou diante dele, atordoado e ferido na cabeça, de tal maneira que não houve necessidade de um professor, e os outros que olhou para ele, gritou, isso não o matou, senão ele seria morto.

"Não sei como será", disse Amadís, "mas certamente pertencerei a este, e, enfiando a espada na bainha, tirou o machado do escudo e foi até eles e contra ele. , por feri-lo, todos se juntaram e descarregaram suas armas sobre ele." golpes tão fortes quanto podiam, mas ele feriu aquele que o partiu até o núcleo e o atingiu aos pés. E então ele bateu em outro que o afligia mais do lado e abriu tanto que ele o derrubou e trancou outro com o machado tão forte, que ele caiu de joelhos no chão, e assim ele e o outro que queria machucá-lo exigia misericórdia, não matá-los.

"Então abaixe suas armas", disse Amadís, "e me mostre essas pessoas que estão gritando".

Eles os deixaram e então foram adiante dele. Amadís ouviu gemidos e choros em uma pequena câmara e disse: "Quem está aqui?"

"Senhor", disseram eles, "uma senhoria muito cuidadosa."

"Bem, abra essa porta", disse ele, "e veja-a."

Um deles levou onde jazia o grande carcereiro e levando duas chaves que no fita havia aberto a porta da câmara, e o dono, que cuidou que o carcereiro fosse, disse:

— Ai, homem!, por Deus, tem piedade de mim e dá-me a morte e não tantos martírios que me dás.

Outros

diziam: — Ah, rei, em um dia ruim fui tão amado por você que seu amor me custou tanto!

Amadís a lamentou tanto que lhe encheram os olhos de lágrimas, e ela disse: — Senhora, não sou eu quem você pensa, mas sim quem a tirará daqui, se puder.

Ah, Santa Maria! ele disse, "quem é você que você conseguiu entrar aqui?"

"Sou um cavalheiro estranho", disse ele.

"Bem, o que aconteceu com o grande carcereiro cruel e os outros que o guardavam?"

— O que vai acontecer com todos os bandidos que não se consertam, ele disse. E ele ordenou a um dos homens que lhe trouxesse uma luz e ele o fez e Amadís viu a dona com uma corrente grossa em volta do pescoço e suas roupas rasgadas em muitos lugares que a carne se assemelhava a ela e como ela viu que Amadís olhava para ela com pena, disse:

— Senhor, como me vês assim, já era tempo de eu ser rica como a filha de um rei que sou, e sou rei neste assunto.

"Senhora", disse ele, "não reclame que são voltas e carros da fortuna, porque ninguém pode fugir deles ou separá-los e se a pessoa que vale alguma coisa é aquela por quem você sofre e suporta esse mal, sua pobreza e sua baixa se tornarão riqueza e cuidado em grande alegria; mas não devemos confiar nem um pouco em um ou outro, e ele mandou que ele soltasse a corrente e ordenou que trouxessem algo com o qual ele pudesse se cobrir. E o homem que carregava as velas trouxe um manto escarlata que Arcalaus havia dado a este, seu carcereiro.

Amadís a cobriu com ela e, tomando-a pela mão, levou-a para o palácio, dizendo-lhe que não teria medo de voltar de lá se não o matassem primeiro, e levando-a consigo, chegaram onde o grande carcereiro e os outros mortos estavam, porque ela estava muito assustada e disse:

"Oh, mãos! Quantas feridas e quantas coisas grosseiras você fez e deu a mim e a outros que jazem aqui sem merecer, e mesmo que você não senta vingança, aquela alma infeliz que o segurou sente."

"Senhora", disse Amadís, "desde que eu a coloque com meu escudeiro, voltarei e tirarei todos para que não fique ninguém."

Então eles foram em frente e quando chegaram à rede, um homem veio e disse ao que carregava as velas: "Arclaus lhe diz que qual é o senhor que entrou aqui, se você o matou ou se ele é um prisioneiro." Ele

estava com tanto medo que não falou e as velas caíram de suas mãos. Amadís pegou e disse: "Não tenha medo, Ribaldo, o que você tem medo de ser meu guarda?" Vá em frente.

E subiram os degraus até saírem do curral e viram que grande parte da noite havia passado e a toupeira estava bem clara. Quando a dona viu o céu e o ar, ficou tão maravilhada quanto quem não via há muito tempo e disse:

"Oh, bom cavaleiro! Deus te guarde e me dê a recompensa que vai me tirar daqui." você merece

Amadís a pegou pela mão e chegou onde havia deixado Gandalín, mas não o encontrou e temeu tê-lo perdido e disse:

"Se o melhor escudeiro do mundo for morto, para ele será feito o melhor e mais cruel." vingança que nunca foi feita, se eu viver.

Enquanto ele estava assim, ele ouviu algumas vozes e indo até lá ele encontrou o anão que se separou dele, pendurado pela perna em uma viga e usando um fogo com coisas mal cheirosas, e ele viu Gandalín em outro lugar que estava amarrado para um posto.. E querendo desamarrá-lo, disse:

— Senhor, corra primeiro para o anão, ele é muito cuidadoso.

Amadís assim o fez, segurando-o no braço com a espada, cortou a corda e o colocou no chão e foi desamarrar Gandalín dizendo: você aqui."

Y fuese a la puerta del castillo y hallóla cerrada de una puerta colgadiza y como vio que no podía salir apartóse al un cabo del corral donde había un poyo y sentóse allí con la dueña y tuvo consigo a Gandalín y al enano y los dos hombres de a prisão. Gandalín mostrou-lhe uma casa onde colocaria seu cavalo e ele foi até lá e arrombando a porta o encontrou selado e de frente para ele e o trouxe para casa. E de bom grado gostaria de voltar para buscar os prisioneiros, mas havia a suspeita de que o proprietário não receberia danos de Arcalaus, pois já estava no castelo e concordou em esperar o dia. Ela perguntou à dona quem era o rei que a amava e por quem ela sofria tanto.

"Senhor", disse ela, "sendo este Arcalaus um grande inimigo do rei de quem sou amada, e sabendo disso, não podendo vingar-se dele, concordou em tomá-lo sobre mim, acreditando que este era o maior desgosto que lhe causou, e em todo caso que antes de muitas pessoas ele me levou, ele entrou em mim em um ar tão escuro que ninguém podia me ver; Isso foi devido aos seus encantamentos que ele faz, e ele me colocou lá onde você me encontrou, dizendo que como eu sofria em tanta escuridão e aquele que me ama não me vendo nem me conhecendo, seu coração se alegrou com essa vingança.

"Diga-me", disse Amadís, "se lhe agrada, quem é esse rei?"

"Arbán de Norgales", disse o proprietário, "não sei se você ouviu falar dele."

"Misericórdia Deus", disse Amadís, "que é o cavalheiro do mundo que eu mais amo, agora não lhe devo tanta piedade como antes, já que você sofreu por um dos melhores homens do mundo, pelo aquele que, com dupla alegria e honra, será satisfeito.

Falando sobre isso e outras coisas, eles estavam lá até a manhã quando o dia estava claro; Então Amadís viu na fenestrae um senhor que disse:

"Foi você quem me matou, meu carcereiro e meus homens?"

"Como", disse Amadís, "é você que mata injustamente cavaleiros e apreende duenas e donzelas?" É verdade, tenho você como o cavalheiro mais desleal do mundo, por ter mais grosseria do que bondade.

"Você ainda não sabe", disse o cavaleiro, "toda a minha crueza, mas eu vou fazer você saber em breve, e eu vou me certificar de que você não trabalhe para corrigir ou retrair qualquer coisa que eu faça certo ou errado , e ele pulou da janela e não demorou muito para ela vê-lo sair para o curral muito bem armado e em cima de um grande cavalo e ele era um dos grandes cavaleiros do mundo que era não um gigante. Amadís olhou para ele, acreditando que ele tinha muita força de razão, e Arcalaus lhe disse: "O que você está olhando para mim?"

"Olhe para você", disse ele, "porque em sua opinião você poderia ser um homem muito distinto se suas más ações não atrapalhassem a deslealdade que você quer manter."

"Em boa hora", disse Arcalau, "a sorte me trouxe, se eu fosse repreendido como você, e sua lança foi baixada para ele, e Amadís também, e Arcalaus o feriu no escudo e a lança foi em pedaços e eles se juntaram." os cavalos e eles um com o outro tão bravamente que caíram para seus respectivos lados, mas então eles estavam a pé como aqueles que eram muito vivos e fortes e se feriram com as espadas de tal maneira que foi entre eles uma batalha tão cruel e valente que ninguém poderia acreditar, se não a visse, que durou muito tempo porque ambos eram de grande força e ardor, mas Arcalau se jogou para fora e disse:

— Cavalheiro, você está em uma aventura de morte e não sei quem você é; me diga porque eu sei que penso mais em te matar do que em ganhar.

"A minha morte", disse Amadís, "está na vontade de Deus, a quem temo, e a tua na do diabo, que já está zangado por te prender, e quer o corpo ao qual deu tantos vícios ruins, com a alma a perecer." e já que queres saber quem sou, digo-te que dei o nome de Amadís de Gaula, e sou cavaleiro da rainha Brisena e agora me esforço para culminar a batalha que não te deixarei descansar.

Arcalau tomou o seu escudo e a sua espada e ambos se feriram com golpes muito fortes e ásperos, de modo que a praça ficou cheia de pedaços dos seus escudos e da cota de malha das suas armas e sendo já a hora de Terce, Arcalau perdera muito. de sua força foi acertar Amadís por cima do capacete e, não conseguindo segurar a espada, ela escorregou de sua mão e caiu no chão e como ele queria pegá-la, Amadís o empurrou com tanta força que ele o fez bater no chão com as mãos, e quando ele se levantou e deu-lhe um golpe com a espada por cima do capacete que o deixou entorpecido. Quando Arcalau se viu à beira da morte, começou a fugir contra um palácio de onde havia saído e Amadís atrás dele, e ambos entraram no palácio, mas Arcalau pegou uma câmera e à sua porta estava uma duena que parecia Arcalau lutaram entre si, já que ele entrou na câmara, pegou uma espada e disse contra Amadís: — Agora entre e lute comigo.

"Mas vamos lutar neste palácio que é maior", disse Amadís.

"Não quero", disse Arcalaus.

"Como", disse Amadís, "você acha que está se protegendo?" E colocando o escudo na frente dele, ele entrou com ele, e levantando a espada para feri-lo, ele perdeu a força de todos os seus membros e sentidos e caiu no chão como se estivesse morto. Arcalaus disse: — Não quero que morra desta morte, mas desta, e disse à dona que os olhava: — Achas, amigo, que me vingarei deste senhor?

"Parece-me", disse ela, "que você vai se vingar à vontade, e então ela desarmou Amadís, que não sabia de si mesmo, armou-se com essas armas e disse ao proprietário:

"Este senhor, que ninguém o tire daqui, porque você o ama, e deixe-o assim até sair a alma dele", e ele saiu armado assim para o curral e todos cuidaram para que ele o matasse.

E o dono que saiu da cadeia estava de luto, mas na de Gandalín não se fala.

E Arcalaus disse:

— Dona, procure outra pessoa para tirar você daqui, a que você viu desembrulhada é.

Quando Gandalin ouviu isso, ele caiu no chão como se estivesse morto. Arcalaus pegou a duena e disse: "Venha comigo e você verá como morre aquele infeliz que lutou comigo".

E levando-a até onde estava Amadís, ele disse: "O que você acha, senhora?"

Ela começou a chorar amargamente e disse: —

Oh, bom cavaleiro, quanta dor e tristeza sua morte será para muita gente boa!

Arcalaus disse ao outro proprietário que era sua esposa:

"Amigo, assim que este senhor estiver morto, devolva aquele dono ao cárcere onde ele a tirou e eu irei à casa do rei Lisuarte e contarei lá como briguei com ele e que foi vontade dele e minha que eu aceitei. tomar esta batalha, com a condição de que o vencedor corte a cabeça do outro e o tribunal o dirá dentro de quinze dias. E assim ninguém terá motivos para exigir esta minha morte e ficarei com a maior glória e alteza de armas, que há um cavaleiro em todo o mundo, por ter derrotado este que não tinha igual.

E, voltando ao curral, mandou colocar Gandalin e o anão na prisão escura. Gandalin queria que eu o matasse e não parava de

chamá-lo: — Traidor, você matou o cavaleiro mais leal que nunca nasceu.

Mas Arcalaus mandou que ele levasse seus homens, arrastando-os pela perna, dizendo:

"Se eu te matasse, você não se arrependeria, lá dentro você achará muito maior que a própria morte", e montado no cavalo de Amadís, levando consigo três escudeiros, meteu-se na estrada onde estava o rei Lisuarte.

Capítulo 19

Como Amadís se encantou com Arcalaus, o encantador, porque Amadís queria tirar da prisão o dono Grindalaya e outros. E como escapou dos encantamentos que Arcalaus lhe lançara.

Grindalaya, como se chamava a dona presa, lamentou muito Amadís, que pena ouvir dizer à mulher de Arcalau e às outras donas que estavam com ela: "Ai, minhas damas! de cavaleiro e com que tenra idade ele foi um dos melhores cavaleiros do mundo; mal sejam aqueles que sabem de encantamentos que podem fazer tanto mal e dano ao bem. Oh meu Deus, como você quer sofrer?

A esposa de Arcalau que, tanto quanto o marido estava subjugado à grosseria e à maldade, estava subjugado à virtude e à piedade, e ela se arrependeu profundamente do que seu marido fez e sempre em suas orações implorou a Deus que o corrigisse, ela consolou o dono tanto quanto ela podia. E estando ali, duas donzelas entraram pela porta do palácio e trouxeram em suas mãos muitas velas acesas e as colocaram nas bordas da câmara onde estava Amadís; as donas que ali estavam não podiam falar com elas nem sair de onde estavam e uma das criadas tirou um livro de um baú que trazia debaixo da axila, e começou a ler para ele e uma voz lhe respondia às vezes e lendo assim a No fundo da sala, muitas vozes lhe responderam juntas dentro da câmara que parecia ser mais de uma centena, então viram como um livro rolou no chão da câmara, como se o vento o carregasse e parou aos pés da donzela e ela pegou e ele dividiu em quatro partes e foi queimá-las nas bordas da câmara e onde as velas estavam acesas e ele se virou para onde estava Amadís e pegando-o pela mão direita ele disse: — Senhor, levante-se, você está muito preocupado.

Amadís se levantou e disse:

"Santa Maria! O que foi isso, que ele quase foi morto?"

"É verdade, senhor", disse a donzela, "um homem como você não deve morrer assim, Antes que Deus queira que morram nas suas mãos outros que melhor o merecem.

E ambas as donzelas voltaram de onde vieram sem outra palavra. Amadís perguntou a Arcalaus o que fazer e Grandalaya contou-lhe como estava encantado e tudo o que Arcalaus dissera, e como foi armado com as suas armas e a cavalo à corte do rei Lisuarte para lhe dizer como o mataria. Amadís disse:

— Senti-me bem quando ele me desarmou, mas tudo me pareceu um sonho, e então ele voltou para a câmara e se armou com as armas de Arcalau e saiu do palácio e perguntou o que ele fez com Gandalin e o anão; Grindalaya disse-lhe para colocá-los na cadeia. Amadís disse à mulher de Arcalaus: "Mantenha esta duena como sua cabeça para mim até que eu volte."

Então ele desceu as escadas e saiu para o curral, quando os homens de Arcalaus assim armados o viram fugindo e se espalhando por toda parte e ele então foi para a cadeia e entrou no palácio onde os homens mataram e de lá ele chegou à prisão em que os prisioneiros eram e o lugar era muito estreito e os prisioneiros eram muitos e tinham mais de cem braças de comprimento e uma e meia de largura, e era tão escuro quanto por onde a luz ou o ar podiam entrar e eram tantos que havia não havia quarto. Amadís entrou pela porta e chamou Gandalín, mas

ele estava como se estivesse morto e quando ouviu sua voz estremeceu e não se importou que fosse ele, que pensasse que estava morto, e achava que estava encantado. Amadís ficou mais chateado e disse:

"Gandalin, de onde você é?" Oh, Deus! Que coisa ruim você está fazendo em não me responder - e ele disse contra os outros—: Diga-me, pelo amor de Deus, se o escudeiro que trouxeram aqui está vivo.

O anão que ouviu isso sabia que era Amadís e disse: — Senhor,

aqui mentimos e estamos vivos, embora tenhamos saudades da morte.

Ele ficou muito feliz em ouvir isso e levou velas que se encaixavam na lâmpada do palácio e acendendo-os, ele voltou para a prisão e viu onde Gandalin e o anão estavam e disse:

— Gandalín, saia, e depois de você todos os que estão aqui, não deixem ninguém ficar.

Todos diziam: —

Ai, bom senhor, Deus lhe dê um bom prêmio porque você nos atropelou.

Então ele tirou Gandalin, que era o último, da cadeia, e depois dele o anão e todos os outros que estavam cativos ali, que eram cento e quinze, e os trinta cavaleiros e todos foram atrás de Amadís para sair da caverna ditado:

"Oh, cavaleiro abençoado! Foi assim que Nosso Salvador Jesus Cristo saiu do inferno quando ele tirou seus servidores. Que ele te agradeça pela misericórdia que você nos faz.

Então todos eles saíram para o curral onde, vendo o sol e o céu, se ajoelharam, com as mãos levantadas, dando muitas graças a Deus que tanto esforço foi dado àquele senhor para tirá-los de tão cruel e lugar indescritível. Amadís olhou para eles com grande luto ao vê-los tão maltratados, que seus semblantes pareciam mais mortos do que vivos, e viu entre eles um bem grande e bem feito, embora sua pobreza o tornasse diferente; veio contra Amadís e disse: — Senhor cavaleiro: quem diremos que nos libertou desta prisão cruel e escuridão assustadora?

"Senhor", disse Amadís, "eu lhe direi de boa vontade." Saiba que dei o nome de Amadís de Gaula, filho do rei Perión, e sou da casa do rei Lisuarte e cavaleiro da rainha Brisena, sua esposa, e vindo em busca de um cavaleiro, um anão me trouxe aqui para um presente que eu prometeu a ele.

"Bem", disse o cavaleiro, "sou de sua casa e muito conhecido do rei e sua família, onde me vi com mais honra do que sou agora.

"Você é da casa dele?", disse Amadís.

"Sim, eu sou, é verdade", disse o cavalheiro, "e é de onde eu vim quando fui colocado no lugar errado. De onde você me tirou?

"E como você o nomeou?", disse Amadís.

"Brandoibas", disse ele. Quando Amadís ouviu, ficou muito contente e foi abraçá-lo e disse: — A Deus, misericórdia por querer me dar um lugar para tirá-lo de uma dor tão crua que muitas vezes ouvi o rei Lisuarte falar de você e todos os da corte, enquanto eu estava lá, elogiando suas virtudes e cavalheirismo e tendo grande sentimento por nunca saber notícias de sua vida.

Então todos os prisioneiros foram até Amadís e lhe disseram: "Senhor, estamos aqui à sua mercê, o que você nos ordena que façamos de boa vontade?" faremos para que haja tanta razão para isso.

"Amigos", disse ele, "deixem cada um ir para onde lhe agrade mais e com mais lucro." mar.

"Senhor", disseram eles, "embora não nos conheças, nem saibas de que terra somos, todos te conhecemos para te servir e quando chegar a hora de te ajudar, vamos esperar por tua ordem, que sem nós iremos onde você estiver."

Com isso, cada um seguiu seu caminho o máximo que pôde, eles precisavam bem. Amadís levou consigo Brandoibas e dois de seus escudeiros que lá estavam presos e foi da mulher de Arcalau que estava com outras mulheres, e encontrou Grindalaya com ela e disse: castelo, que a grande maldade de seu marido me deu motivo para isso, mas deixá-lo por causa daquele respeito que os cavaleiros devem às senhoras e donzelas.

A dona disse-lhe chorando:

"Deus é testemunha, senhor cavaleiro, da dor e da dor que minha alma sente no que Arcalau, meu senhor, faz, mas eu não posso, mas como marido, obedecer-lhe e rogar a Deus por ele, em sua moderação é fazer contra mim o que você quer senhor.

"O que vou fazer", disse ele, "é o que eu disse, mas peço-lhe muito que nos faça dar algumas roupas ricas para este dono que é de grande aparência e para este senhor algumas armas, que foram tomadas aqui, e um cavalo, e se você se ofender com isso, não será exigido de você, mas tomarei as armas de Arcalaus para mim e seu cavalo para mim e digo-lhe bem que a espada que ele carrega para mim iria querer mais do que tudo isso.

"Senhor", disse o proprietário, "é exatamente o que você exige e se não fosse, sabendo de sua contenção, eu o faria de bom grado."

Então mandou trazer as mesmas armas de Brandoibas e obrigou-o a dar-lhe um cavalo e a pôr a dona em seu quarto e vestiu-a com uns bons panos dela e trouxe-a perante Amadís e implorou-lhe que comesse alguma coisa antes de partir. Ele concedeu, porque o dono o fez dar o melhor que podia. Grindalaya não conseguia comer, antes ficava muito chateado por sair do castelo, porque Amadís e Brandoibas riam com vontade e muito mais do anão, que estava com tanto medo que não conseguia comer nem falar e perdeu a cor. Amadís lhe disse: "Anão, você quer que esperemos Arcalaus e lhe demos o presente que você me deu?"

"Senhor", disse ele, "isso me custou tão caro que eu nunca vou pedir a você ou a qualquer outra pessoa um presente enquanto eu viver e vamos sair daqui antes que o diabo tome conta daqui, que eu não possa sofrer essa perna na qual eu estava pendurado e os narizes cheios da pedra de enxofre que ele colocou embaixo de mim, que eu nunca fiz além de espirrar e pior ainda.

Grande foi a risada que Amadís e Brandoibas e até as donas e empregadas deram com o que ele disse, e assim que as toalhas foram levantadas, Amadís se despediu da esposa de Arcalau e ela o confiou a Deus e disse: -Deus colocou um compromisso entre meu senhor e você!

"Isso mesmo, duenna", disse Amadís, "mesmo que eu não tenha com ele, terei com você, porque você merece."

E com o tempo foi que essa palavra que ele disse ali muito beneficiou o dono; assim como no quarto livro desta história será contada a você. Depois cavalgaram a cavalo e a duena num palafrém e, saindo do castelo, viajaram todo o dia juntos, até à noite em que se hospedaram na casa de um infante que morava a cinco léguas do castelo; onde se prestaram muita honra e serviço, e outro dia, ouvindo missa, despediram-se do hóspede e entraram e Amadís disse a Brandoibas: cansado, será bom que nos separemos.

"Senhor", disse ele, "convém a mim ir à corte de D. Lisuarte e se ordenar, espero por si."

"Muito obrigado", disse Amadís, "mas é conveniente para mim caminhar sozinho e colocar aquela duena no lugar onde ela quer ir."

"Senhor", disse ela, "vou com este senhor aonde ele for, porque lá encontrarei aquele por quem fui presa; que haverá prazer com a minha visão.

"Em nome de Deus", disse Amadís, "e a Deus, você foi confiado".

Então eles foram embora como você ouve e Amadís disse ao anão: —

Amigo, o que você vai fazer de si mesmo?

— O que você mandar, ele disse.

"O que eu ordeno", disse Amadís, "é que você faça o que mais lhe agrada."

"Senhor", disse ele, "bem, você me deixa, eu gostaria de ser seu vassalo para servi-lo; que não sinto agora com quem posso viver melhor.

"Se te agrada", disse Amadís, "assim me agrada e te recebo como meu vassalo."

O anão beijou sua mão. Amadís percorreu o caminho conforme a sorte o guiou, e não demorou muito para que ele encontrasse uma das donzelas que o abrigava, chorando alto e dizendo-lhe: — Donzela, por que está chorando?

"Estou chorando", disse ela, "por causa de um pequeno arco que aquele senhor que vai lá e não tem favor me levou; embora no que diz respeito ele escapou da morte não no terceiro dia, o melhor cavalheiro do mundo, e no outro meu companheiro que outro companheiro leva à força para desonrá-la.

Esta donzela não conhecia Amadís por causa do elmo que usava, como os cavaleiros viram mais tarde; e ao ouvir isso, ele passou por ela e alcançou o cavaleiro e disse-lhe: "É verdade, cavaleiro, você não é cortês o suficiente para fazer a donzela chorar por você; Aconselho-o a cessar o excesso e transformá-lo em sua arca.

O senhor começou a rir e Amadís lhe perguntou: "Por que você está rindo?"

"Eu rio de você", disse ele, "porque acho que você é louco por dar conselhos a alguém que não lhe dá conselhos." demanda, nem fará nada que você diga.

"Pode ser", disse Amadís, "que não nos faria nenhum bem e lhe daria sua arca, já que ele não tem um profissional para você."

"Parece", disse o cavaleiro, "que você me ameaça."

"Sua grande arrogância é uma ameaça", disse Amadís, "que nos coloca em fazer essa força contra quem você não deveria."

O cavaleiro colocou o caixão em uma árvore e disse: "Se sua ousadia é como palavras, venha buscá-lo e dê ao seu dono".

E ele virou a cabeça do cavalo contra ele. Amadís, que já era vicioso, foi até ele e ele veio com toda a força para machucá-lo e o encontrou no escudo, que era falso, mas ele não passou o arreio, que era forte e quebrou a lança, e Amadís encontrou-o com tanta força que o derrubou no chão e o cavaleiro em cima dele, e ele estava tão machucado que não conseguia se levantar. Amadís pegou a arca e deu para a donzela e disse: "Atende aqui enquanto eu ajudo a outra".

Então ele foi o mais longe que pôde onde viu o cavaleiro e logo o encontrou entre algumas árvores onde ele havia amarrado seu cavalo e o palafrém da donzela e o cavaleiro com ela e forçando-a a desonrá-la e ela gritou alto e a levou pelo cabelo para um arbusto, e ela disse com grande preocupação:

— Ai, traidor, meu inimigo!, ainda morra de uma morte ruim pelo que você faz comigo dessa maneira que você quer me desonrar, de eu não receber dano.

Nesse ser, Amadís chegou gritando e dizendo que deveria deixar a donzela e o O cavaleiro que o viu então foi pegar suas armas e montou seu cavalo e disse: "Num ponto ruim você me impediu de fazer minha vontade".

"Deus confunda tal vontade", disse Amadís, "que faz o cavalheiro perder a vergonha."

"É verdade, se eu não me vingasse de você", disse o cavaleiro, "nunca traria armas."

"O mundo perderia muito pouco", disse Amadís, "se você os abandonar, porque os usa tão vilmente, forçando mulheres que deveriam ser guardadas por cavalheiros".

Então eles correram na velocidade dos cavalos e se encontraram com tanta força que foi incrível e o cavaleiro quebrou sua lança, mas Amadís o jogou por cima do punho traseiro e bateu o capacete no chão, e como todo o corpo caiu no pescoço, gire; de tal forma que ficou mais morto do que vivo e Amadís, que o viu tão maltratado, trouxe o cavalo para cima dele dizendo: "Assim perderás o teu zelo desonesto", e disse à donzela: "Amiga, tu não o temerá mais."

"Assim me parece, senhor", disse ela, "mas tenho medo de outra empregada minha que levou um caixão que não sofrerá nenhum dano."

"Não tenha medo", disse Amadís, "eu o fiz dar a ela e ver que ela vem com meu escudeiro."

Então ele tirou o capacete e a donzela o conheceu e ele a ela, que foi ela quem o levou: vindo ele de Gaula para Urganda o Desconhecido, quando ele atacou seu amigo por forças de armas do castelo de Baldoid e descendo de o cavalo a Ela foi abraçar e assim fez à outra desde que chegou e disseram-lhe: "Senhor, se soubéssemos que defensora temos, teríamos pouco medo de sermos forçadas e

Você pode muito bem dizer que se nós o atropelamos foi porque você mereceu, que você nos atropelou.

"Senhoras", disse Amadís, "eu estava em maior perigo, e peço que me digam como souberam."

A donzela que o pegou pela mão disse-lhe: "Senhor, minha tia Urganda me disse há dez dias para trabalhar para chegar a essa hora para libertá-lo."

"Deus, obrigado", disse ele, "e eu vou servi-lo em tudo o que você mandar e quiser." quanto bem você fez isso, e veja se eu sou para mais necessidade.

"Senhor", disseram eles, "volta para o teu caminho, pelo qual nos deixaste, e seguiremos o nosso".

"Vá a Deus", disse ele, "recomende sua senhora a mim e diga a ela que ela já sabe que sou seu cavaleiro."

As donzelas seguiram seu caminho e Amadís voltou para o dela; onde ficará, para contar o que Arcalaus fez.

Capítulo 20

Como Arcalaus trouxe à corte do rei Lisuarte a notícia de como Amadís foi morto, e como as grandes lágrimas que foram feitas em toda a quadra por ele, especialmente por Oriana.

Arcalaus viajou tanto depois que saiu de Amadís, onde o deixou encantado, a cavalo e armado com suas armas, que depois de dez dias chegou à casa de D. Lisuarte Cavalgava com grande companhia e andava entre o seu palácio e a floresta e viu como Arcalau vinha contra ele, e quando viram o cavalo e também as armas, todos cuidaram que Amadís estivesse, e o rei foi ter com ele muito feliz, mas estando mais perto Viram que não era quem pensavam, que tinha o rosto e as mãos desarmados, e ficaram maravilhados. Arcalau foi diante do rei e disse:

"Senhor, venho a ti porque fiz tanto barulho para aparecer aqui para contar como matei um cavaleiro numa batalha, e é verdade que venho com vergonha porque diante dos outros gostaria de ser elogiado, mas não posso fazer que assim era." conveniência entre ele e mim, que o vencedor deve cortar a cabeça do outro e se apresentar diante de você hoje neste dia, e eu lamentei muito que ele me disse que era um cavaleiro da rainha, e eu disse-lhe que se me matasse que mataria Arcalaus, com esse nome e ele disse que havia um nome Amadís de Gaula, por isso foi morto desta forma e fiquei com a honra e o preço da batalha.

— Ah, Santa Maria vale a pena! disse o rei, "morto ele é o melhor e mais corajoso cavaleiro do mundo." Oh, Senhor Deus, por que você quis fazer um bom começo com um cavalheiro?

E ele começou a chorar muito indescritível e todos os outros que estavam lá. Arcalau virou-se para que ele veio com tanta raiva e aqueles que o viram o amaldiçoaram, rezando e pedindo a Deus que lhe desse uma morte ruim e eles mesmos dariam a ele, se não porque, segundo sua razão, não havia motivo para isso. isto. O rei foi para seu palácio muito triste e maravilhosamente triste e as notícias soaram por toda parte até que ele chegou à casa da rainha, e as donas que souberam que Amadís estava morto começaram a chorar, pois ele era muito amado e amado por todos. Oriana, que estava em seu quarto, mandou a donzela da Dinamarca para saber o que era aquele choro. A empregada saiu e, ao saber, voltou machucando o rosto com as palmas das mãos e, chorando muito, olhou para Oriana e lhe disse: — Oh, senhora, que problema e que dor! Oriana estremeceu toda e disse: — Oh, Santa María, se Amadís está morto?

A donzela disse: —

Ai, cativa, como está morto!, e com o coração de Oriana morrendo, ela caiu no chão morto. A donzela que a viu assim parou de chorar e foi até Mabilia, que estava sofrendo profundamente, despenteando os cabelos, e lhe disse: "Sra. Mabilia, fuja para minha senhora, ela está morrendo".

Ela virou a cabeça e viu Oriana deitada no estrado, como se estivesse morta, e embora seu problema fosse tão grande que não poderia ser mais, ela quis remediar o que era conveniente e ordenou à donzela que fechasse a porta do quarto, porque ninguém a via assim e ela foi pegar Oriana nos braços e a fez jogar água fria no rosto com a qual ela então concordou quanto; e, como podia falar, disse chorando:

"Oh, meus amigos, pelo amor de Deus! Não impeçam minha morte, se querem meu descanso, e não me tornem tão desleais que eu só viva uma hora sem aquele que não morre com minha morte, mas com a minha vontade, ele não poderia viver tanto tempo." apenas uma hora.

Mais tarde,

ele disse: "Oh, flor e espelho de toda cavalaria! Sua morte é tão séria e estranha para mim, que não só eu sofrerei por ela, mas o mundo inteiro perderá esse grande líder e capitão, assim." armas como em todas as outras virtudes, onde aqueles que vivem pelo exemplo poderiam tomar; mas se ele dá algum consolo ao meu triste coração, não é nada mais que isso, não podendo sofrer uma ferida tão cruel, despedindo-se de mim ele vai para o seu, que embora na terra fria seja sua morada onde eles estarão desfeitos e consumidos, essa grande ignição de amor que estando nesta vida separados com tanto carinho que sustentaram, muito maior é o outro estar junto, se for possível conceder, sustentarão.

Então ela morreu de tal maneira que eles cuidaram de tudo que ela estava morta e aqueles cabelos muito bonitos estavam muito bagunçados e esticados no chão e suas mãos estavam sobre o coração onde a morte furiosa a atingiu, sofrendo em maior grau aquela tristeza cruel que tinham sido os prazeres e delícias até então em seus amores; assim como em coisas semelhantes dessa qualidade acontecem continuamente.

Mabilia, que realmente se importava que ele estivesse morto, disse:

"Oh, Senhor Deus! Você não quer que eu viva, porque as duas coisas que eu mais amei neste mundo estão mortas."

A donzela lhe disse:

"Pelo amor de Deus, senhora, não deixe sua discrição morrer em tal hora, e corra para o que você pode fazer."

Esforçando-se, Mabilia se levantou e pegando Oriana, a colocaram na cama. Oriana suspirou e balançou os braços de um lado para o outro como se sua alma tivesse sido arrancada. Quando Mabilia viu isso, pegou um pouco da água e derramou no rosto e nos seios novamente e a fez abrir os olhos e se lembrar de outra coisa e lhe disse:

— Ai, señora!, que pouco sentido é este que se deixem morrer com notícias tão leves como trouxe aquele senhor, sem saber que é verdade, que, seja porque exigiu essas armas ou cavalo de seu amigo, ou talvez porque ele tendo roubado, ele poderia alcançá-los, mas não da maneira que ele disse que faria, porque Deus não fez seu amigo tão azarado para que ele pudesse ser tirado do mundo tão rapidamente; o que você fará se algo for conhecido sobre sua grande preocupação, será perdê-lo para sempre.

Oriana fez um pouco mais de esforço e teve os olhos fixos na janela onde falou com Amadís no momento em que ali chegou e disse com uma voz muito fraca, como quem perdeu as forças:

— Ai, janela, que problema é esse belo discurso que se fez em você!, eu sei bem que você não vai duvidar tanto que em você dois outros falam tão verdadeiro e desiludidos falam.

Outros diziam: Oh, meu amigo, flor de todos os cavalheiros, quantos perderam abrigo e defesa em sua morte e que sofrimento e dor será para todos eles! mas para mim muito maior e mais amarga, como aquela que era muito mais que a sua, que assim como em você estava toda a minha alegria e minha alegria, assim a falta de você é tomada o reverso de grandes e incomparáveis tormentos; a minha alma se cansará, até que me sobrevenha a morte, que tanto desejo, que, sendo causa que se anima com a tua, junta-se a um descanso muito maior do que a vida conturbada será para mim uma ocasião.

Mabilia, com um semblante perverso, disse-

lhe: "Como, senhora, você acha que se eu tivesse essa notícia eu acreditaria que teria o esforço de consolar alguém?" O amor que tenho pelo meu confrade não é tão pequeno ou leve, mas Deus me salve se eu pudesse acreditar corretamente em você ou aqueles neste mundo que o amam bem, eu não daria vantagem ao que sua morte deveria mostrar e fazer, então o que

O que você faz é inútil e pode causar muitos danos, porque com isso você pode descobrir muito rapidamente do que temos tanta inveja.

Oriana, ouvindo isso, disse-lhe:

— Não me importo muito com isso, porque agora tarde ou cedo pode não demorar muito para que fique claro para todos, mesmo que eu tente encobrir, que quem não quer viver não pode temer nenhum perigo, mesmo que ele venha.

Neste que você ouve, a donzela da Dinamarca passou o dia inteiro contando a todos como Oriana não ousava se separar de Mabilia, porque ela não deveria se matar, uma preocupação tão grande era dela, mas a noite que veio com mais cansaço eles passaram isso, que Oriana estava morrendo Muitas vezes, tanto, que nunca pensaram que o amanhecer chegaria, tanto era o pensamento e a preocupação que ele tinha no coração, porque outro dia na hora das toalhas de mesa do rei queriam colocar Brandoibas pela porta do palácio carregando Grindalaya à noite, de mãos dadas com aquele hobby que ele tinha, que dava muito prazer a quem o conhecia, porque muito tempo se passou antes que ele soubesse de alguma notícia e ambos caíram de joelhos diante o rei. O rei, que tanto valorizava, disse assim: "Brandoibas, você é muito bem-vindo, como você demorou tanto, que tanto ansiávamos por você?"

Ao motivo que o rei disse, ele respondeu e disse:

— Senhor, fui colocado em uma prisão tão grande onde não pude sair sob qualquer disfarce, senão pelo muito bom cavaleiro Amadís de Gaula, que por sua cortesia me levou e este proprietário e outros muitos, fazendo tanto nas armas que ninguém mais poderia fazer, e ele teria morrido pela maior fraude que o traidor de Arcalau nunca viu, mas era dirigido por duas donzelas que não deveriam amá-lo pouco .

Ao ouvir isso, o rei levantou-se rapidamente da mesa e disse:

"Amigo, pela fé que você deve a Deus e a mim, diga-me se Amadís está vivo".

— Por isso, senhor, o que me diz, digo que é verdade que o deixei vivo e saudável ainda não faz dez dias, mas por que pergunta?

— Porque Arcalaus veio nos dizer ontem à noite para matá-lo, disse o rei, e disse-lhe por que qual guisado havia contado.

"Oh, Santa Maria", disse Brandoibas, "que traidor malvado! Bem, o processo que ele estava cuidando piorou.

Então ele contou ao rei o que havia acontecido com ele com Arcalau, que nada faltava, como você já ouviu antes disso. Quando o rei e toda a sua casa ouviram isso, ficaram tão felizes que não poderiam estar mais felizes, e ele ordenou que levassem a rainha para Grindalaya e lhe contasse notícias sobre seu cavaleiro, que foi com ela e com todos. aos outros, muito amor e grande alegria recebidas pelas boas novas que lhes contava. A donzela da Dinamarca que os ouviu foi até onde pôde dizer à patroa que a transformaram de morta em viva, e ordenaram que ela fosse até a rainha e mandasse a dona, porque Mabilia queria falar com ela, e então ela o fez, que Grindalaya foi ao quarto de Oriana e lhes contou todas as boas novas que ele trouxe e eles lhe fizeram muita honra e não queriam que ele comesse em outro lugar, mas na mesa deles, para ter um lugar para aprender mais amplamente sobre o que é tão grande alegria aos seus corações, que estavam tão tristes, ele lhes deu. Mas quando Grindalaya veio contar-lhes onde Amadís havia entrado na prisão e como ele havia matado os carcereiros e a tirado de onde ela estava com tantos problemas, e a batalha com Arcalaus, e tudo o mais que havia acontecido, ele misericordiosamente fez o seu espíritos se movem. Assim como você ouviu, eles estavam comendo, transformando sua grande tristeza em grande alegria. Grindalaya despediu-se deles e voltou para onde estava a rainha e lá encontrou o rei Arbán de Norgales, que a amava muito, que foi procurá-la sabendo

que estava chegando. O prazer que ambos tiveram não poderia lhe dizer. Lá foi combinado entre eles que ela ficasse com a rainha; porque não encontraria outro lugar que fosse tão honroso e Arbán de Norgales disse à rainha como aquela proprietária era filha do rei Ardrod de Serolis, e que todo o mal que ela recebeu era devido a ele, que lhe pediu por misericórdia ele tomou ela com ele, porque ela queria ser dele. Ao ouvir isso, a rainha ficou muito feliz em recebê-la em sua companhia, tanto pelas notícias que Amadís de Gaula trazia, quanto por ser uma pessoa de tão alto nível, e tomá-la pela mão, como filha de quem ela foi, ela a fez sentar diante dele, pedindo perdão se ele não tivesse sido tão honrado que a causa disso fosse não conhecê-la. A rainha também soube que esta Grindalaya tinha uma irmã solteira muito bonita, chamada Aldeva, que havia sido criada na casa do duque de Bristoya, e a rainha ordenou que ela fosse trazida para ela mais tarde para que ela pudesse morar em sua casa, porque ela a queria. muito para ver Este Aldeva era amigo de Don Galaor, aquele por quem recebeu muita raiva do anão, que você já ouviu falar. Como se sabe, o rei Lisuarte e toda a sua corte estavam muito felizes e ansiosos por ver Amadís, tão espantado com as más notícias que Arcalau lhes contara dele. De que a história vai parar de falar e vai contar sobre Don Galaor, que muito não foi dito ou lembrado sobre ele.

Capítulo 21

Como Dom Galaor chegou a um mosteiro muito ferido, e lá ficou quinze dias, ao fim dos quais foi curado; e o que aconteceu com ele depois.

Dom Galaor passou quinze dias ferido no mosteiro onde a donzela que havia tirado da prisão o levou, no final do qual, pronto para pegar em armas, saiu de lá e caminhou por um caminho onde a fortuna o guiou, que sua vontade era não ir mais para um lado do que para outro, e ao meio-dia ela se viu em um vale onde havia uma fonte e encontrou um cavaleiro armado, mas ele não tinha cavalo ou qualquer outro animal, o que o surpreendeu e lhe disse: - Senhor cavaleiro, como veio aqui a pé?

El caballero de la fuente le respondió: —

Señor, yo iba por esta floresta a un mi castillo y hallé unos hombres que me mataron el caballo y hube de venir aquí a pie muy cansado, y así habré de tornar al castillo, que no saben de mim.

"Você não vai voltar", disse Don Galaor, "mas cavalgando naquele escudeiro do meu escudeiro."

"Muitas graças", disse ele, "mas antes de irmos quero que você conheça a grande virtude desta fonte, que não há veneno tão forte no mundo que tenha força contra esta água, e muitas vezes alguns animais venenosos acontecem para beber aqui e depois estourar.", então todas as pessoas desta região vêm aqui para se abrigar de suas doenças.

"É verdade", disse Don Galaor, "é maravilhoso o que você diz e eu quero beber essa água."

"E quem acabaria com ele", disse o cavalheiro na fonte, "já que você está em outro lugar, você deveria procurá-la?"

Então Galaor desmontou e disse ao seu escudeiro:

"Desça e vamos beber, o escudeiro fez isso e colocou as armas em uma árvore." O senhor da fonte disse: "Vá beber, eu fico com o cavalo". Ele foi até a fonte para beber e enquanto bebiam, ele amarrou seu capacete e pegou o escudo e a lança de Don Galaor e, montando seu cavalo, disse-lhe: "Senhor Caballero, eu vou e você fica aqui até enganar alguém ."

Galaor, que bebia, ergueu o rosto e viu o cavaleiro partir e disse: — Verdade, cavaleiro, não só me enganou, mas também grande deslealdade; e que eu vou provar para você se você esperar por mim.

"Isso é o que resta", disse o cavaleiro, "porque quando você tem outro cavalo e outras armas com as quais você luta, e dando as esporas ao cavalo, ele seguiu seu caminho." Galaor ficou com grande fúria e depois de um pedaço ele estava pensando que montou no palafrém em que as armas lhe foram trazidas e foi pela estrada que o cavaleiro foi e chegando onde a estrada em duas partes se separava, ele estava lá um pouco , que Ele não sabia para onde estava indo e viu uma donzela passar por uma estrada com grande pressa, em um palafrém e esperou por ela até chegar onde ele estava e vindo disse: - Donzela, por acaso você viu um cavaleiro cavalgando um cavalo baio? e leva

um escudo branco e uma flor vermelha?

"E para que você quer isso?" disse a empregada. Galaor respondeu-lhe e disse:

— Essas armas e cavalo que são meus e eu gostaria de recolhê-los se pudesse, porque ele os tomou tão vilmente.

"E como você os pegou?" disse a empregada. Ele lhe contou tudo como aconteceu.

"Bem, o que você faria com ele assim, desarmado", disse ela, "já que acho que ele não tirou isso de você para levá-los de volta?"

"Eu não gostaria", disse Galaor, "além de me juntar a ele."

"Bem, se você me der um presente", ela disse, "eu me juntarei a você com ele."

Galaor, que queria muito falar com o cavaleiro, concedeu-o.

— Agora siga-me, disse ela, e voltando de onde veio, foi pela estrada e Galaor a seguiu. Mas a donzela estava um pedaço à frente, pois o palafrém de Galaor não foi tão longe, porque levava ele e seu escudeiro e andou bem três léguas que não viu, e passando por um bosque de árvores grossas viu a donzela chegando contra ele e Galaor ele foi até ela, mas a donzela era enganosa, que o cavaleiro era seu amigo, e ele disse a ela como ele estava levando Galaor a pegar as outras armas que ele carregava e ele entrou em uma tenda armado como estava e disse à donzela que lá o levou, que sem perigo poderia matá-lo ou zombar dele. Bem, indo como você ouviu, eles vieram para a tenda, e a donzela disse: "Ali está o cavalheiro que você procura."

Galaor desmontou e foi até ela, mas o outro, que estava na porta, disse: "Você não veio bem aqui, vai ter que dar essas outras armas ou vai morrer".

"É verdade", disse Don Galaor, "não temo nada de um cavalheiro tão desleal como você."

E o cavaleiro ergueu a espada para feri-lo, e Galaor se salvou do golpe que, sendo muito leve e de grande esforço, teve que fazê-lo com cuidado, e perdendo o outro golpe que era o vazio, deu-lhe um golpe tão forte ferido em cima do capacete que Ele afundou no chão de joelhos, e então ele o pegou pelo capacete e puxou com tanta força que o arrancou de sua cabeça e o fez cair de bruços. O senhor gritou bem alto para o amigo que o apressasse, e ela, que o ouviu, aproximou-se o máximo que pôde da tenda dizendo em voz alta:

"Fique quieto, cavalheiro, este é o presente que eu exigi de você."

Mas Galaor o havia ferido com a fúria que tinha de tal maneira que não havia necessidade de um professor. Quando a donzela o viu morto, ela disse: — Ai, cativo, demorei muito e tendo o cuidado de enganar outro, me iludi.

Desí disse contra Galaor: "Ay,

cavaleiro! Você é uma morte ruim, você matou a coisa que ele mais amava no mundo, mas você morrerá por ele, pelo presente que você me prometeu eu exigirei de você em parte onde você não pode dar." morte fuga, mesmo que tenha mais força, se não me der em todo lugar você será meu pregado e abiltado.

Galaor respondeu-lhe e disse:

"Se eu cuidasse para que ele tivesse que entristecê-lo tanto, eu não o mataria, embora ele mereça e você deve fugir o mais rápido possível".

"Eu cometí o erro", disse ela, "e vou corrigi-lo, vou dar a sua vida pela dele."

Galaor cavalgava em seu cavalo e o escudeiro tomou as armas e partiu dali e estando alongado uma légua virou o rosto para a mão direita e viu como a donzela vinha atrás dele e ao chegar disse-lhe: "Senhora donzela , onde você quer?"

"Com você", ela disse, "até que eu chegue onde você me dá o presente que você me prometeu e fazer você morrer uma morte ruim.

"Seria melhor", disse Don Galaor, "tirar de mim outra emenda, que você gostaria mais do que a que você diz."

"Outra emenda", disse ela, "não haverá nada além de dar sua alma pela dele ou permanecer um traidor e falso."

Então Galaor seguiu seu caminho e a donzela com ele, que nunca fez nada além de insultá-lo. Depois de três dias entraram em uma floresta, que Angadúza havia nomeado.

O autor aqui deixa de falar para contar e volta a Amadís, que deixou as donzelas de Urganda, como já vos dissemos, caminhou até ao meio-dia e saindo de uma floresta por onde caminhava, encontrou-se numa planície, naquela viu uma bela fortaleza e viu passar na planície uma carroça, a maior e mais bela que já tinha visto, e era carregada por doze palafrém e estava coberta por um jamete vermelhão, de modo que nada se via do que havia dentro. Esta carroça era guardada por oito cavaleiros armados de todos os quatro quadrantes. Amadís, ao vê-la, foi contra ela querendo saber o que era, e chegando até ela um cavaleiro se aproximou dele e disse: ."

— Não vim aqui por maldade, disse Amadís.

"Seja o que for", disse o outro, "não se preocupe com isso, porque você não é tal que deve ver o que está acontecendo lá e se você persistir nisso, custa a sua vida, porque você tem que lutar conosco, e aqui há tais que com sua Uma pessoa sozinha não te defenderia, muito menos todos eles juntos.

"Eu não sei nada sobre sua bondade", disse ele, "ainda mais se eu puder o que vai no carrinho."

Então ele pegou suas armas e os dois cavaleiros que vieram antes foram até ele e eles; um o feriu no disfarce de escudo que quebrou sua lança, e o outro morreu de seu golpe. Amadís derrubou aquele que o encontrou sem parar, e virando-se para o outro, que havia passado por ele, o encontrou com tanta força que bateu nele e no cavalo no chão, e querendo ir contra a carroça, outros dois cavaleiros veio contra ele no mais corrido dos cavalos e foi até eles e feriu um com tanta força que não lhe serviu a armadura que ele trouxe e deu um em cima do capacete com a espada um golpe tão grande, que o fez abraçar o pescoço do cavalo que nenhum sentido foi deixado. Quando os quatro viram seus companheiros vencidos por um único cavaleiro, ficaram muito assustados ao ver uma coisa tão estranha e se moveram juntos e com muita raiva contra Amadís por tê-lo ferido, mas antes que eles chegassem ele derrubou o outro no chão, e eles mataram-no, feriram-no de tal maneira: uns, no escudo e outros morreram dos encontros; Mas quem veio primeiro foi Amadís por causa do ferimento da espada, e o outro veio tão forte, que se chocaram com os escudos e os elmos com tanta força que o cavaleiro caiu do cavalo muito discordante, que ele não sabia de qualquer parte e os três Os cavaleiros voltaram-se para ele e deram-lhe grandes golpes e a um dos que tinham a lança, Amadís soltou a espada da mão e trancou-a com tanta força que a tirou das mãos e atingiu um deles com tal golpe na cabeça, na garganta, que o ferro e a flecha chegaram ao pescoço, e o atingiram morto no chão e então ele deixou os dois correrem o máximo que pôde, e feriu um no capacete com tanta força com todas as suas forças, que foi derrubado da cabeça e Amadís viu seu rosto, que era muito velho, e lamentou e disse:

"Isso mesmo, senhor cavaleiro, você deve deixar essa coisa que você está fazendo, porque se você não você ganhou honra, doravante a idade o desculpa de ganhar.

O cavaleiro disse-lhe:

"Amigo, senhor, é verdade o contrário, que é conveniente que os jovens ganhem honra e rezem aos velhos para apoiá-la tanto quanto puderem".

Quando Amadís ouviu as razões do velho, disse-lhe:

"Considero melhor o que o senhor diz, senhor, do que o que eu disse".

Sendo assim, Amadís ergueu a cabeça e viu como o outro cavaleiro que restava ia no passo mais largo de seu cavalo fugindo contra o castelo, e viu os outros, que conseguiram se levantar, caminhar atrás de seus cavalos e foram para a carroça, e levantando o jamete, enfiou a cabeça dentro e viu um monumento de pedra de mármore e na cobertura do seu susso havia uma imagem de um rei com uma coroa na cabeça e vestido de pano real, e ele tinha a coroa separou-se até a cabeça, e a cabeça até a cabeça, o pescoço, e ele viu uma duenna em uma cama e uma garota se encaixava nela e ela parecia tão bonita mais do que qualquer outra que ele tinha visto em seus dias, e ele disse para a duenna: - Senhora, por que essa figura tem esse rosto?

A dona olhou para ele e viu que não era da empresa dela e disse: "O que é isso, senhor, que o mandou ver isso?"

"Eu", disse ele, "queria ver o que estava acontecendo aqui."

"E o que nossos cavaleiros fizeram lá?" ela disse.

"Eles me fizeram mais mal do que bem", disse ele. Então, levantando o pano, a dona viu alguns deles mortos, e outros que estavam atrás dos cavalos, então ela ficou muito chateada e disse ao senhor: "Droga a hora em que você nasceu, que maldade você fez! "

"Senhora", disse ele, "seus cavaleiros me atacaram, mas por favor me diga o que estou te perguntando..."

"Então me ajude Deus", disse a duenna, "você não saberá por mim, que o mal é seu.

Quando Amadís a viu com tanta raiva, ele saiu de lá e seguiu seu caminho para onde costumava ir. Os cavaleiros do dono colocaram os mortos na carroça e eles, com muita vergonha, cavalgaram e foram contra o castelo. O anão perguntou a Amadís o que ele tinha visto na carroça. Amadís lhe disse e também que ele não podia saber nada sobre o dono.

"Se ela fosse um cavaleiro de armadura", disse o anão, "eu teria dito isso a você."

Amadís calou-se e foi em frente. E depois de ter andado uma légua, viu o velho senhor que ele havia derrubado vir atrás dele e o chamou para ouvir. Amadís ficou calado e o cavaleiro chegou desarmado e disse: — Senhor cavaleiro, venho até você com uma mensagem da dona que você viu na carroça, e que ela quer reparar a descortesia que lhe disse e pedir que fique no castelo esta noite.

"Bom senhor", disse Amadís, "eu a vi com tanta paixão pelo que aconteceu comigo com você que minha visita a irritaria mais do que lhe daria prazer."

"Acredite, senhor", disse o cavaleiro, "que você a fará muito feliz com seu tornado."

Amadís, que o cavaleiro viu com tanta idade que não devia mentir e o carinho com que lhe implorou, voltou-se para ele falando, perguntando-lhe se sabia por que a figura da pedra tinha a cabeça rachada assim, mas não queria contar a ela, mas chegando perto do castelo, ele disse que queria ir em frente, pois o dono sabia que ele vinha. Amadís caminhou mais devagar e chegou à porta sobre a qual havia uma torre e viu uma janela dela, a dona e a bela moça, e a dona lhe disse: — Entre, senhor cavaleiro, muito obrigado por ter vindo.

"Senhora", disse ele, "estou muito feliz em lhe dar prazer ao invés de raiva, e ele entrou no castelo indo primeiro, ele ouviu uma grande movimentação de pessoas em um palácio e depois cavaleiros armados e outras pessoas saíram e vieram dizendo: — Esteja lá, cavaleiro, e seja prisioneiro, se não estiver morto.

"É verdade", disse ele, "na prisão de pessoas tão enganadoras não entrarei no meu grau."

Então ele amarrou o elmo e não pôde pegar o escudo com a pressa que lhe deram, e começaram a feri-lo por toda parte, mas assim que o cavalo o jogou ele se defendeu com muita bravura, derrubando diante de seus pés aqueles que podiam alcançá-lo. O golpe certo e como ele se viu muito curvado porque havia tanta gente, ele ia contra um barracão que estava no curral, e ali preso fez maravilhas em se defender, e viu como prenderam o anão e Gandalín, e ele ganhou mais ânimo do que antes para se defender, mas como muitas pessoas foram e o feriram por todos os lados com tantos golpes, que às vezes o fizeram cair de joelhos no chão, ele não pôde escapar de ser morto para qualquer coisa; que não o levaram para a prisão porque ele havia morrido dos adversários seis deles e outros que estavam gravemente feridos, mas Deus e sua grande lealdade o ajudaram muito bem desta forma, que a bela moça que assistiu a batalha e o viu fazer essas coisas tão estranhas, havia nele uma grande pena, e chamando uma de suas criadas, disse: "Amigo, fiquei com tanta pena pela grande coragem daquele senhor, que queria que todas essas pessoas morressem mais do que ele sozinho, e venha comigo." .

"Senhora", disse a empregada, "o que você quer fazer?"

"Solte meus leões", disse ela, "deixe-os matar aqueles que têm o melhor cavaleiro do mundo em tal estreito e eu ordeno a você, como meu vassalo, que os liberte, porque ninguém mais, senão você, poderia fazer isso." , que eles não têm nenhum outro conhecimento e eu o libertarei da culpa, e devolvi ao dono. A donzela foi soltar os leões, que eram dois e muito valentes, colocaram uma corrente e eles saíram para o curral, e ela gritou para tomarem cuidado com eles, dizendo que tinham sido soltos. Mas antes que as pessoas pudessem fugir, aqueles que podiam alcançar fizeram pedaços entre suas unhas afiadas e fortes. Então, Amadís, que o povo viu fugindo para a muralha e as torres, e que estava livre delas enquanto os fortes leões se empanturavam dos que estavam diante dele, então foi o mais longe que pôde até a porta do castelo e Saindo, ele fechou-a atrás de si, de modo que os leões ficaram dentro e ele se sentou em uma pedra muito cansado, como aquele que havia lutado bem, sua espada nua na mão da qual ele havia quebrado até um terço dela. Os leões atravessaram o curral para um lado e outro e foram até a porta para sair. O povo do castelo não se atreveu a descer, nem a criada que os guardava, pois eram tão ferozes e cruéis que não obedeciam a ninguém; então os que estavam lá dentro não sabiam o que fazer e concordaram que o dono implorasse ao senhor que abrisse a porta acreditando que outra pessoa o faria, mas considerando o grande e ruim excesso que ele havia feito, ela não se atreveu a pedir-lhe para qualquer coisa por misericórdia, mas não esperando outro remédio, ele se pôs à janela e disse: "Senhor cavaleiro, já que o prejudicamos muito sem saber, supere sua humilde cortesia contra nossa culpa e, se lhe agradar, abra a porta aos leões, porque deixando-o do lado de fora, ficaremos sem medo livres do perigo e junto com isso toda a emenda pertinente será feita a você pelo erro que cometemos e cometemos, embora eu também queira lhe dizer que minha intenção e vontade não era senão mantê-lo em fortes cárceres encarcerados. Ele

respondeu com um discurso muito manso: -Que, senhora, não deveria ser como você fez isso, que eu era de grau

sua, assim como sou de todas as senhoras e donzelas que precisaram do meu serviço.

"Bem, senhor", ela disse, "você não vai abrir a porta?"

"Não, então me ajude Deus", disse Amadís, "você nem vai mostrar cortesia para mim."

A dona atirou-se chorando da janela, a linda moça lhe disse:

"Senhor cavaleiro, há tais aqui que não são culpados pelo mal que você recebeu antes eles merecem agradecimentos pelo que você não sabe.

Amadís gostou muito dela e disse: — Amiga linda, você quer que eu abra a porta?

"Eu serei muito grata a você", disse ela. Amadís ia abri-lo, e a moça disse: — Senhor cavaleiro, espere um pouco e direi ao dono que o faça livrar-se dos que estão aqui. Amadís a valorizava muito e a considerava discreta. Pois bem, a duena assegurou-lhe e disse que daria Gandalín e o anão mais tarde, e o velho cavaleiro, que já ouviste, disse a Amadís que levasse um escudo e uma maça, porque com isso poderia matar os leões quando saísse do porta.

"Isso é o que eu quero", disse Amadís, "para outra coisa, e Deus me ajude se eu fiz mal a alguém que me ajudou tão bem."

"É verdade, senhor", disse o cavaleiro, "você provará bem a lealdade dos homens, pois é assim que você tem os animais selvagens.

Então atiraram a maça e o escudo nele e Amadís colocou o que restava da espada na bainha e agarrou o escudo e com a maça na mão foi abrir a porta; Como os leões ouviram abrir, eles chegaram lá e saíram com muita força para o campo e Amadís ficou deitado de um lado e entrou no castelo e então o dono e todas as outras pessoas desceram de cima, vieram até ele e ele foi para eles e todos eles o receberam muito bem e trouxeram-lhe Gandalin e o anão. Amadís disse ao proprietário:

"Senhora, eu perdi meu cavalo aqui, se por ele você me mandar dar outro, se não eu vou a pé."

"Senhor", disse a dona, "desarmem-se e fiquem aqui esta noite, porque é tarde, que cavalo você terá, que ultrajante seria ir a pé a um cavalheiro desses."

Amadís aceitou bem e então foi desarmado em uma câmara e lhe deram uma capa para cobrir e o levaram para as fenestrae onde o dono e a moça o atenderam. Mas quando o viram dessa forma, ficaram muito surpresos com sua grande beleza e com a idade tão tenra para fazer coisas tão estranhas nos braços. Amadís provou a moça, que também lhe parecia muito bonita; Então ele disse ao dono: "Diga-me, senhora, se lhe agrada, por que a figura, que eu vi na carroça, tinha uma cabeça dividida?"

"Cavalheiro", ela disse, "se você me permitir fazer o que você deve, eu lhe direi, se não, deixe-me fazer."

"Senhora", disse ele, "não é motivo para se permitir fazer o que um homem não sabe fazer, mas sabendo disso, se é algo que toca um cavalheiro, que ele deve tomar com razão, para mim ele ganhou não se deixe."

A dona disse-lhe que falava muito bem e ordenou que todas as donas e donzelas e outras pessoas se afastassem dali e pegou a menina e disse: "Senhor cavaleiro, aquela figura de pedra que você viu foi feita em memória de seu pai essa linda menina, que jaz enfiada no monumento que está na carroça, que era o rei coroado e estando em sua cadeira real em uma festa, um irmão dela chegou lá, e lhe dizendo que não gostaria menos daquela coroa na cabeça, sendo ambos de uma conta, e tirando uma espada que ele tinha debaixo da mão, feriu-o acima da coroa e cortou sua cabeça como você viu figurativamente ali. E como já havia pensado nessa traição antes, trouxe consigo muitos cavaleiros, de modo que, quando o rei morreu e não restava mais filho ou filha dele além dessa menina, ele rapidamente reivindicou o reino, que já tinha em seu poder. posse naquela época. o velho senhor que te fez vir aqui, essa menina e fugiu com ela e a trouxe para este castelo, porque ela é minha sobrinha e depois eu tive o corpo do pai dela, e

Todos os dias eu o coloco na carroça e vou com ele pelos campos e jurei não mostrá-lo exceto para quem o viu pela força das armas, e mesmo que ele o veja não lhe direi o motivo disso se eu não aceito vingar tão grande traição, e se você bom cavaleiro, por que razão e virtude o obrigam, você quer em uma coisa tão justa empregar essa grande coragem e esforço de coração que Deus colocou em você, tendo você certo, seguirei meu estilo até encontrar dois outros cavaleiros que preciso para os três lutarem com aquele traidor e dois de seus filhos, por esta causa, que tal processo é entre eles para não ser dividido em um, antes estar juntos na batalha se for exigido.

"Senhora", disse Amadís, "você tem o direito de se vingar da maior traição de que nunca ouvi falar, e é verdade que aquele que a cometeu não pode durar muito tempo sem ser desprezado, que Deus não gostaria que ele sofrer e se você pudesse acabar com eles vieram para a batalha um a um, com a ajuda de Deus eu aceitaria.

"Eles não vão fazer isso", disse o proprietário.

"Bem", disse ele, "o que lhe agrada que eu faça?"

"Que você esteja aqui", disse ela, "a partir de hoje em um ano, se você estiver vivo, e em seu livre poder, e então eu terei os dois cavaleiros e você será o terceiro.

"De boa vontade", disse Amadís, "farei isso, e não se dê ao trabalho de procurar, Eu cuido de trazê-los para esse período e para que eles mantenham tudo muito bem.

E ele disse isso porque acreditava que até então tinha encontrado seu irmão Don Galaor e Agrajes, seu primo, que com eles ousaria empreender tão grande feito. O dono e a moça lhe agradeceram muito, dizendo-lhe que se certificasse de que os cavaleiros eram muito bons, porque assim deveriam ser, que ele tivesse certeza de que aquele rei malvado e seus filhos estavam entre os bravos e valentes cavaleiros do mundo.

Amadís lhes disse:

— Se um cavalheiro que exijo não morrer, não trabalharia duro para um terceiro, mesmo que seja mais árduo.

"Senhor", disse o proprietário, "de onde você é e onde vamos procurá-lo?"

"Dona", disse Amadís, "sou da casa do rei Lisuarte e cavaleiro da rainha Brisena, sua esposa."

"Bem, agora," ela disse, "nós vamos comer. Ele vai nos fazer um bom trabalho em um show desses."

E então entraram num palácio muito bonito onde o deram bem arrumado, e quando chegou a hora de dormir levaram Amadís para um quarto onde ele podia ficar e só ficou com ele a donzela que os leões soltaram, e ele disse para ele: — Senhor cavaleiro, aqui estão aqueles que o ajudaram, embora você não saiba.

"E o que foi isso?", disse Amadís.

"Foi", disse ela, "para salvá-la da morte, da qual você estava muito perto com os leões que soltei por ordem daquela linda menina, minha senhora, tendo pena do mal que fizeram a você."

Amadís ficou maravilhado com a descrição de tão jovem, e a donzela disse:

— É verdade, acredito que se ele viver haverá duas coisas em si mesmo que são muito extremas das outras, que serão: ser muito bonitas e de grande cérebro.

Amadís disse:

"Isso mesmo, acho que sim, e diga-lhe que lhe agradeço muito e que ele me considera seu cavaleiro".

"Senhor", disse a donzela, "estou muito satisfeita com o que dizes e ela ficará muito feliz enquanto souber de mim." pés de seu senhor, ouviram bem o que falaram e os

anão que não conhecia a propriedade de seu senhor e de Oriana, achava que amava aquela linda moça e porque ela havia pago por ela estava preso por seu cavaleiro, então esse entendimento não fez com que Amadís precisasse, por maior que fosse para ele Era hora de chegar a uma morte muito cruel, como se contará mais adiante. Depois daquela noite e da manhã seguinte, Amadís levantou-se e ouviu a missa com a dona; desí perguntou como aqueles com quem eles tiveram que lutar tinham nomes. Ela disse a ele: "O nome do pai é Abiseos, e o filho mais velho é Darasion, e o outro é Dramis, e todos os três

são de grande fato de armas.

"E a terra", disse Amadís, "qual é o nome?"

"Sobradisa", disse ela, "que faz fronteira com Serolis e é cercada pelo mar do outro lado."

Então ele se armou e montando um cavalo que o dono lhe deu, querendo se despedir, a bela moça veio com uma rica espada nas mãos, que pertencia ao pai, e disse: - Senhor cavaleiro, traga esta espada para o meu amor enquanto durar e Deus te ajude com isso.

Amadís agradeceu rindo e disse: —

Amiga, senhora; você me tem como seu cavalheiro para fazer todas as coisas que são para seu favor e honra.

Ela gostou muito disso e mostrou bem em seu semblante. O anão, que olhava tudo, disse: "É verdade, senhora, você não ganhou um pouco, que cavalheiro você fez por si mesmo."

Capítulo 22

Como Amadís deixou o castelo do proprietário e o que aconteceu com ele no caminho.

Amadís despediu-se do dono e da menina e seguiu seu caminho e andou tanto tempo sem encontrar sorte que chegou à floresta chamada Angaduza. O anão foi na frente e no caminho que eles iam vieram um cavaleiro e uma donzela, e estando perto dele, o cavaleiro levou a mão à espada e deixou o anão correr para cortar sua cabeça. O anão, com medo, deixou-se cair do cavalo dizendo: "Me atropele, senhor, eles vão me matar".

Amadís, que viu, correu muito rápido e disse: "O que é isso, senhor cavaleiro?" Por que você quer matar meu anão? Você não é tão cortês em colocar as mãos em uma coisa tão cativa, além de ser minha, e não ter exigido de mim por direito; não coloque as mãos nele, deixe-me protegê-lo.

"É de você protegê-lo", disse o cavaleiro, "isso me pesa, mas ainda é conveniente que a cabeça dele o corte."

"Primeiro você terá a batalha", disse Amadís. E tomado as suas armas, cobertas com os seus escudos, moveram-se uns contra os outros à velocidade dos seus cavalos e encontraram-se nos escudos com tanta força que os falsificaram e também as lorigas, e juntaram-se aos cavalos e aos dos corpos e dos elmos, de tal forma que caíram em duas grandes partes caídas, mas depois ficaram de pé e começaram a batalha de espadas tão cruel e tão forte, que não havia quem visse que não fosse com medo disso, e assim ficaram um com o outro, que nunca, até que houvesse alguém que colocasse suas vidas em tão grande apuro, o encontrasse. Assim, eles se feriram com golpes muito grandes e esquivos, um grande pedaço do dia, tanto que seus escudos foram cortados e cortados em muitas partes e também seus arreios, nos quais havia muito pouca defesa neles. e as espadas tinham muito espaço para alcançar muitas vezes e com danos na carne, porque os capacetes não ficaram sem serem cortados e amassados em todos os lugares, e estando muito cansados, lançaram-se para fora e o cavaleiro disse a Amadís:

"Cavalheiro, não se preocupe mais com esse anão e deixe-me fazer com ele o que eu quiser." e então eu vou fazer as pazes para você.

"Não fale sobre isso", disse Amadís, "o anão irá protegê-lo de todas as formas."

"Bem, é verdade", disse o cavaleiro, "ou eu morro ou a donzela que o pediu terá sua cabeça."

"Digo-te", disse Amadís, "que um dos nossos se perderá primeiro, e tomado o escudo e a espada voltou a feri-lo com grande fúria, porque assim sem motivo e com tanta arrogância o cavaleiro quis matar o anão, que o matou." não merecia; pelo contrário, ele veio até ele com muito medo e eles deram uns aos outros golpes muito fortes, cada um trabalhando para que seu esforço e coragem fossem conhecidos do outro, de modo que ele não esperava mais de si mesmo, mas a morte, mas o cavaleiro estava muito maltratado, mas não tanto que não tenha sido combatido com grande esforço.

Pois bem, com tanta pressa que vocês ouvem, um cavaleiro totalmente armado chegou onde a donzela estava, e ao ver a batalha, começou a se benzer dizendo que desde que nasceu nunca tinha visto uma luta tão forte entre dois cavaleiros e perguntou à donzela se ele sabia quem eram.

"Eu sei", disse ela, "que eu os fiz justas e não posso ir embora, mas ser feliz, tanto Eu ficaria satisfeita com qualquer um deles que morresse, e muito mais com ambos.

"É verdade, donzela", disse o cavaleiro, "não é aquele bom desejo ou prazer, mas sim reze a Deus, por tão bons homens; Mas me diga: por que você não gosta tanto deles?

"Então eu vou te dizer", disse a donzela; aquele que tem o escudo mais saudável é o homem do mundo que Arcalaus mais detesta, meu tio, e de quem ele mais deseja a morte, e chamou Amadís, e esse outro com quem luta se chama Galaor e o homem do mundo quem me matou eu amei mais, e ele me deu um presente e eu ia perguntar a ele de onde veio a morte, e ao conhecer o outro senhor, que é o melhor do mundo, exigi a cabeça daquele anão. Assim, este Galaor, que é um cavaleiro muito forte, por me dar e o outro por defendê-lo, é morto, do qual recebo grande glória e prazer.

O cavaleiro que ouviu isso disse:

"Ai da mulher que julgou uma grande traição matar os melhores cavaleiros do mundo! para os outros." pés do palafrém e disse: "Tome este prêmio para seu tio Arcalaus, que me manteve na prisão cruel, onde eu

aquele cavaleiro o tirou, e foi, quando o cavalo pôde levá-lo, gritando dizendo:

"Fique aqui, Sr. Amadís, esse é seu irmão Don Galaor, aquele que você está procurando!"

Quando Amadís o ouviu, largou a espada e o escudo no campo e foi contra ele dizendo: "Ai, irmão, boa sorte seja quem nos deu a conhecer!"

Galaor disse:

— Ai, infeliz cativo, o que fiz contra meu irmão e meu senhor!, e ajoelhando-se diante dele, chorando, pediu perdão. Amadís o pegou e o abraçou e disse: "Meu irmão, por estar bem acostumado eu tenho o perigo que passei com você, bem, isso foi

testemunho de que provei sua alta destreza e bondade.

Em seguida, os capacetes foram desamarrados para o lazer, o que era muito necessário para eles. O cavaleiro contou a eles o que a donzela lhe disse e como ela matou.

"Boa sorte para você", disse Galaor, "por enquanto estou removido de seu presente."

"É verdade, senhor", disse o anão, "me agrada mais que você seja como o do donquito, do que pela forma como começou, mas estou ainda mais surpreso por que ela me processou, já que nunca a vi."

Galaor contou a ela e ao amigo tudo o que pôde e como vocês já ouviram, e o cavaleiro disse-lhes: "Senhores, vocês são imprudentes, peço-lhes que cavalguem e iremos ao meu castelo que fica perto e você se abrigará de suas feridas." .

"Deus lhe dê boa sorte", disse Amadís, "pelo que você faz conosco."

É verdade, senhor, sou tão aventureiro em servi-lo, que você me tirou da prisão mais cruel e indescritível, que nunca foi um homem.

— Onde foi isso, disse Amadís.

"Senhor", disse ele, "no castelo de Arcalau, o Encantador, que sou um dos muitos que foram para lá pela sua mão.

"Qual era o seu nome?", disse Amadís.

"Chamam-me", disse ele, "Balais, e por causa do meu castelo chamado Carsante, chamo-me Balais de Carsante, e peço-lhe muito, senhor, que vá comigo."

Dom Galaor disse:

— Vamos com este senhor que tanto te ama.

"Vamos, irmão", disse Amadís, "bem, deixe-o agradar."

Então eles cavalgaram o melhor que puderam e chegaram ao castelo, onde encontraram cavaleiros e duenas e donzelas que os receberam com grande amor, e Balais disse-lhes:

— Amigos, vejam que trago toda a flor da cavalaria do mundo; um é Amadís, aquele que me tirou da dura prisão; o outro, seu irmão dom Galaor, e eu os encontrei em tal ponto que, se Deus por sua misericórdia não me levasse assim, um deles morreria ou talvez os dois. Sirva-os e honre-os como deve.

Depois os tiraram dos cavalos e os levaram para um quarto onde foram desarmados e colocados em leitos ricos, e ali foram curados por duas sobrinhos da esposa de Balais, que sabiam muito sobre essa tarefa; mas o proprietário, sua mulher, foi até Amadís e muito humildemente lhe agradeceu o que fizera por seu marido para tirá-lo da prisão de Arcalaus. Pois bem, enquanto lá estava, como se pode ouvir, Amadís contou a Galaor como tinha saído da casa do rei Lisuarte para o procurar e que tinha prometido levá-lo até lá, e implorou-lhe que o acompanhasse, pois em todo o mundo não havia casa tão honrosa, nem onde morassem tantos homens bons.

"Senhor, irmão", disse Don Galaor, "eu tenho que seguir e fazer o que quiser, embora eu tenha dito que se eu não fosse conhecido nesta corte, até que minhas obras fossem testemunhas de que de alguma forma se pareciam com as suas. " ou morrer sob demanda.

"Isso mesmo, irmão", disse Amadís, "por isso não o abandone, porque sua grande fama lá é tal que a minha, se é que alguma, está ficando mais sombria."

-Oh senhor! disse don Galaor, "pelo amor de Deus, não diga uma coisa tão rude, que não só com o trabalho, mas nem mesmo com o pensamento não possa alcançar suas grandes forças."

"Agora vamos deixar isso", disse Amadís, "que em sua e minha razão, de acordo com o bondade de nosso pai, não deveria haver diferença.

E então mandou o seu anão ir à casa do rei Lisuarte e beijar as mãos da rainha por ele, para lhe contar como tinha encontrado Galaor e enquanto as feridas fossem covas, iriam para lá. O anão, cumprindo a ordem de seu senhor, partiu para o caminho de Vindilisora, onde o rei, na época, estava acompanhado por toda a sua cavalaria.

Capítulo 23

Como o rei Lisuarte, indo caçar como costumava fazer, viu vir pela estrada três cavaleiros armados, e do que aconteceu com eles.

Como o rei Lisuarte era um grande caçador e caçador, desocupado com outras coisas que eram mais convenientes para o seu estado, saiu muitas vezes para caçar numa floresta que cabe na vila de Vindilisora, que, sendo bem guardada, tinha muitos veados e outros animais selvagens. . E ele sempre costumava ir em panos de montanha, fornecendo a cada coisa o que era conveniente. E estando um dia em seus exércitos perto de uma grande estrada, ele viu três cavaleiros armados vindo por ela e enviou um escudeiro para dizer-lhes em seu nome que fossem até ele. O que eles sabiam, desviando-se do caminho que entraram na floresta até a parte onde o escudeiro os guiava. E saiba que estes foram Don Galvanes Sin Tierra, e Agrajes, seu sobrinho, e Olivas, que foram com eles para refutar o duque de Bristoya, e levaram consigo a donzela, que salvaram da morte quando quiseram queimá-la. E quando se aproximaram do rei, ele conhecia muito bem Dom Galvanes e lhe disse:

— Dom Galvanes, meu bom amigo, seja muito bem-vindo!, e foi abraçá-lo, dizendo:

— Estou muito satisfeito com você, e assim, com bom humor, ele recebeu os outros, pois era o homem do mundo que recebia os senhores que vinham à sua corte com o maior carinho e honra.
D. Galvanes disse-lhe:

"Senhor, vê aqui Agrajes, meu sobrinho, e considero-o um dos melhores cavalheiros do mundo, e se não o fosse, não lhe daria um homem tão elevado como o senhor, a quem tantos homens bons e preciosos servem." .

O rei, que já tinha ouvido muitos elogios pelas coisas de Agrajes, ficou muito feliz com ele e o abraçou e disse: "É verdade, bom amigo, devo-te muito obrigado por esta vinda e culpa-me por isso."

conhecendo seu grande valor, em não ter implorado que o fizesse.

O rei conhecia muito bem Olivas, que era da sua corte, e disse:

"Amigo Olivas, faz tempo que não o vejo, é verdade, um bom cavalheiro como você é,
Eu gostaria que fosse parte de mim.

"Senhor", disse ele, "as coisas que me aconteceram de má vontade me fizeram não ter visto nem servido a Ti, e agora não estou tão fora disso que não seja conveniente me afrontar e trabalhar".

Então contou-lhe como o duque de Bristoya havia matado seu primo, do qual o rei lamentava, porque era um bom cavaleiro, e disse a Olivas: e eles vão dar Ele deu tempo ao duque para vir e responder, e levando-os com ele, deixando a caça, foi com eles para a cidade e no caminho soube que aquela donzela que eles trouxeram a libertara da morte que eles queriam dar a ela por causa de Don Galaor. O rei contou-lhes como Amadís tinha ido procurá-lo e como Arcalaus lhes deu um grande choque, dizendo que o havia matado. Agrajes ficou muito espantado com o que ouviu e disse ao rei: "Senhor, conhece um certo ser vivo, Amadís?"

"Sei que é verdade", disse ele, e contou-lhe como soube disso por Brandoibas e Grindalaya, "e você não deve duvidar, já que estou satisfeito com minha vontade, que não daria a ninguém a vantagem de desejar sua vida e honra."

"Acreditamos que sim", disse Agrajes, "que pelo seu grande valor, seu amado e amado merece bem aquele amor que os bons desejam."

Quando o rei chegou com esses cavaleiros em seu palácio, a notícia de sua chegada foi mais tarde conhecida na casa da rainha, da qual muitos ficaram satisfeitos; mas sobretudo a bela Olinda, amiga de Agrajes, que o amava como a si mesma, e mais tarde foi Mabilia, sua irmã, que, ao saber da sua chegada, foi ao quarto da rainha e encontrou-se com Olinda e lhe disse:

"Senhora, você não está muito satisfeita com a vinda de seu irmão?"

"Sim, por favor", disse Mabilia, "eu te amo muito."

"Então peça à rainha que ele venha vê-lo, por causa do seu prazer."

parte redundará para aqueles de nós que te amam bem.

Mabilia foi até a rainha e lhe disse:

"Senhora, será bom para você ver Agrajes, meu irmão, e Dom Galvanes, meu tio, então".

Eles vêm ao seu serviço, e eu tenho o desejo de vê-los.

"Minha amiga", disse a rainha, "farei com prazer, pois estou muito feliz em ver tais cavaleiros na casa do rei, meu senhor", e então ela enviou uma donzela para pedir ao rei que ela os enviasse para vê-los. . A donzela disse-lhe e o rei disse-lhes:

— A rainha quer ver você, será bom que você vá até lá.

Quando Agrajes a ouviu, foi muito lido, porque esperava ver aquela senhora que tanto amava, onde estava todo o seu coração e desejos. Agradou também a Dom Galvanes ver a rainha e suas donas e donzelas, não porque nenhuma delas amasse com extremo amor. Então eles foram até a rainha que os acolheu muito bem e os fazendo sentar diante dela, eles conversaram com eles sobre muitas coisas, mostrando-lhes amor como aquela que, sem falta, foi uma das donas do mundo que falou com mais sensatez com homens bons, pelos quais ela era muito preciosa e amada, não só por quem a conhecia, ainda mais por quem nunca a viu, que essa tal preeminência a humanidade tem nos grandes sem nenhum outro gasto nisso, mais do que a virtude e a nobreza obrigam a eles e aos que fazem o contrário, ao contrário, o que lhes ocorre é que, nas coisas temporais, deve ser contado como pior, que é ser desarmado e abominado.

Olinda foi para Mabilia pensando que Agrajes iria para lá, mas ele, que conversava com a rainha, não conseguia tirar os olhos daquele onde estava seu coração. A rainha, que pensava que Mabilia olhava para a irmã com vontade de falar, disse-lhe:

"Bom amigo, vá para sua irmã, que anseia por você."

Agrajes foi até ela e se receberam com aquele amor verdadeiro de irmãos que se amam muito, que raramente combina com o nome, e Olinda o recebeu muito mais com o coração do que com o semblante, retirando a razão de querer, que também duramente isso pode ser feito, se não no meio da grande discrição que essa donzela talentosa era. Agrajes fez a irmã sentar-se entre ele e a amiga, porque enquanto ali estivesse os seus olhos não se desviariam, que grande consolação e descanso lhe dava a vista. Então ele estava com ela falando, mas como seus pensamentos e olhos estavam em sua dama, muito pouco julgamento entendia do que sua irmã estava falando. Portanto, ele não respondeu ou recolheu suas perguntas. Mabilia, que era muito sã, sentiu isso depois, sabendo que o irmão amava mais a Olinda do que a ela e a Olinda dele, segundo o que ela lhe dissera antes e se sentara com ela, motivo de falar, e, quanto a esse irmão como ela se amava, achava que tinha que encontrar prazer em tudo, que mais do que qualquer outra coisa, nada poderia agradá-la, e disse:

"Senhor, irmão, ligue para meu tio, que falaria com prazer com ele."

Agrajes ficou muito satisfeito com isso e disse contra a rainha:

"Senhora, por favor, envie-nos esse senhor aqui para que sua sobrinha possa falar com ele".

A rainha ordenou que ele fosse e Mabilia foi contra ele e quis beijar suas mãos, mas ele as jogou para si mesmo e a abraçou e disse: "Sobrinha, senhora, vamos sentar e perguntar como você está nesta terra".

"Senhor", disse ela, "vamos àquela janela, não quero que meu irmão ouça minha porridade, e Galvanes disse rindo: como sua e minha, , e foram para a janela, e Agrajes ficou com a amante como queria, e vendo-se a sós com ela, disse:

— Senhora, por cumprir o que me ordenou e porque meu coração não encontrou descanso em outro lugar, vim aqui para servi-la, pois sua visão será para mim uma recompensa pelas angústias e desejos mortais que continuo sofrendo.

"Ai! amigo, senhor", disse ela, "o prazer que meu coração sente com a sua vinda, esse Senhor que tudo sabe é testemunha disso, que estando você ausente de mim, não poderia haver nem bem nem vício, embora todos os coisas do mundo teriam a minha vontade. Eu cuido para que você não venha a esta terra, mas para mim e devo trabalhar para lhe dar o prêmio.

"Ay!, senhora", disse Agrajes, "tudo o que você faz no que faz está feito, pois esta vida nunca deixará de ser contra todos os que no mundo estão a seu serviço, e todos eles, tendo você como senhora, serão considerados estranhos." .

"Amigo, senhor", disse ela, "você é tal que vencerá todos eles e eu nunca morrerei de você, então me ajude Deus, estou feliz como vejo você louvar todos aqueles que têm notícias de suas grandes coisas ."

Agrajes baixou os olhos, envergonhado de ouvir-se elogiado, e ela parou e disse-lhe: "Amigo, bem, aqui está, como vai fazer?"

"Como você ordenará", disse ele, "pois não venho a esta terra a não ser para cumprir sua missão."

"Bem, eu quero", disse ela, "que você esteja aqui com seu primo Amadís, eu sei que te ama com muito amor e se te aconselhar a fazer parte da comitiva do rei, faça-o.

"Senhora", disse ele, "em tudo me fazes uma grande misericórdia, por deixares o que é teu de lado Não há nada em que eu sinta mais prazer do que colocar minha propriedade a conselho de meu primo.

Bem, falando do que se ouve, a rainha os chamou e os cavaleiros foram ambos à sua frente, e a rainha conhecia bem Dom Galvanes, desde que era uma infanta morando no reino da Dinamarca, onde era natural, que ali como assim como no reino da Noruega ele havia feito muitos cavalheirismos, onde tinha fama de ser um cavaleiro muito bom. Enquanto a rainha falava com Dom Galvanes, Oriana falava com Agrajes, que o conhecia e o amava muito, tanto porque sabia que Amadís o amava e valorizava, quanto porque era considerada uma coisa do pai e da mãe que a criaram com muito carinho. . honra no momento em que o rei Lisuarte a deixou em seu poder, como lhe dissemos, e lhe disse: "Meu bom amigo, você nos deu grande prazer com sua vinda, especialmente à sua irmã que tanto precisava, que se você soubesse o que Com ela eu transmiti a notícia da morte de Amadís, seu primo, seria uma maravilha que você o tivesse.

"É verdade, senhora", disse ele, "com grande razão minha irmã deve ter sentido tal coisa, e não só ela, mas todos nós que somos de sua linhagem, porque quando ele morreu, o principal líder de nós e o melhor cavaleiro morreu." que ele nunca jogou um escudo em volta do pescoço, nem pegou uma lança na mão, e sua morte foi vingada ou acompanhada por muitos outros.

"Morte ao inferno", disse Oriana, "aquele traidor de Arcalaus que soube nos causar grande tristeza."

Falando nisso, foram chamados pelo rei e foram até lá e acharam aquele que queria comer e o fizeram sentar a uma mesa onde estavam outros cavaleiros de grande conta, e colocando as toalhas de mesa dois cavaleiros entraram pela porta do palácio e caiu de joelhos diante dele rei; ele os cumprimentou. Um deles disse:

"Senhor, este é Amadís de Gaula?"

"Não", disse o rei, "mas nos agradaria muito que fosse."

"É verdade, senhor", disse o cavalheiro, "e eu ficaria muito feliz em encontrá-lo como alguém que cuida dele para receber a alegria de que agora estou muito longe."

"E qual é o seu nome?" disse o rei.

"Angriote de Estravaus", respondeu ele, "e este outro é meu irmão."

O rei Arbán de Norgales, que ouviu que era Angriote, levantou-se da mesa e foi até ele, que ainda estava de joelhos diante do rei, levantando-o pela mão e disse: "Senhor, você conhece Angriote?"

"Não", disse o rei, "nunca o vi."

"É verdade, senhor, pois quem o conhece o considera um dos melhores cavalheiros do armas de toda a terra.

O rei levantou-se e disse-lhe:

"Bom amigo, perdoe-me se não lhe fiz a honra que o seu valor merece, a razão disso foi não o conhecer, e estou muito satisfeito com você".

"Muitas misericórdias", disse Angriote, "e assim me agradaria servi-lo."

"Amigo", disse o rei, "onde você conhece Amadís?"

— Senhor, eu o conheço, mas não faz muito tempo, e quando o conheci muito, custou-me muito até ser ferido de morte, mas quem me fez o mal me deu o remédio, que era mais conveniente para ele ganhar, como aquele que é o cavalheiro mais bem-humorado do mundo.

Então, ele contou lá o máximo que pôde, como a história mostrou. O rei disse a Arbán que levasse Angriote com ele, e ele assim o fez e o sentou à mesa, talvez, e já tendo comido, falando de muitas coisas, entrou Ardilán, o anão de Amadís, e Angriote, que o viu, disse: — Sim, anão!, seja bem-vindo, onde deixa seu senhor Amadís com quem o vi?.

"Senhor", disse o anão, "onde quer que eu o deixe, ele o ama e aprecia."

Então o rei foi embora e todos se calaram para ouvir o que ele iria dizer e ele disse: — Senhor, Amadís tem ordens para te elogiar muito e manda saudações a todos os seus amigos.

Quando souberam da notícia de Amadís, ficaram muito felizes. O rei disse: "Anão, Deus te ajude, diga-nos onde você deixa Amadís."

"Senhor", disse ele, "deixe-o onde ele está seguro e saudável, e se você quiser saber mais sobre ele, coloque-me diante da rainha e me diga."

"Nem por isso ficará entre os que não sabem", disse o rei, e ordenou que a rainha viesse até lá, que então veio com até quinze de suas donas e donzelas, e havia algumas como lá. que abençoou o anão, porque foi porque eles viram seus amigos. O anão aproximou-se dela e disse: "Senhora, seu cavaleiro Amadís ordena que você beije suas mãos e manda você dizer que

ele encontrou Don Galaor, a quem ele exigiu.

"É verdade?" disse a rainha.

"Senhora, é verdade", disse o anão, "sem dúvida, mas em sua consciência teria havido grande infortúnio, se Deus naquela época não trouxesse um senhor chamado Balais.

Em seguida, contou-lhes quanto estava por vir e como Balais havia matado a donzela que os havia reunido para matar uns aos outros, o que foi um grande elogio do rei e de todos. A rainha disse a anão:

"Amigo, onde você os deixou?"

— Deixei-os em um castelo naquele Balais.

"Você gostou de Galaor?" disse a rainha.

"Senhora", disse ele, "ele é um dos mais belos cavaleiros do mundo, e se você e meu senhor o virem com atenção, poderão saber qual é um ou outro."

"É verdade", disse a rainha, "eu gostaria muito que você já viesse aqui."

"Tantos quantos covis", disse o anão, "eles virão aqui, e aqui eu tenho que atendê-los, e depois contei a eles tudo o que aconteceu com Amadís enquanto ele esperava por ele."

O rei, a rainha e os cavaleiros ficaram todos muito felizes com esta boa notícia; mas, sobretudo, foi Agrajes, que não hesitou em perguntar ao anão. O rei implorou e ordenou aos que ali estavam que não saíssem da corte até que chegassem Amadís e Galaor, porque ele havia pensado em fazer cortes muito honrosas e eles o concederam e o elogiaram muito, e ele ordenou que a rainha mandasse chamar o donzelas mais belas e de maior disfarce que pudesse haver, pois além de bem acompanhadas, por causa delas viriam muitos cavaleiros de grande valor para servi-la, a quem faria muitas honras e grandes festas e favores.

Capítulo 24

De como Amadís e Galaor e Balais decidiram partir para o rei Lisuarte, e das aventuras que assim os sucederam.

Amadís e Galaor estiveram na casa de Balais de Carsante até serem abrigos das suas feridas e combinaram ir à casa do rei Lisuarte antes de se envolverem em outras aventuras, e Balais, que queria muito ser daquela casa, sobretudo tendo conhecendo esses dois cavaleiros, implorou-lhes que o levassem, o que foi concedido livremente por eles e, ouvindo missa, os três se armaram e entraram no caminho certo para Vindilisora, onde estava o rei, e caminharam tanto por ele que finalmente depois de cinco dias eles chegaram a uma encruzilhada, onde havia uma grande árvore, e viram debaixo dela um cavaleiro morto em uma cama bastante rica e a seus pés ele tinha uma vela acesa e outra na cabeça, e eles eram por astúcia os fatos que nenhum vento não importava quão grande fosse, não poderia matá-los. O cavaleiro morto estava todo armado e sem nada coberto, e havia muitos golpes na cabeça e ele tinha um pedaço de lança enfiado na garganta com o ferro que saía de seu pescoço, e ambas as mãos foram colocadas sobre ele como quem queria que tomasse.

Ficaram muito espantados ao ver o cavaleiro daquela forma e perguntaram sobre sua propriedade, mas não viram nenhuma pessoa ou lugar por perto que conhecessem. Amadís disse: "Não sem grande motivo, este senhor morto está em tal disfarce aqui, e se nos atrasarmos,

alguma fortuna estaria atrasada.

Galaor disse:

"Juro pela fé que tenho como cavalaria que não sairei daqui até saber quem ele é".
este senhor e por que ele foi morto, e vingá-lo se a razão e a justiça me permitirem.

Amadís, que fez aquele caminho com muita vontade de ver sua esposa, a quem prometeu voltar para encontrar Don Galaor, pesou isso e disse:

— Irmão, sinto muito pelo que você prometeu, que tenho medo de lhe fazer uma grande detenção aqui.

— Está feito, disse Galaor. E, descendo do cavalo, sentou-se na cama e também os outros dois, que não o deixariam sozinho. Isso seria entre a nona e as vésperas, e enquanto o cavaleiro estava provando e Amadís mandando ele colocar as mãos assim para tirar o pedaço da lança desde que ele tivesse jogado e que exalando assim tinha ficado, não deu. Tardaram para que vissem alguém vindo das estradas um cavaleiro e dois escudeiros, e um trouxe uma donzela diante de si a cavalo e o outro trouxe-lhe seu escudo e elmo, e a donzela chorou alto e o cavaleiro a feriu com a lança na cabeça que ele carregava na mão. Assim passaram pela cama onde jazia o cavaleiro morto, e quando a donzela viu os três companheiros disse: "Ai, bom cavaleiro, jaz morto! em todo o perigo e a morte daqueles três seria melhor do que a tua sozinha.

O cavaleiro que a carregava a feriu mais cruelmente com o cabo de sua lança, de modo que o sangue escorreu por seu rosto e eles passaram tão rápido que foi maravilhoso.

"Agora eu te digo", disse Amadís, "nunca vi um cavaleiro tão vilão como este em querer ferir a donzela de tal maneira e se Deus quiser esta força eu não vou deixá-la passar, e ele disse a Galaor :

"Irmão, se eu me atrasar, você vai para Vindilisora e eu estarei lá, se puder, e Balais fará companhia a você."

Então, montado em seu cavalo, pegou suas armas e disse a Gandalín: "Vá atrás de mim, e vá mais longe atrás do cavaleiro que já estava a caminho". Galaor e Balais ficaram lá até que ficou escuro como breu, então chegou um cavaleiro que vinha pela estrada por onde Amadís ia, e ele veio gemendo com uma perna e armado de todas as armas e disse contra Galaor e Balais:

"Você sabe quem é um cavalheiro que eu já estou correndo por esta estrada?"

"Por que você pergunta?", eles disseram.

"Porque é uma morte ruim", disse ele, "é tão corajoso que parece que todos os demônios estão indo com ele; "E que bravura ele fez com você?" disse Galaor.

"Porque ele não queria me dizer", disse ele, "onde ele estava indo com tanta força, eu o travei no freio e disse a ele para me dizer ou lutar comigo, ele me disse cruelmente que eu não o deixaria , ele levaria mais tempo para me dizer do que para se livrar dele." me pela batalha, e nos afastando de mim, corremos um contra o outro e ele me feriu tão severamente que ele me acertou e o cavalo no chão e me fez esta perna como você vê.

Começaram a rir e Don Galaor disse: — Você

sofre mais uma vez, é melhor não querer saber o que alguém está fazendo contra a sua patente.

"Como", disse o cavaleiro, "você ri de mim?"

"É verdade, eu vou fazer você ficar mal-humorado."

E foi até onde estavam os cavaleiros e golpeou o rosto de Galaor com sua espada um grande golpe que o fez cair em harmonia e quebrar as rédeas e fugir pelo campo, e o cavaleiro quis fazer o que Balais fez, mas ele e Galaor tomaram seus lanças e foi contra ele e o impediu. O senhor saiu dizendo:

— Se exagerei no outro cavalheiro e paguei por isso, então você pagará rindo de mim.

"Deus não me ajude", disse Balais, "se você não desistir de seu cavalo por aquele que soltou, e ele partiu rapidamente dizendo a don Galaor que outro dia estaria lá com ele." Galaor ficou sozinho com o cavaleiro morto, que ordenou que seu escudeiro fosse atrás do cavaleiro, e esperou até que mais de cinco horas se passassem na noite. Então, do sono derrotado, colocou o capacete na cabeça e o escudo acima dele, adormeceu e um grande quarto ficou assim, mas quando se lembrou não viu nenhuma luz das velas que antes queimavam, nem encontrou o cavaleiro morto, do que muito se arrependeu e disse contra si mesmo:

"É verdade, eu não deveria ter trabalhado no que outros homens de bem fazem, pois só sei dormir e por isso não cumpri minha promessa, mas vou me dar o castigo que minha negligência merece, pois Vou ter que procurá-lo a pé." aquele quieto sem nenhum trabalho que podia, e pensando como poderia seguir o rastro dos que ali vinham, ouviu um cavalo relinchar e foi até lá, e quando aquela parte chegou onde ele ouviu, não encontrou nada; mas então ele ouviu outros cavalos mais longe e continuou naquela estrada e quando ele andou um pedaço, amanheceu e ele viu diante dele dois cavaleiros armados e um deles desmontou e estava lendo umas cartas que estavam escritas em uma pedra e dizia para o outro:

"Foi inútil eles me fazerem vir aqui, parece-me que não é grande coisa, e montados no cavalo ambos saíram e Galaor os chamou e disse:

"Senhores, vocês poderiam me dizer quem carregava um cavaleiro morto que jazia
Então a árvore da encruzilhada?

"Isso mesmo", disse um deles, "nós não o conhecemos, exceto que depois da meia-noite vimos
vão três donzelas e dez escudeiros carregando liteiras.

"Bem, contra onde eles foram?" disse Galaor. Eles lhe mostraram o caminho e a despedida. Atrás dele foi por ali e pouco depois viu uma donzela que vinha contra ele e disse-lhe:

"Donzela, por acaso você sabe quem carregou um cavaleiro morto de debaixo da árvore da encruzilhada?"

— Se você me permitir vingar sua morte, que foi uma grande dor para muitos e para muitos segundo sua grande bondade, eu lhe direi.

"Eu admito", disse ele, "que, de acordo com você, parece que juntos essa vingança pode ser realizada."

"Isso é verdade", disse ela, "e agora me siga e monte neste palafrém e eu nas patas traseiras."

E ela queria que ele fosse na sela, mas ele não quis de jeito nenhum e cavalgando atrás dela foram para onde a donzela a conduzia e estando longe dali a duas léguas, viram um castelo muito bonito, e o A donzela disse: - Lá encontraremos o que você procura, e chegando na porta do castelo, a donzela disse: "Entre e eu vou me dizer como você tem o seu nome e onde posso encontrá-lo."

"Meu nome", disse ele, "é dom Galaor e tomo cuidado para que você me encontre na casa do rei Lisuarte e não em outro lugar."

Ela saiu e Galaor entrou no castelo e viu o cavaleiro morto deitado no meio do curral, e eles fizeram um grande duelo por ele e indo até um dos velhos cavaleiros que ali estavam, ele perguntou quem era o cavaleiro morto.

"Senhor", disse ele, "ele era tal que o mundo inteiro deveria, com razão, doer por ele."

"Como havia um nome?" disse Galaor.

"Antebón", disse ele, "e ele era natural de Gaula."

Galaor teve mais pena dele do que antes e disse:

"Peço-lhe que me diga o motivo pelo qual ele foi morto".

"Eu vou te dizer com prazer", disse ele. Este senhor veio para esta terra, e por sua bondade casou-se com aquela dona que chora por ele, que é dona deste castelo, e tiveram uma filha muito bonita, que era amada por um senhor que mora aqui perto em outra fortaleza , mas ela o ama mais do que qualquer outra coisa. E o cavaleiro morto saía muitas vezes para a árvore na encruzilhada, porque sempre vêm muitas aventuras de cavaleiros andantes e com o desejo de emendar aquelas que injustificadamente aconteceram em que ele fez tanto em armas que nestas terras ele foi muito elogiado, e estando Lá um dia talvez aquele senhor que amava sua filha passou e passando por ele foi ao castelo onde ficava a donzela com ela, sua mãe, que brincava neste curral com outras mulheres e a levava pela braço ele saiu antes que a porta pudesse se fechar sobre ela e a levou para seu castelo. A donzela não fez nada além de chorar e o cavaleiro lhe disse: "Amiga, já que sou cavaleiro e te amo muito, por que você não me aceita em casamento tendo mais riqueza e status que seu pai?". "Não", disse ela, "por causa do meu diploma, primeiro farei um juramento que fiz à minha mãe." "E o que jura é isso?" "Que ela não deve se casar ou fazer amor, exceto com um cavaleiro elogiado em armas, como aquele com quem ela se casou, que é meu pai." "Por isso você não o deixará, que eu não sou menos árduo que seu pai e antes do terceiro dia você saberá".

Assim, ele saiu de seu castelo armado de seu cavalo e foi até a árvore da encruzilhada onde naquele momento ele encontrou esse cavaleiro desmontado de seu cavalo e suas armas se encaixavam sim e se aproximando dele sem falar ele o feriu com a lança na garganta como você vê , antes que ele pudesse pegar suas armas e caiu no chão porque foi o golpe fatal e o cavaleiro então desceu e deu-lhe com a espada todos aqueles golpes que você vê que ele tem, até matá-lo.

"Que Deus me ajude", disse Galaor, "o cavaleiro foi morto sem motivo e todos deveriam estar sofrendo, e agora, diga: por que o puseram assim debaixo da árvore na encruzilhada?"

— Porque muitos cavaleiros andantes passam e contam o que eu lhe disse, se por acaso ele viesse lá, talvez o vingasse.

"Então por que eles o deixam sozinho assim?" disse Galaor.

"Quatro escudeiros estavam sempre com ele", disse o cavaleiro, "até a noite em que Eles fugiram de onde porque o outro senhor os mandou ameaçar, e para isso nós o trouxemos.

"Sinto muito", disse Don Galaor, "por não ter visto você."

"Como", disse o outro, "é você que dormiu ali deitado sobre o capacete?"

"Sim", disse ele.

"E por que você ficou lá?" disse o cavaleiro.

— Para vingar aquele morto, se bem podia fazê-lo, disse Galaor.

"Você está com esse propósito agora?"

"Sim, verdade", disse ele.

-Oh senhor! disse o cavaleiro, "Deus, por sua misericórdia, deixou que você terminasse para sua honra, e tomando-o pela mão, levou-o para a cama e silenciou todos os que estavam duelando e disse contra a duena:

"Senhora, este senhor diz que por seu poder vingará a morte de seu marido."

E ela caiu a seus pés de beijá-los e disse: — Ay!, bom

cavaleiro, Deus te dê a recompensa, pois ele não tem parente ou amigo nesta terra que trabalha nela, que é de uma terra estrangeira, mas quando estava vivo, muitos mostraram a ele.

Galaor disse:

— Dona, porque ele é da terra que eu sou, tenho mais vontade de vingá-lo do que eu. nativo de onde era.

"Amigo, senhor", disse a dona, "por acaso és filho do rei de Gaula que o senhor disse estar em casa do rei Lisuarte?"

"Eu nunca fui à casa dele", disse ele; Mas diga-me, quem o matou, onde posso encontrá-lo?

"Bom senhor", disse ela, "vou dizer-lhe e guiá-lo até lá, mas tenho grandes dúvidas."

De acordo com o perigo que você duvida de cometê-lo, como outros, que enviei para lá, eles o fizeram.

"Dueña", disse ele, "é por isso que o bem vai ao extremo sobre o mal."

O proprietário enviou duas donzelas para guiá-lo.

"Senhora", disse Galaor, "vou a pé, e ele contou a ela como o cavalo perdeu e disse: "Envie-me o que for preciso.

"Farei isso com prazer", disse ela, "a um processo tão grande que, se você não o vingar, devolva meu cavalo para mim."

— Eu concedo, disse Galaor.

Capítulo 25

Como Galaor foi vingar a morte do cavaleiro que encontrou a árvore na encruzilhada gravemente morta.

Deram-lhe um cavalo e ele foi com as donzelas e andaram tanto que chegaram a uma floresta e viram nela uma fortaleza que estava sobre uma rocha muito alta e as donzelas lhe disseram: - Senhor, aí tens que te vingar o Cavaleiro.

"Vamos lá", disse ele, "e me diga, qual é o nome de quem o matou?"

— Palingues, eles disseram. Nisto, chegaram ao castelo e viram a porta fechada.

Galaor bateu e um homem armado veio até a porta e disse: "O que você quer?"

— Entra aí, disse Galaor.

"Esta porta", disse o outro, "é só para a saída de quem está aqui."

"Bem, onde eu entro?", disse ele.

"Vou mostrar a você", disse o outro, "mas tenho medo de trabalhar em vão e você não se atreverá a entrar."

"Então me ajude Deus", disse Galaor, "eu gostaria de estar lá já."

"Agora veremos", disse ele, "se seu esforço é como desejar e descer do cavalo e venha a pé até aquela torre.

Galaor deu o cavalo às donzelas e ficou onde lhe disseram e não tardou a verem o cavaleiro e outro maior no alto da torre, bem armados, e começaram a desembrulhar um carro e de lá atiraram um grande cesta amarrada em cordas resistentes e disse: - Senhor, se quiser entrar aqui, este é o caminho.

"Se eu entrar na cesta", disse Galaor, "você me colocou lá em segurança?"

"Sim, de verdade", eles disseram, "mas depois não vamos garantir a você."

Então, ele entrou na cesta e disse:

"Bem, jogue fora, eu aceito sua palavra".

Começaram a levantá-lo e as donzelas que o olhavam disseram: —

Sim, bom senhor. Deus te guarde da traição, que verdade, há um grande esforço em seu coração.

Foi assim que os cavaleiros jogaram Galaor do alto da torre e sendo susso ele saiu muito leve cesto e entraram com eles na torre, disseram-lhe:

"Senhor, você deve jurar ajudar o senhor deste castelo contra aqueles que exija a morte de Antebón ou não sairá daqui.

"Foi um de vocês quem o matou?" disse Galaor.

"Por que você pergunta?", eles disseram.

— Porque eu gostaria de deixar você saber que grande traição você cometeu nisso.

"Como você está tão louco", disseram os cavaleiros, "você está em nosso poder e o ameaça?"

Bem, agora você vai comprar sua loucura, e colocando as mãos em suas espadas eles foram até ele com muita raiva e Galaor colocou a mão em sua espada e eles deram uns aos outros grandes golpes nos elmos e escudos, pois os dois cavaleiros eram corajosos e Galaor, que parecia aventureiro, lutou para chegar à morte. As donzelas que estavam embaixo ouviram as feridas que foram dadas e disseram:

— Ah, meu Deus!, pode ser o bom cavaleiro que já está lutando, e um deles disse: — Não vamos sair daqui até vermos o círculo desse fato.

Galaor lutou tão bravamente que deixou os cavaleiros com muito medo, e deixou um deles correr e o golpeou com toda a força acima do elmo, de modo que a espada atingiu sua cabeça e penetrou dois dedos por ele, e ele a jogou contra ele mesmo, ele caiu de joelhos no chão. Outros começaram a carregá-lo com golpes tão duros que devido aos ferimentos que o outro lhe deu, ele nunca o deixou até que o matasse e depois se voltasse para o outro, e como se viu com ele ele só queria fugir, mas o pegou com ele e agarrou-o pela borda do escudo, ele puxou com tanta força contra si mesmo que caiu diante de seus pés e deu-lhe tantos golpes de espada que não houve necessidade de um professor. Feito isso, enfiou a espada na bainha e atirou os cavaleiros para fora da torre, mandando as donzelas verem se algum deles era Palingue. Eles disseram:

"Senhor, estes estão mal preparados para saber, mas acreditamos que nenhum deles

isso é.

Então, Galaor desceu as escadas da torre e entrando em um palácio viu um bela donzela que dizia:

"Palingues, por que você está fugindo se você é tão forte que matou meu pai em batalha como você diz?... Este senhor que está vindo está prestando atenção."

Galaor olhou para frente e viu um cavaleiro muito bem armado com todas as armas que queria abrir uma porta de outra torre e não conseguiu e pelas palavras da bela donzela soube que era ele quem procurava e havia prazer, e ele disse:

— Palingues, não se preocupe que você está fugindo, ou que você está fazendo um esforço, mesmo que você tente, você não vai escapar para lugar nenhum.

Assim foi para ele e o outro, que não podia fazer mais, voltou a si para feri-lo e deu-lhe um grande golpe acima da borda do escudo que entrou na espada por uma mão, para que ele não pudesse tirá-lo e Galaor feriu-o exposto no braço direito que cortou a manga da loriga e o braço encaixa no cotovelo e ele atirou-o ao chão e Palingues que o viu quis fugir para um quarto e caiu à porta cruzada. Galaor agarrou-o pela perna e arrastou-o e tirou-lhe o elmo da cabeça e feriu-o com a espada, dizendo: — Tome isto pela traição que cometeu matando Antebón, e parta-o até os dentes; Por outro lado, ele colocou a espada na bainha e a bela donzela que ouviu aquelas palavras veio contra ele e disse:

— Oh, bom cavaleiro! Deus o faça viver em honra, que vingou meu pai e a força que me foi feita.

Galaor pegou-a pela mão e disse: —

Isso mesmo, linda amiga, deve ter havido vergonha em alguém que parecia tão bonito para fazer sentir pena, então me ajude Deus, você está muito mais bem servido do que zangado; Então ele disse: "Minha amiga, senhora, há algum no castelo que eu tenha medo?"

"Senhor", disse ela, "só restam servos aqui e todos estarão à sua mercê."

"Mas vamos", disse ele, "trazer duas das donzelas de sua mãe que, por ordem dela, me guiaram até aqui."

Então ele a pegou pela mão e chegando na porta do castelo eles a abriram e as donzelas que a atenderam e uma trouxe o cavalo e mostrou-lhes para entrar e quando desmontaram abraçaram sua senhora com grande prazer e perguntaram se a morte de seu pai foi vingado.

"Sim", disse ela, "graças a Deus e a este bom cavaleiro que a vingou, o que ninguém mais podia fazer, e então eles foram juntos para onde estava Galaor, de modo que ele já havia tirado o escudo e o capacete e o viram tão jovem e tão bonito." bonito tanto quanto eles ficaram maravilhados e a donzela que ele corria, pagou-lhe muito mais do que qualquer outra que ele já tinha visto e foi abraçá-lo dizendo:

— Meu amigo, senhor, devo-lhe mais amor do que qualquer outra pessoa, e de bom grado saberia, se lhe agradar, quem você é.

"Eu sou um nativo", disse ele, "de onde seu pai era."

"Então me diga seu nome."

"Eles me chamam de Don Galaor", disse ele.

"Piedade de Deus", disse ela, "pois meu pai foi vingado por tal cavaleiro, pois muitas vezes ele mentiu para você e para outro bom cavaleiro, seu irmão, que se chama Amadís, e disse que vocês são filhos do rei de Gaula, de quem era vassalo.

Nessa hora as donzelas andavam pelo castelo procurando com as outras mulheres para alimentá-las e lá estavam Don Galaor e a empregada, que Brandueta tinha nome, sozinhas falando o que se ouve e como ela era muito bonita e ele ávido por tal comida Antes que a comida chegasse e a mesa não estivesse posta, ambos fizeram uma cama. que no palácio era onde ela estava, sendo dona de quem não era antes, satisfazendo seus desejos, que em tão pouco tempo, olhando uma para a outra sua florescente e bela juventude, se tornaram muito grandes.

As mesas estavam postas e tudo arrumado, Galaor e a empregada saíram para o curral e debaixo de uma árvore que havia ali foram alimentados, e Brandueta contou-lhe ali como Palinges, com medo de si e do irmão Amadís, pôs tão grande guarda nesse castelo, pensando que desde Antebón seu pai era seu nativo, que a eles antes de qualquer outro foi dada a vingança de sua morte. Depois de lá terem preguiçado com grande prazer e porque Brandueta estava aflita por sair do castelo e ir ver a mãe, Galaor, aceitando bem, concordou em ir mais tarde e embora já fosse tarde e então montaram nos seus palafres e entraram a estrada Chegaram à casa da dona, sua mãe, duas horas depois do anoitecer, que já sabia de tudo o que estava acontecendo através de uma das donzelas que ia na frente e assim ela, como todas as outras pessoas, homens e mulheres, os esperava no curral onde jazia o morto Antebón, fazendo grandes alegrias, porque sua morte foi vingada de maneira tão honrada e completa. Galaor desceu para os braços da senhora, dizendo: "Senhor, este castelo é teu e todos faremos o que mandas."

Então ele o desarmou e o levaram para um quarto rico onde havia uma cama de belos panos. Ele ficou lá naquela noite para seu prazer, pois Brandueta, considerando que ao deixá-lo sozinho a grande honra que ele merecia foi cumprida, quando ela viu o tempo preparado ela foi até ele e às vezes dormindo e outras conversando e descansando eles ficaram juntos até perto do dia. , que ela levou para sua câmera.

Capítulo 26

Como ele conta o que aconteceu com Amadís indo a pedido da donzela que ele cavalheiro maltratado usava.

Amadís, que ia atrás do cavaleiro que arrastava à força a donzela e a estava ferindo, foi alcançá-lo, e antes que o alcançasse encontrou outro cavaleiro armado montado em seu cavalo que lhe disse: que pressa faz você vir?.

"O que faz você", disse Amadís, "de eu ir para aína, meu passo?"

"Se você fugir de alguém, eu te protejo?"

"Não preciso da sua defesa agora", disse Amadís. O cavaleiro o pegou pelas rédeas e disse: "Você deveria me dizer, se estiver em batalha".

"Estou mais satisfeito com isso", disse Amadís, "porque vou demorar mais para lhe dizer, do que para me livrar de você por esse meio, porque pelo seu excesso eu não poderia lhe dizer tanto que não quero saber mais."

O cavaleiro atirou-se para fora e veio até ele enquanto seu cavalo e Amadís foi até ele, e o cavaleiro o encontrou duro no escudo que a lança estava em pedaços e Amadís o feriu com tanta força que ele caiu no chão e o cavalo sobre ele e o cavalheiro feriu tanto a perna que mal conseguia se levantar; Passando por ele, seguiu seu caminho e este foi o cavaleiro que soltou o cavalo de Don Galaor e Amadís ficou tão cansado de andar que alcançou o cavaleiro que a donzela carregava e disse:

— Grande pedaço que você fugiu, imensurável, e agora eu imploro que não seja.

"E que excesso estou fazendo?", disse o cavalheiro.

"O maior que você puder", disse Amadís, "porque você tem a donzela forçada e também feriu a ilha."

"Parece", disse o cavaleiro, "que você quer me punir."

"Não estou punindo você", disse ele, "mas estou lhe dizendo qual é o seu profissional."

— Eu entendo que será mais seu quando você voltar para o que veio buscar.

Amadís ficou furioso e foi até o escudeiro e lhe disse: —

Deixe a donzela; se não, você está morto.

O escudeiro com medo colocou-o no chão. O cavalheiro disse: — Senhor cavalheiro, você levou uma grande loucura.

— Agora vamos ver, disse Amadís, e ao baixarem as lanças foram feridos de tal forma que se partiram e o cavaleiro caiu no chão e caiu. Aína levantou-se e Amadís foi até ele por machucá-lo com os peitos do cavalo, o outro lhe disse:

— Cuidado, senhor, porque sou excessivo, você não deveria ser assim, e fale de mim como uma misericórdia.

"Bem, jure", disse Amadís, "que você não vai forçar nada ao dono ou à empregada contra a vontade deles."

"De boa vontade", disse o cavalheiro. Amadís, que veio até ele para prestar juramento, e o outro, que tinha a espada na mão, feriu-o com ela na barriga do cavalo que o fez cair com ele. Amadís então saiu dele e pondo a mão na espada, deixou-o correr tão maldosamente, como era maravilhoso, e o cavaleiro lhe disse:

— Agora vou fazer você ver que veio aqui em um momento ruim.

Amadís, que estava muito zangado, não lhe respondeu, mas feriu-o no capacete ou na viseira e cortou-o tanto que a espada lhe atingiu o rosto, de modo que o nariz com metade do rosto o cortou e o cavaleiro caiu, mas não contente, cortou a cabeça e enfiando a espada na bainha foi ter com a donzela a tal hora que já estava escuro e a lua estava clara, ela lhe disse: - Senhor cavaleiro, Deus lhe dê honra por o acorro que você me fez e ainda mais se você der um fim, que é me levar a um castelo onde eu queria ir, já que não há nada porque a tal hora eu cometaria qualquer caminho.

"Donzela", disse ele, "vou levá-la da série."

Ao fazer isso, chegou Gandalín, e Amadís lhe disse: "Dá-me esse cavalo de cavaleiro, já que o meu me matou, e você leva a donzela no palafrém, e vamos em frente onde ela nos guiará".

Então eles deixaram aquela estrada para pegar outra que a donzela conhecia. Amadís perguntou se ela sabia o nome do cavaleiro morto da árvore da encruzilhada, ela disse que sim, e contou-lhe todos os seus bens e o motivo de sua morte, que ela bem sabia. Nisto, chegaram a uma margem do rio, sendo já meia-noite e porque a donzela estava a dormir muito, a seu pedido, concordaram em dormir algures ali e descendo das feras puseram o manto de Gandalín em que dormia, e Amadís deitado em seu elmo ele se deitou perto dela, e Gandalin do outro lado. Pois bem, enquanto todos dormiam, como se ouve, chegou um cavaleiro que vinha pela margem contra ele e, aovê-los, pôs-se em cima deles com seu cavalo e colocou o conto da lança nos braços de a donzela e a fez acordar, e quando viu o cavaleiro armado cuidou que era o que a esperava, ela levantou-se sonolenta e disse: - Quer, senhor, que caminhemos?.

"Eu quero", disse o cavalheiro.

"Em nome de Deus", disse ela. O senhor desceu e a pegou pelo braço parou diante dele e começou a seguir seu caminho.

-O que é isso? ela disse, melhor o escudeiro me levar.

"Não vai demorar", disse ele, "porque você queria ir comigo."

Ela olhou para a frente e viu Amadís dormindo muito e gritou: "Oh, senhor, me corra, não sei quem está me carregando!"

O cavaleiro deu as esporas ao cavalo e foi com ela até onde pôde. Amadís acordou com as vozes da donzela e viu como o cavaleiro a carregava, para sua tristeza, e chamou apressadamente Gandalín para lhe dar o cavalo, e entretanto amarrou o elmo e pegou o escudo e a lança. , e cavalgando Ele foi para onde o outro o viu ir, e não foi muito longe até se encontrar entre algumas árvores muito grossas, onde perdeu a corrida, não sabia para onde ir e embora fosse o mais cavaleiro sofredor do mundo, uma grande fúria cresceu contra ele, dizendo:

— Agora digo que a donzela bem pode dizer, que agi tanto como cego quanto como proteção, que se a defendi de um executor, deixei-a em poder de outro, e assim um grande pedaço atravessou o campo, fazendo mais mal ao cavalo dela, o que ele merecia, e pouco depois ouviu um som de buzina e ia contra aquela parte, cuidando para que o cavaleiro ali viesse, e não demorou muito para que ele encontrasse diante de si um bela fortaleza em uma colina alta e eles vigiavam muito fortemente, e aproximando-se dela, ele viu o muro alto e torres fortes, mas o portão estava bem fechado. Os vigias que o viram perguntaram-lhe que homem estava armado àquela hora.

"Eu sou um cavalheiro", disse ele.

"O que você exige?", eles disseram.

"Eu exijo", disse ele, "um cavalheiro que tomou uma donzela de mim."

— Não vimos, disseram os de suso. Amadís contornou o castelo, e do outro lado encontrou um portão aberto e viu o cavaleiro conduzindo a donzela a pé e seus homens desamarrando seu cavalo, que de outra forma não passaria pelo portão. Amadís cuidou para que fosse ele e disse: — Senhor cavaleiro, preste um pouco de atenção e não se refugie, primeiro decida se foi você quem levou uma de minhas criadas.

"Sim, eu peguei", disse ele, "você guardou errado."

"Você o forçou por engano", disse Amadís, "caso contrário não seria tão leve."

para fazê-lo, e é verdade que você não foi cortês lá, nem ganhou lá como um cavalheiro.

O senhor disse-lhe:

"Amigo, tenho a empregada que de sua vontade quis vir comigo e tenho que não a forcei."

"Senhor cavaleiro", disse Amadís, "mostre-a e, se ela disser, eu paro de processá-la."

"Eu vou mostrar a você aqui amanhã, se você quiser entrar com o costume do castelo."

"E que costume é esse?"

— Amanhã eles vão te contar e você não vai dar por certo se você se aventurar nisso, — Se eu quisessevê-la agora, eles me receberiam lá dentro?

"Não", disse o cavaleiro, "porque é noite, mas se você esperar o dia, veremos o que você vai fazer lá", e fechando a veneziana se refugiou lá dentro e Amadís se jogou lá fora sob algumas árvores, onde ele desceu de seu cavalo e ficou com Gandalín falando em espanhol muitas coisas até de manhã, e o sol nascente viu a porta aberta, e montado em seu cavalo chegou até ela e viu um cavaleiro todo armado em um grande cavalo e o porteiro quem guardou disse:

"Senhor cavaleiro, você quer entrar aqui?"

"Eu quero", disse Amadís, "é por isso que venho aqui."

"Bem, primeiro eu vou te dizer", disse o porteiro, "o costume porque, você não reclama, e eu te digo tanto que antes de você entrar você tem que lutar com aquele cavaleiro, e se ele te derrotar, você vai jurar fazer a missão da senhora deste castelo, se não, eles vão jogá-lo em uma prisão indescritível, e mesmo se você ganhar, não vamos deixá-lo sair e você deve seguir em frente onde encontrará dois outros cavalheiros em outro porta. E mais para dentro dois outros senhores e com todos vocês tem que lutar por um processo como o primeiro, e se vocês são tão bons que passam para sua honra, além de ganhar um grande preço de armas, vocês vão tem direito ao que você vai exigir."

"É verdade", disse Amadís, "se você diz que é verdade, quem a tirar daqui vai comprar caro, mas seja o que for, ainda quero ver a empregada que eles têm aqui para mim, se puder."

Então ele passou pela porta do castelo, e o cavaleiro o chamou para ficar de guarda e deixá-lo correr e Amadís ele e eles se feriram com as lanças em seus escudos, e o cavaleiro quebrou sua lança e Amadís o jogou para o chão com tanta coragem que quebrou o braço direito e se virou para ele e colocando a lança em seu peito disse: "Você está morto se você não desistir."

O cavalheiro disse:

"Senhor, misericórdia", e mostrou-lhe o braço quebrado. Amadís passou por ela e foi na frente e viu dois cavaleiros armados na outra porta e eles lhe disseram: "Entre, cavaleiro, se você quer lutar conosco, senão você será preso".

"É verdade", disse ele, "prefiro lutar do que ser um prisioneiro."

E cobrindo-se com seu escudo, ele abaixou sua lança e os deixou correr e eles a ele, e um morreu com seu golpe, e o outro feriu seu escudo para que fosse falso, e eles o feriram no braço esquerdo e quebraram a lança . em pedaços. Amadís o feriu com tanta força que derrubou ele e o cavalo no chão, e ele ficou tão atordoado com a queda que não conheceu uma parte de si mesmo e soltou a outra que ficou a cavalo e o encontrou com a lança sem ferro que ficou no escudo do cavalo outro no elmo, de modo que o tirou da cabeça e o cavaleiro o feriu na borda do escudo pelo lado, para que o combate não começasse e a lança sadia ali ficaram e puseram as mãos nas espadas e deram uns aos outros grandes golpes, e Amadís lhe disse:

"É verdade, senhor, você está louco para lutar com a cabeça desarmada."

"Minha cabeça", disse ele, "eu a protegerei melhor do que você protegerá a sua."

— Agora vai parecer, disse Amadís. Então ele o atingiu em cima do escudo com tanta força que a espada o atravessou e o cavaleiro perdeu o equilíbrio e teve que cair. Amadís, que o viu assim envergonhado, bateu-lhe com a espada na cabeça porque estava muito atordoado e pôs a mão em seu ombro e disse: .

O cavaleiro largou a espada de sua mão e disse: "Não
quero perder meu corpo mais loucamente, já que você já me deu uma vez, e vá em frente."

Amadís exigiu a lança que estava no chão e ele deu a ela e alcançou o outro porta ele viu lá dentro, no castelo, duenas e donzelas suso na parede e as ouviu dizer:

—Se este cavaleiro atravessar a ponte apesar dos três, terá feito a maior cavalaria do mundo.

Então os três cavaleiros vieram até ele, muito bem armados e em belos e grandes cavalos, e um deles lhe disse:

"Cavaleiro, seja um prisioneiro ou jure que fará a missão da senhora do castelo."

"Não serei prisioneiro", disse Amadís, "enquanto puder me defender, nem a vontade da senhora, não sei o que é."

"Bem, agora tomem cuidado", disseram eles, e todos foram juntos para feri-lo tão ferozmente que teriam que derrubá-lo com o cavalo. Amadís feriu um com tanta força que o erro da lança penetrou em seus flancos e ali ele quebrou sua lança, assim como os outros a quebraram nele, e pondo as mãos em suas espadas o feriram tão bravamente que aqueles que olharam para eles ficaram muito espantado. , que os três cavaleiros fossem valentes e usados em armas e o que estava diante deles não queria a vergonha para si. A batalha foi feroz. Mas não durou muito, pois Amadís, mostrando sua força, deu-lhes tantos golpes que a espada os fez atingir suas carnes e cabeças, de modo que em poucas horas os deteve para que não sofresssem e fugiram contra o castelo e ele atrás deles, e como estavam aflitos, um deles desceu do cavalo e Amadís lhe disse:

— Não se importe de descer, não vou deixar você se não desistir.

"É verdade, senhor, eu farei isso de bom grado", disse ele, "e todos os que lutarem com você devem ser, de acordo com o que você faz", e ele lhe deu sua espada. Amadís a pegou e foi atrás das outras que viu entrar num grande palácio e viu à sua porta, bem vinte senhoras e donzelas, e a mais bela delas disse:

"Fique aqui, senhor cavaleiro, você já fez muito.

Amadís ficou calado e disse:

"Senhora, então desista".

"O que ele faz com você?", disse o dono.

— Porque me disseram na porta que era conveniente para mim matar ou ganhar, que senão eu não conseguiria meu direito.

"Mas eles nos disseram", disse o proprietário, "que se você entrasse aqui pela força deles, eles lhe dariam o direito de tudo o que você exigisse." E agora diga o que lhe agrada.

"Eu exijo", disse ele, "uma donzela tirada de mim por um cavaleiro na margem de um rio onde eu dormi à noite e trouxe para este castelo contra sua vontade."

"Agora sente-se", disse ela, "e deixe o cavaleiro vir e dizer o motivo dele e você o seu, e cada um terá o seu direito e descerá um pouco enquanto o cavaleiro vem.

Amadís desceu do cavalo e o dono sentou-o e disse-lhe: "Conhece um senhor chamado Amadís?"

"Por que você pergunta?", disse ele.

— Porque toda essa guarda que você viu neste castelo está armada para ele, e eu lhe digo bem que se ele entrar aqui, eu sei que ele não sairia daqui de jeito nenhum até que tivesse que levar uma coisa que ele prometido.

"E o que foi isso?", disse ele.

"Eu vou te dizer", disse a duenna, "por uma questão de lei, você faz todo o seu poder ir embora." do que ele prometeu, quem por armas, quem por outra coisa, porque ele não fez isso com o direito.

Amadís disse:

— Digo-te, dona, que o que quer que Amadís tenha prometido, por mais que seja, farei com que me tire todas as minhas forças.

Ela, que não entendia com que finalidade se dizia,

disse: "Bem, agora sabe, senhor cavaleiro, que este Amadís, de quem lhe falo, prometeu a Angriote de Estravaus que informaria seu amigo, e de essa promessa você a faz ir embora, então que tal encontro mais por vontade do que por força Deus e a razão querem ser feitos.

"É verdade", disse Amadís, "você diz que está certo e, se eu puder, vou removê-lo."

O proprietário agradeceu muito, mas ele não ficou menos feliz, pois cumprindo sua promessa foi removida dela e:

"Diga", disse ele, "talvez seja você, senhora, aquele que Angriote ama?"

Ela disse:

"Senhor, eu sou."

"É verdade, senhora", disse ele, "Angriote eu considero um dos bons cavaleiros do mundo e sob meus cuidados não há dono tão alto que não seja necessário ter um cavaleiro assim, e eu não Não digo isso porque não tenho o que prometi." Mas digo isso porque ele é um cavaleiro melhor do que aquele que lhe deu a promessa.

Capítulo 27

Como Amadís lutou com o cavaleiro que a donzela havia roubado enquanto dormindo e como ele o espancou.

Enquanto falavam, um cavaleiro veio até eles, todos armados, exceto a cabeça e as mãos. Ele era grande e atarracado, e bem feito para ter uma grande força, e disse contra Amadís: venha comigo antes de ficar com você, e por isso não tenho razão para dar a você.

"Bem, mostre-a para mim", disse Amadís.

"Eu não tenho nenhuma razão para mostrá-lo a você", disse o cavaleiro, "mas se você diz que não deve ser meu para provar isso a você pela batalha.

"É verdade", disse Amadís, "que eu vou provar para quem você não deve ter." certo se a donzela não se entregar a isso.

"Então seja você na batalha", disse o cavaleiro.

"Estou muito satisfeito", disse Amadís. Agora saiba que esse senhor se chamava Gasinan, e era tio, irmão de seu pai, amigo de Angriote, e era o parente do mundo que ela mais amava, e porque era o melhor cavaleiro de armas de sua linhagem, ele trouxe sua propriedade por cérebros. e eles trouxeram a este Gasinán um grande cavalo e ele pegou suas armas e Amadís cavalgou e pegou as dele, e o dono, que se chamava Grovenesa, disse: "Tio, eu faria com que este batalha não passou, que qualquer um de vocês ficaria muito triste se isso lhe acontecesse, porque você é o homem do mundo que eu mais amo, e aquele senhor me jurou que faria Amadís tirar o que prometeu a Angriote .

"Sobrinha", disse Gasinan, "como você acha que ele ou outro poderia atirar no melhor cavalheiro do mundo se não cumprisse sua vontade?"

Grovenesa lhe disse:

"Deus me ajude, eu considero este o melhor cavalheiro do mundo e se ele não não entrassem aqui pela força das armas.

"Como", disse Gasinan, "você o valoriza tanto por passar os portões para aqueles que os guardavam?"

— É verdade, ele era um bom cavaleiro, mas por isso não o temo muito, e se há bondade nele agora você vai ver, e Deus me ajude se eu deixar a donzela assim que eu puder defendê-la.

Grovenesa atirou-se para fora e eles partiram um contra o outro no mais distante dos cavalos, suas lanças abaixadas e ferindo-se tão bravamente nos escudos, que depois foram quebrados e juntaram os escudos e capacetes com tanta força que foi maravilhoso , e Gasinán , que tinha menos força, saiu da cadeira e teve uma grande queda, mas ele então se levantou como quem era de grande força e coração, e colocou a mão na espada e foi contra um pilar de pedra que estava alto no meio do curral, que ali cuidou para que Amadís não machucasse seu cavalo, e se ele viesse até ele, poderia ser morto. Amadís o soltou porque estava ferido e Gasinán o acertou com a espada na cara do cavalo, que Amadís era muito cruel e queria acertar com todas as suas forças, e Gasinán se jogou para fora e o golpe atingiu o pilar que pedra forte era , então ele cortou um pedaço dela, mas a espada foi quebrada em três pedaços.

Quando ele a viu assim, houve grande tristeza, como alguém que estava em perigo de morte, e ele não tinha

com o que se defender, e tão rápido quanto podia descer de seu cavalo. Gasinan, que assim o via, disse: "Cavaleiro, dê a donzela para mim, se não, você está morto".

"Isso não vai acontecer", disse ele, "se ela não disser que gostou primeiro."

Então, Gasinan o soltou e começou a feri-lo em todos os lugares como quem era de grande força e queria conquistar a donzela. Mas Amadís também se cobriu com seu escudo e com tanto cuidado, que todos os golpes que recebeu nele, e outros o fizeram perder e às vezes ele o atingiu com os punhos da espada, que ficou em sua mão, golpes que ele se mexeu de um lugar para outro e muitas vezes torceu o capacete na cabeça. Assim foram grandes peças na batalha, tanto assim, que as donas e donzelas se assustaram de como Amadís poderia suportá-lo sem ter com que machucá-lo, mas como ele foi descoberto em muitos lugares de sua loriga e seu escudo diminuído, colocou tudo em uma aventura de morte, e deixou Gasinán ir com tanta fúria, tão rápido, que o outro não pôde e não teve tempo de machucá-lo, e ambos se abraçaram lutando para derrubar o outro e assim eles andou uma peça que Amadís nunca o deixou do que dele soltou, e estando perto de uma grande pedra que estava no curral, Amadís colocou toda sua força, que ele tinha muito maior do que qualquer um poderia pensar, embora não fosse um corpo grande, e ele bateu com ele em cima dela uma queda tão grande que Gasinán ficou completamente atordoado, que ele não se moveu com o pé ou a mão. Amadís rapidamente pegou a espada, que caiu de sua mão, e cortando os cordões de seu elmo, atirou-a da cabeça e o cavaleiro concordou o máximo possível, mas não de forma que pudesse se levantar, e disse-lhe: "Senhor cavaleiro, você me fez sentir muito." sem direito e agora vou me vingar por isso, e

levantou a espada como se quisesse bater nele, e Grovenesa deu uma voz alta dizendo:

"Oh, bom cavaleiro! Pelo amor de Deus, misericórdia, não seja assim", e ela foi contra ele chorando, quando Amadís viu que pesava tanto que parecia que ia matá-lo e disse:

— Senhora, não me peça para deixá-lo, pois ele me deixou tão triste que não vou parar de cortar sua cabeça de forma alguma.

"Infelizmente, Sir Knight", disse ela, "pelo amor de Deus, exija tudo o que seu será que o façamos para que não morra e então se cumpra.

"Senhora", disse ele, "não há coisas no mundo porque eu o deixei, mas por dois coisas, se você quiser fazê-las.

"Que coisas são?", disse ela.

"Dê-me a empregada", disse ele, "e você me jura como uma amante leal que irá para o primeira corte que o rei Lisuarte fará e lá me darás um presente, como eu peço.

Gasinan, que agora estava mais consciente e estava em grande perigo,

disse: "Ay! sobrinha, pelo amor de Deus, misericórdia, e não me deixe matar e chorar por mim e fazer o que o senhor diz.

Ela concedeu como Amadís pediu. Então, ele se afastou do senhor e disse:

-Senhora, ficarei bem para você no presente que lhe prometi e você tem o outro juramento e não Medo de que eu exija algo de você que seja contra sua honra.

"Muitas graças", disse ela, "porque você é tal que fará tudo certo."

"Bem, agora vem a empregada que eu exijo."

La dueña la hizo venir y fue hincar los hinojos ante Amadís y dijo: —

Cierto, señor, mucho afán habéis llevado por mi, y comoquiera que Gasinán me trajese a engaño, conozco que me quiere bien, pues quiso antes combatirse que darmel por otra Maneira.

"Amiga senhora", disse Gasinán, "se parece que te amo, se Deus me ajuda,
Parece-lhe muito verdadeiro e peço-lhe muito que fique comigo.

"Então eu vou", disse ela, "colocar este cavalheiro."

"É verdade, donzela", disse Amadís, "você escolhe um dos bons cavaleiros que pode encontrar,
mas se este não é seu prazer, então me diga e não me culpe por nada que lhe convém."

"Senhor", ela disse, "eu sou muito grata a você por me deixar aqui."

— Em nome de Deus, disse Amadís. Então, ele exigiu seu cavalo e Grovenesa quis que ele ficasse
naquela noite, mas ele não o fez, e montando nele, despediu-se dela, ordenou a Gandalín que pegasse
os pedaços da espada e deixasse o castelo, mas antes que Gasinán implorasse para ele. pegou a sua,
e ele agradeceu muito e pegou e Grovenesa o fez dar-lhe uma lança e assim ele entrou no caminho
certo para a árvore na encruzilhada onde ele pensou que encontraria Galaor e Balais.

Capítulo 28

Do que aconteceu com Balais, que foi em busca do cavaleiro que causou a perda de Don Galaou o cavalo.

Balais de Carsante foi perseguir o cavaleiro que soltou o cavalo de dom Galaor, que já estava muito longe e, embora estivesse com muita pressa de alcançá-lo, levou-o antes que chegasse a noite muito escura, e cavalgou até a meia-noite. . Então ele ouviu algumas vozes diante dele na beira do rio e foi até lá e encontrou cinco ladrões que tinham uma donzela que queria forçá-la, e um deles estava pegando ela pelos cabelos para colocá-la entre umas pedras. E estavam todos armados com machados e lorigas, Balais, que o viu, disse em voz alta: "Vilões, malvados traidores! volta e a lança quebrou, o ladrão caiu

morto. Mas os quatro o feriram de tal maneira que o cavalo então caiu entre eles e saiu dele o mais rápido que pôde, como quem era forte e bom cavaleiro e colocou a mão na espada e os ladrões o deixaram correr e feriu-o de todas as maneiras, partes, da melhor maneira possível, e feriu um que estava mais próximo da mão acima da cabeça que o partiu até o pescoço e o encontrou morto no chão e deixando a espada pendurada na corrente que ele muito rapidamente pegou o machado que no bandido caiu e foi contra os outros, que, vendo os grandes golpes que ele deu, se refugiaram em um pântano que a entrada era estreita, mas antes ele alcançou um com o machado nas costas, que cortou sua carne e ossos até o flanco, e passando por cima dele foi até os dois que se refugiaram no pântano e houve um grande incêndio e os ladrões ficaram do outro lado, virando o rosto contra aquele que não tinha para onde fugir. Balais cobriu-se com o escudo e foi até eles, e os ladrões o atingiram com grandes golpes acima do capacete, então o fizeram deitar no chão com uma mão, mas ele se levantou bravamente, como quem tem um grande coração, e deu aquele com o machado ficou tão ferido que metade de sua cabeça o derrubou e o pegou no fogo. O outro, quando se viu sozinho, largou o machado de suas mãos e pôs-se de joelhos diante dele e disse: "Sim! Senhor, pelo amor de Deus, misericórdia, não me mate porque, pelo tempo que estar neste mau trabalho com o corpo perderia sua alma.

"Deixo-te", disse Balais, "porque basta tua discrição para saber que em tal vida você estava perdido, que você leva aquele com o qual, pelo contrário, você será separado.

Assim fez este ladrão que mais tarde se tornou um bom homem, com uma boa vida e um eremita.

Feito desta forma, Balais deixou o pântano onde estava a donzela, que ficou muito feliz com os olhos por vê-lo curado e agradeceu-lhe muito o que ela fez por ela ao afastar aqueles homens maus que queriam zombar dela, e ele perguntou como eles tinham feito isso, levado aqueles homens maus.

"Numa passagem na montanha", disse ela, "que é aqui, parte desta floresta, que eles guardavam, e dois escudeiros que estavam comigo me mataram lá e me trouxeram aqui porque me prenderam para fazer a vontade deles."

Balais viu a donzela, que era muito bonita, e pagou muito por ela e disse-lhe:

"É verdade, senhora, se eles a mantiveram prisioneira como sua beleza me prende, você nunca sairia disso.

"Senhor cavaleiro", disse ela, "se eu perdesse minha castidade pela maneira como os ladrões trabalhavam, sua grande força me aliviava da culpa; concedendo-lhe por grau, como

seria, nem poderia ser desculpado? O que você fez até agora foi um bom cavalheiro, peço-lhe que dê à força das armas para companhia a medida e a virtude a que você está tão obrigado.

"Minha boa senhora", disse ele, "não leve em conta as palavras que eu lhe disse, que é conveniente que os cavalheiros sirvam e cobiçam as donzelas e as amem como damas e amigas e que tomem cuidado para não cometer erros, como você quer fazer, porque no entanto que no início temos muito mais para ter conseguido o que queremos deles, muito mais eles nos são preciosos e estimados quando com discrição e bondade se defendem, resistindo aos nossos maus apetites, guardando o que, perdendo, nada lhes restaria, o de elogiá-lo era .

A donzela o humilhou beijando suas mãos e disse: "Quanto mais se deve ter esta ajuda de honra do que a da vida, que você me deu, mais a diferença é entre uma e outra".

"Bem, agora", disse Balais, "o que você me manda fazer?"

"Que possamos nos afastar desses homens mortos", disse ela, "até o dia chegar."

"Como vai ser?" ele disse, "que eles mataram meu cavalo."

"Nós vamos", disse ela, "neste meu palafrém." Então Balais cavalgou e pegou a donzela em seus quadris e eles foram por uma sala onde encontraram um prado perto de uma estrada como um arco lançado, e lá ficaram conversando sobre algumas coisas e Balais contou-lhe a história, pelo que depois que o cavaleiro chegou e, quando amanheceu, eles se armaram e montaram no palafrém e foram para a estrada, mas ele não viu sinal de ninguém que havia passado por lá e disse à donzela: "Amiga, o que devo fazer com você?", que não posso de forma alguma me afastar deste processo.

"Senhor", disse ela, "vamos nessa corrida até encontrarmos algum lugar, e ficando lá, você irá para o palafrém."

Pois bem, saindo dali, como se ouve, pouco depois viram chegar um cavaleiro que tinha uma perna no pescoço do cavalo e aproximando-se, colocou-a no estribo e ferindo as esporas do cavalo, veio a Balais e deu-lhe tal um golpe. jogado no escudo que ele e a donzela derribaram no chão e disseram:

— Amigo, lamento que você tenha caído, mas vou levá-lo onde será corrigido, isso não é para merecer levá-lo.

Balais levantou-se muito cedo e sabia que este era o cavalheiro que ele queria e Colocando o escudo diante dele com a espada na mão, ele disse:

"Sir Caballero, você era um bom caminhante, eu perdi meu cavalo, então Deus ajuda, eu fiz você pagar pela vilania que você fez ontem à noite.

"Como", disse o cavaleiro, "você é que riu de mim?"

"É verdade, vou retribuir o desprezo para você", e ela o deixou correr, lança na mão, e deu-lhe um golpe tão forte em seu escudo que ele falsificou. Balais cortou a lança do alto da mão, e o cavaleiro levou a mão à espada e deu-lhe um golpe por cima do elmo que fez a espada atravessar-lhe bem dois dedos e Balais estendeu-se contra ele e lançou-lhe as mãos. o escudo e puxou para ele com tanta força que a sela torceu e o cavaleiro caiu diante dele, e Balais passou por cima dele, tirando os laços do elmo, deu-lhe grandes golpes no rosto e na cabeça com o pomo da espada , de modo que o atordou e quando viu que não havia defesa nela, pegou sua espada e atingiu uma pedra com tantos golpes que a quebrou em pedaços, e ele colocou a sua na bainha e pegou a do cavaleiro. cavalo e colocaram a donzela no palafrém e seu caminho foi contra a árvore da encruzilhada, e eles encontraram no caminho alguns

casas de duas senhoras que levavam uma vida santa, onde tiravam da sua pobreza algo para comer, que muitas bênçãos foram lançadas a Balais, porque tinham morrido aqueles ladrões, que fizeram muito mal por toda aquela terra. Assim continuaram o caminho até chegarem à árvore da encruzilhada, onde encontraram Amadís, que havia então chegado, e não tardou a ver como vinha Don Galaor. Pois bem, os três juntos tiveram um grande prazer entre si por terem terminado as suas aventuras à sua época e combinaram alojarse naquela noite no castelo de um cavaleiro muito honrado que era pai da donzela que Balais levou, perto de onde, e assim o fez, fizeram questão de que, amigos íntimos, fossem muito bem recebidos e atendidos com tudo o que precisavam, e outro dia de manhã, depois de ouvirem a missa, se armaram, e montaram em seus cavalos, saindo a donzela no castelo com seu pai, eles entraram no castelo, a caminho de Vindilisora. Balais deu o cavalo a Don Galaor como prometido, mas ele não quis pegá-lo, ou porque seu cavalo perderia se o atacasse, ou porque ele tinha outro gado.

Capítulo 29

Como o Rei Lisuarte fez Cortes e o que lhe aconteceu nelas.

Com a notícia de que o anão trouxe o rei Lisuarte de Amadís e dom Galaor, ficou muito feliz, tendo vontade de realizar Cortes, as mais honrosas e com mais cavaleiros do que nunca na Grã-Bretanha, esperando apenas Amadís e Galaor.

Olivas apareceu um dia perante o rei para reclamar ao duque de Bristoya que seu irmão havia matado Aleve. O rei, aconselhando-se com os que mais sabiam disso, deu ao duque um mês para responder e se por acaso quisesse trazer consigo dois cavaleiros a este pedido, já que Olivas os tinha ao seu lado para que com toda a igualdade de linhagem e bondade poderia manter a razão e o direito. Feito isso, o rei ordenou que todos os seus ilustres fossem com ele no dia de Santa Maria em setembro nas Cortes e a rainha igualmente, e todas as duenas e donzelas em grande disfarce. Pois bem, estando todos no palácio com grande alegria a falar das coisas que deviam ser encomendadas nas Cortes, sem saber nem pensar como em tais tempos a fortuna móvel quer com as suas armadilhas ferir cruelmente, porque todos são notórios nos pensamentos de os homens não vêm aquela certeza que eles esperam. Uma donzela estranha entrou no palácio, asaz bem guarnecidada, e uma donzela gentil que a acompanhava e descendo de um palafrém perguntou quem era o rei, ele disse: — Donzela, eu sou.

"Senhor", disse ela, "você parece um rei de corpo, mas não sei se será de coração."

"Donzela", disse ele, "você vê isso agora, e quando você me testar no outro, você saberá."

"Senhor", disse a donzela, "à minha vontade responda e compartilhe esta palavra que me dá diante de tantos homens de bem, porque quero provar o esforço de seu coração quando preciso e ouvi dizer que você quer ter Cortes em Londres, por Santa Maria de setembro, e onde haverá muitos homens bons, quero ver se você é tal que deve ser senhor de tão grande reino e de tão famosa cavalaria.

"Donzela", disse o rei, "porque meu trabalho em meu poder seria feito melhor do que o que foi dito, quanto mais prazer houver, mais homens bons estarão presentes."

"Senhor", disse a donzela, "se os fatos são como estão ditos, considero-me muito feliz, e Deus seja confiado a você."

"Meu Deus, donzelas", disse o rei, e assim todos os cavaleiros a saudaram. A donzela seguiu seu caminho. E o rei ficou conversando com seus cavaleiros, mas eu lhe digo que não havia ninguém ali que muitos não pesassem o que o rei prometeu, temendo que a donzela quisesse colocá-lo em algum grande perigo de sua pessoa e o rei era tal, que, por maior que fosse, ele não duvidaria para não se envergonhar, e era tão amado por toda a sua família que preferiam passar por grande afronta e vergonha a vê-lo sofrer, e eles o fizeram. Não considero bom que um príncipe tão alto desse tão levianamente sem mais deliberação, sua palavra a uma mulher estranha, sendo obrigado a cumprir e não certificado do que ela queria exigir dele.

Bem, tendo falado de muitas coisas, a rainha desejando receber seu palácio, três cavaleiros entraram pela porta, os dois armados com todas as armas e um desarmado e ele era grande e bem construído, e sua cabeça estava quase toda grisalha, mas fresco e bonito, de acordo com sua idade.

Ele trouxe diante de si um pequeno baú e perguntou pelo rei, e eles o mostraram a ele. Ele desceu de seu palafrém e, ajoelhando-se diante dele, com o caixão nas mãos, disse-lhe:

"Deus o salve, senhor, assim como o príncipe do mundo que fez a melhor promessa, se você a tiver."

O rei disse:

"E que promessa é essa ou por que você me diz?"

"Eles me disseram", disse o cavaleiro, "que você queria manter a cavalaria na mais alta alteza e honra possível e porque muito poucos príncipes trabalham nisso, é muito mais seu do que deles para elogiar."

"É verdade, senhor", disse o rei, "terei esta promessa enquanto viver."

"Deus permita que você termine", disse o cavaleiro, "e porque eu ouvi que você queria ter tribunais em Londres de muitos homens bons, eu lhe trago aqui o que convém a um homem como você e a tal partido."

Então eles abriram o caixão, ele tirou uma coroa de ouro tão bem feita e com tantas pedras e pérolas que todos ficaram muito maravilhados com a visão, e parecia que não deveria ser colocada na cabeça, mas de uma muito grande senhor. O rei olhou para ela com gosto de crédito para si mesmo, e o cavaleiro disse-lhe: "Acredite, senhor, que este trabalho é tal que nenhum dos que sabem trabalhar com ouro e colocar pedras não saberia como olhe para isso."

"Então me ajude Deus", disse o rei, "eu tenho assim."

"Bem, porém", disse o cavaleiro, "que seu trabalho e beleza são tão estranhos, ele tem outra coisa em si que é muito mais preciosa, e é que o rei que a coloca em sua cabeça sempre será mantido e aumentou em sua honra.", que assim fez aquele para quem foi feito até o dia de sua morte. E a partir de então, o rei nunca mais a teve na cabeça, e se o senhor, senhor, quis dar-lhe, poderei consertar minha cabeça porque corro o risco de perdê-la.

A rainha, que estava na frente, disse:

"É verdade, senhor, uma jóia como essa combina muito com você e dê a ele tudo o que o cavaleiro pedir, e" Você, senhora ", disse ele, "compre-me uma lindo manto que aqui trago.

"Sim", disse ela, "de boa vontade."

Então tirou do baú um manto, o mais rico e melhor feito que já se viu, e além das pedras e pérolas de grande valor que havia nele, estavam figurados todos os pássaros e animais do mundo, então sutilmente que, maravilhados, olharam para ele. A rainha disse:

— Deus me ajude, amigo, parece que este pano não foi feito por outra mão, mas por aquele senhor que pode fazer tudo.

"É verdade, madame", disse o cavaleiro, "você pode acreditar sem falta que pela mão e conselho de um homem este pano foi feito, mas agora seria muito caro encontrar alguém como ele." E ele disse: "Ainda mais te digo que este manto é mais adequado para uma mulher casada do que para uma mulher solteira, que tem tal virtude que no dia em que o cobre não pode haver angústia entre ela e seu marido.

"Verdade", disse a rainha, "se for verdade, não pode ser comprada por qualquer preço."

"Você não pode ver a verdade disso se não tiver a capa", disse o cavaleiro. E a rainha, que amava muito o rei, quis ficar com o manto porque entre eles os aborrecimentos se desculparam e disse: — Cavaleiro, por esse manto te darei o que quiseres.

O rei disse:

"Peça o manto e a coroa o que quiser."

"Senhor", disse o cavaleiro, "vou com muito cuidado convocado por aquele de quem sou prisioneiro e não tenho tempo de parar, nem de saber quanto valem esses donuts, mas estarei com você nos tribunais de Londres e enquanto isso ficarei com você." você a coroa e a rainha o manto, por um processo tão grande que você me dá o que eu vou exigir de você ou me devolva e você já o experimentou e testou , que eu sei muito bem que você vai me pagar agora então.

O rei disse:

"Senhor, agora acredite que você faz o que você vai exigir, ou o manto e a coroa.

O cavaleiro disse:

"Senhores e duenas, ouçam atentamente o que o rei e a rainha me prometem, que Eles me darão minha coroa e meu manto ou o que eu pedir a eles.

"Todos nós ouvimos", disseram eles. Então, o cavaleiro se despediu e disse:

"Adeus, fique, pois estou indo para a prisão mais indescritível que esse homem já teve, e um dos dois cavaleiros armados jogou fora o capacete enquanto estava lá e ele parecia um jovem bonito homem, mas o outro não queria jogá-lo e sua cabeça estava baixa e quanto, e ele parecia tão grande e tão desproporcional que não havia na casa do rei cavaleiro que fosse igual a ele com um pé.

Assim, todos os três foram embora, deixando o manto e a coroa na posse do rei.

Capítulo 30

Como Amadís e Galaor e Balais chegaram ao palácio do rei Lisuarte, e o que lhes aconteceu depois.

Amadís e Galaor partiram do castelo da donzela e com eles Balais, andaram tanto pelo caminho que sem qualquer contraste chegaram à casa de D. Lisuarte, onde foram recebidos com tanta honra e alegria pelo rei e pela rainha e de todos os da família. uma corte como os outros cavaleiros nunca estiveram em nenhum momento onde quer que chegassem, e Galaor, porque nunca o viram e sabiam de ouvir dizer as suas grandes coisas nas armas, o que ele tinha feito, e Amadís por causa da notícia de sua morte que ele chegou lá, que segundo todos era muito amado, não acreditavam vê-lo vivo. Então era tanta gente que ao olhar para eles saíam que mal podiam passar pelas ruas, nem entrar no palácio. E o rei levou os três e mandou desarmá-los em uma câmara e quando o povo os viu desarmados tão belos e belos e em tal idade, amaldiçoaram Arcalaus que esses dois belos quiseram matar. Considerando que um não viveria sem o outro, o rei mandou dizer à rainha através de um jovem que recebesse muito bem aqueles dois cavaleiros, Amadís e Galaor, que iam vê-la. Então, Agrajes levou-os consigo, que os fez abraçar cada um com o braço e ficou tão feliz com eles, que não podia ser mais, e foi com eles aos aposentos da rainha, e D. Galvanes e o rei Arbán de Norgales, e quando entraram na porta, Amadís viu Oriana, sua amante, e seu coração estremeceu de grande prazer, mas ela não estava menos para que qualquer um que o olhasse pudesse conhecê-lo claramente, e como ela ainda tinha muitas notícias sobre ele, ele suspeitava que ele não estava vivo, e quando o viu saudável e feliz, chorando pelo cuidado e luto que havia por ele, lágrimas vieram aos seus olhos sem grau, deixando a rainha ir adiante, e ele parou o mais rápido possível e limpou os olhos que ninguém o via, porque todos tinham cabeça para olhar para os senhores. Amadís ajoelhou-se diante da rainha, tomando Galaor pela mão, e disse: "Senhora, veja aqui o cavaleiro que me mandou procurar".

— Estou muito feliz com isso, disse ela, e levantando-o pela mão o abraçou, e depois Dom Galaor. O rei lhe disse: - Duenna, quero que você vá embora comigo.

-E ela disse.

"Dê-me Galaor", disse ele, "porque Amadís é seu."

"É verdade, senhor", disse ela, "você não me pede pouco, já que um presente tão grande nunca foi dado na Grã-Bretanha, mas isso é certo, já que você é o melhor rei que reinou nele", disse ela contra Galaor:

— Amigo, o que você acha que eu faço que o rei me pede meu senhor?.

"Senhora", disse ele, "parece-me que tudo o que um senhor tão grande pede deve ser dado a ele se possível, e você me tem para servi-lo nisto e em tudo, se fosse a vontade de meu irmão e meu senhor, Amadís, que farei com ele apenas o que ele exigir."

"Estou muito contente", disse a rainha, "de fazer a missão de seu irmão, pois mais tarde terei uma parte em você, assim como na que é minha."

Amadís lhe disse:

"Senhor, irmão, faça a missão da rainha, então eu te imploro e isso me agrada agora."

Então Galaor disse à rainha:

"Senhora, bem, estou livre dessa vontade estranha de que você tem tanto poder sobre mim,
Agora me coloco à sua mercê, deixe-o fazer comigo o que mais lhe agrade.

Ela o tomou pela mão e disse contra o rei: "Senhor,
agora te dou Galaor que me pediste e digo-te que o ames segundo o grande
bondade que há nele, que não será pequena.

"Que Deus me ajude", disse o rei, "acredito tanto que alguém poderia amar tanto a ele ou a outro,
que o amor de sua grande bondade chegou."

Ao ouvir esta palavra, Amadís parou junto à patroa e suspirou, sem se importar com o que o rei
dizia, considerando que o amor que tinha pela patroa era maior do que a bondade de si mesmo ou de
todos os que traziam armas.

Pois bem, como ouviste, Galaor tornou-se vassalo do rei a tal hora que nunca por coisas que mais
tarde se intervieram entre Amadís e o rei deixou de o ser, tal como contarei mais tarde. E o rei sentou-se
com a rainha e eles chamaram Galaor para ir adiante deles para falar com ele. Amadís ficou com Agrajes,
seu irmão. Oriana e Mabilia e Olinda estavam juntas à parte de todas as outras, porque eram mais
honrosas e mais valiosas. Mabilia disse contra Agrajes: — Senhor irmão, traga-nos aquele senhor que
tanto desejamos.

Eles foram até eles, e como ela sabia muito bem com que remédio seus corações poderiam ser
curados, ela se meteu entre eles e colocou a parte de Oriana Amadís, e a parte de Olinda Agrajes, e
disse: — Agora estou entre as quatro pessoas deste mundo. que eu mais amo.

Quando Amadís se viu diante de sua esposa, seu coração pulou de uma parte para outra, guiando
seus olhos para olhar a coisa no mundo que ele mais amava, e ele se aproximou dela com grande
humildade e ela o cumprimentou, segurando as mãos entre as pontas Tirou as suas do manto e apertou-
as assim que fez sinal de abraçá-lo e disse: — Meu amigo, que aflição e que dor me fez passar aquele

traidor que trouxe a notícia de sua morte. Acredite que nunca uma mulher esteve em tão grande
perigo como eu. É verdade, amigo, senhor, isso foi com grande razão, porque nunca uma pessoa sofreu
uma perda tão grande como eu perdi você, que assim como sou mais amado do que todos os outros, a
sorte quis que eu fosse amado por aquele que vale mais que tudo.

Quando Amadís ouviu o elogio de sua senhora, baixou os olhos para o chão, pois só olhar para ela
não a ousava e ela parecia tão bonita que o sentido alterado, a palavra em sua boca a fez morrer, então
ela não respondeu. Oriana, que estava com os olhos fixos nele, o encontrou mais tarde e disse:

— Sim, amigo, senhor! Como não te amar mais do que tudo o que todos aqueles que o conhecem
amam e apreciam e como sou eu que você ama e aprecia muito mais do que todos eles, é uma grande
razão que eu te amo.

Amadís, que acalmou um pouco seu embaraço, disse-lhe:

"Senhora, por essa morte dolorosa que sofro todos os dias por sua causa, peço-lhe que chore, pelo
outro que foi dito antes, se eu viesse, seria um grande alívio e consolo posto e se não fosse, senhora,
este meu triste coração com aquele desejo, que tem, sustentado, servir-te, que contra as muitas e
amargas lágrimas que dele saem com grande força, sua grande força resiste , já neles seria do todo
desfeito e consumido, não porque ele deixe de conhecer seus desejos mortais para estar em grande
medida satisfeito que só a sua memória deles lembra, mas como a grandeza de sua necessidade exige
maior misericórdia do que ele. merece ser sustentado e preparado, se isso não acontecer em breve,
muito em breve estará em seu cruel fim caído.

Quando Amadís disse estas palavras, as lágrimas caíram-lhe no canto dos olhos por causa dos
embrulhos sem poder remediar-lhos, pois naquele momento ele era tão cuidadoso, que se

aquele amor verdadeiro que o colocou em tal desespero, não o consolou com aquela esperança de que nas estreitas semelhanças com os subjugados que costuma colocar, não era de admirar estar na presença de sua amante sua alma despedida dele.

"Oh, meu amigo! Pelo amor de Deus, não fale comigo", disse Oriana, "na sua morte, pois meu coração morre como quem, uma hora sozinha depois, não espero viver, e se Eu provei o mundo, por você.", que você vive nele, eu tenho. O que você me diz, sem dúvida, acredito por mim mesmo, que estou em seu estado, e se sua preocupação parece maior que a minha, não é por causa dele, mas porque o querer está em mim, como está em você, e morrendo o poder que não morre para você para realizar o que nossos corações tanto desejam, muito maior amor e dor na voz mais do que em mim é mostrado. Mas seja como for, prometo-te que se a fortuna ou o meu juízo não nos mostrar que a minha fraca audácia o encontrará, que se a fortuna ou o meu juízo não ocorrer, será antes do meu pai e da minha mãe e dos meus outros, que com nosso amor abundante poderia vir até nós, estando agora tão suspensos sofrendo e sofrendo desejos tão sérios e cruéis que a cada dia eles aumentam e vêm até nós.

Amadís, que ouviu isso, suspirou profundamente e quis falar, mas não conseguiu, e ela, que Pareceu-lhe que tudo estava transportado, pegou-lhe pela mão e voltou a si e disse-lhe:

"Amigo, senhor, não desanime, eu cumprirei a promessa que lhe dou e enquanto você não sair dessas Cortes que o rei, meu pai, quer fazer, que ele e a rainha vão implorar você, que sabe o quanto com você será mais honrado e exaltado.

Pois bem, nesta hora que você ouve, a rainha chamou Amadís e o fez sentar com Don Galaor, e o duenas e donzelas olhavam para eles dizendo:

— Asaz Deus trabalhará em ambos, para torná-los mais belos que outros cavalheiros e melhores em outras gentilezas e eram tão parecidos que mal se conheciam, mas Don Galaor era um pouco mais branco e Amadís tinha cabelos loiros encaracolados e um rosto pálido, algo mais ligado e ele era um pouco atarracado.

Então eles estavam conversando com a rainha por um pedaço, até que Oriana e Mabilia fizeram Ele fez sinal para a rainha enviar Don Galaor até eles, e ela o pegou pela mão e disse:

— Essas donzelas te amam, você não as conhece, mas saiba que uma é minha filha e a outra é sua prima em primeiro grau. Partiu para eles e quando viu a grande beleza de Oriana, saiu muito assustado, que não podia pensar que alguém com tamanha perfeição pudesse alcançá-la e suspeitava que pela grande bondade de Amadís, seu irmão, e o carinho de viver naquela casa mais do que em qualquer outra que ele tinha visto nele, ele não veio a ele senão porque para ele e não para outro ninguém era dado ao amor, uma pessoa era tão distinta no mundo. Eles o cumprimentaram e o receberam com muito bom humor, dizendo:
— Don Galaor, seja muito bem-vindo.

"É verdade, senhoras, eu não teria vindo aqui nestes cinco anos, se não fosse aquele que faz vir todos aqueles que trazem armas tanto por força como por boa vontade, que um e outro são nele mais plenamente do que em qualquer um de quantos." hoje eles vivem

Oriana ergueu os olhos e, olhando para Amadís, suspirou, e Galaor, que a olhava, sabia que sua suspeita era mais verdadeira do que pensava antes, mas não porque sentisse outra coisa além de parecer que seu irmão tinha mais motivos para estar amado por ela do que ele.

Pois bem, conversando com eles sobre muitas coisas, o rei chegou e estava lá com muita alegria, conversando e rindo, porque seu prazer podia ser compartilhado por todos, e levando-os consigo, saiu para o grande palácio onde muitos homens altos e cavaleiros de grande prez foram, e encontrando uma vez que as mesas foram postas, eles se sentaram para comer. E o rei ordenou a um deles que se sentasse Amadis e

Galaor e Galvanes Sin Tierra y Agrajes, sem que nenhum outro cavaleiro estivesse com eles, e assim como esses quatro cavaleiros se encontravam comendo juntos naquela época, mais tarde eles estavam em muitos lugares, onde sofreram grandes perigos e afrontas nas armas, porque eles eram Eles se acompanhavam muito com a grande dívida e amor que tinham um pelo outro e embora Dom Galvanes não tivesse dívidas, mas apenas Agrajes, Amadís e Galaor nunca o chamavam de nada além de tio, e ele os chamava de sobrinhos, o que era uma grande causa por aumentar grandemente sua honra e estima, como mais tarde será contado.

Capítulo 31

Como o Rei Lisuarte foi à corte na cidade de Londres.

Como este rei Lisuarte, Deus por sua misericórdia, de uma criança deserdada pela morte de seu irmão, o rei Falangris o fez rei da Grã-Bretanha, então ele colocou em testamento (como todas as coisas são permitidas e guardadas por Ele) tantos cavaleiros, tão muitas infantas filhas de reis e muitas outras de terras estranhas de grande disfarce e alta linhagem que vinham com muito gosto para servi-lo, não mais se satisfazendo em sua vontade se não fossem chamadas de suas e porque coisas semelhantes segundo nossa fraqueza a grande arrogância atrai e com eles muito maior a desgraça e a ignorância daquele Senhor que os dá, para ele foi concedido à fortuna que colocando alguns intervalos duros que obscureciam essa glória tão clara em que seu coração foi esmagado e com toda suavidade a colocou, porque seguindo mais o serviço do doador da mercedes, que o apetite prejudicado que eles carregam naquele grande e muito maior estado foi sustentado e fazendo-o ao contrário com Nenhuma queda mais alta e perigosa o atormentava. Pois bem, querendo este rei que a grande excelência de seu estado real fosse conhecida por todo o mundo, com o acordo de Amadís e Galaor e Agrajes e outros preciosos senhores de sua corte, ele ordenou que dentro de cinco dias todos os grandes de seus reinos em Londres, que naquela época era como uma águia acima da maioria do cristianismo, a Cortes eles viriam, como ele havia pensado e dito anteriormente para dar ordem nas coisas da cavalaria, como com mais excelência do que em qualquer outra casa do imperador. Nem as ordens dela foram sustentadas e aumentadas pelo rei, mas onde ele pensou que o mundo inteiro iria humilhá-lo, aí lhe caíram as primeiras armadilhas da fortuna, que sua pessoa e seus reinos colocaram em condições de serem divididos. para você.

O rei Lisuarte partiu de Vindilisora, com toda a sua cavalaria e a rainha com as suas donas e donzelas, as Cortes, que se reuniram na cidade de Londres. As pessoas apareciam em tantos números que, por espanto, tiveram que ser contadas. Havia entre eles muitos jovens cavaleiros ricamente armados e trajados e muitas infinitas filhas de reis e outras donzelas de grande aparência, que eram muito queridas por eles, por quem realizavam grandes justas e festas ao longo do caminho. O rei havia ordenado que lhe trouxessem barracas e equipamentos para que não entrassem na cidade e se instalassem nas planícies férteis próximas às margens dos rios e nascentes de que aquela terra estava muito esgotada. Assim, com certeza, a vida mais feliz e divertida que nunca haviam tido até então estava preparada para eles, porque aquele contraste duro e cruel deparava com tanto prazer com maior angústia e tristeza de seus espíritos.

Bem, foi assim que eles chegaram àquela grande cidade de Londres, onde encontraram tanta gente, que parecia que todos ali ficaram atordoados. O rei e a rainha com toda a sua companhia foram desmontar em seus palácios, e lá em uma parte deles ordenou que Amadís e Galaor e Agrajes e Don Galvanes e outros posassem, alguns dos cavaleiros mais preciosos, e outras pessoas em muito boa saúde, estalagens que os antigos aposentos do rei lhes haviam indicado. Assim se divertiram naquela noite e outros dois dias, com muitas danças e jogos que se realizaram no palácio e fora da cidade, em que Amadís e Galaor eram tão bem vistos por todos e tanta gente vinha ver onde estavam. , que todas as ruas estavam ocupadas, tanto que muitas vezes deixaram de sair de seus bairros. A estas Cortes que ouvis veio um grande senhor, mais em estado e senhorio, do que em dignidade e virtudes, chamado Barsinán, senhor de Sansueña, não porque fosse vassalo do rei Lisuarte, nem

muito amigo dele, nem conhecido, mas pelo que você vai ouvir agora. Você sabe que enquanto este Barsinán estava em sua terra, Arcalaus, o Feiticeiro, chegou lá e lhe disse: — Barsinán, senhor, se você quiser, eu ordenaria como você seria rei, sem grande esforço ou esforço.

"É verdade", disse Barsinán, "eu aceitaria de bom grado qualquer trabalho que pudesse vir a mim, desde que eu pudesse ser um rei."

"Você responde como um espertinho", disse Arcalaus, "e eu vou fazer isso, se você acredita em mim e você me faz um processo que você vai me fazer seu mordomo-chefe e eles não vão tirá-lo de mim todo o tempo de sua vida."

"Farei isso de boa vontade", disse Barsinán, "e me diga: com que disfarce o que você me diz pode ser feito?"

"Eu vou te dizer", disse Arcalaus. Vai à primeira corte que o rei Lisuarte faz e leva uma grande companhia de cavaleiros, e eu apodera-te-ei do rei de tal maneira que nenhum dele pode ser ajudado, e nesse dia terei a sua filha Oriana que te darei como uma esposa e em No final de cinco dias enviarei sua cabeça à corte do rei. Então lute para que você tire a coroa do rei, já que ele está morto e sua filha em seu poder, que é a herdeira certa, não haverá quem possa contradizê-lo.

"É verdade", disse Barsinán, "se você fizer isso, farei de você o homem mais rico e poderoso de todos os que estão comigo."

"Bem, farei o que digo", disse Arcalaus.

Por esta razão que você ouve, este grande senhor de Sansueña, Barsinán, veio ao tribunal. A quem o rei saiu com muita companhia para recebê-lo, acreditando que sua vinda era com boa saúde e boa vontade, e ordenou-lhe que hospedasse toda a sua companhia e lhe desse todas as coisas de que necessitavam; Mas digo-vos que vendo tão grande cavalaria e sabendo do amor leal que tinham pelo rei Lisuarte, ficou muito triste por aceitar aquela companhia, acreditando que nenhuma adversidade poderia iniciar tal homem. Mas, como já estava nele, concordou em esperar o fim, porque muitas vezes o que parece impossível parece que, não com conselhos ponderados, vem muito mais rápido do que o possível. E falando com o rei, ele disse:

"Rei, ouvi dizer que você fez essas grandes Cortes e venho lá para lhe prestar honra, que Eu não tenho terra de você, mas de Deus, que a deu gratuitamente aos meus antepassados e a mim.

"Amigo", disse o rei, "muito obrigado e vou recompensá-lo no que lhe couber vir em minha mão, isso é verdade, estou muito feliz em ver um homem tão bom como você é. e como tenho muitos ilustres, diante de seu voto que dele terei o prazer de tomar, acreditando que com essa vontade que você partiu de sua terra para me visitar, com ela você guiará seu conselho e meu benefício e honra .

— Disso pode estar certo — disse Barnisán — que, pelo que sei, você será aconselhado por mim, segundo o propósito e desejo que me fez vir aqui. Falou a verdade nisso, mas o rei Lisuarte, que o expulsava para outro fim, agradeceu.

Depois mandou armar tendas para ele e para a rainha fora da cidade num grande campo, e deixou suas casas para Barsinán onde morava e conversou com ele sobre muitas coisas que tinha planejado fazer naquelas Cortes, especialmente sobre a arte da cavalaria e todos os seus cavaleiros o elogiaram, dizendo-lhe suas grandes gentilezas, mas acima de tudo ele colocou diante dele Amadís e Don Galaor, seu irmão, como os dois melhores cavaleiros que poderiam encontrar no mundo inteiro naquela época , e deixando-os nos palácios, dirigi-se às tendas, onde já estava a rainha, e mandou dizer aos seus bons homens que outro dia fossem todos lá com ele, que queria dizer-lhe o motivo pelo qual os tinha reunido. . Barsinán e sua empresa tinham em abundância todas as coisas de que precisavam, mas eu lhe digo que

Naquela noite não dormiu em paz, pensando na grande loucura que fizera, acreditando que era um homem tão bom quanto o rei e que tinha tal poder que a grande sabedoria de Arcalau, nem mesmo o poder de todo o mundo poderia iniciá-lo. Outra manhã, o rei vestiu suas vestes reais, que lhe convinham para aquele dia, e ordenou que lhe trouxessem a coroa que o cavaleiro lhe havia deixado e que dissessem à rainha para usar o manto. A rainha abriu o baú em que estava tudo com a chave, que ela sempre teve em sua posse, e não encontrou nada, do que ela ficou muito espantada e começou a se benzer e mandou dizer ao rei, e quando ela descobriu muito, ela lhe disse que pesava, mas ele não mostrou assim, nem deu a entender, e foi até a rainha e, levando-a à parte, disse-lhe:

— Dona, como você guardou uma coisa tão ruim que era conveniente para nós numa hora dessas?

"Senhor", disse ela, "não sei o que dizer sobre isso, exceto que encontrei o caixão trancado e recebi a chave sem que ninguém confiasse nele, mas lhe digo tanto que esta noite parecia que uma empregada veio até mim e me disse que lhe mostrasse o peito, e. Em meus sonhos mostrei a ela e exigi a chave e dei a ela e ela abriu o baú e tirou o manto e a coroa e uma vez fechado, coloquei a chave no lugar que estava antes e cobri o manto e pus a coroa na cabeça, parecendo-lhe também que eu sentia grande prazer em olhar para ele e ele me disse: "ele e ela que será vai reinar antes de cinco dias na terra do poderoso que agora está trabalhando defender e conquistar terras estrangeiras"; e eu perguntei a ela: "Quem é esse?", e ela me disse: "Quando eu disser, você saberá" e desapareceu diante de mim usando a coroa e o manto. Mas eu lhe digo que não consigo entender se isso me ocorreu em sonho ou em verdade. O rei considerou isso uma grande maravilha e disse:

— Agora, você, saia de onde está e não fale disso com outro, e saindo da tenda os dois foram para o outro acompanhados de tantos cavaleiros e duenas e donzelas que era de admirar que quem o visse o tivesse, e o rei sentou-se em uma cadeira muito rica e a rainha Elisena foi colocada em outra um pouco mais baixa do que em um estrado de pano de ouro, e do lado do rei foram colocados os cavaleiros e suas duenas e donzelas e a rainha, e aqueles que estavam mais próximos do rei eram quatro cavaleiros que ele mais valorizava: um Amadís e o outro Galaor, e Agrajes e Galvanes Sin Tierra, e atrás dele estava Arbán, rei de Norgales, todos armados com sua espada na mão e com ele duzentos cavaleiros armados. Pois bem, enquanto todos se calavam e ninguém falava, levantou-se uma bela dona, ricamente guarnecida, e com ela levantaram-se até doze donas e donzelas, todas vestidas com o mesmo traje, como era costume das donas de grande disfarce e homens ricos usarem os seus próprios nesses festas bem vestidos como seus próprios corpos. Pois bem, aquela bela duena foi diante do rei e da rainha com tanta companhia e disse: "Senhores, ouçam-me, e digam que tenho um processo contra aquele senhor que está aqui, e

Estendeu a mão contra Amadís e, iniciando sua argumentação, disse:

— Fui grande, tempo exigiu Angriote de Estravaus, que ali está presente, e contou tudo o que lhe veio e por que motivo o fez vigiar o Vale dos Pinheiros e — concordou para que o fizesse sair do vale pela força das armas um cavaleiro chamado Amadís, e dizem que estando eles em amizade prometeu-lhe que com todas as suas forças faria Angriote não existir e pus a minha guarda no meu castelo o que me agradou e cuidei para que nenhum cavaleiro estranho podia passar, e aí disse qual era o costume, assim como a história o concebeu, de outro modo, disse: foi dito por Amadís, sem saber quem era... , e desde que aquele cavaleiro entrou em meu castelo, ele me prometeu seu prazer em fazer Amadís tirar aquele presente que

Angriote prometeu a todo seu poder leal. Agora pela força das armas ou por outro

de qualquer maneira e depois dessa promessa aquele cavaleiro lutou no castelo com meu tio que está aqui, e lá ele contou por que a batalha foi e o que aconteceu com eles e muitos então olharam para Gasinán que de antes nele Eles não paravam de mentir, quando souberam que ele se atreveu a lutar contra Amadís e quando o dono veio contar o auge de sua batalha, contou como seu tio havia sido derrotado e estava prestes a perder a vida, e como ela havia exigido um presente do cavaleiro que o havia matado. Não mate e

"Senhores", disse ela, "a meu pedido deixo-o, para tal processo que venho ao primeiro tribunal que vocês fizeram e lhe dou um presente que ele não exigiu e estou indo para este tribunal que tem sido o primeiro a cumprir, e digo-vos perante vós que ele cumpre o que me prometeu e que cumprirei o que ele exige se o conseguir terminar para mim.

Amadís levantou-se então e disse: —

Senhor, a dona disse a verdade em nossas promessas que aconteceram assim e eu concedo antes de você que farei Amadís tirar o que prometeu a Angriote, e ela me dá o presente como ela prometeu.

O dono ficou muito feliz com isso e disse:

"Agora peça o que você quer."

Amadís lhe disse:

"O que eu quero é que você se case com Angriote e o ame, assim como ele te ama".

-Santa Maria! Ok", disse ela, "o que é isso que você está me dizendo?

"Boa senhora", disse Amadís, "eu lhe digo para se casar com um homem que deve se casar com uma dona bonita e elegante como você é."

— Ai, senhor! ela disse, "e como você tem sua promessa assim?"

"Prometi uma coisa que não tenho", disse ele, "que se prometi tirar Amadís da promessa que fez a Angriote, faça-o nisto, que sou Amadís e lhe dou o presente que lhe dei ele e assim eu tenho o que eu disse a você e a ele.

A dona ficou muito espantada e disse contra o rei: "Senhor,

é verdade que este bom senhor é Amadís?"

"Sim, sem falta", disse ele.

— Ah, mesquinho! disse ela, "como fui enganada, agora vejo que pela razão ou pela arte o homem não pode escapar das coisas que agrada a Deus que trabalhei o máximo que pude por ser a partida de Angriote, não porque não goste dele ou porque deixei sei que seu grande valor não merece dominar minha pessoa, mas porque meu propósito era de tal forma que viver com toda honestidade de livre sujeição não me fazia, e quando eu cuidava mais de estar longe dele, então eu vejo-me tão junto como você vê.

O rei disse:

— Se Deus me ajudar, amigo, você deve ficar feliz com este compromisso, porque você é muito bonito e ele é um belo cavaleiro e jovem e se você é muito rico, ele é bondade e virtude, tanto nas armas como nas outras boas maneiras que um bom cavalheiro deve ter e por isso me parece ser com grande razão de acordo com o seu casamento e o dele, e assim acho que parecerá a muitos nesta corte.

A duena disse:

"Para você, senhora rainha, que de uma das mulheres mais importantes do mundo em cérebro e em bondade Deus fez, o que você diz?.

"Digo-te", disse ela, "que segundo o elogiado e estimado Angriote, entre os bons ele merece ser senhor de uma grande terra e amado por qualquer dono que o ame.

Amadis lhe disse:

"Minha boa senhora, não pense que por acaso ou por hobby fiz essa promessa a Angriote, que se fosse mais por loucura e leveza do que por virtude ele me seria reputado, mas conhecendo sua grande bondade nas armas, que teria custou-me muito caro." de custo, e o grande carinho e amor que ele tem por você, achei justo que não só eu, mas todos aqueles que têm bom conhecimento, deveríamos tentar como ele que essa paixão e você do pequeno conhecimento que você tinha dele foram remediados.

"É verdade, senhor", disse ela, "há tanta bondade em você que eu não permitiria que você dissesse nada além da verdade diante de tantos homens bons, e já que você pensa que é tão bom, e o rei e a rainha, meus senhores, eu ficaria muito louco se ele não me pagasse, mesmo que ele não tivesse um processo tão grande contra mim, que eu não posso sair com o direito e me ver aqui, me faça do seu jeito.

Amadís pegou-a pela mão e, chamando Angriote, disse-lhe diante de quinze cavaleiros de sua linhagem que veio com ele:

— Amigo, prometi a você que faria você ter seu amigo com todas as minhas forças e me diga se é este.

"Esta é", disse Angriote, "minha senhora e de quem sou."

"Bem, eu vou entregá-la a você", disse Amadís, "como uma ação judicial para que você se case e a honre e amor acima de todos os outros no mundo.

"É verdade, senhor", disse Angriote, "eu vou acreditar muito bem nisso."

O rei ordenou ao bispo de Salerno que os levasse à capela e lhes desse as bênçãos da Santa Igreja, e assim Angriote e a dona e toda sua linhagem foram com o bispo para a cidade, onde a cerimônia foi celebrada com grande solenidade. o casamento, que podemos dizer que não os homens, mas Deus, vendo a grande contenção que Angriote usou com aquela duena quando a teve em seu livre poder e não quis contra sua vontade fazer o que mais desejava no mundo; antes, com grande perigo para a sua pessoa, colocou-se às suas ordens onde foi posto muito perto da morte por Amadís, que queria tão grande resistência feita pela razão contra a vontade tão desordenadamente, sem aquele mérito que merecia e tanto Eu desejei que ele não ficasse.

Capítulo 32

Como o rei Lisuarte, quando as Cortes estavam em sessão, quis saber o conselho dos cavaleiros sobre o que era melhor fazer.

Com os seus ricos, o rei Lisuarte ficou para lhes falar e disse-lhes: Amigos, assim como Deus me fez mais rico e mais poderoso em termos de terras e de pessoas do que qualquer um dos meus vizinhos, é por isso que, mantendo o seu serviço, procuro para fazer coisas melhores e mais louváveis do que qualquer um deles, e quero que você me diga tudo o que seus julgamentos alcançam até onde eu posso sustentar você e a mim em maior honra e lhe diga o que farei.

Barsinán, Senhor de Sansueña, que estava no conselho, disse:

"Bem, senhores, vocês já ouviram o que o rei ordenou de vocês." Achei melhor, se lhe agradasse, que, deixando você à parte sem a presença dele, você determinasse o que ele exige, porque mais sem constrangimento seus julgamentos foram guiados pela razão e então o dele tomou o que mais lhe convém de acordo com isto.

O rei disse que disse bem e implorando-lhe que ficasse com eles, ele foi para outra tenda e eles ficaram na mesma em que estavam. Então disse Serolois, o Flamengo, que na época era o Conde de Clara: — Senhores, no que o rei nos ordenou aconselhá-los, conhecido e manifesto é o que há de mais

gratificante para que sua grandeza e honra sejam guardadas e exaltadas. Desta forma, os homens neste mundo não podem ser poderosos, exceto porque existem grandes pessoas ou grandes tesouros, mas como os tesouros devem ser procurados e pagos por pessoas, que esta é a coisa temporária mais conveniente em que eles devem ser gastos, é bem conhecido. mostra referir tudo à grande companhia, como a principal coisa com que os reis e os grandes não só são protegidos e defendidos, mas subjugam e dominam o que pertence a outros como seu e por isso, bons senhores, consideraria ensopado esse outro conselho, Se não for assim, nosso senhor o rei o aceitará, procurando por toda parte bons cavaleiros, dando-lhes abundantemente do que é deles, amando-os e honrando-os, e com isso os estrangeiros de outras terras mova-se para servi-lo, esperando que seu trabalho dê frutos. isso merece, que você encontrará, se em sua memória você colecionar, nunca até hoje foram grandes ou poderosos, mas aqueles que os famosos cavaleiros buscaram e tiveram em sua companhia e que com eles passou andando em seus tesouros, eles alcançaram outros maiores do que os dos outros.

Não havia nenhum homem no conselho que não considerasse bom o que o conde dizia, e eles concordaram com isso.

Quando Barsinán, o senhor de Sansueña, viu como todos concordavam com isso, só do fundo de seus corações, porque o que ele achava que poderia passar por esse caminho muito difícil, ele disse: "É verdade, nunca vi tantos homens bons que deu tão loucamente a uma palavra e dizer-lhe porquê. Se

este seu senhor fizer o que o Conde de Clara disse, antes de dois anos haverá tantos cavaleiros estranhos em sua terra que o rei não só lhes dará o que ele tinha para dar a você, mas querendo agradar e satisfazer ele, quanto às coisas que as notícias são feitas naturalmente, você será esquecido e em muito menos respeitado, então dê uma boa olhada e com mais concordância o que você deve aconselhar que não me preocupa mais do que ser muito pago e feliz, porque aqui eu achar que meu conselho seria muito útil.

Houve alguns invejosos e cobiçosos que seguiram este conselho, de modo que mais tarde houve a discórdia entre eles, pelo que concordaram que o rei viesse e com sua grande discrição escolhessem o melhor.

Bem, ele veio, ouvindo completamente o que eles estavam e a diferença que eles tinham
A razão foi claramente representada diante de seus olhos e ele disse:

— Os reis não são grandes apenas pelo quanto têm, mas pelo quanto mantêm, o que fariam de sua própria pessoa? Talvez não tanto quanto outro, nem com ela, o que seria suficiente para governar seu estado? Agora você pode entender: as muitas riquezas seriam poderosas para cuidar dele? Certamente não, se gastos não estavam onde deveriam estar; então podemos bem julgar que o bom entendimento e esforço dos homens é o verdadeiro tesouro, você quer saber? Veja o que aquele grande Alexandre fez com eles, aquele forte Júlio César, e aquele orgulhoso Aníbal, e muitos outros que eu poderia te dizer, que sendo em sua vontade liberais, muito ricos em dinheiro, e muito exaltados com seus cavaleiros, neste mundo distribuíam entre eles, de acordo com o que cada um merecia e se havia algo mais ou menos neles, pode-se acreditar que na maioria o fizeram, pois eram tão lealmente servidos e respeitados pela maioria deles, então, bons amigos, eu não só tenho sido bom em conseguir e fazer bons cavaleiros, mais do que vocês, com todo cuidado vocês os trazem para mim e os aproximam, já que sou mais honrado e mais temido pelos estranhos, vocês serão mais honrados e guardados, e se há alguma virtude em mim, nunca esquecerei os antigos pelos novos, e então me nomeie aqui todos aqueles que você conhece melhor destes que estão presentes em minha corte, porque antes que eles partam em nossa empresa eles podem.

Isso foi feito depois que o rei os levou por escrito e ordenou que eles chamassem sua tenda quando ele tivesse comida, e lá ele implorou que lhe dessem companhia leal e não deixassem sua corte sem seu comando, e ele lhes prometeu amar e amar e fazer muita honra e misericórdia, de tal maneira que manter seus bens próprios seriam suas propriedades mantidas. Todos os que ali estavam concederam-no, independentemente de Amadís, que, sendo cavaleiro da rainha por algum motivo, podia desculpar-se. Feito isso, a rainha disse para ser dispensada, se lhes agradasse que ela quisesse falar com eles. Então todos eles vieram e ficaram em silêncio para ouvir o que ele diria. Ela disse ao rei:

"Senhor, já que você exaltou e honrou tanto seus cavaleiros, seria uma coisa sensata para mim fazê-lo para minhas donas e donzelas, e por sua causa para todos em geral onde e onde quer que estejam, e por isso eu peço a você e a esses bons homens que roem um presente que coisas boas sejam solicitadas e concedidas em tais festivais.

O rei olhou para os cavaleiros e disse:

"Amigos, o que vamos fazer com isso que a dama rainha pede?"

"Que ele seja concedido", disseram eles, "tudo o que ele exigir."

"Quem o fará então", disse Don Galaor, "a não ser servir a uma dama tão boa?"

"Bem, isso lhe agrada", disse o rei, "que ele saiba o presente concedido a ele, embora seja sério de fazer."

"Assim seja", todos disseram. Ao ouvir isso da rainha, ela disse: — O

que te peço de presente é que as senhoras e donzelas sejam sempre tuas, guardadas e defendidas de quem te faz mal ou mexe contigo. E, da mesma forma, que se fosse possível que ele tenha prometido um presente a um homem que te pede e outro presente a uma amante e uma empregada, que diante dele você é obrigado a cumprir como a parte mais fraca e que mais remédio é necessário e fazendo isso Com isso eles serão os donos e

donzelas mais favorecidas e guardadas ao longo dos caminhos que podem trilhar, e homens excessivos ou cruéis não ousarão forçá-los ou prejudicá-los sabendo que tais defensores de sua parte e em seu favor têm.

Ao ouvir isso do rei, ele ficou muito feliz com o presente que a rainha pediu, e todos os cavaleiros que estavam antes dele, e o rei ordenou que fosse mantido como ela pediu, e assim foi mantido na Grã-Bretanha por muito tempo. , que nunca Cavalheiro, ninguém quebrou para quem aconteceu, mas não vamos contar como foi quebrado, pois não cumpre o propósito.

Capítulo 33

Como, quando o rei Lisuarte estava em grande prazer, uma donzela coberta de luto se humilhou diante dele, pedindo-lhe a misericórdia que lhe foi concedida.

Com tamanha companhia, estando o rei Lisuarte com tanto prazer como se ouve, a fortuna já querendo começar o seu trabalho com aquela grande festa, entrou pela porta do palácio uma donzela muito bonita enlutada e, ajoelhando-se diante do rei , disse-lhe: — Senhor, todos têm prazer, se não sou eu que tenho problemas e tristezas e não posso perdê-los a não ser você.

"Amigo", disse o rei, "que problema você tem?"

"Senhor", disse ela, "pelo meu pai e meu tio, que estão em uma prisão de duena, onde ele nunca os deixará sair até que lhe dêem dois cavaleiros tão bons em armas quanto o que mataram."

"E por que eles o mataram?" disse o rei.

"Porque ele se gabava", disse ela, "que só ele lutaria com os dois com o grande orgulho e arrogância que ele tinha em si mesmo, e os empurrou tanto que, constrangidos por muita vergonha, eles tiveram que entrar um campo com ele, onde, sendo os dois vencedores, o cavaleiro foi deixado morto: isso foi antes do castelo de Galdenda. Sendo a dona do castelo, ela então ordenou que meu pai e meu tio fossem presos, jurando-lhes que não o soltassem porque matariam aquele cavaleiro com quem ela tinha que lutar. Meu pai disse a ela: "Dona, é por isso que não me impeça ou a este, meu irmão, eu vou travar esta batalha." "É verdade", disse ela, "você não é tal que minha justiça seja certa, e eu lhe digo que você não vai sair daqui até que me traga dois cavaleiros, cada um deles tão bons e tão comprovados em armas quanto o que você mortos, porque com eles o dano que veio dos mortos é remediado".

"Você sabe", disse o rei, "onde a duenna quer que a batalha aconteça?"

"Senhor", disse a donzela, "isso eu não sei, mas vejo meu pai e meu tio presos contra toda a justiça, onde seus amigos não podem ajudá-los, e ele começou a chorar muito amargamente, e o rei, que é muito piedosa." Foi, houve um grande luto dela e ela disse: — Agora eu decido, se é lueñe onde esses senhores estão presos.

"Bem, eles vão e vêm em cinco dias", disse a donzela.

"Então receba aqui dois cavaleiros de quem você gosta e eles irão com você."

"Senhor", disse ela, "sou de uma terra estranha e não conheço nenhum deles, e se lhe agradar, irei pedir conselhos à rainha, minha senhora."

"Em nome de Deus", disse ele. Ela foi até a rainha e contou-lhe o motivo assim como ela disse ao rei e ao topo ela disse que daria seus dois cavaleiros para irem com ela, que ela pediu misericórdia, já que não os conhecia, para o fé que devia a Deus e ao rei, ela escolheria aqueles que melhor pudessem remediar seu grande problema.

"Sim, donzela", disse a rainha, "em um disfarce você me implorou para fazer isso, mas Sinto muito por tirá-lo daqui!

Então ela chamou Amadís e Galaor, e eles vieram diante dela e disseram contra a donzela: "Este cavaleiro é meu, e este pertence ao rei, e eu lhe digo que esses dois são os melhores que conheço aqui ou em qualquer outro lugar. ."

A donzela perguntou como eles foram nomeados, a rainha disse:

— Este chama-se Amadís e o outro Galaor.

"Como", disse a donzela, "você é Amadís o cavalheiro muito bom que ele não tem entre todos os outros?" Por Deus, agora você pode terminar o que eu tanto exijo, que você chegue lá com seu irmão.

E ele disse à

rainha: "Senhora, por Deus peço-lhe que peça a eles para irem comigo."

A rainha implorou-lhes e elogiou-a muito. Amadís olhou para sua dona Oriana, para ver se ela concederia aquela partida, e ela, com pena daquela donzela, deixou cair as luvas de sua mão em sinal de que ela o havia concedido, que ambos tinham combinado entre si, e como ela viu isso, ela disse contra a rainha que ele estava satisfeito em fazer sua missão. Ela implorou que voltassem o mais rápido possível, e os defendeu que, para nada mais, não podiam demorar a chegar.

Amadís aproximou-se de Mabilia, que conversava com Oriana, como se quisesse se despedir, e Oriana lhe disse:

coração sente neles grande angústia. Que Deus seja para o bem.

"Senhora", disse Amadís, "que aquele que te fez tão bonita sempre te dê alegria, que onde quer que eu esteja, eu esteja à tua disposição para te servir."

"Amigo, senhor", disse ela, "bem, não pode mais ser ele, você está confiado a Deus e que ele o guarde e o honre acima de todos os cavaleiros do mundo."

Então partiram dali e foram se armar, e despedindo-se do rei e seus amigos, entraram na estrada com a donzela. Assim caminharam por onde a donzela os levou até passar do meio-dia quando entraram na floresta, que se chamava Miserável, porque nenhum cavaleiro errante jamais entrou, nem estes dois saíram dela sem grande pesar e, tanto que comeram alguma coisa do que seus escudeiros estavam carregando, eles voltaram em seu caminho até a noite, quando a lua estava clara. A donzela estava muito chateada e não fez nada além de andar. Amadis lhe disse:

— Donzela, você não quer que a gente perca um pedaço?

"Eu quero", disse ela, "mas será mais adiante onde encontraremos algumas barracas com tais pessoas que sua visão lhes dará muito prazer, e venha em sua direção e eu irei fazer acomodação para você."

Então a donzela saiu, e eles pararam um pouco mais, mas não foram muito longe até que viram duas tendas perto da estrada e encontraram a donzela e outros com eles que os atenderam e disseram: "Senhores, desçam nesta tenda e vocês descanso, hoje você trouxe um grande dia.

Eles o fizeram e encontraram servos que levaram suas armas e cavalos e Tiraram tudo. Amadís disse a eles: "Por que

vocês estão levando suas armas para nós?"

"Porque, senhor", disse a empregada, "você tem que dormir na barraca onde eles estão, e estando assim desarmado, sentado em um tapete esperando o jantar, não demorou muito para que quinze homens entre bem- cavaleiros armados e peões para se aproximarem deles e entrarem pela porta da loja dizendo: — Seja um prisioneiro, se não, você está morto.

Ao ouvir isso, Amadís se levantou e disse: —

Por Maria Santíssima, irmão, fomos enganados na maior traição do mundo!

Então eles se juntaram e se defenderam até o ponto, mas não tiveram nada a ver com isso. Os homens puseram as lanças no peito, nas costas e no rosto, e Amadís

Ele estava com tanta raiva que sangue saiu de seu nariz e olhos e ele disse contra os cavaleiros:

— Ai, traidores! Vocês podem ver como é, que se tivéssemos armas, senão o processo seria rompido.

"Ele não tem isso para você", disse o cavaleiro, "seja prisioneiro."

Galaor disse:

"Se estivéssemos, estivemos com grande traição, e isso provarei aos dois melhores você e eu ainda deixaríamos três vir desde que você desse armas.

"Não há necessidade de prova aqui", disse o cavaleiro, "que se você falar mais neste caso, receberá dano."

-O que você quer? disse Amadís, "que antes estaremos mortos do que prisioneiros, portanto mais traidores".

O senhor virou-se para a porta da loja e disse: -Senhora, eles não querem ir para a prisão, nós os matamos?

Ela disse:

"Fique um pouco, e se eles não fizerem minha vontade, corte suas cabeças".

O dono entrou na loja, que era muito bonita e muito zangada, e disse: — Cavaleiros do Rei Lisuarte, sede meus prisioneiros, senão morrereis.

Amadís calou-se e Galaor disse-lhe:

"Irmão, agora não devemos duvidar, porque a dona o quer" e disse contra a dona: "Envie-nos, senhora, nossas armas e cavaleiros e se seus homens não puderem nos prender, então nós te matará." colocaremos em sua prisão, que agora, em existência, não fazemos nada por você, conforme o modo como somos.

"Não vou acreditar em vocês", disse ela, "desta vez, mas aconselho que sejam meus prisioneiros."

Eles concederam, vendo que não podiam fazer mais nada. Com este disfarce que se ouve que foram entregues à sua prisão, sem que o dono soubesse quem eram, o que a empregada não quis dizer, porque sabia com certeza que na altura os mandaria matar, o que a tornaria a donzela mais azarada do mundo, no qual por sua causa morreram dois senhores, e ele queria mais a morte do que ter feito aquela viagem, mas não podia mais fazer o que tinha que manter em segredo: A dona disse-lhes:

— Senhores, agora que vocês são meus prisioneiros, quero mover uma ação contra vocês, que se vocês concederem, eu os deixarei em liberdade; Caso contrário, acredite que vou colocá-lo em uma prisão tão indescritível que será mais grave do que a morte.

"Dueña", disse Amadís, "o processo pode ser tal que nós o concederemos sem muita dificuldade e tal que se for nossa vergonha antes sofreremos a morte.

"De vergonha", disse ela, "não sei, mas se o concederes vai despedir-se do rei Lisuarte quando chegar onde ele está e dirá que o faz por ordem de Madasima, a senhora de Gantasi, eu ordenarei que você seja libertado, e que ela o deixe ir." ele faz porque ele tem em sua casa o cavaleiro que matou o bom cavaleiro Dardan.

Galaor disse-lhe:

"Senhora, se ordenas isto porque o rei se arrepende, não o faças assim, porque somos dois cavaleiros que por enquanto só temos essas armas e cavalos e como em sua casa há muitos outros de grande valor que o serve." Ele dará pouco para nós que estamos aqui ou que estamos saindo, e isso é uma grande vergonha para nós, tanto que não o faremos de forma alguma.

"Como", ela disse, "você quer ser colocado naquela prisão em vez de ser separado do rei mais falso do mundo?"

"Senhora", disse Galaor, "o que você diz não é conveniente para você, que o rei é bom e leal e Não há nenhum cavalheiro no mundo a quem eu não tenha provado que não há nenhum ponto de falsidade nele.

"Isso mesmo", disse o dono, "você o ama tanto de um jeito ruim, e ele mandou que amarrassem seus mãos.

"Isso é o que farei de boa vontade", disse um cavalheiro, "e se você mandar, eu corte a cabeça deles", e agarrou Amadís pelo braço, mas puxou-o para si e bateu-lhe na cabeça com o punho, e o cavalheiro o acertou, ele desviou e acertá-lo nos seios foi o golpe tão grande que o derrubou de pé todo atordoado. Então, houve um grande tumulto na loja, todo mundo vindo para matá-lo, mas um senhor que estava lá colocou a mão na espada e começou a ameaçar aqueles que queriam machucá-lo e os fez jogar fora. Mas primeiro acertaram Amadís nas costas com uma lança, mas não foi grande coisa e aquele velho senhor disse contra o dono: "Você faz a maior travessura do mundo em ter senhores filhos de alguma coisa em sua casa."

prisão e deixá-los matar.

"Como eles podem não matar", disse ela, "o cavalheiro mais louco do mundo que fez tal loucura no ponto errado."

Galaor disse:

— Dona, não permitiremos que nossas mãos amarrem, exceto você, que é a proprietária e muito bonita, e nós somos seus prisioneiros e é conveniente para você provar a obediência.

"Bem, é assim que é", disse ela, "eu vou fazer isso", e pegando suas mãos ele as amarrou firmemente com uma correia e desmontou as barracas, colocando-as em dois palfrey amarrados assim, e os homens que seguravam as rédeas começaram a andar, e Gandalín e o escudeiro de Galaor estavam todos a pé por uma corda e caminharam a noite toda por aquela floresta. E digo-vos que então Amadís queria a sua morte, não pela má sorte em que se encontrava, que melhor que outro sabia sofrer tais coisas, mas pelo processo que o dono lhes exigia, que se não colocá-lo lá seria em um lugar onde não Ele poderia ver sua esposa Oriana, e se ele concedesse a ela também, ele iria embora não podendo morar na casa de seu pai, e com isso ele iria tão surpreso que tudo no mundo seria esquecido. O velho cavaleiro que o resgatou cuidou para que ele fosse castigado pela ferida e isso o machucou muito, porque a donzela que os trouxe até lá havia lhe dito que ele era o cavaleiro de armas mais valente e corajoso que havia no mundo inteiro. , e esta A donzela era filha daquele cavaleiro e ela implorou para que ele trabalhasse para Deus e por misericórdia como os guardas da morte, que ela seria culpada por todo o mundo e eles a considerariam uma traidora e ela lhe disse como aquele era Amadís de Gaula e o outro Galaor, seu irmão, deixou o gigante matar. O cavaleiro sabia muito bem para que fim tinham sido levados e houve um grande luto por eles, por vê-los tratados de tal maneira sendo tão cavaleiros de armas e queria muito salvá-los da morte, se pudesse, que ele a viu tão perto e tão perto e Chegando em Amadís, ele disse: — Você se sente mal com a sua ferida e como você está?

Amadís, ao ouvir o cavaleiro falar assim, ergueu o rosto e viu que era o cavaleiro velho que na loja iria libertá-lo dos outros senhores que queriam matá-lo e disse:

"Amigo, senhor, nunca tive uma ferida que me doa, me dói mais de uma donzela do que de Ele nos trouxe um grande engano, quando fomos em seu auxílio e cometemos uma grande traição.

-Oh senhor! disse o cavalheiro, "é verdade que você foi enganado, e por acaso sei de sua propriedade o que você cuida e assim me ajude e me livre do mal, pois eu me oporia a você se pudesse encontrar alguma maneira de fazer então e eu quero te dar um conselho que vai ser bom, que se você aceitar, não vai te machucar, que se eles te conhecem sabendo quem você é,

não há nada em você além da morte, pois não há nada no mundo que possa escapar de você, mas faça agora assim: você é muito bonita e faz uma boa cara e eu irei ao dono tanto que já foi dito que você é o melhor cavaleiro do mundo, exija que ela se case ou tenha seu amor de outra maneira, que ela seja uma mulher que tenha seu coração como quiser e eu entendo isso por sua bondade ou pela beleza, que você tem muito extremo, você vai conseguir uma dessas duas coisas, e se eu quiser conceder a ela luta que ela seja muito elegante, porque ela tem que mandar de onde vamos dormir hoje para saber seus nomes e eu quero dizer você mais verdadeiramente, que a donzela que você viu que o trouxe aqui não quis dizer a ela negando que ele não sabe. Desta forma e com o que vou ajudá-lo poderá ser livre.

Amadís, que temia sua amante Oriana mais do que a morte, disse ao cavaleiro:

"Meu amigo, Deus pode fazer sua vontade comigo, mas isso nunca será, embora ela orar e por isso foi removido.

"É verdade", disse o cavaleiro, "é uma maravilha que eu tenho que você está à beira da morte e você não trabalha para ter um covil."

"Não vou ficar com esse esconderijo", disse Amadís, "se Deus quiser, mas fale com aquele outro cavalheiro que, com mais direito do que eu, pode elogiá-lo."

O cavaleiro dirigiu-se então a Galaor e falou-lhe da forma que teria falado ao irmão, e ficou muito feliz quando o ouviu e disse: "Senhor Cavaleiro, se me fizer juntar ao dono, sempre seja em sua honra e ordenado.

"Agora deixe-me ir falar com ela", disse o cavalheiro, "vou cuidar de algo para fazer."

Então, ele passou na frente e, chegando à dona, disse:

"Senhora, você tem o melhor cavaleiro de armas que agora conheço e o mais respeitado em todas as boas maneiras".

"Não seja Amadís; disse o dono, "aquele que eu tanto queria matar."

"Não, senhora", disse o cavaleiro, "não estou dizendo isso, exceto por este que vem aqui antes de mim, que além de sua grande bondade é o mais belo jovem cavalheiro que já vi e você" é desproporcional contra ele e não faça isso porque ele é ótimo." vilania, que não importa como ele esteja preso, ele nunca mereceu, mas é devido à falta de amor que você causou ao outro. Honre-o e mostre-lhe uma boa cara e pode ser que você o atraia lá para o que você gosta, e não por qualquer outro meio.

"Bem, eu quero cuidar dele", disse ela, "e vou ver que homem ele é."

"Você verá", disse o cavaleiro, "um dos mais belos cavaleiros que você já viu."

Neste momento, Amadís encontra-se com Galaor e Galaor

Ihe disse: — Irmão, vejo-te com grande fúria e em perigo de morte, peço-te que preste atenção ao meu conselho desta vez.

"Então eu vou", disse ele, "e Deus colocou mais vergonha em você do que medo."

A dona tinha o palafrém e cuidou dele e o viu melhor do que de noite, e lhe pareceu o mais bonito do mundo e ela disse: — Senhor, como vai?

"Senhora", disse ele, "vamos ver como seria se você estivesse em meu poder, como estou em seu, porque eu lhe prestaria muito serviço e prazer e não sei por que você faz tudo comigo, em pelo contrário, você não merece isso." Que melhor seria para você ser seu cavaleiro e servi-la e amá-la como minha dama, do que não ser colocada na prisão que lhe traz tão pouco benefício.

A dona que olhou para ele foi muito bem paga por ele, mais do que por qualquer pessoa que ele quisesse ver ou tratar, e ela lhe disse:

— Cavalheiro, se eu quisesse tomá-lo como amigo e tirá-lo desta prisão, você deixaria a companhia do rei Lisuarte para mim, e diria que a estava deixando para mim?

"Sim", disse Galaor, "e farei qualquer ação judicial que você exigir, e assim será feito." aquele outro meu companheiro que não sairá do que enviarei.

— Estou muito feliz e agora me conceda o que você diz diante de todos esses senhores, e eu lhe concederei fazer sua vontade mais tarde e removerei você e seu companheiro de prisão.

— Estou muito feliz, disse Galaor.

"Bem", disse a duena, "quero que tudo seja concedido antes de uma duena onde hoje vamos nos abrigar e, enquanto isso, certifique-se de não me deixar e desamarre suas mãos e você ficará livre."

Galaor chamou Amadís e disse-lhe que o deixaria separar-se do proprietário e ele concedeu e depois ordenou que desamarrem as mãos, e Galaor disse: e eles também foram soltos, e deram-lhes um palafrém sem sela, para irem. Andaram assim o dia todo, e Galaor, conversando com Madasima e ao pôr do sol, chegou ao castelo que chamavam de Abies, e a senhora os recebeu muito bem, pois ambos os donos se amavam muito. Madasima disse a Galaor: "Você quer me conceder o processo que abrimos?"

"Eu quero um diploma", disse ele, "e me conceda o que você me prometeu."

— Em nome de Deus, disse o dono. Então, ele chamou a senhora do castelo e dois cavaleiros dela que estavam lá com ela e lhes disse: "Eu quero que vocês sejam testemunhas de um processo que estou fazendo com esses cavaleiros, e ele disse para Don Galaor: cavaleiro é meu prisioneiro e quero torná-lo meu amigo e o outro também é seu companheiro e estou de acordo com eles neste disfarce: que deixem o rei Lisuarte e lhe digam que o fazem por mim e que tirei a prisão de deixá-los livres e que tu e os teus filhos vão com eles perante o rei Lisuarte e vejam como cumprem e se não, digam e publiquem o que se passa, porque todos sabem e dou-lhes um prazo de dez dias.

"Bom amigo", disse a senhora do castelo, "agrada-me fazer o que você diz, desde que eles o concedam."

"É assim que nós a concedemos", disse Don Galaor, "e esta proprietária faz o que ela diz de sua parte."

"Isso", disse ela, "será feito mais tarde."

Foi assim que eles ficaram, como você ouviu. E naquela noite Don Galaor dormiu com Madasima, que era muito bonita e muito rica, e filha de uma filha, mas não tão bem paga quanto deveria, e ela foi paga mais por ele do que por qualquer outra pessoa que ele já tinha visto, e pela manhã mandou que entregassem os cavalos e as armas, e tirando-lhes a prisão partiu para Gantasi, que assim se chamava o seu castelo, e entraram na estrada para Londres, onde se encontrava o Rei Lisuarte, muito contente por escaparam assim de tamanha traição, e porque tiveram o cuidado de sair de sua promessa muito para sua honra e naquela noite se alojaram na casa de um eremita, onde jantaram muito mal, e outro dia continuaram seu caminho.

Capítulo 34

Em que a perdição de D. Lisuarte e todos os seus acontecimentos por causa de suas promessas, que eram ilegais.

Enquanto o rei Lisuarte e a rainha Brisena, sua esposa, estavam nas suas tendas com muitos cavaleiros e duenas e donzelas, no quarto dia que Amadís e Don Galaor, seu irmão, partiram dali, o cavaleiro que vestia o manto e a coroa entrou na deixa-o como você já ouviu, e ajoelhando-se diante do rei ele disse:

— Senhor, como não tem a bela coroa que lhe deixei e você, senhora, o manto rico?

O rei ficou em silêncio porque não queria lhe dar uma resposta e o cavaleiro disse: "Estou muito satisfeito que você não tenha pago por ela, para que eles me salvassem de perder minha cabeça ou o presente que você me deu por isso, e é assim que é, mande-me dar." que eu não posso parar de qualquer maneira.

Ao ouvir isso, pesou muito e disse: "Cavaleiro, não posso lhe dar o manto nem a coroa, pois perdi tudo e mais

Pesa para você, que eu precisei tanto de você, que para mim, embora valesse muito.

"Ai, cativo, estou morto!" disse o cavaleiro, e começou a chorar tão grande que era maravilhoso, dizendo:

— Preso de mim, infelizmente morto sou da pior morte que já morreu, senhor que tão pouco merecia!, e lágrimas caíram de suas barbas brancas como lã branca. O rei teve grande pena dele e disse-lhe: "Cavaleiro, não tema a sua cabeça, pois tudo o que eu tenho, você terá".

para o abrigo, que eu prometi a você assim e assim eu o terei.

O cavaleiro caiu a seus pés para beijá-los, mas o rei ergueu a mão e disse: "Agora pergunte o que lhe agrada."

"Senhor", disse ele, "é verdade que você teria me dado meu manto e minha coroa ou o que quer que eu pedisse por isso." E Deus sabe, senhor, que meu pensamento não era exigir o que agora vou pedir, e se houvesse outra coisa para meu remédio no mundo, eu não o irritaria por isso, mas não posso, infelizmente! , Prefiro saber que será muito sério dar, mas tão sério seria que um homem como você morresse de sua lealdade. Vai pesar em você se você me der e se eu receber.

"Agora exija", disse o rei, "que não seja uma coisa tão cara que eu tenha, que você não tenha."

"Muitas misericórdias", disse o cavaleiro, "mas é necessário que você me certifique de quantos há agora em sua corte, que eles não vão me cegar ou forçar meu presente e por si mesmo você me garante que, de outra forma, nem o seu a verdade seria mantida nem eu ficaria satisfeito se por um lado me fosse dado e por outro me fosse tirado.

"A razão é", disse o rei, "o que você pede e então eu o concedo e o proclamo."

Então o cavaleiro disse:

"Senhor, eu não poderia ser removido da morte, exceto por minha coroa e meu manto ou por sua filha Oriana e agora me dê o que você quer dela, que eu gostaria mais do que eu te dei.

— Ai, senhor! disse o rei, "você me pediu muito."

E todos ficaram muito tristes, quem não podia estar mais, mas o rei, que era o mais leal do mundo, disse:

"Não se preocupe que a perda da minha filha seja mais conveniente do que a perda da minha palavra, porque uma prejudica poucos e a outra prejudica o general, onde resultaria em maior perigo, porque o povo, não tendo certeza da verdade de seus senhores, muito mal entre si." Neles, o verdadeiro amor poderia ser preservado, porque onde não existe, não pode haver nada que tenha muito valor.

E ele ordenou que sua filha fosse levada para lá depois. Quando a rainha e as donas e donzelas ouviram isso, começaram a fazer o maior luto do mundo, mas o rei ordenou que se refugiassem em seus aposentos e ordenou que toda a sua família não chorasse sob pena de perder o amor, dizendo: "Agora virá de mim."

filha o que Deus tem para o bem, mas minha verdade não será falsificada ao meu conhecimento.

Diante disso, a linda Oriana chegou diante do rei como se estivesse atordoada e caindo aos seus pés ela disse: "Pai, senhor! O que é isso que você quer fazer?"

"Faça isso", disse o rei, "para não quebrar minha palavra, e ele disse contra o cavaleiro:

"Você vê aqui o presente que você pediu, você quer outra companhia para ir com ela?

"Senhor", disse o cavaleiro, "trago comigo apenas dois cavaleiros e dois escudeiros, aqueles com quem vim a você em Vindilisora e outra companhia que não posso levar, mas digo-lhe que não há nada a temer até que eu coloque-os nas mãos daquele a quem eu tenho que entregá-lo.

"Deixe uma donzela ir com ela", disse o rei, "se você quiser, porque mais honra e honestidade seja e não vá sozinho entre vocês.

O cavaleiro concedeu.

Quando Oriana ouviu isso ela caiu morta, mas isso não foi necessário, então o cavaleiro a pegou nos braços e chorando que parecia ser contra a vontade dela e a entregou a um escudeiro que estava em uma carruagem muito grande e muito andador e colocando-a na cadeira colocou-o de cócoras e disse o senhor:

— Leve-a, não caia porque ela é aleijada e Deus sabe que em toda esta corte não há cavalheiro que se arrependa mais desse fato do que eu.

E o rei chamou a donzela da Dinamarca e ordenou que ela fosse colocada em um palafrém e disse:

"Vá para sua senhora e não a deixe por mal ou bem assim que eles te deixarem com ela."

"Ah, cativo!" —disse—, eu nunca me importei de fazer o ida, e então eles se moveram diante do rei e do grande cavaleiro e muito musculoso que em Vindilisora não queria jogar o capacete, pegou Oriana pelas rédeas e você sabe que isso era Arcalaus, o Encantador, e na saída do curral, Oriana suspirou muito forte, como se seu coração estivesse partido e ela disse como se fosse aleijada:

— Oh, bom amigo, o presente foi dado em um ponto forte, pois é por isso que você e eu estamos mortos!

Isso foi dito por Amadís para deixá-lo ir com a donzela e os outros cuidaram que por ela e por seu pai ele o dissesse; Mas aqueles que a carregavam entraram na floresta, caminhando com ela com grande pressa até que deixaram aquele caminho e entrou em um vale profundo.

O rei cavalgava a cavalo e com uma bengala na mão, cuidando para que nenhum deles os contestasse, pois ele os havia assegurado.

Mabilia, que fazia um grande duelo a poucas janelas de distância, viu passar Ardián perto da muralha, o anão de Amadís que montava um grande cavalo e leve, chamou-o com grande preocupação e disse:

-Ardián, amigo, se você ama seu senhor, não bata de dia ou de noite até encontrá-lo e lhe conte sobre esta desgraça que está acontecendo aqui e se você não fizer isso, você é um traidor, pois é verdade que ele gostaria de saber mais agora do que ter esta cidade para si.

"Para Santa Maria!" disse o anão, "ele saberá o mais rápido possível, e dando
Do flagelo ao cavalo, ele foi pelo caminho que viu seu senhor ir mais adiante.

Mas agora vamos contar o que aconteceu com o rei neste momento.

Quando ele estava assim na entrada da floresta, como você ouviu, convocando todos os
cavaleiros que vinham lá fora, tendo consigo vinte cavaleiros, ele viu a donzela a quem ele havia
prometido o presente, dizendo que ela deveria experimentá-lo e que ela saberia mais sobre o esforço
de seu coração e ele veio em um palafrém que andava aí e trouxe ao pescoço uma espada muito
bem guarnevida e uma lança com um ferro muito bonito e a haste pintada e chegando ao rei ele disse:

- Senhor, Deus te salve e dê alegria e coração que você compra o que você me prometeu
em Vindilisora antes de seus cavaleiros.

"Donzela", disse o rei, "eu tinha mais necessidade do que alegria do que tenho, mas qualquer
que seja esse bem me faz o que eu disse a você e assim eu o cumprirei."

"Senhor", disse ela, "com essa esperança venho a ti como o rei mais leal do mundo e agora me
vinga de um cavaleiro que atravessa esta floresta que matou meu pai, o maior vilão do mundo e me
forçou e encantou-o." de tal maneira que ele não pode morrer se o homem mais honrado do reino de
Londres não lhe der um golpe com esta lança e outro com esta espada, e a espada que ele daria para
manter um de seus amigos, cuidando para que ele o amasse muito, mas não era assim, que ele não
gostasse dele muito mortalmente e me desse a lança e a mim, para que eu pudesse me vingar dele,
e eu sei que se não por sua mão, isso você é o mais honrado, por outro ele não pode ser morto, e se
vingar você se atreve a fazer, você tem que ir sozinho, porque eu prometi dar a ele hoje um cavaleiro
com quem ele poderia lutar e por isso ele veio, levando cuidado para que eu não pudesse ter a espada
e a lança e, tal é a luta entre nós, que se vencer que perdoe minha queixa e se for derrotado que faça
minha vontade.

"Em nome de Deus", disse o rei, "quero ir com você".

E ele mandou trazer suas armas e Aina se armou e montou em seu cavalo, o que ele muito
apreciou, e a donzela disse para ele colocar a espada que ela carregava e ele, deixando a sua, que
era a melhor do mundo, pegou o outro e jogou o escudo no pescoço e a donzela pegou o capacete e
a lança pintada e foi com ele defendendo a todos para que ninguém se atrevesse a pensar em ir atrás
dele. E assim caminharam um pouco na corrida, mas a donzela a fez deixá-la e a levou para outro
lugar, perto de algumas árvores que eram por onde entraram os que carregavam Oriana, e lá ela viu
o rei, um cavaleiro todo armado em um cavalo preto. e ao pescoço um escudo verde, o capacete
outro tal. A donzela disse: "Senhor, pegue seu elmo, pois você vê ali o cavaleiro de quem lhe falei."

Ele então a amarrou e, pegando a lança, disse: "Cavaleiro arrogante e mal-humorado, agora
cuidem-se", e baixando a lança e o cavaleiro dele, eles se deixaram correr um contra o outro
tanto quanto os cavalos podiam carregar, e feriram uns aos outros com as lanças. os escudos
para que depois fossem quebrados e o do rei quebrou tão levemente que ele só não sentiu em sua
mão e cuidou para que ele morresse de seu golpe e ele colocou a mão no escudo e o cavaleiro à sua
e eles se feriram acima dos elmos e a espada do cavaleiro entrou bem na medida pelo elmo do rei,
mas a espada do rei então quebrou a maçã e o ferro caiu no chão, então ele soube que era traição e
o cavaleiro começou a bater nele em todos os lugares e no cavalo. E quando o rei viu que o cavaleiro
o estava matando, foi abraçá-lo, e o outro também com ele e eles puxaram com tanta força que caíram
no chão, e o cavaleiro caiu abaixo e o rei pegou a espada que o outro tinha perdido de sua mão e
começou a dar-lhe os maiores golpes que podia.

A donzela que viu isso gritou em voz alta, dizendo: "Ai,
Arcalaus! Você está demorando demais e deixando seu irmão morrer".

Cuando el rey así estaba para matar al caballero oyó un grande estruendo y volvió la cabeza y vio diez caballeros que contra él venían corriendo y uno venía delante diciendo a grandes voces: —Rey Lisuarte, muerto eres, que nunca un día reinarás ni tomarás corona na cabeça.

Quando o rei ouviu isso, ficou muito assustado e temeu ser morto e disse com muito esforço que sempre teve e teve: "Pode ser que eu morra, já que você tem tanta vantagem sobre mim, mas você todos morrerão por mim."

como traidores e falsos que sois.

E quando aquele cavaleiro chegou ao último passo de seu cavalo, deu ao rei de todas as suas forças uma tal lança no escudo, que sem parar nenhum dos mais poderosos colocou as mãos no chão. Mas então ele foi criado como aquele que queria se proteger até a morte, que estava muito perto dele e lhe deu um golpe tão cruel com a espada na perna do cavalo que ele cortou tudo e o cavaleiro caiu sobre seu cavalo e então todos cederam, e ele se defendeu bravamente, mas não houve necessidade de defesa, pois foi duramente espancado pelo peito dos cavalos e os dois cavaleiros que estavam a pé abraçaram e tiraram a espada de suas mãos, então jogaram o escudo nele, pESCOÇO e o capacete da cabeça e jogaram uma corrente grossa em sua garganta na qual havia dois galhos e o fizeram montar em um palafrém e levando-o dois cavaleiros pelos galhos começaram a ir contra ele, e chegando entre as árvores em um vale encontraram Arcalaus, que tinha Oriana e a donzela da Dinamarca, e o cavaleiro que ia adiante do rei disse: — Irmão, você vê o rei Lisuarte aqui?

"É verdade", disse ele, "esta foi uma boa vinda, e vou me certificar de que ele nunca tem medo dele ou daqueles dele." sua casa.

"Ah, traidor!" disse o rei, eu sei muito bem que você faria toda a traição; eu faria isso com você saber mesmo se eu estava gravemente ferido, se você queria lutar comigo agora.

"É verdade", disse Arcalaus, "por derrotar um cavaleiro como você, eu não me orgulharia mais."

Assim, todos eles se moveram juntos nessa corrida que se dividiu em dois lugares e Arcalau chamou sua criada e disse-lhe:

"Vá a Londres o quanto puder e diga a Barsinán que trabalhe para ser rei, o que eu lhe darei." Terei o que lhe disse, que está tudo pronto.

O jovem então foi embora e Arcalaus disse à sua companhia:

"Você vai para Daganel com dez desses cavaleiros e leva Lisuarte e o coloca na minha prisão e eu levo Oriana com esses quatro e mostro a ela onde eu tenho meus livros, meus coisas." em Monte Aldin.

Este foi um dos castelos mais fortes do mundo. Bem, ali os dez cavaleiros foram divididos com o rei e os cinco com Oriana, no qual Arcalaus estava insinuando que sua pessoa valia tanto quanto cinco cavaleiros.

O que diremos aqui, imperadores, reis e grandes que são colocados em estados elevados? Este rei Lisuarte num dia com a sua grandeza pensada para governar o mundo e neste mesmo dia, perdeu a filha sucessora dos reinos, aprisionou, desonrou, acorrentou no poder de um feiticeiro perverso e cruel, viu-se, sem dar ele remédio. Acautelai-vos, acautelai-vos! Tenham conhecimento de Deus, que embora os grandes Estados elevados dêem, Ele quer que a vontade e o coração muito humildes e baixos sejam e não enquanto as graças, os serviços, que Ele merece sejam esquecidos, mas aqueles para sustentá-los você pensa que é muito orgulho, muita ganância, o que é o contrário do que Ele quer, vai fazer você perdê-lo com tanta desonra e, acima de tudo, considerar seus segredos e grandes julgamentos, que sendo este rei Lisuarte tão justo, tão franco, tão gracioso, deixou-se vir tão

revés cruel, o que ele fará contra aqueles que têm tudo isso ao contrário? Você sabe o quê? Que assim como sua vontade era que este perigo cruel fosse milagrosamente remediado, concordando em merecer parte dele por suas boas ações, assim também para aqueles que não as praticam, nem restringem sua maldade neste mundo dos corpos, e no outro as almas serão perdidas e danificadas. Pois bem, o Senhor Mais Poderoso, feliz, por ter dado a este rei tão duro flagelo, querendo mostrar que sua força é suficiente para baixar as alturas e levantá-lo, ponha nele o remédio que agora você ouvirá.

Capítulo 35

Como Amadís e Gallaor souberam da traição e deliberaram tentar se poderia a liberdade do rei e Oriana.

Ao chegarem Amadís e Gallaor pela estrada de Londres, onde não haviam recebido menor perigo de morte estando na prisão da proprietária, a dona do castelo de Gantasi, a duas léguas da cidade, viram Ardíán, o anão, chegando, mais o chato aguentaria. Amadís, que o conhecia, disse:

"Esse é meu anão e não acredite em mim se ele não vier por causa da preocupação de alguém, porque ele nos exige."

O anão veio até eles e contou todas as novidades, como eles estavam levando Oriana.

"Ai, Santa Maria! Val", disse Amadís; E para onde vão aqueles que o carregam?

—Cabe la villa é a estrada mais reta, disse o anão.

Amadís feriu o cavalo com as esporas e começou a ir o mais longe que podia, tão aleijado que só conseguia falar com o irmão que o seguia. Foi assim que ambos passaram pela cidade de Londres, tanto quanto os cavalos podiam carregar, que só não provou nada, mas Amadís que perguntou a quem viu para onde estavam levando Oriana e eles mostraram a ele, Gandalín passando pelo fenestrae onde estava a rainha e muitas outras mulheres. A rainha chamou-o e jogou-lhe a espada do rei, que era uma das melhores que um cavaleiro já cingiu, e disse: "Dê esta espada ao seu senhor e Deus o ajude com ela e diga a ele e Gallaor que o rei esteja seguro ."

ele saiu daqui hoje, de manhã, com uma empregada e não voltou, nem sabemos para onde o levou.

Gandalín pegou a espada e foi o mais longe que pôde, e Amadís, que não sabia para onde ia com muita preocupação e pesar, perdeu a travessia de um riacho e teve o cuidado de pular do outro lado o cavalo, que estava cansado , não conseguiu e caiu na lama. Amadís desceu e jogou-o pelas rédeas e assim Gandalín o alcançou e lhe deu a espada do rei, e lhe deu as notícias sobre ele, como disse a rainha, e pegando o cavalo de Gandalín voltou para a estrada e Gallaor deixou seu passo como assim que ele cavalcou e encontrou uma trilha onde os cavaleiros pareciam ter ido, e ele atendeu seu irmão, e deixando a corrida eles se refugiaram na trilha e logo encontraram alguns lenhadores e viram toda a aventura do rei e Oriana , mas eles não sabiam quem eram, nem se atreveram a se aproximar deles, antes que se escondessem nos arbustos mais grossos, e um deles disse: "Senhores, vocês vêm de Londres?"

"E por que você pergunta?" disse Gallaor.

"Porque se há um menos cavalheiro ou donzela lá", disse ele, "nós nos vimos aqui uma vez." aventura.

Então eles disseram a eles o quanto eles viram de Oriana e do rei e mais tarde eles descobriram que o rei foi preso por traição e Amadís disse-lhes:

"Você sabe quem eles eram e quem apreendeu aquele rei?"

"Não", disse ele, "mas ouvi a donzela que o trouxe aqui chamar Arcalaus."

"Oh Senhor Deus!" disse Amadis, "por favor, junte-se a mim com aquele traidor."

Os vilões foram mostrar a eles onde levaram os dez cavaleiros para o rei e os cinco para Oriana, e o vilão disse: — O dos cinco, foi o melhor cavaleiro que eu nunca vi.

-Oh! disse Amadís, "esse é o traidor de Arcalaus, e disse a Galaor: "Irmão, senhor, vá atrás do rei, e Deus guie a mim e a você, e ferindo o cavalo com as esporas ele foi por aquele caminho e Galaor pelo qual o rei carregava, até onde podiam ir.

Amadís deixou seu irmão, ele tinha tanto cuidado para andar, que quando o sol queria se pôr, o cavalo o cansou tanto, que pelo jeito ele não conseguiu sair e indo com grande angústia viu um cavaleiro morto à direita deu uma corrida e foi-lhe cabe um escudeiro que tinha um grande cavalo pelas rédeas. Amadís aproximou-se dele e disse:

"Amigo, quem matou aquele cavalheiro?"

"Ele foi morto", disse o escudeiro, "um traidor que vai aqui e leva à força as donzelas mais bonitas do mundo e o matou apenas para perguntar quem ele era, e não pode haver ninguém para ajudar eu levá-lo daqui."

Amadis lhe disse:

—Deixo-te este meu escudeiro para te ajudar e dá-me aquele cavalo e prometo dar-te dois cavalos melhores para ele.

O escudeiro concedeu a ele. Amadís montou no cavalo, que era muito bonito, e disse a Gandalín: "Ajude o escudeiro, e enquanto você colocar o cavaleiro em alguma cidade, volte para ele."

ande e venha atrás de mim.

E, partindo dali, começou a percorrer a estrada o máximo que pôde e encontrou-se perto da luz do dia em um vale onde viu uma ermida e foi lá saber se alguém morava lá, e encontrando um eremita perguntou-lhe se cinco cavaleiros carregando duas donzelas.

"Senhor", disse o bom homem, "eles não me viram; Mas, você viu um castelo que está lá?

"Não", disse Amadís, "e por que você diz isso?"

"Porque", disse ele, "agora um jovem está saindo daqui, meu sobrinho, que me disse que hospedou Arcalaus, o Feiticeiro, e trouxe algumas belas donzelas forçadas.

"Por Deus", disse Amadís, "bem, estou procurando aquele traidor."

"É verdade", disse o eremita, "ele fez muito mal nesta terra, e Deus homem mau do mundo ou corrigi-lo, mas, você não traz outra ajuda?".

"Não", disse Amadís, "mas de Deus."

"Senhor", disse o eremita, "não dizes que são cinco e Arcalau que é o melhor cavalheiro do mundo e mais sem medo?.

"Deixe-o ser como quiser", disse Amadís, "porque ele é um traidor e arrogante e assim eles serão." aqueles que esperam e por isso não vou duvidar deles.

Então, ele perguntou a ela quem era a empregada. Amadis disse a ele. O eremita disse: —

Sim! Santa Maria te ajude, para que uma senhora tão boa não esteja em poder de um homem tão mau.

"Você tem alguma emboscada", disse Amadís, "para este cavalo."

"Sim", ele disse, "e eu o darei com prazer para você."

Pois bem, enquanto o cavalo comia, Amadís perguntou-lhe de quem era o castelo. Disse-lhe o bom homem: — De um senhor chamado Grumen, primo em primeiro grau de Dardán, aquele que foi morto na casa do rei Lisuarte e eu cuido para que por isso receba ali aqueles que não gostam do rei Lisuarte.

"Agora eu recomendo você a Deus", disse Amadís, "e peço que minta para mim em suas orações e me mostre o caminho que leva ao castelo."

O bom homem mostrou-lhe e ele andou tanto que chegou lá e viu que havia o muro alto e as torres grossas e foi até lá, mas não ouviu ninguém falar lá dentro e ficou satisfeito por ter pegado bem cuidado para que Arcalaus ainda não saísse e deu uma volta pelo castelo e viu que só havia um portão. Então ele se jogou entre algumas pedras e, desmontando de seu cavalo, pegou-o pelas rédeas e ficou ali, sempre com os olhos na porta, como quem não tem gosto de dormir. A esta hora amanhecia e, montado no seu cavalo, saltou mais para dentro de um vale, onde havia a suspeita, se o visse, de suspeitar que os do castelo não sairiam, tendo o cuidado de ser mais gente e subiu em uma colina coberta de grandes e grossos você mata Então ele viu um cavaleiro sair do portão do castelo e escalou outra colina mais alta. E ele provou a terra em todos os lugares. Então voltou ao castelo e não demorou muito para ver sair Arcalau e seus quatro companheiros bem armados, e entre eles a bela Oriana, e disse: — Oh, Deus! Agora e sempre me ajude e me guie. em sua guarda.

Nisso, Arcalaus veio tanto, que passou por onde estava e Oriana estava dizendo: -Amigo, senhor, nunca o verei, porque minha morte está chegando.

Lágrimas vieram aos olhos de Amadís e descendo do montículo o mais rápido que pôde, entrou com eles em um grande campo e disse: "Ai, Arcalaus, traidor! Não é conveniente para você levar uma dama tão boa."

Oriana, que ouviu a voz da amiga, estremeceu toda, mas Arcalau e os outros deixaram-no correr e ele a eles, e ele feriu Arcalau que vinha com tanta força que o derrubou no chão nas ancas do cavalo e os Outros feridos ele, e alguns deles morreram de seus encontros e Amadís passou por eles e, virando seu cavalo muito rapidamente, feriu Grumen, o senhor do castelo, que era um deles de tal maneira que o ferro e o cabo da lança saiu do outro lado e depois caiu morto, e a lança foi quebrada. Então ele pôs a mão na espada do rei e soltou os outros e os atacou com tanta bravura e tanta fúria que os golpes que ele lhes deu foram maravilhosos, e assim sua força e ardor aumentaram em caminhar com coragem e leveza. todo o campo estava cheio de cavaleiros que não podiam resistir a ele e defender sua boa espada contra ele, fazendo essas maravilhas que você ouve.

Disse a donzela da Dinamarca contra Oriana: —

Senhora, você está com pressa, porque aqui está o cavaleiro abençoado e veja as maravilhas que ele faz.

.Oriana então disse: —

Ah, amiga!, Deus te ajude e te guarde, para que não haja outro no mundo que nos encurre, ou melhor.

O escudeiro que a tinha no cavalo disse: "É

verdade, não vou atender aos golpes na minha cabeça que os elmos e lorigas não podem parar ou resistir, e colocando-a no chão, ela fugiu o quanto pôde". Amadís, que caminhava entre eles trazendo-os à sua vontade, deu a um deles um golpe tão forte no braço que ele caiu no chão. Este começou a fugir gritando com a fúria da morte, e foi por outro que o capacete em sua cabeça o derrubou e o cortou no pescoço. Quando o outro cavaleiro viu tamanha destruição em seus companheiros, ele começou a fugir o quanto pôde.

Amadís, que vinha atrás dele, ouviu a patroa gritar e virando-se rapidamente viu Arcalaus já cavalgando e pegando Oriana pelo braço, colocou-a na frente dele e foi com ela assim que pôde. Amadís foi atrás dele, sem parar, ele o alcançou por aquele grande campo e levantando sua espada para feri-lo, sofreu por lhe dar um grande golpe, pois a espada era tal que ele cuidou que ela o matasse e seus esposo e bateu nas costas dele, que não estava com força total, mas derrubou um pedaço do couro e um pedaço do couro das costas.

Então, Arcalaus deixou Oriana cair no chão para ir embora mais para Aina, que temia a morte, e Amadís lhe disse: "Ah, Arcalaus! ele, antes que ele jogasse o escudo de seu pescoço e Amadís o alcançasse antes e lhe desse um golpe de lueñe pela alça da espada e cortou a loriga e os lombos e a ponta da espada atingiu o cavalo no flanco e cortou quanto, então o cavalo com medo começou a correr de tal forma que em poucas horas um grande pedaço se alongou. Amadís, por mais que não gostasse e quisesse matar, não foi mais longe para não perder sua amante e voltou para onde ela estava e, desmontando de seu cavalo, ajoelhou-se diante dela e beijou-lhe as mãos, dizendo: Deus de mim o que você quer, que nunca senhor eu cuidei de você vê.

Ela estava com tanto medo que não conseguia falar com ele e o abraçou, ela estava com tanto medo dos cavaleiros mortos com quem ela poderia estar. A donzela da Dinamarca foi pegar o cavalo de Amadís e viu a espada de Arcalaus no chão e pegando ela trouxe para Amadís e disse: — Olhe, senhor, que espada linda. Provou-o e viu que era aquele com que o atiraram ao mar e Arcalaus bebeu-o quando o adorava, e enquanto o ouvias, Amadís sentado com a mulher, que não fez nenhum esforço para se levantar, chegou Gandalín , que toda a noite andou e deixou o cavaleiro morto em uma ermida, com que grande prazer eles tiveram. Ele foi tão bom ver o processo assim parado. Então Amadís mandou que ele colocasse a empregada da Dinamarca em um dos cavalos que estavam soltos, e ele pôs Oriana no palafrém da empregada e partiram de lá tão felizes que não podiam estar mais.

Amadís conduziu a sua senhora pelas rédeas e ela disse-lhe como estava apavorada com aqueles cavaleiros mortos que não conseguia devolver, mas ele disse-lhe: "Muito mais assustadora e cruel é essa morte que sofro por ti, e senhora , Doe-os para mim e lembre-se do que você me prometeu, que se eu me sustentei até aqui, não é por causa dele, mas por acreditar que não estava mais em suas mãos, nem o poder de me dar mais do que o que você me deu, mas se daqui vai em frente vendo você, senhora, em tanta liberdade não me apresse, nada que a vida pudesse me sustentar me bastaria, antes que eu morresse com o desespero mais raivoso que uma pessoa jamais morreu.

Oriana disse a ele: -De boa fé, amigo, nunca se eu puder, por minha causa você estará nesse perigo, eu farei o que você quiser e você faz como, embora aqui eu erro e parece que não é assim diante de Deus.

Caminharam assim três léguas até entrarem numa floresta muito densa de árvores, que caberia numa aldeia a uma léguia de distância. Oriana adormeceu como quem não dormiu nada na noite anterior e disse: — Amiga, estou com tanto sono que não aguento.

"Senhora", disse ele, "vamos para aquele vale e você dormirá", e desviando-se da corrida foram para o vale, onde encontraram um pequeno riacho de água e grama verde muito fresca. Lá Amadís desceu até sua amante e disse:

— Senhora, a sesta está muito quente, você vai dormir aqui até o frio chegar. E em Portanto, enviarei Gandalín àquela cidade e nos trarei um pouco de refresco.

"Bem", disse Oriana, "mas quem vai dar a ele?"

Amadís disse:

"Dê a ele nesse cavalo e venha a pé".

"Não vai ser assim", disse Oriana, "mas pegue este meu anel, que nunca será tão valioso para nós como agora, e tirando-o do dedo, ele o deu a Gandalin." E ao sair, disse, pisando em Amadís: — Senhor, quem o tem a tempo e o perde, recolhe-o tarde, e dito isso, foi-se embora e Amadís compreendeu bem porque o dizia.

Oriana deitou-se no manto da donzela enquanto Amadís se desarmava, o que era bem necessário, e como a donzela estava desarmada, foi dormir em uns arbustos espessos, e Amadís voltou para sua dona e quando a viu tão bonita e em seu poder, tendo-lhe concedido o seu testamento, ficou tão perturbado de prazer e embaraço que não se atreveu a olhar para ela, por isso bem se pode dizer que naquela relva verde, em cima daquele manto, mas pela graça e contenção de Oriana, que pela facilidade e audácia de Amadís, tornou-se dona da donzela mais bela do mundo. E acreditando com isso suas chamas ardentes para pegar um resfriado, aumentando em quantidade muito maior, mais ardente e com mais força, assim como em amores sadios e verdadeiros costuma acontecer. Assim estavam em uníssono com aqueles carros amorosos cuja dor e sentimento podem ele e ela cujos corações são feridos por tal flecha, até que o embaraço da vinda de Gandalín fez Amadís se levantar e, chamando a donzela, deram uma boa ordem para temperar o que comiam, que ele precisava bem deles, onde embora faltassem os muitos criados e os grandes pratos de ouro e prata, não lhes tirava aquele doce e grande prazer que tinham na refeição na relva. Pois bem, como se sabe, esses dois amantes estavam naquela floresta com tal vida que jamais, para prazer de um e de outro, a deixariam de fora se pudessem sustentá-la sem constrangimento e grande vergonha. Onde vamos deixá-los relaxar e descansar e vamos contar o que aconteceu com Don Galaor na demanda do rei.

Capítulo 36

Como D. Galaor libertou o rei Lisuarte da prisão em que foi traiçoeiramente detido.

Don Galaor de Amadís, seu irmão, como já ouviste, entrou na estrada por onde levavam o rei. E ele teve o cuidado de caminhar o quanto podia, como quem estava muito preocupado em alcançá-los e não se importava com o que via, mas em seu rastro, e caminhou assim até a hora da véspera quando entrou em um vale e encontraram nele as pegadas dos cavalos onde haviam parado. Então, ele seguiu aquela trilha enquanto o cavalo podia carregá-la, pois parecia-lhe que eles não podiam ir mais longe, mas não demorou muito para que ele visse diante de si um cavaleiro bem armado em um bom cavalo, que veio para ele e disse: cavalheiro, e diga-me que problema faz você correr assim.

-Por Deus! Galaor disse, deixe-me sua pergunta, eu vou parar com você, em que muito mal pode vir.

"Para Santa Maria!" disse o cavaleiro, "você não vai passar daqui até que você me diga, ou lute comigo."

E Galaor não fez nada além de ir embora e o senhor do vale lhe disse: "É verdade, senhor, você fugiu tendo feito alguma coisa errada e agora cuide-se, eu quero saber."

Então ele foi até ele com a lança abaixada e o cavalo correndo o mais rápido possível. Galaor voltou, mas jogando o escudo atrás das costas, quando o sentiu perto de si, tirou o cavalo da corrida e afastou-se, e o cavaleiro não o encontrou, em vez disso, passou por ele com tanta força quanto aquele que trouxe o cavalo bravo e solto, E assim um pedaço foi diante de Galaor e ele o pegou e tomou a lança na mão e disse-lhe:

"Ay, cavaleiro mau e covarde! Você não pode me proteger de qualquer forma que Não diga o que eu exijo ou você morrerá.

Então, ele foi até ele muito forte e Galaor, que tinha o cavalo mais habilidoso, se precipitou contra o encontro e não fez nada além de avançar o mais longe que podia. O cavaleiro, que não podia ter seu cavalo tão depressa, quando voltou viu que Galaor havia alongado uma grande peça e disse:

—Se Deus me ajudar, você não vai me deixar assim, e aquele que conhecia bem a terra levou por um monte e foi colocá-lo em um passo. Galaor, que o viu, lamentou muito e o cavaleiro disse-lhe:

— Covarde, mau e sem coração, agora escolha qual das três coisas você quer: ou brigam entre si ou se voltam ou me digam o que eu peço.

"De qualquer forma, sinto muito", disse Galaor, "mas você não é cortês, pois não vou me virar e se lutar não será do meu agrado, mas se você quer saber com que rapidez eu vou, siga-me e veja por si mesmo, porque eu pararia muito em você." Dizer isso e no topo você não acreditaria em mim, é tão lamentável.

"Em nome de Deus", disse o cavaleiro, "agora entre e diga que você não irá neste terceiro dia sem mim."

Galaor foi na frente e o cavaleiro o seguiu, e quando estavam a meia légua daquele lugar, viram um cavaleiro andando a pé todo armado atrás de um cavalo do qual havia caído, e outro cavaleiro que o deixou ia andar mais adiante. E o cavaleiro que estava com dom Galaor encontrou o cavaleiro caído, que era seu primo irmão, e foi pegar seu cavalo e deu a ele, dizendo: — O que foi isso, irmão irmão?

Ele

disse: — Eu estava cuidando daquele que você conhece, só que eu não parei de mentir e não peguei nada até aquele senhor ali me dar uma tal lança no escudo dele que o cavalo se ajoelhou comigo e eu caiu no chão e o cavalo fugiu. Mas então eu coloquei minha mão na espada e o chamei para a batalha, mas ele não quis vir, antes de dizer que mais uma vez eu estaria mais determinado a responder quando chamado, e pela fé que você deve a Deus " ele disse, "nós iremos atrás dele se o fizermos. Nós poderíamos ter e você verá como eu venho.

"Não é isso que eu posso fazer", disse o confrade, "para este terceiro dia eu tenho que vigiar aquele senhor atrás de quem vou, e ele lhe contou o que aconteceu com ele."

"É verdade", disse o cavaleiro, "ou ele é o mais covarde do mundo ou vai fazer algum grande feito porque se preocupa consigo mesmo e eu quero parar de me vingar do meu insulto, para ver o que vai dar nisso. ação judicial."

Nisto viram Galaor lueñe, que não fazia outra coisa que andar, e os dois confrades foram atrás dele e a esta altura já era quase noite. Galaor entrou numa floresta e com a noite perdeu o rastro e não sabia para que lado ir. Então ele começou a pedir misericórdia de Deus para guiá-lo de tal maneira que ele fosse o primeiro a fazer aquela ajuda e cuidando para que os cavaleiros desviassem com o rei para algum lugar para dormir, ele foi ouvindo de uma ponta a outra por alguns vales, mas não ouvi nada. Os dois confrades, que o seguiam, cuidaram para que ele estivesse no caminho, mas quando chegaram a uma légua saíram da floresta e não o viram e pensando que ele estava se escondendo deles, foram abrigar a casa de uma duena que morava nas proximidades.

Galaor andava por toda parte pela floresta e pensou em passar pela floresta, pois não encontrou nada nela, e subir outro dia em algum outeiro para olhar a terra e, voltando ao caminho que havia feito antes, caminhou tanto que ele saiu a céu aberto e então ele viu Ele acendeu uma pequena fogueira através de um vale e indo para lá descobriram que tropeiros estavam lá, e quando o viram assim armado, eles com medo pegaram lanças e machados e foram contra ele, e ele disse para que não temesse mal algum, mas implorou-lhes que o ajudassem e dessem um pouco de cevada para o cavalo. Eles deram a ele e lá ele alimentou seu cavalo. Disseram-lhe que se comeria, ele disse que não, mas que dormiria um pouco, que o acordariam antes do amanhecer. Então as duas partes da noite já haviam passado. Galaor deitou-se para dormir diante do fogo, assim armado, e quando a aurora começou a raiar, levantou-se, pois não dormia muito sossegado, como aquele que se preocupava muito por não encontrar o que procurava, e montava o seu cavalo, tomando suas armas, ele recomendou a Deus e elas a ele, que seu escudeiro não poderia ter com ele, e dali ele prometeu, se Deus o guardasse, dar ao seu escudeiro o melhor cavalo e ir direto para um monte alto, e de lá ele começou a olhar para a terra em todos os lugares. Então saíram os dois confrades que haviam se abrigado na casa da duena, e já era dia, e viram Galaor e o reconheceram no escudo e foram contra ele, mas em movimento viram-no descer do outeiro, como até onde seu cavalo podia carregá-lo e o cavaleiro derrubado disse: "Ele nos viu e está fugindo, certo, eu tomo cuidado que por algum infortúnio ele está fugindo e se escondendo e, Deus me ajude, se eu conseguir pegar com ele, se eu não sei sobre ele, para o mal dele, se eu merecia e vamos atrás dele.

Mas Don Galaor, que estava muito longe de seus cuidados, viu os dez cavaleiros passarem um degrau que havia na saída da floresta e os cinco passaram na frente e os cinco depois e no meio deles eram homens desarmados e ele levou cuidou que aqueles eram aqueles que lideravam o rei, e ele foi contra eles, assim como aquele que já havia oferecido sua morte para salvar a vida de outros, estando perto deles viu o rei acorrentado e houve tamanha tristeza nele que não duvidando da morte, Ele deixou os cinco que vieram antes fugir e disse:

— Ai, traidores!, por sua maldade, vocês colocaram as mãos no melhor homem do mundo, e os cinco vieram contra ele, mas ele feriu o primeiro no peito de tal maneira que o ferro com um pedaço da haste veio pelas costas e ele o encontrou morto no chão e os outros o feriram com tanta força que o cavalo o fez ajoelhar e um enfiou a lança entre o peito e o escudo e perdendo-a, Galaor a pegou e feriu o outro com ela a cuja da perna, e ele falsificou o arreio e a perna, e a lança entrou pelo cavalo, de modo que o cavaleiro ficou aleijado e ali quebrou a lança, e colocando a mão na espada viu todos os outros vindo contra ele, e ele ficou entre eles, eles estão tão zangados que não há homem que não se assuste ao ver isso, como ele pode sofrer tanto e tantos golpes como eles lhe deram.

E estando com tanta pressa e perigo porque havia muitos cavaleiros, Deus quis que ele corresse com os dois confrades que o seguiam, que aovê-lo tanto se admiravam de tão grande bondade de um cavaleiro, e aquele que o seguia disse:

"É verdade, nós o culpamos por ser um covarde sem motivo, e vamos ajudá-lo com tanta pressa."

"Quem iria matá-lo lá", disse o outro, "além de perseguir o melhor cavalheiro do mundo? E não acredite que ele ataque tantos homens, exceto por algum grande feito."

Então, eles soltaram seus cavalos a grande velocidade e os feriram com muita bravura como aqueles que trabalhavam muito e sabiam dessa necessidade, pois não havia um deles que não fosse cavaleiro errante há mais de dez anos. e digo-vos que o primeiro se chamava Ladasín, o Esgrimista, e o outro Don Guilán, o Zelador, o bom cavaleiro. A essa altura Galaor precisava muito de sua ajuda, pois o capacete havia sido cortado em muitos lugares e amassado e o arreio quebrado em todos os lugares e o cavalo ferido, que estava prestes a cair, mas por isso não parou de fazer maravilhas e dar grandes golpes para aqueles que se atreveram a atender duramente, e ele cuidou para que se seu cavalo não morresse, eles não durassem, que no final ele não os matasse; Mas quando os dois confrades chegaram, como você já ouviu, então a luta foi melhor para ele, pois eles também lutaram entre si e com tanto esforço, que ele ficou muito espantado e como se viu mais livre em ser os golpes que ele havia distribuído. Então ele fez coisas estranhas com ele, que poderiam ferir sua vontade, e a pressa que ele deu a eles e aos confrades para ajudá-lo foi tão grande que em pouco tempo estavam todos mortos e derrotados. Quando o irmão de Arcalau viu isso, deixou o rei ir matá-lo, como todos os que estavam com ele fugiram, ele desceu do palafrém, assim com a corrente na garganta e pegou um escudo e a espada do cavaleiro que morreu primeiro, e o outro, que queria bater acima da cabeça, o rei levantou o escudo onde recebeu o golpe e foi tal que a espada atravessou o meio-fio bem um palmo e atingiu a cabeça do rei com a ponta dela e cortou-lhe o couro e a carne até o osso, mas o rei deu ao cavalo um golpe tão forte no rosto com a espada que ele não conseguiu puxá-la e o cavalo caiu em harmonia e caiu sobre o cavaleiro. Galaor, que já estava a pé porque seu cavalo não podia se mover, e ia ajudar o rei, foi até o cavaleiro para cortar sua cabeça e o rei gritou para não matá-lo. Os dois confrades que foram atrás de um cavaleiro que os abandonava e o havia matado, quando voltaram e viram o rei, ficaram muito assustados, pois nada sabiam de sua prisão e desceram aína, e largando os elmos, caíram sobre seus joelhos diante dele, e ele os reconheceu e, levantando-os pelas mãos, disse: "Por Deus, amigos, em uma boa hora você me atropelou, e o amigo do Sr.

Guilán que o expulsa de minha empresa e por causa dele eu perco você, Ladasin.

Guilán estava envergonhado e seu rosto corado, mas não por isso ele deixou de amar sua esposa, a duquesa de Bristoya, e ela o amava, então foi esse o fim

o de seus amores eles desejavam e o duque sempre suspeitou que foi Dom Guilán quem entrou em seu castelo quando Galaor estava lá, como a história lhe contou.

Mas deixemos isso agora e devolvamos ao rei o que ele fez depois que foi libertado. Saiba que Don Galaor tirou o primo de Arcalaus de seu cavalo e, tirando a corrente do rei, colocou-a nele, e eles tiraram dos cavalos dos cavaleiros mortos e o rei pegou um e Galaou outro, que o dele não se moveu, e eles começaram a ir para Londres muito felizes. Ladasín contou ao rei tudo o que lhe acontecera Don Galaor e o rei o apreciou muito por se manter assim de acordo com a demanda que tinha e Guilán também lhe contou como, tão ferozmente cuidando de seu amigo, ele não parou mentindo, que o cavaleiro o derrubaria sem dizer nada.

O rei riu muito com isso, dizendo: "Que

embora eu tenha ouvido muitas coisas que os amantes fazem por seus amigos, mas não esse sujeito, e com grande razão, pelo que vejo, chamam-te Guilán, o Zelador.

Conversaram sobre essas coisas e outras de grande prazer até chegarem à casa de Ladasín, que ficava bem perto de onde ele morava, e lá veio o escudeiro de Galaor e Ardián, o anão de Amadís, que cuidou para que seu senhor fosse por ali. procurá-lo Galaor contou ao rei como ele e Amadís se separariam e que deveriam enviar para Londres, porque os lenhadores contariam a notícia e toda a corte se mudaria com eles.

"Bem, Amadís", disse o rei, "vai em socorro de minha filha. Não comprehendo perdê-la, se aquele traidor não a enganar por encantamento." E no que você diz, será bom para a rainha conhecer minha propriedade, e ela ordenou a um escudeiro de Ladasín que conhecia bem a terra, que fosse embora com a notícia.

Pois bem, naquela noite o rei hospedou-se ali, onde foi muito bem servido e no outro dia voltaram ao seu caminho, e o primo de Arcalau foi contar-lhes como tudo o que havia acontecido foi a conselho de Barsinán, senhor de Sansueña, pensando em ser rei da Grã-Bretanha. Então o rei teve o cuidado de não ir mais longe do que antes para encontrá-lo lá.

Capítulo 37

Como chegou à rainha a notícia de que o rei Lisuarte estava preso, e como Barsinán ele executou sua traição querendo ser rei, e no final ele estava perdido e o rei restaurado.

Os lenhadores que viram como aconteceu com o rei, vieram à aldeia e contaram tudo. Quando isso foi conhecido, a revolta foi maravilhosamente grande e todos os cavaleiros se armaram e como seus cavalos corriam mais rápido eles foram por toda parte, de modo que o campo parecia estar cheio deles. Arbán, o rei de Norgales, estava conversando com a rainha e seus escudeiros chegaram lá com suas armas e cavalos e um jovem entrando nele onde ele estava, disse:

"Senhor, armem-se, o que estão fazendo? Não sobrou nenhum cavaleiro na aldeia do companhia do rei, mas você, que todos saem na velocidade dos cavalos pela floresta.

"E por quê?", disse Arbán.

"Porque eles dizem", disse o jovem, "que dez cavaleiros estão fazendo o rei prisioneiro."

Ah, Santa Marial disse a rainha, "Eu sempre o temi, e ela caiu morta."

Arbán a deixou em poder das donas e donzelas que estavam em grande luto e foi se armar e cavalgando em seu cavalo ouviu vozes altas de que estavam tomando o tombadilho.

-Santa Maria! disse Arbán, "estamos todos derrotados, e teria sido ruim se a rainha desistisse.

Naquela época, era em torno da cidade uma curva tão grande como se todos no mundo estivessem lá. Arbán ficou à porta do palácio da rainha assim armado com duzentos cavaleiros seus e enviou dois deles para saber como era a revolta, e chegando ao tombadilho viram como Barsinán estava lá dentro com toda a sua companhia e massacrado e morto Ele pôde e outros caíram das muralhas, que quando ouviu a revolta e a prisão do rei não prestou atenção em mais nada e os do rei, não suspeitando disso, foram sem suspeitas para a ajuda e tinha consigo seiscentos cavaleiros e servos bem armados. Quando Arban ouviu de seus cavaleiros, ele disse: "Por conselho do traidor, o rei está preso."

Quando Barsinán já estava no poder no alcázar, ele deixou pessoas lá para guardá-lo e saiu com o outro para prender a rainha e tomar a cadeira e a coroa do rei. Os da cidade, que viram que o processo estava indo assim, foram todos para as casas da rainha, armados como podiam. Quando Barsinán chegou à casa da rainha, lá encontrou Arbán com toda sua companhia e asaz da cidade, e Barsinán lhe disse: "Arbán, até agora você foi o jovem cavalheiro mais inteligente que eu já vi, faça daqui para a frente como o cérebro não perde

"Por que você me diz?", disse Arbán.

"Porque eu sei", disse ele, "que o rei Lisuarte está nas mãos de quem me enviará a cabeça sem o corpo dentro de cinco dias, e nesta terra não há ninguém como eu que possa e deva ser rei, e assim serei todo o caminho.", e a terra de Norgales que você tem no senhorio, eu a concedo a você porque você é um cavaleiro bom e experiente, e jogue-se fora e eu tomarei a cadeira e a coroa e se você quer fazer daqui eu te desafio, e te digo que ninguém será contra mim por mim, jogue minha terra que a cabeça não manda cortar.

"É verdade", disse Arbán, "você diz coisas porque eu estarei contra você assim que eu viver." O primeiro que me aconselhas a ser um traidor contra o meu senhor ter tantos problemas, e o outro que sabes que os que o lideram vão matá-lo, no qual parece claro que és tu a trair. Nós iremos

sempre tendo em minha memória que a lealdade é uma das coisas mais preciosas do mundo e você a descartando, sendo tão ruim contra ela, não poderíamos concordar um com o outro.

"Como", disse Barsinán, "você cuida para que eu não seja o rei de Londres?"

"O rei de Londres nunca será um traidor", disse Arbán, "e também na vida do rei mais leal do mundo".

Barsinán disse:

— Primeiro te ofendi mais do que os outros, acreditando que você era o mais sábio deles e agora você me parece mais estúpida e eu vou fazer você conhecer sua loucura e ver o que você vai fazer, o que beber Eu quero a coroa e a cadeira que eu mereço por gentileza.

"Farei tanto quanto a isso", disse Arbán, "como se meu senhor o rei estivesse sentado lá."

— Agora vou vê-lo, disse Barsinán, e ele ordenou que sua companhia fosse feri-los e Arbán os atendeu com sua companhia, pois aquele que era muito trabalhador e leal em todas as coisas, estava muito zangado com o que seu senhor rei ouviu, levando sucessos muito grandes em todos os lugares. Tantos foram mortos e feridos e ambos os lados lutaram o máximo que puderam para derrotar e matar um ao outro, mas Arbán fez tanto naquele dia que mais do que todos aqueles naquela luta ele foi elogiado por ser o defensor de todos os seus e ele não faria nada além de seguir em frente derrubando e ferindo, colocando sua vida à beira da morte.

Caminharam assim até o anoitecer, o que não conseguiram vencer, e isso fez com que, como as ruas eram estreitas, Arbán se visse em perigo e a rainha fosse tomada, mas Barsinán refugiou-se com sua companhia no alcázar e encontrou um pedaço muito grande de menos seu povo, tanto mortos quanto feridos, de uma forma que eles precisavam muito relaxar, e Arbán disse aos seus:

"Senhores, mostrem sua lealdade e ardor e não desanimem com este mal andando que aína no poço será cobrado.

Outros sim ele colocou sua empresa como era mantido à noite. Feito isso, a rainha, que estava morta, mandou chamar Arbán, e ele estava assim armado como estava e ferido em muitos lugares e chegou onde a rainha estava, tirou o capacete, que estava quebrado, e viram cinco feridas seu rosto e sua garganta e rosto cheio de sangue que estava muito desfigurado, mas muito bonito ele parecia para aqueles que depois de Deus o tinham por proteção. Quando a rainha o viu assim, ele teve um grande luto e disse-lhe chorando:

— Ah, bom sobrinho!, Deus te guarde e te ajude, que essa sua lealdade acabe, pelo amor de Deus me diga: o que será do rei e o que será de nós?

"De nós", disse ele, "será bom se Deus quiser, e ouviremos boas notícias do rei, e digo-lhe, senhora, não temer os traidores que permanecem aqui, segundo a grande lealdade de sua vassalos que estão aqui comigo, que te amam." Eles vão defender muito bem.

— Ah, sobrinho! disse a rainha: "Eu vejo você como tal que você não pode pegar em armas e os outros Eu não sei o que fazer sem você.

"Senhora", disse ele, "não se preocupe com isso, enquanto a alma nunca armas para mim serão deixadas.

Então ele a deixou e voltou para sua empresa. Então eles passaram aquela noite, e Barsinán, Embora sua empresa a tenha achado maltratada, ele mostrou muito esforço e disse a eles:

—Amigos, não quero que brigemos mais por isso ou que tenhamos mais mortes, porque que sem excessos e batalhas vou terminá-lo como você verá mais tarde e relaxar agora sem nenhum receio.

Assim se divertiram naquela noite, e na manhã seguinte ele se armou, e montou em seu cavalo e, levando consigo vinte cavaleiros, foi para um atalho guardado pelo prefeito de Arbán, e como os que estavam na barreira os viram, levaram seus armas para se protegerem, mas Barsinán lhes disse que tinha vindo falar com eles, que deveriam estar seguros até o meio-dia, e o mordomo então foi

disse ao seu patrão e ele ficou satisfeito com a segurança, que tinha todo o resto de sua companhia tão maltratado que não podiam pegar em armas, e depois foi com o mordomo para seu quarto e Barsinán disse-lhes: "Quero cinco dias" segurança com você." , se quiser.

"Quero", disse Arbán, "como uma ação judicial que você não trabalhe para tomar nada que esteja na cidade, e se o rei vier, que façamos o que ele ordena."

"Tudo o que eu concedo", disse Barsinán, "enquanto não houver batalha, eu prezo minha empresa e prezo você quem será minha mais aína que você cuida e lhe diga como o rei está morto e eu tenho sua filha e eu queremos tomá-la por mulher, e isso você verá antes que a trégua saia.

"Deus não me ajude mais", disse Arbán, "se nunca houve uma trégua comigo, você teria sido um parceiro na traição que ele fez ao meu senhor e agora vá e faça o que puder, e diga-lhe que antes chegou a noite Barsinán atacou-os bem três vezes e se jogou para fora.

Capítulo 38

Como Amadís ajudou a cidade de Londres e o que ele fez a respeito.

Hospedando Amadís na floresta com sua esposa Oriana, como dissemos, ele pediu O que disse Arcalau? Ela lhe disse:

"Que eu não me queixasse, que ele me faria rainha de Londres dentro de quinze dias e que ele me daria Barsinán como marido, a quem ele faria rei das terras de meu pai e que ele seria seu mordomo chefe por me dar e cabeça do meu pai

Ah, Santa Maria! disse Amadís, "que traição de Barsinán, que assim se mostrou tão amigo do rei, suspeito que fará algum mal à rainha".

-Ei, amigo! ela disse, "continue com isso o melhor que puder".

"Isso é o que me convém", disse Amadís, "e pesa muito para mim, que eu tenha um grande prazer." para relaxar com você nestes quatro dias nesta floresta e se você, senhora, por favor.

"Deus sabe", disse ela, "o quanto eu gostaria." Mas poderia vir disso muito grande mal na terra, que ainda será meu e seu se Deus quiser.

Então eles descansaram até o amanhecer. Então Amadís levantou-se e armou-se muito bem e, pegando a patroa pelas rédeas, entrou na estrada para Londres e caminhou o mais longe que pôde e encontrou os senhores que saíam de Londres, cinco por cinco e dez por dez, tal como estavam partindo, e destes haveria mais de mil cavaleiros, e mostrou-lhes onde procurar o rei e contou-lhes como Galaor foi à frente para ajudar, e passando por todos eles, encontrou Don Grumedán, o bom velho que a rainha tinha, a cinco léguas de Londres, ele levantou, e com ele estavam vinte cavaleiros de sua linhagem que andavam a noite toda pela floresta de ambos os lados procurando o rei, e quando encontrou Oriana foi contra ela chorando e disse:

— Senhora, oh, Deus, que bom dia com a sua vinda!, mas, por Deus, que notícias do rei seu pai?.

"É verdade, meu amigo", disse ela, chorando, "perto de Londres fui arrancada dele, e me agradou Deus, Amadís alcançou aqueles que me carregavam e fez tanto de seu poder que me jogou.

"Isso mesmo", disse Don Grumedán, "o que quer que ele não cedesse, ninguém trabalharia para ele." dar; Então ele disse contra Amadis:

"Amigo, senhor, o que seu irmão fez?"

"Lá", disse Amadís, "onde deixaram o rei e sua filha, lá ele e eu nos separamos, e ele seguiu o caminho do rei e eu segui o de Arcalaus, que conduzia esta senhora."

"Agora tenho mais esperança", disse Don Grumedán, "porque tão bem aventureado, cavaleiro como Don Galaor vai em socorro do rei."

Amadís contou a Dom Grumedán sobre a grande traição de Arcalaus e Barsinán e lhe disse:

"Tome Oriana e irei até a rainha assim que puder, pois temo que esse traidor queira prejudicá-la, e você, faça ela volte." os senhores que você vai encontrar, que se o rei tem que ser ajudado por pessoas, tantos vão para lá que muitos deles ficam.

Don Grumedán levou Oriana e estava a caminho de Londres, o mais longe que podia, fazendo retornar todas as pessoas que encontrava. Amadís partiu assim que seu cavalo partiu, e entrando na cidade encontrou o escudeiro que o rei havia enviado para dar a notícia de que estava livre, e o escudeiro lhe contou como havia acontecido. Amadís agradeceu muito a Deus pelo bom andamento de seu irmão e antes de entrar na cidade sabia tudo o que Barsinán havia feito, e entrou o mais escondido que pôde, e quando Arbán o viu, ele e sua família ficaram muito alegres e tomaram grande esforço em si. Arbán estava abraçando-o e disse-lhe:

"Meu bom senhor, que notícias você traz?"

"Tudo para seu prazer", disse Amadís, "e então vamos diante da rainha e os ouvimos.

Então eles entraram onde ela estava, levando Amadís o escudeiro pela mão, e como a viu, ajoelhou-se diante dela e disse:

— Senhora, este escudeiro deixa o rei livre e saudável e mando-o para que o diga por ele, e deixo Oriana nas mãos de don Grumedán, seu mestre, e já estará aqui. Enquanto isso, quero ver Barsinán, se puder, e deixando seu capacete e escudo e pegando outro porque não o reconheceram, disse: "Arbán, derrube suas barreiras e Barsinán e sua companhia venham, e se Se Deus quiser, vamos comprá-lo."

sua traição, e disse-lhe o que sabia de Barsinán e Arcalaus.

As barreiras foram derrubadas depois e Barsinán e seus homens saíram de lá para correr acreditando que tinham vencido tudo, sem serem detidos e os de Arbán os receberam para que a fazenda muito perigosa começasse entre eles onde havia muitos feridos e mortos. Barsinán foi na frente, já que os seus eram muitos e os adversários poucos, eles não podiam suportá-los, e Barsinán lutou para tomar a rainha. Amadís revoltou-se e saiu contra eles levando ao pescoço um escudo desbotado e um elmo enferrujado, de tal forma que valia muito pouco, mas no final foi julgado bom e precipitou-se levando a boa espada do rei cingida, e chegando deu Barsinán tal encontro com a lança no escudo que o arreio o falsificou e o ferro entrou bem pela metade da carne e ali foi quebrado e pondo a mão na espada ele a deu por cima do capacete e cortou como tanto quanto pôde do couro da cabeça, de modo que Barsinán ficou atordoado e a espada cortou tão levemente que Amadís não a sentiu em sua mão tanto quanto nada e o feriu novamente no braço que a espada tinha, e cortou seu Manga e braço com ela Segurou sua mão e baixou a espada até a perna e cortou bem metade dela, e Barsinán quis fugir, mas não pôde e então caiu e Amadís continuou ferindo os outros com tanta bravura, que quem quer que ele bateu com um golpe certo, não havia necessidade de professor, então como eles o conheciam por maravilhas o que ele estava fazendo, eles o deixaram a corrida, entrando um no outro para fugir da morte. Arbán e seus homens que o seguiram pressionaram tanto que a companhia de Barsinán, deixando muitos mortos e feridos na rua onde lutavam, se refugiou no tombadilho. Amadís chegou às portas e queria entrar se não estivessem fechadas. Então ele voltou para onde tinha deixado Barsinán e muitos da cidade com ele, que o guardavam, e chegando onde Barsinán estava, viu que ainda tinha a folga e ordenou que o levassem ao palácio e vigiassem até o rei chegou e o debate assim terminou. Como você ouve, alguns mortos e outros presos, Amadís olhou para a espada ensanguentada em sua mão e disse:

— Ai, espada!, em um bom dia nasceu o senhor que foi você e, é verdade, está empregado à sua direita, que sendo o melhor do mundo, o melhor homem nele possui você.

Então, ele se desarmou e foi até a rainha, e Arbán deitou-se em sua cama, o que era muito necessário, pois seus ferimentos eram graves.

Nesta comédia, o rei Lisuarte, que veio mais longe na estrada de Londres para encontrar Barsinán, encontrou muitos de seus cavaleiros que foram a seu pedido, e os fez retornar e os enviou pelas estradas e pelos vales para fazê-los retornar. encontraram, que eram muitos, e os primeiros que encontrou foram Agrajes e Galvanes e Solinán e Galdán, e Dinadaus e Bervás. Esses seis foram juntos fazendo um grande luto, e quando foram diante do rei, quiseram beijar suas mãos com grande alegria, mas ele os abraçou e disse:

"Meus amigos, vocês estavam perto de me perder, e sem falta teria sido assim, exceto Galaor e Don Guilán e Ladasín, que se juntaram para uma grande aventura.

Dinadaus lhe disse:

"Senhor, todas as pessoas da aldeia saíram com a notícia e todos estarão perdidos."

"Sobrinho", disse o rei, "pegue desses cavaleiros os melhores e os que mais lhe agradarão, e leve este meu escudo, porque eles obedecerão com mais respeito e os farão retornar."

Este Dinadau era um dos melhores cavaleiros da linhagem do rei e muito valorizado entre os bons, além de cortês quanto à boa cavalaria e bravura, e foi então, de certa forma, que muitos voltaram.

O rei indo assim, como você ouve, acompanhado por muitos cavaleiros e outras pessoas e entrando na grande estrada para Londres, ele encontrou seu amigo muito íntimo Don Grumedán, que trouxe Oriana, e eu lhe digo que foi um prazer muito grande entre eles, tanto maiores, quanto mais desesperados estavam de poder remediar sua grande tribulação. Grumedán contou ao rei como Amadís foi à villa da rainha.

Nisto o rei chegou a Londres, e em sua companhia, mais de dois mil cavaleiros, e antes que ele entrasse, eles lhe contaram tudo o que Barsinán havia feito e a defesa que o rei Arbán fez, e como com a vinda de Amadís foi todos despachados, tendo Barsinán prisioneiro. Então, todas as coisas, de muito tristes a muito felizes, foram invertidas. Chegando o rei onde estava a rainha, quem pode lhe dizer o prazer e a alegria que com ele e com Oriana, a rainha e todas as donas e donzelas que havia? Verdade, nenhum, pois era tão abundante. O rei ordenou que a fortaleza fosse cercada e trouxe diante dele Barsinán, que ele concordou em ser, e primo de Arcalaus, e os fez contar com que disfarce essa traição foi forjada. Disseram-lhe tudo, que não faltava nada, e ele ordenou que fossem levados ao tombadilho onde o seu próprio pudesse ver, e ambos foram queimados, o que foi feito mais tarde.

Os do alcázar, não tendo provisão nem remédio, depois de cinco dias todos ficaram à mercê do rei e ele fez justiça a quem lhe agradou e aos outros que deixou. Mas isso não se contará mais, mas por causa desta morte houve grandes momentos entre Grã-Bretanha e Sansueña grande falta de amor, vindo contra este mesmo rei um filho deste Barsinán, bravo cavaleiro, com muitas companhias, como a história contará mais tarde.

O rei Lisuarte, calmo nas suas calamidades, regressou às Cortes, como cabo, todos fazendo grandes festas, tanto à noite na cidade, quanto durante o dia no campo.

Num dia chegaram lá a proprietária e os seus filhos, diante dos quais Amadís e Galaor prometeram a Madasima que deixariam o rei Lisuarte, como já ouviram. Quando a viram, foram até ela para homenageá-la e ela lhes disse: — Amigos, eu vim aqui até onde vocês sabem, e me digam, o que vocês vão fazer a respeito?

— Nós, vamos cumprir tudo o que você concordou com Madasima.

"Em nome de Deus", disse o proprietário, "bem, hoje é o prazo."

"Vamos antes dele mais tarde", disseram.

"Vamos," ela disse. Então eles foram até onde o rei estava e o dono o humilhou muito.

O rei a recebeu de muito bom humor. A dona disse: "Senhor, eu vim aqui para ver se esses senhores têm uma promessa que fizeram a uma dona."

O rei perguntou qual era a promessa.

"Será tal", disse ela, "onde eu cuido para que você e os de sua corte pesarão seguro."

Então o dono contou toda a história como eles iriam passar com Madasima, a senhora de Gantasi. Quando o rei ouviu isso, ele disse:

"Ay, Galaor! Você me matou."

"É melhor", disse Galaor, "que não morramos, do que se fôssemos conhecidos, o mundo inteiro não nos daria a vida e disso não se desespere, senhor, muito, o remédio estará pronto, mas aína você se importa."

Então disse contra Amadís, seu irmão: — Você me deu o que faria nisso tão bem quanto a mim.

"É verdade", disse ele. E Galaor então disse ao rei e aos cavaleiros, que estavam antes deles, por que engano eles foram presos. O rei ficou muito espantado ao ouvir tamanha traição, mas Galaor disse que achava que a duena seria a que seria zombada e enganada naquele processo, como eles veriam, e diante da duena ele disse contra o rei, que todos o ouviam:

— Senhor, rei, despeço-me de ti e da tua companhia, como prometi o tenho e assim o cumpro, e deixo-te a ti e à tua companhia para Madasima, a senhora do castelo de Gantasi, que teve o bem de te fazer essa tristeza e tantas outras quanto ele pôde, porque ele não gosta muito de você.

E Amadís fez o mesmo. Galaor disse contra o proprietário e contra seus filhos: "Você acha que cumprimos nossa promessa?"

"Sim, sem falta", disse ela, "que você cumpriu tudo o que exigiu."

"Em nome de Deus", disse Galaor, "bem, agora, quando quiser, pode ir e diga a Madasima que eu não processo tão sensatamente como costumava fazer, e agora você pode ver.

Então voltou-se contra o rei e disse: "Senhor, cumprimos com Madasima o que prometemos a ela, não nos dando nenhum prazo de quanto tempo teríamos que ficar separados de você, assim será nossa vontade, e vamos fazer isso depois eram antes." .

E quando o rei e a corte ouviram isso, ficaram muito felizes, considerando os cavaleiros sãos. O rei disse à donzela que viesse até lá para ver o processo: "É verdade, senhora, segundo a grande traição, foi feito tão mal com esses senhores, eles não são obrigados a fazer mais de um como fizeram, muito justo ." São aqueles que querem enganar que continuam enganados, e dizem a Madasima que se ela não gosta muito de mim, que em sua mão ela tinha que me fazer o maior mal e apesar do fato de que neste momento ela poderia vir a mim . Mas Deus, que em outros lugares os guardava de grandes perigos, não queria que sofressem no poder de uma pessoa como ela.

"Senhor", disse a dona, "diga-me, se lhe agrada, quem são esses cavalheiros que você tanto valoriza?"

"Eles são", disse o rei, "Amadís e don Galaor, seu irmão."

"Como", disse o proprietário, "é este Amadís, que ela tinha em seu poder?"

"Sim, sem falta", disse o rei.

"Misericórdia Deus", disse a proprietária, "porque são covis, que verdadeira, grande desgraça seria se dois bons homens morressem assim, mas creio que aquela que os teve quando soube que eram, e foi assim que eles ficaram sem poder que a mesma morte que ele ordenou que eles dessem se dará.

"É verdade", disse o rei, "isso seria mais justo se fosse feito."

O dono se despediu e seguiu seu caminho.

Capítulo 39

Sobre como o rei Lisuarte tinha cortes que duravam doze dias, em que se faziam grandes festas para muitos grandes que ali vinham, tanto senhoras como senhores, muitos dos quais ali ficavam alguns dias.

O rei manteve sua corte lá doze dias, nos quais muitas coisas foram feitas para aumentar sua honra e verdade, e então as cortes se separaram, e como foi que muitas pessoas foram para suas terras, tantos homens bons com ele. O rei ficou, que maravilha foi ver, e também a rainha deixou com ela muitas duenas e donzelas de alto disfarce, e o rei levou Guilán, o Zelador, e Ladasín, seu primo, para sua companhia, que eram muito bons cavaleiros, mas Guilán era melhor, como aquela que em todo o e) reino de Londres não havia ninguém que pudesse lhe poupar gentilezas e assim havia todas as outras gentilezas que eram apropriadas para um bom cavalheiro, só que não havia grande diferença em tendo tanto cuidado para que os homens não pudessem nem gozar da sua. Nem sequer fala da sua companhia, e esta era a causa: amores que o tinham em seu poder e o faziam amar a sua mulher, que nem a si mesmo nem a nada mais amava tanto , e a que ele amava era muito bonita e tinha nome Brandalisa, irmã da esposa do rei de Sobradisa, e casada com o Duque de Bristoya.

Pois bem, como sabe, o Rei Lisuarte esteve em Londres, com tais cavaleiros a fazerem a sua grande fama, mais do que qualquer outro príncipe do mundo. A fortuna estar feliz por muito tempo tê-lo colocado no grande perigo de que você ouviu falar de não mais tentá-lo, acreditando que deveria bastar para um homem tão são e honesto como ele era, portanto, não deixando mudar seu propósito, sendo o de com ganância, com arrogância ou com muitas outras coisas que os reis, por não quererem esconder deles, são prejudicados e sua grande fama escurecida com mais desonra e desgraça, do que se as grandes coisas que aconteceram em seu favor e os grande glória não tinha sido para eles, vinde, porque ninguém deve ser considerado infeliz, aqueles que nunca tiveram boa fortuna, mas aqueles que, tendo chegado ao céu, por seu mau cérebro, por seus vícios e pecados, atraíram a fortuna, para quem com grande dor e angústia de seus amigos os leva embora.

Enquanto o rei Lisuarte, como ouves, lá chegou o duque de Bristoya, na altura em que foi a pedido de Olivas convocado para o que tinha dito perante o rei e foi bem recebido pelo rei e disse: que eu intimasse o que parecia hoje diante de você em sua corte, por causa do que lhe contaram sobre mim, o que era uma grande mentira, e disso me salvarei como você e os de sua corte têm por direito.

Olivas levantou-se e foi até o rei, e com ele todos os outros cavaleiros se levantaram. caminhantes que havia. O rei lhes disse por que estavam todos aqui, e Don Grumedán lhe disse:

"Senhor, porque o duque ameaçou todos os cavaleiros errantes, e temos todos os motivos para impedi-lo."

"É verdade", disse o rei, "se for assim, eu tomaria uma guerra louca, que tenho no mundo, não há rei tão poderoso ou tão conhecido que tal guerra possa dar um bom final, mas vá , todos vocês, porque aqui vocês não vão encontrar-ló prejudicado, haverá todo o direito dele, sem diminuir nada do que eu possa entender, e esses bons homens que me aconselham.

Então, todos eles foram para seus lugares, exceto Olivas, que ficou diante do rei, e disse:

"Senhor, o duque antes de você matou um primo meu que nunca o matou ou disse por quê, e eu digo a ele que ele é traiçoeiro por esse motivo e vou fazê-lo dizer isso ou vou matá-lo ou jogá-lo fora do campo ."

O duque disse que estava mentindo e que cumpriria o que o rei e sua corte ordenassem. O rei deixou o processo para outro dia, mas o duque quis a batalha de boa vontade, mas pelos seus sobrinhos que ainda não tinham chegado e queria levá-los consigo, se pudesse, porque os valorizava tanto em armas, que não se importava que Olivas tivesse tal em sua ajuda que com eles não poderiam vencê-los levianamente.

Esse dia passou, e os sobrinhos do duque chegaram à noite, pelo que ele ficou muito feliz, e outro dia de manhã foram diante do rei e Olivas desafiou o duque e ele negou e prometeu a batalha de três a três. Então levantou-se Dom Galvanes, que estava aos pés da rainha, e chamou Agrajes, seu sobrinho, e disse contra Olivas:

— Amigo, prometemos-lhe que se o duque de Bristoya, que está à frente, quisesse colocar mais cavaleiros na batalha, que estaríamos lá com você e é isso que queremos fazer de boa vontade, e a batalha será mais tarde sem mais atraso.

Os sobrinhos do duque disseram que a batalha viria mais tarde. O duque olhou para Agrajes e Galvanes e reconheceu-os, que eram os que tinha feito orgulhoso na sua casa e os que o tinham levado pela donzela que queria matar, que mais tarde o arruinou na floresta. E por mais que valorizasse muito seus sobrinhos, não gostaria que algo assim tivesse prometido a batalha daquela vez, antes de ter dado um de seus sobrinhos para que com Olivas que entrasse, aqueles dois senhores duvidassem muito , mas não al poderia fazer. Então, eles foram se armando e entraram na praça que era limitada para lutas semelhantes. Alguns por uma porta e outros por outra. Quando Olinda, que estava na fenestrae da rainha, de onde saía todo o campo, viu seu grande amigo Agrajes que queria lutar, foi uma dor tão grande que seu coração morreu, que ela o amou mais do que qualquer outra coisa que no mundo, e com ela estava Mabilia, irmã de Agrajes, de quem muito se arrependeu de ver seu irmão e seu tio Don Galvanes em tal perigo, e com eles estava Oriana, que de bom grado queria vê-los bem andando, pelo grande amor que Amadís tinha por eles e pela educação que teve com o rei Languines e sua esposa, pai de Agrajes.

O rei, que estava ali com muitos cavaleiros, quando viu que era hora, atirou-se para fora, e os cavaleiros foram atacar o mais rápido de seus cavalos, e nenhum deles morreu com o golpe. Agrajes e o seu tio feriram-se com os sobrinhos do duque e tiraram-nos das selas sobre as ancas dos cavalos e quebraram-se as lanças e passaram por eles muito bonitos e bem montados. Olivas foi ferido no peito pela lança do duque e o duque perdeu os estribos e cairia se não abraçasse o pescoço do cavalo, e Olivas passou pela ferida feia e o duque endireitou-se na sela, e o cavaleiro que Agrajes bateu desceu levantou-se o melhor que pôde e foi parar o duque, e Agrajes deixou correr o duque, de quem tanto não gostava, e começou a dar-lhe grandes golpes por cima do elmo e fez com que a espada lhe chegasse à cabeça, mas o cavaleiro que estava a pé, Ao ver o seu tio em tal perigo, veio a Agrajes e feriu o seu cavalo no flanco, de modo que lhe pôs toda a espada. Agrajes não parou em sua mente, mas ao jogar a vida do duque e disso não viu nada, trazendo-o para cortar sua cabeça, o cavalo caiu com ele. Dom Galvanes estava tão envolvido com o outro cavalheiro que não viu nada disso. Enquanto Agrajes e seu cavalo estavam no chão, aquele que o matou o feriu com grandes e muito fortes golpes, e o duque igualmente com toda a força. Naquela hora todos os seus amigos tiveram um grande luto por ele, e sobretudo por Amadís, que quis de bom grado estar ali como o primo estava, e que ele não estava,

porque ela estava com tanto medo de vê-lo morrer, de acordo com a pressa que ela estava, e as três donzelas que você já ouviu falar estavam olhando para as janelas, estavam tão tristes ao vê-lo, que poucas não se mataram com as próprias mãos. Mas Olinda, sua dona, o queria acima de tudo, aquele que fazia quem a olhava sentir dor ao vê-la ter desejos tão grandes. Agrajes como leve, muito rápido do cavalo, como aquele que ninguém com um coração mais vivo e forte do que ele encontraria em muito, e ele se defendeu muito bem dos dois cavaleiros com a boa espada de Amadís, que ele tinha em sua mão, e Ele deu grandes golpes com ela.

Galaor, que o olhava com grande preocupação, disse passo a passo, com grande pesar: "Oh, Deus! O que é que Olivas tende a fazer se não vai onde acha necessário? Certamente seria melhor para ele nunca trazer armas do que fazê-lo com elas." hora de errar

D. Galaor disse isto, sem saber que Olivas estava em grandes apuros, que estava tão gravemente ferido e que tanto sangue lhe escorria, como era maravilhoso que só pudesse estar na cadeira, e quando viu Agrajes assim, suspirou com grande dor, como aquele que, embora lhe falte forças, não lhe faltou o coração, e erguendo os olhos para o céu disse: "Oh, Senhor Deus! para fora, enquanto eu encurralo aquele, meu bom amigo.

Então, endireitando a cabeça do cavalo contra eles, colocou a mão na espada muito fracamente e foi ferir o duque, e o duque a ele, e eles deram uns aos outros grandes golpes com as espadas que a fúria fez Olivas carregar, um pouco, mais ... força, tanto que parecia a todos que ele não lutava pior do que o duque. Agrajes ficou a sós com o outro cavaleiro e ambos também lutaram de pé, que quem o conseguisse melhor acharia difícil, mas Agrajes reclamou muito de derrotar como aquele que viu a mulher a olhar para ele e fez não querer perder um único ponto, não só o que ele tinha que fazer, ainda mais depois. Tanto que seus amigos pesaram, temendo que a força e o fôlego do estreito se esvaíssem, mas sempre foi assim em todos os lugares onde lutou, sempre sendo mais agressivo que outro cavaleiro e tomando muito cuidado para acabar com sua batalhas, e se por tanta força e esforço se dispôs a ser um dos melhores cavaleiros do mundo, e assim o foi, muito bom e precioso, e deu tantos golpes no elmo do cavaleiro que o cortou em quatro lugares, de muito pouco valor e menos defesa o fez, e o cavaleiro não entendeu senão guardar e proteger sua cabeça com o escudo, que o capacete era de pouca defesa, e o arreio muito menos, que estava desprotegido em muitos lugares. partes, e a carne cortada por mais de dez lugares por onde saiu o sangue.

Quando o cavaleiro estava tão mal, ele foi até onde o duque estava para ver se ele encontrava alguma objeção, mas Agrajes, que o seguia, o alcançou antes que ele chegasse e o acertou em cima de seu capacete, que estava quebrado em muitos lugares. , um golpe tão grande, que a espada penetrou por ele e pela cabeça, tanto que, ao puxá-la, atingiu o cavaleiro deitado a seus pés fervendo de raiva morte.

Agrajes olhou para o que o duque e Olivas estavam a fazer, e viu que Olivas tinha perdido tanto sangue que se espantou como conseguia viver e foi ajudá-lo, mas antes de lá chegar caiu morto do cavalo, e o duque pediu para não ver como Agrajes matou seu sobrinho e viu Dom Galvanes lutando contra o outro homem, ele o deixou assim no chão e foi o mais forte que pôde contra Galvanes e desferiu-lhe grandes golpes. Rapidamente Agrajes montou no cavalo de Olivas, julgando-o morto, e foi socorrer o tio, que estava muito maltratado, e quando chegou, desferiu tal golpe no sobrinho do duque que cortou o tiracol do escudo e arreios e fez entrar a espada através da carne até o osso. O cavaleiro tirou-lhe o rosto para ver quem o feriu e Agrajes deu-lhe outra pancada no visal do elmo e ficou nele a espada, que não conseguiu retirar, e puxando-a o fez romper os cordões do elmo para que a espada foi atrás dele e caiu por terra,

Galvanes, que teve grande fúria dele, deixando o duque, levou para bater na cabeça dele a céu aberto, mas o outro se cobriu com o escudo que havia sido muito usado para essa tarefa, mas como o tiracol havia cortado, ele não podia tanto fazer a sua cabeça não satisfez a fúria de Don Galvanes, sendo quase desfeito e seu mestre no chão morto. Enquanto Agrajes caminhava com o duque, fortemente envolvido em golpes fortes, mas quando seu tio chegou, eles o pegaram pelo meio e começaram a feri-lo por toda parte, tanto que o detestaram mortalmente, e quando ele se viu entre eles, começou a fugir até onde seu cavalo podia carregar, mas aqueles que não gostavam dele o seguiam aonde quer que fosse, tanto quanto podiam.

Quando todos os cavaleiros andantes o viram, ficaram muito felizes, e Dom Guilán mais do que todos, cuidando para que o duque morresse, ele pudesse desfrutar de sua amante, que a amava acima de tudo, mais à sua maneira. O cavalo de Galvanes ficou gravemente ferido e com a grande reclamação que deu para alcançar o Duque, não podendo mais agüentar ele, caiu com ele, então Galvanes, muito quebrado. Agrajes foi até o duque e o golpeou com a espada na borda do escudo. E a espada desceu até o pescoço um bom palmo e puxá-la o teria tirado da sela, mas o duque rapidamente puxou o escudo de seu pescoço e o deixou na espada e fugiu novamente o mais rápido que pôde. Agrajes desembainhou a espada do escudo e foi atrás dele, mas o duque voltou para ele e deu-lhe um ou dois golpes e fugiu como um cabo. Agrajes insultou-o e seguiu-o e deu-lhe uma pancada tão forte acima do ombro sinistro que lhe cortou o arreio e a carne e os ossos perto dos lados, de modo que o braço pendia do corpo. E o duque deu uma grande voz e Agrajes pegou-o pelo elmo e atirou-o contra si e como já estava aleijado, derrubou-o de leve do cavalo, deixando um pé no estribo que não conseguiu sair, e como o cavalo fugiu ele arrastou-o para todas as partes até que saiu dele cerca de um tiro de arco e quando chegaram encontraram-no morto e a cabeça feita em pedaços das mãos e pés do cavalo. Agrajes virou-se para onde estava o tio e, desmontando do cavalo, disse-lhe: "Senhor, como vais?"

"Sobrinho, senhor", disse ele, "bem, bendito Deus, e sinto muito por Olivas, nosso amigo, que pelo que sei está morto."

"De boa fé eu acredito", disse Agrajes, "e sinto muito por isso."

Então, Galvanes foi onde estava, e Agrajes para atirar os sobrinhos do duque e todas as suas armas para fora do campo e voltou para onde Olivas estava deitado e descobriu que já se lembrava do quanto e abriu os olhos com grande ânsia, pedindo uma confissão . Galvanes olhou para a ferida e disse:

"Bom amigo, não tema a morte, pois esta ferida não está em um lugar perigoso e assim que estancaste o sangue, serás um refúgio.

-Oh senhor! disse Olivas, "meu coração e os membros do meu corpo morrem e é isso. novamente fiquei gravemente ferido, mas nunca me senti tão fraco.

"A diminuição do sangue", disse Galvanes, "faz isso, porque muito se foi, mas não tenha medo dele."

Então eles o desarmaram e dar-lhe ar foi mais difícil e o sangue começou a parar logo. O rei mandou buscar uma cama na qual carregavam Olivas e o rei mandou que saíssem do campo e levaram Olivas para sua estalagem, e os professores vieram lá para curá-lo e vendo a ferida, embora fosse grande, disseram-lhe que cuidaria dele com a ajuda de Deus e do rei e muitos outros ficaram muito satisfeitos com isso. Assim ficou à guarda dos senhores e o duque e os seus sobrinhos foram levados pelos seus parentes para a sua terra e dessa batalha saiu Agrajes grande prez de um cavaleiro muito bom e a sua bondade era mais conhecida do que antes.

A rainha mandou chamar Blandisa, a esposa do duque, para vir até ela e prestar-lhe toda a honra e trazer com ela Aldeva, sua sobrinha. Don Guilán ficou muito satisfeito com isso e foi

para seu Don Grumedán mestre da rainha, e antes de um mês ele os trouxe para a corte, onde foram muito bem recebidos.

Bem, como você ouviu, o rei e a rainha de Londres estavam com muitas pessoas de cavaleiros e duenas e donzelas, onde antes de meio ano, conhecendo de outras terras a grande alteza em que a cavalaria ali era mantida, havia tantos cavaleiros que Considerou-se uma maravilha, a quem o rei honrou e fez muito bem, esperando com eles não só defender e proteger o seu grande reino da Grã-Bretanha, mas conquistar outros que estavam sujeitos e tributários daquela época, que por falta de reis ancestrais, sendo preguiçosos e poucos, subjugados a vícios e delícias, naquela época não eram, assim como ele.

Capítulo 40

Como aconteceu a batalha, que Amadís havia prometido fazer com Abiseos e seus dois filhos, no castelo de Grovenesa, à bela menina Briolanja, em vingança pela morte de seu pai, o rei.

Conte-nos a história de como Amadís esteve no castelo de Grovenesa, onde prometeu a Briolanja, a bela moça, vingar-se da morte do rei, seu pai, e estar lá com ela dentro de um ano, trazendo consigo dois outros cavaleiros para lutar com Abiseos e seus dois filhos, e como a bela moça lhe deu uma espada por seu amor, vendo que ele precisava, pois a sua quebraaria, defendendo-se dos cavaleiros que infelizmente naquele castelo queriam matá-lo , que depois de Deus ter sido libertado pelos leões que esta linda menina ordenou que fosse libertada, tendo grande misericórdia que um cavaleiro tão bom fosse tão mau, e como esta mesma espada quebrou Amadís em outro castelo do amigo de Angriote de Stravaus, Lutando com um cavaleiro, que Gasinán havia nomeado, e por sua ordem essas três peças da espada foram guardadas por Gandalín, seu escudeiro. E agora se dirá como aconteceu aquela batalha e que grande perigo lhe veio por causa daquela espada quebrada, não por causa dele, mas por causa de seu anão Ardian, que com grande ignorância, errou pensando que seu senhor Amadís amava aquela bela menina Briolanja de amor leal, vendo como ela se ofereceu por seu cavaleiro enquanto ele estava na frente dela, e quis levar aquela batalha por ela.

Agora saiba que quando Amadís estava na corte do rei Lisuarte, vendo muitas vezes aquela bela Oriana, sua amante, que era o fim e o fim de todos os seus desejos mortais, veio-lhe à mente esta batalha que tinha que travar, e como o prazo se aproximava. Por isso lhe convinha, porque sua promessa à revelia não era, pedir licença à amante com muito carinho, pois deixá-la com uma presença tão séria seria como separar o coração de sua carne, deixando-a saber o que naquela o castelo do tempo passou e a promessa que ele fez de vingar aquela menina Briolanja e restituí-la ao seu reino, que lhe havia sido tirado com tanta traição. Mas ela, com muitas lágrimas e angústia no coração, como se adivinhasse a desgraça que sobreveio a ambos por causa dela, considerando a culpa em que cairia se parasse, concedeu-lhe. E Amadís, também pedindo licença da rainha, porque parecia que ia a seu serviço, outro dia amanhã, levando consigo seu irmão Don Galaor e Agrajes, seu primo, armados em seus cavalos, puseram-se na estrada, e tendo andado meia légua, Amadís perguntou a Gandalín se trazia os três pedaços da espada que a bela moça lhe dera, e ele disse que não, e mandou que voltasse para buscá-los. O anão disse que os traria, já que não tinha nada com que se preocupar. Esta foi a ocasião em que Amadís e sua esposa Oriana e o anão, que o fizeram ignorantemente, foram ambos levados à morte, querendo mostrá-lhes a cruel fortuna que ninguém perdoa pelos xaropes amargos que a doçura de seu grande He tinha escondido e encerrado amores em si mesmo, como agora você vai ouvir, que o anão, chegou à hospedaria de Amadís, e pegando os pedaços da espada e colocando-os na aba do seu tabardo, passando pelos palácios da rainha das fenestrae , Ele se ouviu chamando, e levantando a cabeça viu Oriana e Mabilia, que lhe perguntaram por que ele não saiu com seu senhor.

"Sim, eu costumava sair", disse ele, "mas tive que voltar por causa do que tenho aqui."

"O que é isso?" Oriana disse. Ele mostrou a ela. Ela disse:

"Para que seu senhor quer a espada quebrada?"

-Para que? -Ele disse-. Porque ele a valorizava mais por quem a deu a ele do que os dois melhores saudáveis para dar a ele.

"E quem é esse?", disse ela.

"Ela mesma", disse o anão, "para quem a batalha vai acontecer, que embora você seja a filha do melhor rei do mundo e com tanta beleza, você gostaria de ter vencido o que ela ganhou, mais do que quanta terra seu pai tem."

"E que ganho", disse ela, "foi esse, quão precioso é?" Por acaso ele ganhou seu senhor?

"Sim", disse ele, "ela tem o coração dela inteiramente e ele ficou para que seu cavaleiro a servisse, e dando sua bronca o mais rápido que pôde, ele alcançou seu mestre, que descuidadamente e sem culpa por isso seu pensamento era eu.

Ouvindo isso de Oriana, vindo à sua memória que com tanto carinho a licença que Amadís exigia dele, dando plena fé ao que o anão disse, sua cor tingiu como a morte e seu coração queimando de fúria, palavras muito iradas contra aquele que Ele não pensava nele, mas no seu serviço, começou a dizer, torcendo as mãos uma contra a outra, fechando o coração de tal maneira que as lágrimas não saíam de seus olhos, que em si eram recolhidos com muito mais crueldade e com maior rigor o fizeram, que com muita razão a essa forte Medeia podia ser comparada, quando a seu esposo muito amado, com outro a ela rejeitada, casada ela viu. Bem, nem os consolos daquela Mabilia tão sã dada pelo caminho da razão e da verdade, nem os de sua donzela da Dinamarca, não se aproveitaram de nada, mas ela seguindo o que o cérebro apaixonado das mulheres está acostumado a seguir na maior parte , Ele caiu em um erro tão grande que a misericórdia do altíssimo Senhor foi necessária para repará-lo.

E o anão seguiu seu caminho até chegar a Amadís e seus companheiros que seguiram seu caminho até que o anão chegou. Então, eles se apressaram um pouco mais, mas Amadís não perguntou nada ao anão sobre o passado, nem o anão lhe contou, mas tanto que lhe mostrou os pedaços da espada.

Pois bem, indo assim, como vocês ouviram, pouco depois encontraram uma donzela e depois de cumprimentá-los, ela lhes disse: "Senhores, aonde vocês vão?"

"Por aqui", eles disseram.

"Bem, eu te aconselho," ela disse, "que você saia desta estrada.

"Por quê?", disse Amadís.

"Porque foi uma boa quinzena", disse ela, "já que não havia nenhum cavaleiro andante que não estava morto ou ferido.

"E de quem eles recebem esse dano?", disse Amadís.

"De um cavalheiro", disse ela, "que é o melhor em armas que conheço."

"Donzela", disse Agrajes, "mostre-nos esse cavalheiro." "Ele se mostrará a você", disse ele, "desde que você entre na floresta."

Então, continuando seu caminho e a donzela que os seguia, olharam para todos os lados e não viram nada, consideraram suas palavras em vão, mas na saída da floresta, viram um belo cavaleiro grande, todo armado, em uma bela cavalo ruão e ele tinha um escudeiro com quatro lanças, e ele tinha outra na mão, e quando os viu mandou o escudeiro e eles não sabiam o quê; mas ele colocou as lanças em uma árvore e foi até eles e disse:

"Cavalheiros, aquele cavalheiro mandou avisar que ele tinha que manter esta floresta longe de todos os cavaleiros andantes por quinze dias, durante os quais ela lhe convinha tão bem que ele sempre

vitorioso e com gosto de justa, ele já dura mais de um dia e meio, e agora, querendo ir embora, viu que você vinha e manda você dizer que se lhe apraz lutar com ele, que ele o fará enquanto a batalha de espadas cessar, porque Ele fez muito mal nela sem seu prazer, e ele não gostaria de fazê-lo de agora em diante se pudesse desculpá-lo.

Como o escudeiro lhes disse isso, Agrajes pegou seu capacete e colocou o escudo em volta do pescoço e disse: "Diga-lhe para tomar cuidado para que a mulher justa não morra por mim".

Quando o cavaleiro o viu aproximar-se, veio contra ele e como os seus cavalos corriam mais depressa se feriram com as lanças nos escudos para que depois fossem quebrados, e Agrajes desceu tão levemente ao chão que se espantou, que havia grande vergonha e seu cavalo solto. Galaor, que viu isso, pegou suas armas para vingá-lo e o cavaleiro da floresta pegou outra lança e foi até ele e ninguém perdeu o encontro, mas as lanças foram quebradas e os cavalos se juntaram e eles com os escudos um contra o outro, foi o golpe A tão grande que o cavalo de Galaor, que estava mais fraco e mais cansado que o outro, foi ao chão com seu senhor, e deixando Galaor no chão, o cavalo fugiu pelo campo. Amadís, que estava olhando para ele, começou a se benzer e pegando suas armas, disse: — Agora o cavaleiro pode ser elogiado contra os dois melhores do mundo, e foi contra ele e quando chegou a Don Galaor o encontrou pé com espada na mão chamando o cavaleiro para a batalha a cavalo e ele a pé, e o cavaleiro riu dele e Amadís disse:

— Irmão, não reclame, ele nos disse antes que não lutaria com espada.

Então o cavalheiro disse para tomar cuidado. Então eles se soltaram e as lanças voaram pelo ar em pedaços, mas os escudos e elmos se juntaram, o que foi maravilhoso, e Amadís e seu Cavalo caíram no chão, o cavalo quebrou sua espada e o cavaleiro da floresta caiu, mas ele pegou as rédeas na mão e depois cavalgou com muita leveza. Amadís lhe disse:

— Cavalheiro, mais uma vez é conveniente para você justa, porque a justa não é dividida, porque nós dois caímos.

"Não me agrada agora justa", disse o cavaleiro.

"Você vai me fazer sem motivo?", disse Amadís.

"Faça você mesmo", disse ele, "sempre que puder, porque de acordo com o que eu disse para você dizer, eu não sou mais obrigado."

Então ele se moveu de lá pela floresta até onde seu cavalo podia levá-lo. Amadís e seus companheiros, que assim o viram partir, permanecendo no chão, acharam-se muito desprezados e não puderam pensar quem era o cavaleiro que partira com tanta glória deles.

Amadís montou no cavalo de Gandalín e disse aos outros: "Vão atrás de

mim, pois vou me arrepender muito se não souber quem é esse cavaleiro".

"É verdade", disse a donzela, "o pensamento lhe dá o que você encontra pelo esforço que você coloca nele; seria a maior loucura do mundo que se todos os que estão na casa do rei Lisuarte o procurassem, não o encontrassem este ano se não houvesse quem os orientasse.

Ao ouvirem isso, ficaram muito tristes, e Galaor, que era mais perverso que os outros, disse à donzela: "Amiga, senhora, por acaso você sabe quem é esse senhor?" Onde poderia haver?

"Sim, eu sei alguma coisa sobre isso", disse ela, "não vou lhe dizer, porque não quero irritar um homem tão bom."

"Oh, donzela!" Galaor disse, pela fé que você deve a Deus e às coisas do mundo que você mais ama, conte-nos o que você sabe sobre isso.

"Não hesite em me conjurar", disse ela, "eu não descobriria sem algo fazendo um cavalheiro tão bom."

"Agora exija", disse Amadís, "o que lhe agrada que possamos cumprir e conceda-se ha, tanto quanto você diz.

"Eu vou te dizer", ela disse, "então você me diga quem você é e me dê os dois presentes quando eu os pedir.

Eles, que tinham grande preocupação em saber, concederam-no.

"Em nome de Deus", disse ela, "agora me diga seus nomes, e eles eles disseram. Quando soube que era Amadís, ficou muito feliz e lhe disse:

— A Deus a misericórdia que te exijo.

"E por quê?", disse ele.

"Senhor", disse ela, "você descobrirá quando chegar a hora, mas me diga se a batalha que você prometeu à filha do rei de Sobradisa, quando ele o ajudou com os leões e o salvou da morte, se juntará a você ."

"Membro", disse ele, "e agora estou indo para lá."

"Então como você quer", disse ela, "seguir este cavalheiro que não é tão fácil de encontrar." como você cuida e seu prazo está se aproximando?.

—Señor hermano —dijo don Galaor—, dice verdad, id vos y Agrajes al plazo que pusisteis y yo iré buscar al caballero con esta doncella, que jamás seré alegre hasta que lo halle, y si ser pudiere tornarme he a vos al tiempo de a batalha.

"Em nome de Deus", disse Amadís, "assim lhe agrada, assim seja", e disseram à criada: "Agora diga-nos o nome do cavaleiro e onde Don Galaor o encontrará."

"Seu nome", ela disse, "eu não poderia te dizer, eu não sei, embora tenha sido tanto tempo que esperei um mês por ele e o vi fazer tanto nos braços que alguém que não vê-lo mal podia acreditar, mas para onde ele vai, vou orientar quem quiser ir comigo.

— Com isso estou satisfeito, disse Don Galaor.

"Então me siga", disse ela. Eles se entregaram a Deus.

Amadís e Agrajes seguiram seu caminho como antes, e Don Galaor guiou a donzela. Amadís e Agrajes, partidos de Don Galaor, viajaram tanto em suas viagens que chegaram ao castelo de Torín, que tinha seu nome, onde estavam a bela menina e Grovenesa, e antes de chegar lá fizeram muitas boas cavalarias pelo caminho . Quando a dona soube que Amadís estava chegando, ela ficou muito feliz e veio contra ele com muitas donas e donzelas, trazendo a linda moça pela mão, e quando se viram, se receberam muito bem. Mas eu lhe digo que nessa época a menina era tão bonita que parecia nada mais que uma estrela brilhante. Por isso ficaram muito espantados que, em comparação com o que parecia hoje, não era nada quando Amadís o viu pela primeira vez, e disse contra Agrajes: sua vontade foi cumprida.

A dona disse: —

Sr. Amadís, Briolanja muito obrigado por sua vinda e o que se seguirá dela com a ajuda de Deus, desarmem-se e divirtam-se.

Em seguida, foram levados para um quarto onde, deixando suas armas com dois mantos cobertos, foram para a sala onde foram atendidos e enquanto ele conversava com Grovenesa, Briolanja olhou para Amadís e lhe pareceu o cavalheiro mais bonito que ela já tivera. já tinha visto, e pelo jeito que ele era. naquela época, que não tinha mais de vinte anos e tinha o rosto manchado de

as armas; mas considerando quão bem aquelas manchas foram usadas nele, e como com elas tornou sua fama e honra tão limpas e claras, muito em sua aparência e beleza aumentaram, e em tal ponto essa visão causou a daquela linda donzela que com tanto afeição o olhava tão amado que era, que por muito e muito tempo nunca pôde separar sua lembrança de seu coração, onde por grande força constrangida de amor seu espírito não podia sofrer ou resistir, tendo reivindicado seu reino, como mais tarde ele dirá, era da parte dela que se exigia dele e de sua pessoa, sem qualquer intervalo que o senhor pudesse haver; mas este saber Amadís fez saber que a angústia e a dor com as muitas lágrimas derramadas por sua esposa Oriana não sem grande lealdade passou por eles, embora o Senhor Infante D. colocar. Nisso ele fez o que era seu favor, mas não o que estava realmente escrito sobre seus amores. De outro modo se contam esses amores que com mais razão de dar é devido: que sendo Briolanja em seu reino restaurado, desfrutando-o com Amadís e Agrajes, como estavam feridos, ela permanecendo em seus amores, visto que em Amadís não há como isso seus desejos mortais surtiam efeito, falando em segredo com a donzela a quem Amadís e Galaor e Agrajes haviam prometido seus respectivos presentes, para que ele guiasse Don Galaor até a parte para onde o cavaleiro da floresta havia ido, para que ele voltasse daquele caminho, e descobrindo sua propriedade, exigiu com muitas lágrimas um remédio para sua paixão tão crescida, e a donzela, de luto por sua amante, exigiu de Amadís, para cumprir sua promessa, que ele não saísse de uma torre até que havia um filho ou filha em Briolanja e foi dado a ela e que Amadís para não quebrar sua palavra foi colocado na torre, como foi exigido dele, onde não querendo ter um encontro com Briolanja, perdendo comida e sono em grande perigo dele a vida foi colocada. Que era conhecido na corte de D. Lisuarte por se encontrar em tal apuro, a sua senhora Oriana, para não se perder, mandou-o ordenar-lhe que fizesse o que a donzela lhe exigia e que Amadís com esta licença por não ser capaz de sair de qualquer outra maneira, nem ser sua palavra verdadeira, que levando sua amiga, aquela linda rainha, havia nela um filho e uma filha de um ventre, mas nem um nem outro era assim, mas Briolanja, vendo como Amadís foi embora para a morte na torre onde estava, que ordenou à donzela que lhe tirasse o presente, para que ele não saísse de lá até que Don Galaor fosse levado, querendo que seus olhos apreciassem o que ele fazia não ver em grande escuridão e escuridão permaneceu , que era ter diante dele um senhor tão bonito e famoso.

Isso tem mais motivos para acreditar porque essa linda rainha casada estava com Don Galaor, como conta o quarto livro. Pois bem, Amadís e Agrajes estavam naquele castelo, como você ouve, esperando que as coisas necessárias no caminho para ir à batalha fossem preparadas.

Capítulo 41

Como don Galaor caminhou com a donzela em busca do cavaleiro que derrubado, até que ele foi combatido.

Don Galaor caminhou quatro dias orientando a donzela que devia mostrar ao cavaleiro da floresta, tempo em que lhe penetrou tanta fúria que não lutou com o cavaleiro para que não demonstrasse mau humor. Assim, a maioria deles foi morto por sua mão, pagando por aquele que não conheciam, e no final desses dias ele chegou à casa de um cavaleiro que morava em um vale em uma bela fortaleza. A donzela lhe disse que não havia outro lugar onde pudessem se abrigar, a não ser aquele e que deveriam ir para lá.

"Vamos, se você quiser", disse Don Galaor. Depois foram para o castelo, à porta do qual encontraram homens e senhoras e donzelas, que pareciam ser a casa de um homem bom. E entre eles estava um senhor de até sessenta anos, vestido com um manto escarlate, que os recebeu muito bem, dizendo a Don Galaor que descesse de seu cavalo, que muita honra e prazer lhe seriam feitos ali.

"Senhor", disse Don Galaor, "você nos recebe tão bem que, mesmo que encontrássemos outro albergue, não sairíamos do seu, e os homens que levaram o cavalo e a donzela o palafrém todos se refugiaram no castelo, onde em um palácio Don Galaor e sua A donzela jantou honestamente, e assim que as toalhas de mesa foram levantadas, o cavaleiro do castelo foi até eles e perguntou a Don Galaor se ele queria se deitar com a donzela, ele disse que não. Então ela trouxe duas donzelas que a levaram com elas e Galaor foi deixado sozinho para dormir e relaxar em uma cama rica que estava lá, e o hóspede lhe disse:

— Hoje seu jeito é mais relaxado, pois Deus sabe quanto prazer tive com a voz e teria com todos os cavaleiros andantes, porque fui cavaleiro e dois filhos que agora tenho feridas doloridas que seu estilo nada mais é do que para exigir as aventuras em que em muitos deles ganharam grandes prêmios em armas, mas ontem à noite passou por aqui um cavaleiro que os derrubou entre dois encontros separados, pois eram muito desprezados e montados em seus cavalos foram atrás dele, e o pegaram com ele na passagem de um rio que ele queria entrar em um barco e eles lhe disseram que já sabiam como ele ajustou que a batalha os manteria longe das espadas, mas o cavaleiro que estava indo com pressa não queria para fazê-lo, mas meus filhos o seguiram tanto dizendo que não o deixariam entrar no barco, e um proprietário que estava nele disse-lhes: "É verdade, senhores, vocês nos exageram em nos parar com tanto orgulho nosso senhor ". Eles disseram que não o deixariam em qualquer disfarce até que as espadas fossem testadas com eles. "Bem, é assim", disse o dono, "agora o melhor de vocês vai lutar, e se ele ganhar, deixe o outro parar." Disseram que se um deles ganhasse, também seria conveniente para ele tentar o outro, e o cavaleiro então disse muito bravo: "Agora vocês dois vêm, por causa de vocês não posso ir embora", e ele colocou seu mão em sua espada e os deixou ir e um de meus filhos foi até ele, mas ele não aguentou sua batalha, porque o cavaleiro não é como outro que veio e quando o outro, seu irmão, o viu em perigo de morte ele só queria correr ferindo o cavaleiro o mais bravamente que podia, mas ele não ajudou muito, que o cavaleiro parou os dois em tão pouco tempo que, aleijado, derrubou-os de seus cavalos no campo e, entrando em seu barco, ele saiu do caminho e eu fui buscar meus filhos, que estavam gravemente feridos e porque é melhor você acreditar no que eu lhe disse, quero mostrar-lhe os golpes mais fortes e evasivos que já foram dados pela mão de um cavaleiro .

Então, ele mandou trazer as armas que seus filhos tinham na batalha, e Galaor as viu manchadas de sangue e cortadas com golpes de espada tão grandes, que ficou muito surpreso com isso, e perguntou ao bom homem que armas o cavaleiro trouxeram. Ele disse a ela:

— Um escudo vermelho e dois leões marrons nele, e outro igual no elmo e ele estava em um cavalo ruão.

Don Galaor descobriu mais tarde que este era o que ele estava exigindo e disse contra o convidado: "Você conhece a propriedade desse senhor?"

"Não", disse ele.

"Bem, agora vá dormir", disse Galaor, "pois estou procurando por esse cavalheiro, e se eu o encontrar, eu o darei direito a mim e seus filhos ou eu vou morrer."

"Amigo, senhor", disse o convidado, "eu o louvaria se o senhor se envolvesse em outro processo, este tão perigoso, e se meus filhos se deram tão mal, sua grande arrogância sim, e eu fui até eles. abrigo." D. Galaor dormiu até de manhã, e pediu as suas armas e com a sua criada voltou para a estrada e o barco que ouviste passar e quando estavam a cinco léguas daquele lugar viram uma bela fortaleza e a empregada disse-lhe: estar de volta, e fui ao castelo e não demorou muito para ele vê-la chegando e outra donzela com ela e dez homens a cavalo, e a donzela era maravilhosamente bela e disse contra Galaor:

— Cavalheiro, esta donzela que caminha com você me diz que está procurando um cavalheiro de braços vermelhos e leões marrons para saber quem é; Digo-lhe que se pela força das armas, sob outra forma, nem você nem ninguém, nestes três anos você puder descobrir, e isso seria muito difícil para você terminar, porque eu sei com certeza que em todas as ilhas nenhum outro tal cavalheiro seria encontrado.

"Donzela", disse Galaor, "não vou parar de procurá-lo mesmo que ele se esconda mais, e se ele Olá, eu ficaria mais satisfeita se ele lutasse comigo do que se eu soubesse alguma coisa sobre ele em qualquer outra forma.

"Bem, você tem um gostinho disso", disse a donzela, "vou mostrar a você antes do terceiro ano." dia, pelo amor desta minha irmã que te espera, que tanto me implorou.

"Tenho-vos a grande graça", disse dom Galaor, e entrando na estrada à hora da noite anterior, chegaram a um braço de mar, cercado por uma ilha à sua volta, de modo que tiveram de percorrer três léguas pela água sem sair da terra. Antes de lá chegarem, e entrando num barco que encontraram no porto, juraram primeiro ao passante que não ia mais do que um cavalheiro, e começaram a navegar. Don Galaor perguntou à empregada por que fizeram aquele juramento.

"Porque é assim que a senhora da ilha para onde você vai mandar", disse ela, "não deixe acontecer." mais de um cavaleiro até que aquele retorne ou esteja morto.

"Quem os mata ou os derrota?" Don Galaor disse.

"Aquele cavalheiro que você exige", disse ela, "que esta senhora de quem estou falando está com ela há meio ano, a quem ela ama muito e a razão é que um torneio está sendo estabelecido nesta terra por ela e por outra amante muito bonita, aquele senhor que veio de uma terra estranha, estando do seu lado conquistou tudo e foi tão bem pago a ele que nunca relaxou até ser amigo, e tem com ele quem não o deixa ir em qualquer lado e porque por vezes quis sair à procura de aventuras, o dono, para o deter, faz-lhe passar alguns cavaleiros que o querem, com quem luta, dos quais dá as armas e os cavalos ao amigo, e os que correram o risco de morrer enterram-nos, e os vencidos jogam-nos fora, e dizem-vos que a dona é muito bonita e deu o nome de Corisanda e da ilha Gravisanda.

E Don Galaor lhe disse:

— Você sabe por que esse senhor foi para uma floresta, onde eu o encontrei e ele estava lá quinze dias guardando-a de todos os cavaleiros andantes que estavam nela?.

"Sim", disse a donzela, "que ele prometeu um presente a uma donzela antes de vir aqui e ordenou que ela guardasse aquela floresta quinze dias, como você e seu amigo dizem, embora muito contra sua vontade ele lhe deu um mês para ir ." e venha salvar a floresta.

Pues en esto hablando llegaron a la ínsula y era ya una pieza de la noche pasada, mas la luna hacía clara y saliendo de la barca albergaron aquella noche ribera de una pequeña agua, donde la doncella mandara armar dos tendejones, y allí cenaron y holgaron até a manhã. Galaor gostaria que aquela noite ficasse com a donzela, que era muito bonita, mas ela não quis, pois ele parecia o cavalheiro mais bonito de todos que ela tinha visto, ela se deleitava em conversar com ele.

Na manhã seguinte, Don Galaor montou em seu cavalo, armado e vestido para ir à batalha, e as donzelas e os outros homens também seguiram seu caminho. Galaor sempre conversava com a donzela e perguntava se ela sabia o nome do cavaleiro.

"É verdade", disse ela, "não há homem ou mulher em toda esta terra que saiba disso, a não ser seu amigo." Ficou então mais preocupado em conhecê-lo do que antes, pois sendo tão elogiado em armas de tal forma quis encobrir e depois de pouco tempo caminharam chegaram a uma planície onde encontraram um castelo muito bonito que ficava em cima de um alta colina e em torno dela havia uma grande planície muito bonita que se estendia uma grande légua de cada lado, e a donzela disse a Don Galaor: — Neste castelo ele é o cavaleiro que você procura. Ele mostrou grande prazer nela por encontrar o que procurava e eles foram mais longe e encontraram um muro de pedra bem feito, e em cima dele um chifre, e a donzela disse com prazer:

"Toque essa trompa para que ele possa ouvi-la, e depois de ouvi-la, o cavaleiro virá."

Galaor assim o fez e eles viram homens sair do castelo que montaram uma baia muito bonita no prado e até dez duenas e donzelas saíram, e entre elas veio uma senhora ricamente guarnecida das outras, e eles entraram na baia.

Galaor que olhava tudo, pareceu-lhe que o cavaleiro estava atrasado e disse à empregada: - Por que o cavaleiro não sai?

"Ele não virá", disse ela, "até que o dono o mande."

"Então eu lhe imploro, por cortesia", disse ele, "vá até ela e diga-lhe para enviar venha, porque tenho muito o que fazer em outro lugar e não posso parar.

A empregada assim o fez, e quando a dona ouviu o recado, ela disse: "Como é que nosso cavalheiro tem tão pouco e se preocupa tão levianamente em sair para cumprir seu dever em outro lugar?" Bem, ele irá mais rápido do que você pensa e mais para seu dano do que você pensa.

Então ele disse à sua criada:

"Vá e diga ao cavalheiro estranho que venha."

A donzela lhe contou e o cavaleiro saiu do castelo armado e a pé e seus homens lhe contaram. Trouxeram o cavalo e o escudo e a lança e o elmo, e ele foi até onde estava a dona e ela lhe disse:

"Você vê lá um cavaleiro louco que se importa um pouco com você ir embora?" Agora eu te digo deixe-o saber sua loucura.

E o abraçou e o beijou.

Com tudo isso, Don Galaor ficou ainda mais furioso. O cavaleiro cavalcou e pegou suas armas e desceu uma colina rápido enquanto descia e ele parecia tão bom e tão bonito que era

Maravilhoso. Galaor amarrou seu elmo e pegou o escudo e a lança, e ao vê-lo na planície, disse-lhe para ficar de guarda, e eles deixaram os cavalos correrem contra eles e se feriram com as lanças nos escudos que os falsificaram e desprotegiram os arreios, de modo que cada um deles ficou gravemente ferido e as lanças foram quebradas e passaram umas pelas outras. Don Galaor colocou a mão na espada e voltou para ele, mas o cavaleiro não tirou a espada da bainha, mas disse-lhe:

— Cavaleiro, pela fé que você deve a Deus e ao que mais ama, façamos justiça novamente.

"Você me conjura tanto", disse ele, "que eu vou fazer isso, mas lamento não ter um bom cavalo como você, e se ele tivesse, ele não pararia de lutar até que um deles caia ou quebrarmos tantas lanças quanto você poderia ter."

O cavaleiro não respondeu, antes de mandar um escudeiro lhe dar duas lanças e pegando uma ele mandou Don Galaor a outra, e eles se deixaram correr novamente e se encontraram tão fortemente nos escudos que foi maravilhoso e o cavalo de Galaor apunhalou os joelhos e quase não caiu, e o estranho cavaleiro perdeu os dois estribos e teve que abraçar o pescoço do cavalo. Galaor bateu com força no cavalo com as esporas e colocou a mão na espada e o estranho cavaleiro se endireitou na sela e houve uma forte vergonha, então ele colocou a mão na espada e disse: - Cavaleiro, você quer a batalha do espadas e verdade eu tenho, eu estava desconfiado,

mais para você do que para mim, se não agora você vai ver.

"Faça todo o seu poder", disse Galaor, "pois farei isso até morrer ou vingar." aqueles que você parou mal na floresta.

Então, o senhor olhou para ele e soube o que era o senhor que a pé o chamou para a batalha e disse-lhe com grande fúria:

— Vingue-se, se puder, embora eu acredite mais que vai demorar um decréscimo atrás do outro.

Então eles se atacaram tão bravamente, que não há um homem que ao vê-los não tenha tomado em si um grande susto. As donas e todas as do castelo, cuidaram, segundo quão valente era a bela, que quisessem ir junto, mais vendo-a das espadas, parecia-lhes mais cruel e valente matar, e feriram-se umas às outras. outras tantas vezes e com golpes tão mortíferos., que as cabeças se aproximavam do peito em detrimento de seu grau, cortando os arcos de aço dos capacetes com parte de suas saias, de modo que as espadas desciam até os travesseiros e os sentiam nas cabeças, pois os escudos eram todos feitos por rajás, dos quais se semeava o campo, e das malhas dos arreios.

Nessa disputa eles duraram um grande pedaço, tanto que cada um ficou maravilhado como não conquistou o outro. Neste momento, o cavalo de D. Galaor começou a cansar-se e a desmaiá, pois já não podia ir a um lugar ou a outro, de onde lhe veio grande fúria, porque cuidou para que a falha do seu cavalo o impedisse de ganhar tanto. tarde, mas o estranho cavaleiro o feriu com grandes golpes e saiu dele quando quis, e quando Galaor o alcançou, feriu-o com tanta força que a espada o fez sentir sua carne, mas seu cavalo já andava como se estivesse cego para cair. Ali temeu a morte mais do que em qualquer outra afronta, senão na batalha com Amadís, seu irmão, que nunca pensou em sair vivo. E depois dele, ele valorizou este cavaleiro mais do que qualquer outro que ele havia tentado, mas não a tal ponto que ele não pensasse que venceria se seu cavalo não o impedisse, e quando se viu em tal apuro disse:

"Cavaleiro, ou lutamos a pé ou me dá um cavalo que pode me ajudar, se não te matar eu tenho o seu e o seu será culpa dessa vilania.

"Faça tudo o que puder", disse o cavaleiro, "para que nossa batalha não exista mais." vagar, que grande vergonha é durar tanto.

"Bem, agora guarde o cavalo", disse Galaor. E o cavaleiro o estava machucando e com a suspeita do cavalo que não o matou, juntou-se muito com ele. Galaor, que o atingiu no escudo e o viu tão perto de si mesmo, jogou os braços em volta dele, apertando o máximo que pôde e feriu o cavalo com esporas puxando-o com tanta força que o arrancou da sela e os dois caíram no chão. O chão se abraçando, mas cada um tinha sua espada muito forte, e assim foram dando voltas no campo um grande pedaço até se soltarem, e se levantaram e começaram sua batalha tão brava e tão cruel que parecia apenas então que eles começaram, e se o primeiro em cavalos fortes e rudes se assemelhava a todos, este segundo muito mais, que quanto mais sem escrúpulos eles se juntavam e se machucavam, eles não descansavam por um momento que não lutar, mas Don Galaor, que com a fraqueza de Até então, seu cavalo não conseguia feri-lo à sua maneira, e agora se reunia com ele sempre que queria, deu-lhe golpes tão fortes e pesados que ele o fez bravamente asneira, mas não de maneira que não se defendesse com muita bravura. Quando Galaor viu que estava melhorando e seu oponente estava ficando mais fraco, jogou-se para fora e disse: — Bom cavaleiro, fique um pouco.

O outro, que precisava muito dele, ficou muito quieto, e lhe disse: -Você vê como eu tenho o melhor da batalha e se você me disser seu nome, terei grande prazer, e por que você encobre tanto muito, dou-te eu tirei e sem isso não te deixarei de forma alguma.

É verdade que, ouvindo isso, o cavaleiro disse: — Não me agrada afastar a batalha dessa maneira, porque minha condição nunca foi tal, porque nunca tive maior ânimo na batalha do que tive que lutar do que agora, porque nunca me encontrei tão extenuante como agora, em batalha que entrou e Deus ordena que eu não seja conhecido, mas para minha honra especial de um único cavaleiro.

"Não seja teimoso", disse Don Galaor, "pois eu juro pela fé de Deus que não vou deixá-lo até que eu saiba quem você é e por que você se cobre assim."

"Deus não me ajude mais", disse o cavaleiro, "se você sabe de mim, que eu prefiro morrer em batalha do que dizê-lo, portanto, mais força de armas, se não fosse por dois sozinhos, que eu não conheço, do que estes por si mesmos." cortesia ou pela força ninguém poderia ou deveria negar isso, querendo que eles soubessem.

— Quem são esses, que você valoriza tanto?, disse Galaor.
"Você nem saberá isso sobre mim, parece-me que isso lhe agradaria."
"Mas é verdade", disse don Galaor, "ou eu sei o que estou pedindo a você ou um de nós vai morrer, ou nós dois."

"Eu também não o quero", disse o cavalheiro. Então, eles foram atacar com tanta saúde que as feridas emaciadas se intensificaram, mais força ou ardor que o estranho cavaleiro colocado não teve vantagem, que Galaor o feriu tão bravamente, que as armas com parte da carne o despedaçaram, tanto sangue escorreu dela, que o campo a deixou vermelha. Quando a dona da ilha viu sua amiga à beira da morte, sendo a coisa do mundo que ela mais amava, seu coração não podia mais sofrer e ela foi até lá a pé como uma louca e as outras donas e donzelas atrás dela. E quando ele se aproximou de Dom Galaor, ele disse:

"Fique quieto, cavalheiro, mesmo que o barco que passou por você aqui esteja em pedaços, que você causou tanto sofrimento."

"Senhora", disse Galaor, "se lhe pesa vingar-me e a outro que é melhor do que eu, do mal que dele recebemos, não tenho culpa.

"Não machuque o cavalheiro", disse a dona, "pois você vai morrer nas mãos do cavaleiro." de quem não haverá misericórdia.

"Eu não sei como isso vai acabar", disse ele, "mas não vou deixar você em qualquer disfarce se você não souber primeiro o que estou lhe pedindo."

"E o que você pergunta a ele?", disse ela.

"Diga-me qual é o nome dele", disse ele, "por que encobre tanto e quem são os Dois senhores que valorizam mais do que todos no mundo.

-Oh! —disse o dono—, maldito seja aquele que te mostrou a dor e você que assim aprendeu. Eu quero te dizer o que você quer saber. Digo-vos que este nosso senhor tem o nome de Don Florestán e está assim encoberto por dois senhores que estão nesta terra, seus irmãos, de tão grande bondade de armas que embora a sua seja tão crescida, como provaram, não não se atreva a se entregar com eles, saber até que ele tenha feito tanto nas armas, que seu embaraço pode unir suas proezas às deles e ele está muito certo, de acordo com sua grande coragem e esses dois cavaleiros estão na casa do rei Lisuarte, e um tem o nome de Amadís, e o outro, Don Galaor, e são os três filhos do rei Perión de Gaula.

— Ai, Val Santa Maria! Don Galaor disse: "o que eu fiz?" Então ele entregou sua espada e disse: "Bom irmão, pegue esta espada e a honra da batalha".

"Como", disse ele, "eu sou seu irmão?"

"Sim, é verdade", disse ele, "sou seu irmão Don Galaor."

Don Florestán ajoelhou-se diante dele e disse:

"Senhor, perdoe-me, se eu cometí um erro em lutar contra você, sem saber, não foi por causa dele, mas porque sem vergonha você poderia me chamar de seu irmão, como sou, parecendo algo para sua grande coragem e grande preço de armas.

Galaor pegou-o pelas mãos e levantou-o e abraçou-o inteiro, chorando de prazer por tê-lo conhecido e de pena por vê-lo tão maltratado, com tantas feridas, pensando que sua vida estava em grande perigo.

Quando a dona viu isso, ficou muito feliz e disse contra Don Galaor:

"Senhor, se me puseste em grande angústia, com alegria dobrada o satisfizeste, e levando-os consigo levou-os ao castelo onde em uma bela quarto, em duas camas de ricos panos os fez deitar e como ela sabia curar feridas, cuidava muito deles, considerando que na vida de qualquer um deles era a vida de ambos, de acordo com o grande amor que tinham mostrado, e dela em dúvida, se algum perigo acontecesse com seu muito querido amigo Don Florestán.

Bem, como você ouviu, os dois irmãos estavam sob custódia daquela bela e rica proprietária Corisanda que queria tanto a vida deles quanto a dela.

Capítulo 42

Isso conta sobre Don Florestán como ele era filho do rei Perión e de que maneira ele em uma donzela muito bela, filha do Conde da Zelândia.

Eu quero que você saiba como e em que terra ele foi gerado e por quem, deste bravo e valente cavaleiro, Sr. Florestán. Saiba que quando o rei Perion era um jovem em busca de aventuras com seu coração forte e corajoso por muitas terras estranhas, ele morou na Alemanha por dois anos, onde fez tão grandes coisas nas armas que foram contadas como uma maravilha entre todos os alemães.

Pois bem, voltando à sua terra natal com muita glória e fama, prometi-lhe um dia hospedar-se na casa do Conde da Zelândia, que foi com ele muito feliz. Porque assim como o rei Perion tinha prazer em seguir o exercício das armas e com elas havia alcançado muitos elogios e elogios e como pela experiência alcançou tantas labutas, trabalhos e angústias quanto bons cavaleiros deveriam sofrer para que a medida do que fossem obrigados até que estivessem cheios, ele tinha este Perion tanto quanto aquele que se sentou no auge da fama e glória das armas, e ele lhe prestou muita honra e serviço, tanto quanto pôde, e já que jantaram e conversaram sobre algumas coisas porque aconteceram, o rei Perion foi chamado a um quarto onde se deitou em uma cama rica e como caminhava cansado, adormeceu mais tarde e não demorou muito para se encontrar abraçando uma donzela muito bonita e se juntar a ela boca com a dele, e como Ele concordou quis se jogar fora, mas ela o pegou e disse:

"O que é isso, senhor?" Você não estaria melhor descansando comigo nesta cama do que não sozinho?

O rei a provou pela luz que havia na câmara e viu que ela era a mulher mais bonita que ele já tinha visto e disse a ela: "Diga-me, quem é você?"

"Quem quer que eu seja", disse ela, "eu te amo gravemente e quero te dar meu amor."

"Isso não pode ser, se você não me contar primeiro."

-Oh! ela disse, o quanto essa pergunta me pesa, porque você não me leva para mais por pior que pareça, mas Deus sabe que não cabe a mim fazer.

"Ainda é bom", disse ele, "que você saiba ou eu não farei nada."

"Vou dizer-lhe primeiro", disse ela, "saiba que sou a filha deste conde."

O rei disse a

ela: "Mulher tão grande como você é, não é conveniente fazer tal loucura, e agora eu lhe digo que não farei nada em que seu pai fique tão zangado".

Ela disse:

"Ay! Que pena para aqueles que lhe prestam bondade, pois você é o pior homem do mundo e o mais imensurável." Que bondade pode haver em você para descartar a mais bela donzela e de maneira tão elevada?

"Farei", disse o rei Perion, "o que é sua honra e a minha, mas não o que é tão contrário a isso."

"Não", disse ela, "porque vou deixar meu pai mais zangado com você do que se você atendesse ao meu pedido."

Então ele se levantou e foi pegar a espada do rei que cabe no seu escudo, e essa foi a que depois colocaram Amadís na arca quando o jogaram no mar, como te foi dito no início deste livro., e ele jogou da bainha e colocou a ponta dela no lado direito do coração e disse:

— Agora sei que meu pai lamentará mais a minha morte do que a dele.

Quando o rei viu isso, ele ficou surpreso e pulou da cama contra ela, dizendo: "Esteja aí, eu farei

o que você quiser", e pegando a espada da mão dela, ele a abraçou carinhosamente e cumpriu sua vontade com ela. naquela noite, onde ela engravidou, sem que o rei a visse mais, pois quando chegou o dia ela deixou o conde e continuou seu caminho, mas encobriu sua gravidez o máximo que pôde, mas quando chegou a hora do parto ela não podia fazer isso, mas ela tinha um jeito como ela e uma donzela dela foi ver uma tia, que morava ali perto, onde ela às vezes ia para relaxar, e atravessando um pedaço da floresta ela deu à luz com tanta dificuldade que descendo do palafrém deu à luz um filho.

A donzela, que a viu com tanta fortuna, colocou a criança em seus seios e disse:

— Senhora, esse coração que você teve que errar, esse coração que você tem agora para lhe dar remédio até que eu volte para você, e então ele montou no palafrém e assim que pôde chegou ao castelo da tia e contou-lhe o caso como aconteceu, e quando ela ouviu isso ficou muito triste, mas não parou de ajudá-la e então ela montou e mandou levar uma liteira na qual ela às vezes ia ver o conde para se proteger do sol, e quando ela chegou onde estava sua sobrinha, desceu e chorou com ela e a fez colocar o filho na liteira e voltou à noite sem que ninguém o visse, exceto aqueles que estavam então em sua companhia, que foram punidos, que guardaram esse segredo muito com cuidado. Finalmente, a donzela foi curada e levada ao pai, sem saber nada disso, e o menino criado até os dezoito anos, que parecia muito corajoso em corpo e força, mais do que qualquer um em todo o país.

O proprietário, que o viu com tal disposição, deu-lhe um cavalo e armas e levou-o consigo ao conde, seu avô, que o armou de cavaleiro, e o fez sem saber que ali estava o neto, e voltou com seu servo ao castelo, mas na corrida disse-lhe que sabia que era seu filho do rei Perion de Gaula e neto daquele que o fez cavaleiro e que deveria ir ao encontro de seu pai, que era o melhor cavaleiro do mundo.

"É verdade, senhora", disse ele, "que já ouvi muitas vezes, mas nunca me importei que meu pai fosse, e pela fé que devo a Deus e a você que me criou, nunca conhecê-lo ou outro, se puder, até que digam que mereço ser filho de um homem tão bom.

E despedindo-se dela, levando consigo dois escudeiros, foi para a estrada de Constantinopla, onde se sabia que uma guerra cruel se travava no império. Lá passou quatro anos em que fez tantas coisas nas armas, que o tiveram como o melhor cavaleiro que nunca lá chegou, e como se viu em tão grande honra e fama, lembrou-se de ir a Gaula para seu pai, e dar-se a conhecer, mas chegando perto daquelas terras, ouviu a grande fama de Amadís, que então começava a fazer maravilhas, e também a de Don Galaor, de modo que seu propósito mudou para pensar que o que era seu antes do que era a deles era quase nada, e por esta razão ele pensou em começar de novo a vencer lá, na Grã-Bretanha, onde mais do que em qualquer outro lugar havia cavalheiros valiosos, e esconder sua propriedade até que suas obras com a satisfação de seu desejo a manifestassem. E assim ele passou algum tempo fazendo muitas cavalarias, passando-as para sua honra, até que Don Galaor, seu irmão, lutou com ele, como você ouviu, e eles se encontraram da maneira mencionada.

Amadís estuvo cinco días en el castillo de Grovenesa y Agrajes con él, y siendo aderezadas las cosas necesarias al camino, partieron de allí, solamente llevando Grovenesa y Briolanja dos doncellas y cinco hombres a caballo que los sirviese y tres palafrenes de diestro con sus guarnimientos muito ricos. Mas Briolanja só usava panos pretos e teve que usá-los assim até que seu pai fosse vingado. Pois bem, já tendo percorrido uma légua, Briolanja exigiu um presente de Amadís, e Grovenesa outro de Agrajes, e para eles

concedido, sem saber nem pensar do que se tratava, exigiram que por nada que vissem saísssem da estrada sem a sua permissão, porque não se ocupariam com outra afronta senão a que tinham presente. A concessão pesou muito sobre eles e eles sofreram grande vergonha, porque em alguns lugares sua ajuda era bem necessária que com grande direito eles podiam ser usados que não usavam, e assim eles ficaram envergonhados e andando como você ouve, depois de onze dias eles entraram a terra de Sobradisa e já era noite escura. Depois, saíram da grande estrada e percorreram bem três léguas de trilho, de modo que, tendo passado boa parte da noite, chegaram a um pequeno castelo que pertencia a uma criada do pai de Grovenesa, que se chamava Galumba, e que era muito velha. e muito discretamente, batendo à porta e sabendo da companhia que era, para grande prazer da senhora e de toda a sua família, abriram-na e acolheram-nos lá dentro, onde lhes foi servido jantar e camas para dormir e descansar.

E outro dia pela manhã Galumba perguntou a Grovenesa que estrada era aquela. Ela lhe contou como Amadís havia prometido a Briolanja vingar a morte de seu pai e acreditar sem dúvida que ele era o melhor cavaleiro do mundo. E ela lhe disse como ver a carroça em que ela e Briolanja iam, oito bons cavaleiros iriam derrotá-la, que ela trouxe para sua guarda e também o que ela viu feito no castelo contra seus homens, quando ele foi resgatado pelos leões. O proprietário ficou surpreso com tanta gentileza cavalheiresca e disse:

— Bem, ele é tal, seu parceiro valerá alguma coisa, e eles poderão acabar com esse fato, que levam com tanta razão. Mas tenho medo daquele traidor que não faz algum engano com o qual os mata.

"É por isso que venho até você", disse Grovenesa, "porque você me aconselha."

"Agora," ela disse, "deixe este fato para mim."

Então ele pegou tinta e pergaminho e fez uma carta e selou com o selo de Briolanja e falou uma sala separada com uma donzela, e dando-lhe a carta ele disse a ela o que fazer.

A donzela saiu do castelo em seu palafrém e caminhou tanto que chegou àquela grande cidade, que se chamava Sobradisa, onde todo o reino por isso tomou esse nome, e lá estava Abiseos e seus filhos Darsion e Dramis. Foram estes com quem Amadís teve que lutar, para que Abiseos matasse o pai de Briolanja, sendo seu irmão mais velho com a ganância de tomar o reino que tinha, como ele fez, que desde então até aquela hora reinou poderosamente mais pela força do que pela grau dos da terra.

Pois bem, quando a donzela chegou, ela então foi aos palácios do rei, e entrou pela porta, assim cavalgando muito ricamente vestida e os cavaleiros vieram a desmontar, mas ela lhes disse que não desceria até que o rei a visse e ordenasse que ela desmontasse, se isso lhe agradasse.

Então eles a pegaram pelas rédeas e a levaram para uma sala onde o rei estava com seus filhos e muitos outros cavaleiros, e ele a mandou descer do palafrém, se ela quisesse dizer alguma coisa. A donzela disse:

"Farei isso, com a condição de que você me leve sob sua custódia, que eu não receba nenhum dano por coisa que contra você ou contra outro aqui diz."

Ele disse que em sua custódia e sua real ele pegou e que sem suspeitas ele poderia dizer o que era chegando. Então ela desmontou do palafrém e disse:

— Senhor, trago-lhe tal incumbência, que exige estar na presença de todos os anciãos do reino, manda-os vir e saberá mais tarde.

"Eu entendo", disse o rei, "que eles são como você deseja, que eu os mandei vir seis anos atrás." dias para as coisas que estavam em conformidade.

"Estou muito satisfeita", disse a donzela. Então mande-os aqui juntos.

O rei ordenou que fossem chamados e, quando foram trazidos, a donzela disse:

— Rei, Briolanja, que você deserdou, lhe manda esta carta. Peça para ela ler antes disso pessoas e me dê a resposta do que você vai fazer.

Quando o rei ouviu falar de sua sobrinha Briolanja, foi uma grande vergonha, considerando o caolho que ele havia feito com ele, mas ele mandou ler a carta e não lhe disse mas que eles acreditam que, sua criada, o que ele diria da parte dele. Os nativos do reino que ali estavam, ao verem aquela mensagem de sua senhora, tiveram muita pena em seus corações por vê-la tão injustamente deserdada e rogaram a Deus que a curasse e não permitisse que ela suportasse uma traição tão grande por tão grandes. O rei disse à donzela:

— Diga o que eles mandaram para você, como você será tolo.

Ela disse:

"Senhor, rei, é verdade que você matou o pai de Briolanja e a deserdou de sua terra e disse muitas vezes que você e seus filhos defenderão com armas, que você fez isso com o direito, e Briolanja manda-te dizer que se nisto tens que ela trará aqui dois cavaleiros que por esta razão levariam a batalha por ela e te farão conhecer a deslealdade e o grande orgulho que fizeste.

Quando Darasion, o filho mais velho, ouviu isso, ficou muito zangado, muito zangado em sua coisas, e ele se levantou e disse sem prazer ao seu pai:

"Moça, se Briolanja tem esses cavaleiros e por isso eles querem lutar, então eu prometo a batalha para mim e para meu pai e meu irmão, e se eu não fizer isso, farei uma promessa diante desses cavaleiros de dar minha cabeça para o Briolanja que mandou cortar para o pai.

"É verdade", disse a donzela, "Darasion, você responde como um cavalheiro de grande esforço, mas não sei se você faz isso com maldade, eu vejo você sendo muito cruel, mas se você acabar com seu pai, o que eu dirá agora, acreditei que o fazes com a bondade e com o ardor que há em ti.

"Donzela", disse ele, "o que você vai dizer?"

Ella dijo:

—Haced a vuestro padre que haga atregar los caballeros de cuantos en esta tierra son así que por mal andanza que en la batalla os venga, no prendan mal, sino de vosotros y si esta seguranza dais, en este tercero día serán aquí os cavalheiros.

Darasion ajoelhou-se diante de seu pai e disse: "Senhor,

você vê o que a donzela pede, e o que eu prometi, e como minha honra é sua, que seja concedida a ela por você, caso contrário eles seriam vitoriosos sem afronta". e você e nós em grande culpa, tendo sempre publicado que se alguma cobrança à sua limpeza no passado foi imputada, que por batalha de nós três devemos ser expurgados, e embora isso não tenha sido prometido, devemos assumir nosso desafio, porque, segundo me dizem, estes senhores estão entre os loucos da casa de D. Lisuarte cuja grande arrogância e falta de cérebro faz com que, tendo as suas coisas em grande estima, desprezem as coisas dos outros.

O rei, que amava este filho mais do que a si mesmo, embora a morte de seu irmão, a quem ele culpou, foi feita, e a batalha muito duvidosa, deu o seguro dos cavaleiros, assim como a donzela foi exigida. Sendo já a hora de chegada permitida do altíssimo Senhor em que sua traição teve que ser punida, como você ouvirá mais tarde.

Vendo a donzela ser sua embaixada vindo para esse fim, ela disse ao rei e seus filhos:

— Prepare-se, porque amanhã estarão aqui aqueles com quem você tem que lutar, e cavalgando em seu palafrém, ele foi tão longe que chegou ao castelo e disse às duenas e aos cavaleiros como sua embaixada havia sido totalmente recolhida, mas quando ele disse que Darasion achava que eles eram loucos Sendo da casa do rei Lisuarte, Amadís se comoveu com grande fúria e disse:

— Bem, mesmo naquela casa há quem não pense muito em quebrar seu orgulho e até mesmo sua cabeça, mas ele viu que a raiva o dominava e se arrependeu do que disse.

Briolanja, que seus olhos não deixaram que o sentisse e disse:

"Meu senhor, você não pode voltar e fazer tanto contra esses traidores, que eles não merecem mais e como você sabe da morte de meu pai e do tempo que eles me deserdaram sem razão, tenha piedade de mim, que em Deus e em vos deixo todos os meus bens.

Amadís, cujo coração foi subjugado à virtude e colocado em toda suavidade, havia luto daquela linda donzela e disse-lhe:

"Minha boa senhora, a esperança que você tem em Deus eu tenho que amanhã, antes noite seja, sua grande tristeza será em grande clareza de alegria tomada.

Briolanja humilhou-o tanto que quis beijar-lhe os pés, mas ficou com muita vergonha e atirou-se para fora e Agrajes a pegou pelas mãos, porque depois ficou combinado que a partir daí, de madrugada, iriam ouvir missa na ermida das três nascentes, que ficava a meia légua de Sobradisa. Assim divertiram-se naquela noite, muito viciosos e para seu prazer, e Briolanja, que conversava muito com Amadís, muitas vezes se comoveu a pedi-la em casamento, e temendo que os pensamentos profundos e as lágrimas que às vezes via seus raios, não fosse a fraqueza de seu coração forte foi causado, mais do que ser atormentado, subjugado e afligido por outro por quem ele sustentou aquela paixão que ela passou por ele, tão acalmando a razão à vontade, eles a fizeram parar, ela o deixou, porque dormir e descansar na hora já dizia, levantar podia. Pois bem, na manhã seguinte, levando consigo Amadís e Agrajes, Grovenesa e Briolanja com a outra sua companhia, a uma hora do dia dirigiram-se à ermida das três fontes, onde ouviram missa de um bom eremita, e aqueles senhores Com grande devoção a Deus, eles oraram para que assim como Ele sabia que eles tinham direito e justiça naquela batalha, Ele por Sua misericórdia os ajudasse.

E então eles se armaram com todas as suas armas, levando apenas seus rostos e mãos sem elas, e cavalgando seus cavalos e eles em seus palafrém eles continuaram seu caminho até chegarem à cidade de Sobradisa, onde fora dela encontraram o Rei Abiseos e seus filhos que Com uma grande companhia de pessoas, já sabendo de sua vinda, os atenderam. Chegaram todos à parte de onde vinha Briolanja, que Amadís conduzia pelas rédeas e a amavam muito, tendo-a por amante de direito e natural e como Amadís vinha com ela na pressa do povo, tirou-lhe as máscaras porque todo o seu belo rosto Eles a viram, e quando a viram assim as lágrimas caíram de seus olhos e se voltaram contra eles com muito amor em seus corações, eles a abençoaram orando a Deus para que sua deserdação não acontecesse mais tarde.

Abiseos, que viu sua sobrinha diante dele, não podia tanto sua ganância ou maldade que uma grande vergonha poderia desculpá-lo, lembrando-se da traição que seu pai havia feito ao rei, mas enquanto ele estava endurecido nela, ele pensou que a fortuna ainda Não se irritou com aquela grande alteza em que a colocou e sentindo o que as pessoas sentiam ao ver Briolanja, ela disse: seu cérebro! , que se você tivesse, mais comigo, que eu sou um cavalheiro, do que com ela, sendo uma mulher magra, você deveria se contentar

e honrar com seu descanso e defesa, se você não vê que força ou favor é dela, que depois de tanto tempo não pôde alcançar mais destes senhores, que com grande engano vindo receber a morte ou a desonra, me faz ter pena deles!

Ao ouvir isso, Amadís foi tomado de grande fúria, tanto que através de seus olhos o sangue lhe pareceu saiu e disse contra Abyssus, levantando-se nos estribos, para que todos ouvissem:

— Abiseos, vejo que sente muito pela vinda de Briolanja, pela grande traição que cometeu quando matou o pai dele, que era seu irmão mais velho e senhor natural, e se tivesse tanta virtude e conhecimento que faria Separe-se desta grande maldade para ela o que é seu você deixaria, eu daria lugar, tirando a batalha, para que do seu pecado, exigindo misericórdia de Deus, tal penitência você peça, que assim como neste mundo a honra você perdeu, no outro, para onde você tem que ir, a alma, com sua salvação reparada.

Darásion saiu com muita raiva antes que seu pai pudesse responder, e disse: "Um certo cavaleiro louco da casa do rei Lisuarte, nunca pensei que pudesse sofrer tanto com alguém que ele diria na minha frente, mas vou fazer isso porque se você se atrever a ter o que Minha fúria está preparada, não demorará muito para ser vingado, e se seu coração falhar, você quer fugir, você não estará em uma parte que possa ter você e ordenar que você ser punido de tal maneira que tenha pena de todos aqueles que o olham.

Agrajes disse-lhe:

"Bem, você quer sustentar a traição de seu pai, arme-se e venha para a batalha, enquanto você está sentado, e se sua fortuna fosse tal que a morte que você tem em suas honras seja ressuscitada, se você não tenha aquele e eles com você que suas más ações merecem.

"Diga o que quiser", disse Darásion, "não demora muito para que essa sua língua sem o corpo seja enviada para a casa do rei Lisuarte, porque vendo essa dor, aqueles como você se apegam à sua loucura, e depois ele começou a exigir suas armas." , e seu pai e irmão outros; e armaram-se e, montados a cavalo, dirigiram-se a uma praça outrora limitada à luta, e Amadís com Agrajes, atando-lhes os elmos e levando os escudos e as lanças, entraram com eles no campo. Dramis, o irmão do meio, que era um valente cavaleiro, tanto que dois cavaleiros daquela terra não tinham campo para ele, disse contra seu pai: "Senhor, onde você e meu irmão estão, eu estava dispensado de falar, mas agora que eu tenho." para agir com essa grande força que eu tinha de Deus e de você, deixe-me com aquele senhor que mal lhe disse, e se eu não o matar com o primeiro lance, eu nunca quero trazer armas e se a sorte dele foi que eu não o atingi com o golpe certo, farei o mesmo com o primeiro golpe da espada.

Muitos ouviram o que este senhor dizia e meteram a cabeça naquilo, não considerando muito sua loucura, nem duvidando que ele não pudesse terminar de acordo com as grandes coisas que o viram fazer em armas. Bem, sendo assim, Darásion olhou para eles e viu que não eram mais que dois, e disse em voz alta: "O que é isso, eu sei que deve haver três de vocês, acho que o outro não coração, chame-o para vir, aí, não vamos dizer a ele." vamos parar

"Não se desculpe", disse Amadís, "do terceiro, há um bom aqui para protegê-lo e eu Eu confio em Deus que não demorará muito para o segundo que você quer ver, e ele disse: "Agora, observem-se".

Então eles deixaram os cavalos correrem uns contra os outros o mais forte que puderam, muito bem cobertos com seus escudos, e Dramis endireitou Amadís e se feriu tão ferozmente nos escudos que eles os falsificaram e as lanças atingiram seus lados e Dramis quebrou sua lança , mas Amadís Ele feriu tão ferozmente que, sem que o arreio fosse quebrado em nenhum lugar, ele quebrou seu coração dentro de seu corpo e o atingiu morto no chão com uma queda tão grande que parecia que uma torre estava caindo.

"Em nome de Deus", disse Ardián, o anão, "agora meu senhor está livre e mais seguro parece-me o seu trabalho do que a ameaça do outro.

Agrajes foi até os dois e encontrou Darasión e as lanças foram quebradas e Darasión perdeu um estribo, mas nenhum deles caiu. Abiseos morreu de seu golpe e quando voltou a montar viu seu filho Dramis morto, que não se mexia, pelo que houve grande tristeza, mas ele não pensou que ainda estivesse completamente morto e deixou Amadís ir com grande fúria, como aquele que a seu filho pensou em vingar-se e pressionou a lança com força debaixo do braço e o feriu com tanta força que falsificou o escudo, de modo que o ferro da lança entrou em seu braço e a lança quebrou. maneira que todos achavam que não aguentaria mais na batalha. Se isso era pena de Briolanja, não é de se pensar, que sem falta o coração à luz dos olhos morria e cairia do palafrém se não a corressem, mas quem não se assustou com tais golpes, cerrou os punho bem na boa espada que Arcalaus havia tomado, havia pouco, e ele foi bater em Abiseos com um golpe tão grande acima do elmo e cortou-o e entrou pela cabeça até o osso e Abiseos estava tão sobrecarregado com o golpe e tão atordoado que não pôde estar na cadeira e caiu, o que dificilmente poderia acontecer.

Quem assistiu ficou muito assustado, assim como Amadís; Com dois golpes ele havia atordoado dois cavaleiros tão fortes que eles acreditavam que não havia melhores no mundo. E soltou Darasion, que lutou tão bravamente com Agrajes que seria difícil encontrar dois outros que o fizessem melhor, e disse:

"É verdade, Darasión, creio que lhe agradaria ver o segundo antes de agora, fosse o terceiro a chegar, e Darasión não respondeu, mas cobriu-se bem com seu escudo, e Amadís, que estava prestes a feri-lo, Agrajes pôs-se diante dele e disse: "Irmão, senhor, assim o fizeste, deixa-me com este, que me ameaça com tanta arrogância que me mostraria a língua; mas Amadís, como ia com muita fúria, não entendeu bem o que Agrajes lhe disse e passou por ele e deu a Darasión um golpe tão grande no escudo que tudo o que o atingiu foi ao chão e ele baixou a espada para a frente pomo e cortou até o pescoço do cavalo e quando Darasión passou ele foi tão longe que havia espaço para ele enfiar a espada na barriga do cavalo, e quando o sentiu ferido começou a fugir com Amadís sem poder tê-la , mas ele puxou com tanta força as rédeas que ficaram em sua mão, e como se viu sem remédio nenhum e que o cavalo não o tiraria do campo, deu-lhe um tal golpe entre as orelhas com a espada, que sua cabeça se partiu em duas partes e ele caiu no chão morto de tal forma que Amadís ficou muito quebrado, mas levantando-se muito rapidamente, embora com grande ânsia e com a espada na mão ele foi contra Abiseos, que já havia levantou-se e ia ajudar o filho e neste momento Agrajes deu um golpe tão grande em Darasion com sua espada por cima do capacete que ele não conseguiu tirar e carregou para dentro e Começou a feri-lo com a sua própria com grandes golpes, e como Agrajes se via sem espada e não demonstrava fraqueza, foi tão depressa para a sua espada que o outro não teve lugar para o poder ferir e abraçando-se com ele. como aquele. que ele era muito liberal e Darasión jogou a espada de sua mão e o trancou firmemente com os braços e puxando um e outro para fora das cadeiras e caiu no chão e sendo assim abraçado, eles não o soltaram , Abiseos chegou e feriu Agrajes com grandes golpes e mesmo que tivesse algo mais errante, mate-o; Mas Amadís, que o viu, apressou-se o mais rápido que pôde e Abiseos, que não tinha o arreio, levantou-o à espada para colocá-lo, veio até ele e com medo de que ele o tivesse deixado e se cobriu com seu escudo e Amadís lhe deu um golpe tão grande que Ele o fez juntar-se a ele com seu capacete, então ele o atordou e ele estava prestes a cair.

Quando Agrajes viu o seu confrade Cabe Si, esforçou-se mais por levantar-se e Darasión fez o mesmo, para que cada um tivesse o bem de largar o outro e levantar-se. Agrajes, que viu a espada do outro no chão, pegou-a, e Darasión pôs as mãos na que tinha no elmo e puxou contra si mesmo para que a pusesse para fora e seu pai foi embora, mas Agrajes perdeu muito.

sangue de uma ferida em sua garganta, que todas as suas armas eram tinta.

Quando Amadís viu assim, houve uma grande dor, feroz, que ele pensou ser a ferida fatal e disse:

— Bom irmão, relaxe e me deixe com esses traidores.

"Senhor", disse ele, "não estou magoado porque parei de ajudá-lo, como você vê agora."

"Bem, eles", disse Amadís. Então eles foram feridos com golpes muito grandes, mas Amadís pensando que Agrajes era o perigo de sua ferida, com grande tristeza a raiva cresceu e com ela a força de tal forma que um e outro em poucas horas foram detidos por tal, que as armas foram despedaçadas e a carne um pouco menos. Assim, não podendo mais suportar seus golpes muito duros, fugiram daqui para lá, tremendo com ele com grande medo da morte.

Neste problema e infortúnio que você ouve, Abiseos e seu filho Darasión sofreram até a hora de Terce e como ele viu que sua morte estava próxima, ele pegou a espada com ambas as mãos e deixou Amadís ir com grande raiva e feriu-o tão severamente acima o elmo com tal golpe que não parecia um homem tão dolorido, que o machucou e derrubou a ponta do elmo e desceu a espada até o ombro sinistro e cortou um pedaço do arreio com um pedaço de carne .

Amadís sentiu-se gravemente com este golpe e não demorou muito para lhe dar o pagamento, e deu-lhe um golpe tão fatal com todas as suas forças no braço malfadado com o qual havia matado seu irmão rei e seu senhor natural, que cortando tudo ao longo do ombro ele foi derrubado no chão.

Quando Amadís o viu assim, disse:

— Abismos, você vê daquele que com traição foi capaz de grande prazer e alteza e agora você colocará na morte e nas profundezas do inferno.

Abiseos caiu com medo da morte e Amadís procurou o outro e viu como Agrajes o tinha jogado no chão e havia cortado sua cabeça. Então, todos da terra foram muito felizes para beijar as mãos de Briolanja, sua amante.

ACONSELHAMENTO

Tomemos um exemplo, cobiçosos que por Deus os grandes senhorios são dados no governo, que não só não se lembram de dar graças por tê-lo colocado em tamanha alteza, mas contra os seus mandamentos, perdendo o temor a Ele devido, não sendo felizes com aqueles estados que ele te deu e de teus predecessores te deixou, com mortes, com fogos e vermelhos aqueles alheios àqueles que na lei da verdade são, você quer usurpar e tomar, fugindo e separando seus pensamentos de retornar sua fúria e ganância contra os infieis, onde tudo seria muito bem aproveitado, não querendo gozar daquela grande glória que nossos reis católicos neste mundo e no outro desfrutam e gozarão, porque serviram a Deus com muitos trabalhos que fizeram. Pois bem, lembrai-vos de que os grandes estados e as riquezas não satisfazem os apetites gananciosos e danificados, antes os inflamam em muito maior quantidade e vós, os menores, aqueles a quem a sorte deu tanto poder e lugar, que sendo colocados em seus conselhos para guiá-los, assim como o leme do grande navio guia e governa, aconselha-os fielmente, ama-os, porque nisso você serve a Deus, você serve a tudo em geral. E mesmo que você não consiga a satisfação de seus desejos deste mundo, você alcançará o de outro que é infinito, e se, ao contrário, você fizer isso para seguir suas paixões e sua ganância, ao contrário, tudo dará certo. Vós com muita dor e angústia de vossas almas. , que com boa razão se deve acreditar ser ainda mais sob vossa responsabilidade, porque os principais ou com sua tenra idade e com inimigo poderia ser de seus julgamentos serem perturbados e colocar-se sem qualquer memória de sentido, contra as pontas afiadas das espadas, tendo isso para o melhor, então culpa dele, algum pedido de desculpas seria, principalmente fazendo isso com seu conselho, mas você que é livre, que vê o erro antes

vossos olhos e considerando a graça dos homens mortais mais do que a ira do Altíssimo Senhor, não só não os reprimis e tentais remover esse erro, mas esperando ser mais apreciados, mais usados, esquecendo o espiritual, abraçai-vos com as coisas do mundo, não lembrando quantos conselheiros dos altos homens passaram pela morte cruel que aqueles a quem mal aconselharam os fizeram dar, porque embora no presente as coisas erradas estando de acordo com os desejos danificados dêem muito contentamento, mais tarde quando essa névoa escura é removida e o verdadeiro conhecimento se torna claro, em maior quantidade eles são odiados por aqueles que os aconselharam.

Pois bem, que cada um tome conhecimento daquele rei cuja ganância desmedida moveu seu coração para tão grande traição, matando aquele irmão, seu rei e senhor natural, sentado na cadeira real, fazendo sua cabeça e coroa em duas partes, deixando-o dominando com grande força, com grande glória em sua opinião, aquele reino, acreditando que ele tinha a fortuna mutável sob seus pés. Bem, que fruto ele produziu dessas flores? Certamente não outra, exceto que o Senhor do mundo, sofredor de muitas injúrias, perdoador misericordioso deles com o devido conhecimento e arrependimento, vingadora cruel, não tendo permitido que ela viesse até aquele grosseiro carrasco Amadís de Gaula, que, matando Abiseos e seus filhos, para ele foi vingado aquela grande traição que foi feita a esse rei duplo, e se seus corações, dessa grande estreiteza na batalha, viram suas armas quebradas, sua carne muito dilacerada, por causa da qual eles sofreram uma morte cruel, não pensem que pagaram e expurgaram sua culpa, diante das almas que com muito pouco conhecimento de quem os ressuscitou, em seus erros e pecados, nos infernos cruéis, nas chamas ardentes, sem qualquer reparação serão perpetuamente danificado.

Bem, vamos deixar essas coisas perecíveis que muitos outros com muito trabalho foram mal conquistados e com muita dor deixaram pagando o que pecaram para sustentá-los e para nós pelo que ficarão e busquemos aqueles que prometem glória sem fim.

Retorna a história para contar o propósito iniciado. Vencida a batalha por Amadís e Agrajes, na qual morreram Abiseos e seus dois bravos filhos, como ouvistes, tendo-os lançado para fora do campo, Amadís não quis desarmar, mesmo estando ferido, até saber se algo no intervalo que tinha enviado a Briolanja para recolher o reino o impediu, mas aí chegou um grande senhor, muito poderoso no reino, que Gomán havia nomeado, com até cem homens de sua linhagem e casa, que na hora que encontraram com ele, e ele fez Amadís certo como aquele reino, Não podendo mais fazer tanto tempo, ele havia sido subjugado por aquele que com grande traição de seu senhor natural havia morrido e que Deus colocaria tal remédio que ele não temia nem pensava, mas todos estavam naquela lealdade e vassalagem que deviam àquela sua senhora Briolanja.

Com isso, Amadís e toda a comitiva foram para os palácios reais, onde nem oito dias se passaram antes que todos os do reino com grande alegria e alegria de seus espíritos viessem prestar obediência à rainha Briolanja. Ali Amadís foi jogado em uma cama onde aquela bela rainha, que o amava mais do que a si mesma, nunca a tinha deixado, a não ser para dormir, e Agrajes, que estava gravemente ferido, foi colocado sob a custódia de um homem que Ele sabia muito sobre essa necessidade, tê-lo em casa para impedi-lo de falar com qualquer pessoa, que a ferida era na garganta, e por isso era conveniente para ele fazê-lo.

Tudo o que mais neste livro se diz primeiro sobre os amores de Amadís e esta bela rainha foi aumentada, como já vos foi dito, e por isso, tão supérfluo e vão, restará contar, pois é irrelevante, antes disso, não é verdade, iria contrariar e prejudicar o que essa grande história vai te contar com mais razão.

Capítulo 43

Como don Galaor e Florestán, a caminho do reino de Sobradisa, encontraram três donzelas na fonte dos olmos.

Dom Galaor e Florestán estavam no castelo de Corisanda, como você ouviu, até que foram abrigos de suas feridas, e então eles concordaram em sair para procurar Amadís, que eles entenderam encontrá-lo no reino de Sobradisa, desejando que a batalha que ali aconteceria não foi dada até que eles chegassem e tivessem parte do perigo e da glória, se Deus lhes concedesse.

Quando Florestán se despediu de seu amigo, sua angústia e dor foram tão abundantes e com tantas lágrimas que tiveram grande pena dela, e Florestán a consolou prometendo que a veria novamente o mais rápido possível. Disparados dela, armados em seus cavalos e seus escudeiros com eles, foram entrar no barco, para que pudesse ser transferidos para terra, e no caminho para Sobradisa, Florestán disse a Don Galaor:

"Senhor, conceda-me um presente, por cortesia."

"Vai me pesar, senhor e bom irmão?", disse Don Galaor.

"Não vai importar", disse ele.

— Bem, exija o que posso fazer sem vergonha, o que farei com prazer.

"Exigindo-te", disse Don Florestán, "que não lutes nesta corrida por nada que vier até veres o que não posso fazer."

"Certamente", disse Don Galaor, "condolências pelo que você exigiu."

"Não se preocupe com isso", disse don Florestán, "pois se alguma coisa vale tanto para mim, é o seu tempo como é o meu, e assim aconteceu a eles que nos quatro dias em que caminharam por aquela estrada nunca encontraram uma aventura que valesse a pena contar, e no último dia chegaram a uma corte a tal hora que era hora de hospedar, e na porta do curral encontraram um senhor que gentilmente os convidou e eles ficaram satisfeitos em ficar lá naquela noite e fazendo-os desarmar e levar seus cavalos para serem curados, deram-lhes dois mantos separados. Eles cobriram e ficaram conversando e vadiando até que lá dentro, na torre, eles os levaram e lhes deram um jantar muito bom. Aquele senhor, de quem eram hóspedes, era grande e bonito e bem raciocinado, mas às vezes eles o viam ficar tão triste e com tanto cuidado, que os irmãos olhavam para ele e falavam entre si o que era, e Don Galaor lhe disse:

"Senhor, parece-nos que não estás tão feliz como deveria, e se a tua tristeza Para qualquer coisa em que nossa ajuda possa dar, diga-nos e faremos sua vontade.

"Muitas mercedes", disse o cavalheiro, "então eu entendo que vocês o farão como bons cavalheiros, mas minha tristeza é causada pela força do amor e não direi mais agora, o que seria minha grande vergonha, e falando de outras coisas, era hora de dormir.", e o hóspede indo para sua pousada, eles ficaram em um quarto bastante bonito onde havia duas camas em que dormiam e descansavam naquela noite, e pela manhã eles lhes entregavam suas armas e cavalos e seguiram seu caminho e o hóspede com eles, desarmado, em cima de um cavalo grande e leve, para lhes fazer companhia e ver o que encontravam pela frente. Assim os ia guiando, não pelo caminho certo, mas por outro que ele conhecia, onde queria ver se eram tais em armas sua presença o mostrava, e andaram tanto até chegarem a uma fonte que estava naquela terra, que eles chamavam de Fonte dos Três Olmos, porque havia três olmos grandes e altos. Bem, quando chegaram, viram três donzelas que estavam perto da fonte; eles pareciam muito bons

bonito e bem guarnecido, e em cima dos olmos viram um anão. Florestán entrou na frente e foi até as donzelas e as cumprimentou com muita cortesia como quem era medido e bem-educado, e uma delas lhe disse: "Deus te dê saúde, senhor cavaleiro, se você é tão forte quanto é bonito, Deus te fez muito bem."

"Donzela", disse ele, "se tal beleza lhe parece, a força lhe parece melhor, se você precisar dela."

"Você diz bem", disse ela, "e agora quero ver se seu esforço será suficiente para me trazer aqui."

"É verdade", disse Florestán, "para isso basta um pouco de gentileza, e se você quiser assim, eu te levo."

Então, ele ordenou que seus escudeiros a colocassem em um palafrém amarrado aos galhos dos olmos. Quando o anão, que estava no olmo, viu isso, gritou bem alto: — Siam, senhores; Saia, seu amigo está levando você, e com essas vozes um cavaleiro bem armado saiu de um vale em um grande cavalo e disse a Florestán:

"O que é isso, senhor?" Quem te manda pôr as mãos na minha donzela?

"Eu não tenho nada que seja seu, já que por testamento ela me pede para levá-la daqui."

O cavaleiro disse:

"Mesmo que ela conceda, eu não vou consentir com isso, pois eu a defendi contra outros cavaleiros melhor do que você."

"Eu não sei", disse Florestán, "como vai ser, mas se você não fizer isso com as palavras, eu vou levá-lo."

"Primeiro você saberá", disse ele, "como são os cavaleiros deste vale e como eles defendem aqueles que amam."

"Bem, agora tomem cuidado", disse Florestan. Então, eles deixaram os cavalos correrem um contra o outro e as lanças se feriram nos escudos e o cavaleiro quebrou a lança e Florestan o fez bater na borda do escudo no capacete que o fez romper os laços e derrubou-o da cabeça e ele não podia ter na sela, então ela caiu sobre a espada e a partiu em dois pedaços.

Florestan passou por ele e pegou a lança na mão e virou o cavaleiro e o viu como morto, e colocando a lança em seu rosto, ele disse: "Você está morto."

"Ay, senhor! Misericórdia", disse o cavaleiro, "você vê que estou como morto."

"Não adianta", disse ele, "se você não entregar a donzela para mim."

"Conceda-lhe", disse o cavaleiro, "e maldito seja e no dia em que o vi, que ela me fez fazer tantas loucuras até que eu perdi meu corpo."

Florestan o deixou e foi até a donzela e disse: "Você é minha".

"Você me conquistou bem", disse ela, "e pode fazer comigo o que quiser."

"Bem, agora vamos embora", disse ele. Mas outra donzela das que ficaram na fonte disse-lhe: "Senhor cavaleiro, boa companhia você partiu, há um ano estamos juntos e lamentamos a partida".

Florestán disse:

"Se você quiser ir comigo, eu te levo e assim você não vai fazer parte de uma empresa, o que não pode ser feito de outra forma, porque eu não deixaria uma donzela tão bonita como esta um aqui."

"Sim, ela é linda", disse ela, "não me considero tão feia que um cavalheiro não deva realizar um grande feito por mim, mas não acredito que você seja um daqueles que ousaria fazê-lo."

"Como", disse Florestan, "você toma cuidado para que eu esteja deixando você por medo?" Então me ajude Deus, não foi mas por não passar sua vontade e agora você vai ver.

Então, ele ordenou que ela fosse colocada em outro palafrém, e o anão gritou como se fosse o primeiro, e não demorou muito para que outro cavaleiro bem armado saísse do vale em um bom cavalo, que parecia muito bonito, e atrás ele um escudeiro carregando duas lanças, E ele disse contra Don Florestán: "Senhor Caballero,

você ganhou uma donzela e você não está feliz com a outra, agora será conveniente para você perder as duas e sua cabeça com elas, porque não é conveniente para um cavalheiro de tal linhagem como você ter em sua guarda uma mulher de tal altura." disfarce como a donzela é.

"Vocês se elogiam muito", disse Florestan, "porque há dois senhores na minha linhagem que Eu gostaria da minha ajuda ao invés de você sozinho.

"Porque você valoriza tanto os de sua linhagem", disse o cavaleiro, "por isso não o tenho mais do que você e os valorizo tanto quanto nada, mas você ganhou uma donzela daquele que não teve que te proteja e se eu te derrotei, deixa estar." minha empregada e se ela for derrotada ela leva consigo aquela outra que eu guardo.

— Estou feliz com essa festa, disse Florestán.

"Bem, agora se protejam, se puderem", disse o cavaleiro. Então, eles deixaram os cavalos correrem a toda velocidade e o cavaleiro feriu Florestán no escudo, que ele fingiu e parou no arreio, que era forte e bem malhado, e a lança quebrou, e Florestán morreu de seu encontro e passou por ele . O cavaleiro pegou outra lança do escudeiro que os trouxe, e Don Florestán, que estava envergonhado e muito zangado, porque seu irmão erraria o golpe, soltou-o e o encontrou com tanta força no escudo que o falsificou e o braço em que ele a carregou. , e passou a lança para o peito e empurrou-a com tanta força, que ele a ergueu da sela e a colocou nas ancas do cavalo, que, como se sentiu ali, jogou as pernas com tanta bravura que o atingiu em cheio. o campo, que era duro, uma queda tão grande, que nem a mão nem o pé se moviam. Florestan, que assim o via, disse à donzela: "Você é minha, esse seu amigo não vai defender você nem a si mesmo."

"É assim que parece para mim", disse ela.

Don Florestán olhou para a outra donzela que ficou sozinha na fonte e ficou muito triste e disse-lhe: "Moça, se te incomoda, não te deixaria sozinha".

A donzela olhou para o convidado e disse-lhe:

"Aconselho-o a sair daqui, pois bem sabe que estes dois senhores não são suficientes para o defender do que virá agora."

"Ainda assim", disse o convidado, "quero ver o que vai acontecer, porque este meu cavalo é um corredor rápido e minha torre está muito perto, então não há perigo algum."

-Oh! disse a donzela, "cuidado, não são mais do que três de vocês e vocês desarmados, e bem você sabe, contra ele, tanto é como nada.

Quando Don Florestán ouviu isso, a donzela ficou mais ansiosa para ver aquela de quem ele tanto falava, e ele a fez cavalgar em outro palafrém, como os outros, e o anão, que estava no olmo, disse:

— Sir Caballero, você é tão ousado que agora virá alguém que vingará a si mesmo e aos outros.

Então disse em voz alta:

— Correto, senhor, que demora muito, e depois um senhor que saiu do vale onde estavam os outros. Ele tinha armas engastadas com ouro e ele veio em um cavalo baio, tão grande e tão feroz que seria suficiente para um gigante, e o cavaleiro era tão grande e atarracado que parecia haver grande força e coragem nele e ele veio todo armado, sem querer nada, e atrás dele vieram dois escudeiros, armados de arreios e escalpos, como servos, e levando machados nas mãos grandes e muito afiadas, que o cavaleiro muito orgulhoso de ferir e disse contra Don Florestan:

"Fique quieto, cavalheiro, e não fuja, não vai adiantar nada, ainda é conveniente que você morra; porque ele morre como um homem valente e não como um homem covarde, porque a covardia você não pode desculpar.

Quando Florestán se viu ameaçado de morte e falando de um covarde, foi tão cruel que foi maravilhoso, e disse: "Venha, cativo, irracional e coisa ruim além da medida". Então me ajude Deus, eu te temo como uma grande fera sem esforço e coração.

-Oh! —disse o cavaleiro—, como me pesa, que não serei vingado em nada que te faça e Deus me ordenou agora que os quatro de sua linhagem que você mais preza estejam lá, porque eu cortei suas cabeças com você.

"Ele só mantém você longe de mim", disse Florestan, "pois vou, com a ajuda de Deus, garantir que eles sejam dispensados."

Então, eles deixaram suas lanças correrem baixas e bem cobertas por seu escudo e cada um teve grande fúria contra o outro, os encontros foram tão grandes nos escudos que eles os falsificaram e da mesma forma os arreios foram desmaiados com muita força, e o grande cavaleiro ele perdeu os dois estribos e sairia da sela se não abraçasse o pescoço do cavalo e Don Florestán para ir até um dos escudeiros pela passagem e prendê-lo com o machado que o outro tinha na mão e puxou com força que derrubou ele e a besta no chão e foi o cavaleiro, que, endireitando-se na sela, pegou o outro machado que quem o tinha estava pronto para colocá-lo em suas mãos e ambos, os machados, foram levantados e machucados uns aos outros dos capacetes, que eram feitos de aço fino e mais de três dedos entraram por eles, e Florestán foi tão atingido por um golpe que suas bochechas o fizeram juntar-se ao peito e o grande cavaleiro foi tão discordante que o machado saiu de suas mãos, enfiado no capacete de Flore e ele não tinha tanta força que pudesse levantar a cabeça do pescoço do cavalo e Florestán voltou para feri-lo e, como o segurava tão baixo, deu-lhe um golpe tão forte entre o capacete e a gola da loriga ao ar livre, que ligeiramente, ele baixou a cabeça até os pés do cavalo.

Feito isto, dirigiu-se às donzelas e a primeira disse: "É verdade, bom cavaleiro, foi uma hora tal que não acreditei que dez como tu não ganhaste, como só ganhaste a nós, e é certo que você nos tem como seu."

Então seu convidado veio até ele, que era um jovem e belo cavaleiro, como você já ouviu, e disse: "Senhor, eu amo esta donzela com muito amor e ela me teve por um ano que aquele cavaleiro que você matou me forçou sem ela." veja se ele deixou para mim, e agora que posso tê-lo para você, ficarei muito grato se você não pesar.

"Certamente, hóspede", disse ele, "se é isso que você diz, você encontrará em mim uma boa ajudante, mas contra a vontade dele eu não a daria a você ou a outro."

-Oh senhor! disse a donzela, "agrada-me e peço-lhe muito que me dê, pois eu o amo muito".

"Em nome de Deus", disse Florestan, "deixo você livre para fazer o que quiser."

A donzela acompanhou o convidado, muito alegre. Galaor mandou levar o grande cavalo baio que lhe parecia o mais belo, que nunca tinha visto, e deu ao hóspede aquele que trazia, e depois entraram no seu caminho e as donzelas com eles, e digo-vos que eles eram meninas e bonitas, e Don Florestán Ele pegou o primeiro para si e disse ao outro:

— Amigo, faça por aquele cavalheiro o que ele quiser, eu lhe ordeno.

"Como", disse ela, "este homem, que não vale tanto quanto uma mulher que você quer dar, que o viu em tal problema e não o ajudou?" É verdade que acredito que as armas que ele traz são mais para outra pessoa do que para si mesmo, de acordo com o coração que ele contém.

"Donzela", disse Don Florestán, "eu te juro pela fé que tenho em Deus que te dou o melhor cavalheiro que agora conheço no mundo, mas é Amadís, meu senhor.

A donzela provou Galaor e o estuprou, tão bonito e tão infantil que ficou maravilhada com o que ouviu dele e entregou seu amor a ele, e o outro a Don Florestán, e naquela noite foram se abrigar na casa de um dona, irmã do hóspede, onde se separaram e ela lhes prestou todo o serviço que pôde, pois sabia o que estava por vir para eles.

Lá se divertiram naquela noite e pela manhã voltaram ao seu caminho e disseram aos amigos: — Temos que viajar por muitas terras estranhas e será um grande trabalho para você nos seguir, diga-nos onde mais você será feliz para nós levarmos você.

"Bem, é assim que você gosta", disseram eles, "a quatro dias daqui, nesta estrada em que você está, há um castelo de uma dona, nossa tia, e vamos ficar lá."

Então eles continuaram em seu caminho para a frente. Galaor perguntou à criada: "Como aquele cavalheiro a manteve?"

"Eu vou te dizer", disse a donzela. Agora saiba, aquele grande cavaleiro que morreu em batalha, amava muito a donzela que seu convidado levou consigo, mas ela o detestava de todo coração e amava aquele que você lhe deu mais do que todas as coisas do mundo.

E o cavalheiro, como era o melhor destas terras, tomou-a à força, sem que ninguém lhe resistisse, e ela nunca quis dar-lhe o seu amor à sua medida, e como a amava tanto, impediu-se de se zangar. e disse-lhe: "Minha amiga, porque com grande razão posso ser amada e amada por ti, como o melhor cavaleiro do mundo farei o que ouvires por teu amor. melhor que nunca foi, que se chama Amadís de Gaula, matou um irmão meu na corte do rei Lisuarte, a quem Dardán o Orgulhoso tinha nome, e vou procurá-lo e cortar-lhe a cabeça, para que toda a sua fama se converterá em mim e enquanto isso for atrás colocarei em você duas donzelas, as mais belas desta terra, que te esperam e te darei dois cavalheiros do melhor de minha linhagem como amigos e tomaremos você todos os dias para a Fonte dos Três Olmos, que é um passo de muitos cavalheiros errantes, e se eles quiserem levá-lo até lá você verá belas justas e o que farei nelas , então por seu grau eu serei muito querido para você assim como eu te amo".

Dito isto, ele nos pegou e nos deu aqueles dois senhores que foram derrotados e nos mantiveram naquela fonte por um ano, onde fizeram muitas grandes cavalarias até agora que D. Florestan resolveu o processo.

"Certamente, amigo", disse Don Galaor, "seu pensamento sobre aquele cavalheiro era grande o suficiente, se ele pudesse levá-lo adiante, como ele disse." Mas primeiro, acho que ele estaria em grande perigo se encontrasse os Amadís que queria procurar.

"Assim me parece", disse ela, "de acordo com a melhora que você sabe que tem sobre você."

"Qual era o nome daquele cavalheiro?" disse Galaor.

"Alumas", disse ela, "e acrede que, se sua grande arrogância não o devastou, isso mesmo alta feita de armas era.

Falaram tanto disso e de outras coisas que chegaram ao castelo da tia, onde foram bem servidos, sabendo o dono como Dom Florestán mataria Alumas e seus companheiros venceriam, que aquelas, suas sobrinhos, com grande desonra, então sem causa e razão, pela força eles tinham.

Deixando-os ali, cavalgaram mais um dia e viajaram tanto que depois de quatro dias foram a uma cidade do reino de Sobradisa e lá souberam como Amadís e Agrajes mataram Abiseos e seus filhos em batalha e fizeram Briolanja rainha sem nenhum intervalo , que houve grande alegria e prazer e deram muitas graças a Deus. E a partir daí chegaram à cidade de Sobradisa e foram direto para os palácios, sem que ninguém os conhecesse e desmontando de seus cavalos entraram onde estavam Amadís e Agrajes, que já estavam saudáveis de suas feridas e estavam com a nova e bela rainha , Quando Amadís os viu assim, que já os conhecia através da donzela que guiara Don Galaor, e viu Don Florestán, tão grande e tão belo, e que já tinha ouvido falar de sua alta bondade, foi contra ele, lágrimas de tristeza caindo de seus olhos, alegria e Dom Florestán ajoelhou-se diante dele para beijar suas mãos, mas Amadís o levantou, abraçando-o, beijando-o e perguntando-lhe longamente sobre as coisas que lhe haviam acontecido. E depois falou com Dom Galaor e eles com seu confrade Agrajes, que o amava muito.

Quando a bela rainha Briolanja viu em sua casa tais quatro cavaleiros, por tanto tempo deserdada e com tanto medo encerrada num único castelo, onde a guardava quase por pena, e agora, encarregada em sua honra, em seu reino com tão grande giro da roda da fortuna, e que não só tinha um aparelhamento para se defender, mas ainda mais para conquistar outros, ajoelhou-se no chão depois de ter recebido aqueles dois irmãos com muito amor, dando grandes graças ao muito poderoso Senhor que de tal maneira, e com tanta pena dela, lembrou-se e disse aos senhores:

— Acreditem, senhores, essas revoltas e mudanças e maravilhas são de um Senhor muito alto, que para nós, quando as vemos, parecem muito grandes e diante dEle seu grande poder em nada, com razão, deveriam ser tido. Bem, vejamos agora essas grandes senhorias, essas riquezas que tantas angústias, tribulações, dores e angústias nos trazem vencendo, e conquistadas sustentando, seriam melhores como supérfluos e cruéis atormentadores dos sãos e mais das almas que os deixam e odiá-los, por não serem verdadeiros ou duráveis. A propósito, digo que não, antes de afirmar que estando com boa verdade, com boa consciência conquistada e adquirida e dando-lhes suave satisfação, aquele Senhor que os dá retendo em nós tanta parte, não para que a vontade, mais do que para que a Razão Satisfeita, possamos neste mundo alcançar descanso, prazer e alegria e no outro perpetuamente, perpetuamente em glória desfrutar de seu futuro.

TERMINE O PRIMEIRO LIVRO DO NOBRE
E VIRTUOSO CAVALEIRO AMADÍS DE GAULA.

SEGUNDO LIVRO

COMEÇA O SEGUNDO LIVRO DE AMADÍS DE GAULA

E porque as grandes coisas que serão ditas no Quarto Livro de Amadís de Gaula, eram da Ínsula Firme, tal como parece dele, é conveniente que neste Segundo relate o que era esta Ínsula Firme e quem eram esses encantos que nele havia e grande esquerda porque sendo este o início do dito Livro, no lugar apropriado ele será relatado.

Na Grécia, ele era um rei casado com uma irmã do imperador de Constantinopla, em quem havia dois filhos muito bonitos, especialmente o mais velho, que se chamava Apolidon, que, tanto na força do corpo quanto no esforço do coração, em seu tempo nenhum se igualou a ele. Pois bem, este, entregando-se às ciências de todas as artes com sua sutil engenhosidade, que muito raramente coincide com grande coragem, alcançou tanto delas que, como a lua clara entre as estrelas, brilhou mais do que todas as de seu tempo. , especialmente naqueles de necromancia, embora para ele as coisas impossíveis pareçam ser feitas.

Pois bem, este rei, seu pai destas duas crianças, sendo muito rico em dinheiro e pobre de vida, conforme a sua grande velhice, vendo-se à beira da morte, ordena que seu filho Apolidon, por ser mais velho, o rei não deveria ficar com ele, para o outro deixou seus grandes tesouros e livros, que eram muitos e valiam muito. Mas ele não ficou feliz com isso, com muitas lágrimas ao pai ele disse que com isso quase foi deserdado. O pai torcendo as mãos, não podendo fazer mais nada, seu coração estava em grande angústia. Mas aquele famoso Apolidon, que tanto pelas grandes afrontas como pelos carros de virtude seu coração era digno, vendo a pequena aflição do pai e a pequenez do irmão, disse que porque sua alma estava consolada, que levando os tesouros e seus livros, para seu irmão deixaria o reino, ao que o rei, seu pai, muito consolado, com muitas lágrimas de piedade, deu-lhe sua bênção.

Para Apolidon pegar os grandes tesouros e os livros, ele armou certos navios, tanto para bons cavaleiros escolhidos quanto para suprimentos e armas. E neles preso, junto ao mar não foi para outro lugar senão para onde a fortuna o guiou, que vendo como se colocava este infante em sua vontade, quis aquela grande obediência de seu velho pai, dada com muita glória e grande grandeza, pagou-o, trazendo ventos prósperos que sem intervalo sua frota chegou ao império de Roma, onde então imperador era o chamado Siudán, do qual foi muito bem recebido.

E havendo algum espaço de tempo juntos suas grandes coisas nas armas, que ele havia feito antes por outras terras, das quais em grande estima era seu grande elogio exaltado com os presentes que ali fez, foi porque com muito amor de uma irmã do imperador, chamado Grimanesa, era amado, que em todo o mundo sua grande fama e beleza floresceu entre todas as mulheres. Daí se seguiu que assim ele a amou como era amado, não tendo uma e outra esperança de serem seus amores de fato vindo de qualquer forma, com o consentimento dos dois, Grimanesa partida dos palácios do imperador, sua irmão, e puseram na frota de seu amigo Apolidón, pelo mar velejando, à Ínsula Firme contribuíram, que de um bravo gigante foi governado. Aonde quer que fosse Apolidon sem saber que terra era, mandou que se tirassem uma tenda e um rico estrado para que sua senhora, que estava muito zangada com o mar, pudesse se divertir. Mas depois, na hora, o bravo gigante armado, para eles chegando

Ele os colocou em um grande choque, com o qual, de acordo com o grande costume da Insula para salvar sua senhora e ele e sua companhia, Apolidón lutou. E derrotando-o com sua grande bondade e bravura, deixando-o morto no campo, Apolidón era senhor livre da mesma Insula, que depois de ter visto sua grande força, não só o imperador de Roma, a quem se zangou por ter assim trazido sua irmã, mas não temia a todos. Em que, por ser tão malvado e arrogante, o gigante não era muito amado por todos, e Apolidon, depois de conhecido, era muito amado.

Ganhou a Insula Firme por Apolidón, como você ouviu, ela viveu lá com seu amigo Grimanesa por dezessete anos, com tanto prazer que seus espíritos foram satisfeitos por aqueles desejos mortais, que eles passaram um pelo outro.

Naquela época foram feitas construções riquíssimas, tanto com suas grandes riquezas, quanto com seu farto conhecimento, que qualquer imperador ou rei, por mais rico que fosse, seria muito sério para terminar. Ao final desses anos, o imperador da Grécia morrendo sem herdeiro, os gregos conhecendo as virtudes deste Apolidon e sendo daquele sangue e linhagem dos imperadores e por parte de sua mãe de todos em harmonia e vontade, ele foi escolhido, enviando-lhe, onde quer que estivesse na ínsula, seus mensageiros através dos quais lhe fizeram saber que o amavam por seu imperador Apolidon, vendo que um império tão grande lhe oferecia, como naquela ínsula todas as delícias que podiam ser encontradas ser alcançado, e sabendo que dos grandes senhorios antes do cansaço e do trabalho que se alcançam delícias e prazeres e, se houver, se misturam com amargos jaropes, seguindo o natural dos homens mortais, cujo desejo nunca é feliz ou farto, ela concordou com a amiga, que deixando aqueles onde estavam, levaram o império que lhes foi oferecido, mas ela, tendo grande mancha que uma coisa tão marcada, como era aquela Ilha onde tais e tais grandes coisas permaneceram, possuída por aquele sua grande amiga ir, o melhor cavaleiro de armas que havia no mundo e para ela que pelos semelhantes acima de todos os de seu tempo foi elogiada sua grande beleza, e junto com isso, ser amado por si mesmo na mesma perfeição que o amor alcança. possível, implorou a Apolidón que antes de sua partida saísse de lá para seu grande conhecimento, pois em tempos vindouros, aquele lugar seria governado apenas por uma pessoa que, na força das armas, bem como na lealdade dos amores e da beleza abundante, parecia a ambos.

Apolidon disse-

Ihe: "Minha senhora, por favor, farei isso de tal maneira que nenhum senhor ou madame seja possível, mas aqueles que mais se distinguem no que disse.

Então ele fez um arco na entrada de um pomar no qual havia árvores de todos os tipos, e outras coisas, havia nele quatro câmaras ricas de estranho artesanato e estava cercado de tal maneira que ninguém podia entrar, exceto sob o arco. Em cima colocou a imagem de um homem de cobre e tinha um chifre na boca como se quisesse dedilhar. E dentro de um desses palácios ele colocou duas figuras à sua semelhança e a de seu amigo, de tal forma que pareciam vivas, seus rostos exatamente como o seu e sua estatura, e eles se encaixavam em uma pedra de jaspe muito clara e ele tinha um padrão de ferro de cinco côvados de altura, a um telhado de meia besta em um grande campo, que era largo e dizia: — De agora em diante

nenhum homem ou mulher passará se tiver errado, e aqueles que primeiro começaram a amar, porque a imagem que você vê soará aquela tromba com tão medonha fumaça e chamas de fogo, que os deixará aleijados e tão mortos quanto serão lançados deste lugar. Mas se aqui vier um tal cavalheiro, senhora ou donzela que seja digno de terminar esta empreitada, devido à sua grande lealdade como já disse, entrarão sem demora.

e a imagem a tornará tão doce que será muito gostoso ouvir aqueles que a ouvirem, e verão nossas imagens que seus nomes estão escritos no jasmim que não sabem quem as escreve.

E tomado a amiga pela mão, ela a fez entrar sob o arco e a imagem fez o som doce e mostrou-lhe as imagens e seus nomes escritos no jaspe. E quando Grimanesa saiu, ela queria que ele fosse julgado e ela ordenou que algumas de suas donas e donzelas entrassem, mas a imagem fez um barulho assustador com grande fumaça e chamas de fogo, então elas foram aleijadas sem qualquer sentido, e jogadas fora do arco e dos cavaleiros, que Grimanesa, sendo verdadeiro, sem perigo, com grande prazer para eles, riu, agradecendo muito ao seu querido amigo Apolidón pelo que ele havia feito tanto para a satisfação de sua vontade, e então ele disse:

"Meu senhor, então, o que será daquele rico aposento em que tivemos tanto prazer e deleite?"

"Agora", disse ele, "vamos lá e você verá o que vou fazer lá."

Assim, subiram até onde estava a câmara e Apolidón mandou trazer dois moldes, um de pedra e outro de cobre, e o de pedra ele havia colocado a cinco passos da porta da câmara e o de cobre a cinco passos mais longe, e disse ao amigo: — Agora, saiba que nem homem nem mulher podem entrar nesta câmara de qualquer maneira ou por

qualquer período de tempo, até que venha aqui um cavaleiro que estou desarmado, nem uma mulher se Eu não estou sem beleza. Mas se eles vierem, que eles me derrotam com armas e você com beleza, eles entrarão sem nenhum impedimento.

E ele colocou algumas letras no padrão de cobre que diziam:

"Daqui passarão os cavaleiros em que há grande bondade de armas, cada um de acordo com seu valor, então ele irá para a frente.

E colocou outras letras no padrão de pedra que diziam: — Daqui só passará o cavaleiro que dá bondade de armas a Apolidón.

E por cima da porta da câmara colocou algumas cartas que diziam: "Aquele que exagerar na minha bondade, entrará na rica câmara e será senhor desta ilha e assim chegarão as donas e donzelas, para que ninguém entre dentro sem você." a beleza não passará, e sua sabedoria fez tal encantamento que, com doze passos ao redor, ninguém poderia chegar à câmara, nem tinha outra entrada, a não ser pelos estandartes que você ouviu, e ordenou que naquela ilha deveria haver um governador que governasse e recebesse os rendimentos dela e eram guardados para aquele senhor que entrasse na câmara e fosse senhor da ilha, e ordenou que aqueles que morressem no arco dos amantes, que sem fazendo-lhes honra deveriam ser expulsos e aqueles que terminassem deveriam ser servidos, e ele disse mais, que os cavaleiros que tentassem a câmara e não pudessem entrar no padrão de cobre deveriam deixar suas armas lá, e aqueles que passassem algo do padrão só devem levar suas espadas, e do que o padrão de mármore chegaram, que só levem os escudos, e se vierem que passem deste estandarte e não possam entrar, que levem suas esporas, e as donzelas e donas que nada levem, a não ser que dizendo seus nomes ponham eles na porta do castelo, apontando para onde cada um havia chegado, e disse: "Quando esta ilha existir, senhor, o encantamento será levantado para os cavaleiros, que poderão passar livremente pelos padrones e entrar no câmara, mas não será para as mulheres." mulheres até que ela venha que, devido à sua grande beleza, a fortuna terminará e eu me hospedarei dentro da rica câmara com o cavaleiro que o senhorio terá vencido.

Feito isso, Apolidón e Grimanesa, deixando a Ínsula Firme com tal precaução, como ouvistes, em seus navios partiram de onde foram para a Grécia, onde foram imperadores e tiveram filhos, que no império, depois de seus dias , conseguiu.

Mas agora, parando de falar mais sobre isso, dir-se-á o que Amadís e seus irmãos e Agrajes, seu primo, fizeram depois de festejarem na casa da bela rainha Briolanja.

Capítulo 44

Como Amadís, com os seus irmãos e o seu primo Agrajes, foram para onde estava o Rei Lisuarte, e como foi uma aventura para eles irem à encantada Ínsula Firme para viverem as aventuras e o que lhes acontecia lá.

Amadís e seus irmãos e seu primo Agrajes, estando com a nova rainha Briolanja no reino de Sobradisa, onde foram muito honrados e bem servidos por todo o reino, Amadís sempre pensando em sua senhora Oriana e sua grande beleza, seu coração estava atormentado por grande angústia e grande angústia, tantas lágrimas dormindo e vigiando, que por mais que ele quisesse encobri-las, elas se manifestavam a todos. Mas não sabendo a causa deles, eles os julgaram de várias maneiras, porque assim como era o grande caso, além de sua grande discrição, o segredo era guardado, como aquele que tinha todas as coisas de virtude trancadas em seu forte coração.

Mas o seu coração atribulado não podendo mais sofrer tanta dor, pediu licença à formosa rainha com as suas companheiras e no caminho onde se encontrava o rei Lisuarte, pôde, não sem grande dor e angústia daquela que o amava mais do que ela própria.

Pois bem, alguns dias com muita vontade de caminhar, de fortuna, porque assim lhe agradava, com maior demora do que queria nem pensava que queria impedi-lo, como agora você vai ouvir, que encontrando uma ermida no caminho, entrando nela para rezar viram uma bela donzela e duas outras donzelas e quatro escudeiros que a guardavam, os quais, quando ela saiu da ermida, e eles estavam esperando na estrada, quando chegaram, ela lhes perguntou onde era o caminho. Amadís disse-lhe: "Moça, vamos à casa do rei Lisuarte, e se lhe apraz ir lá, vamos acompanhá-la."

"Muito obrigado", disse ela, "mas vou para outro lugar, mas porque os vi andar armados como os cavaleiros que as aventuras exigem, concordei em atendê-los se algum de vocês quisesse ir à Ínsula Firme para ver as coisas estranhas." e se pergunta que eles estão lá, que eu vou lá e sou filha do governador que a ilha agora tem.

"Oh, Santa Maria!" disse Amadís, "pelo amor de Deus, muitas vezes ouvi falar do maravilhas desta ilha, e por falar nisso, ela tinha que ver, e até agora não foi preparada para mim.

"Bom senhor, não se desculpe pelo atraso", disse ela, "pois muitos outros aquele desejo e quando o colocaram em ação não saíram de lá tão felizes quanto entraram.

"Você diz a verdade", disse ele, "de acordo com o que ouvi, mas diga-me: iremos muito além do nosso caminho se formos?"

"Você iria em torno de dois dias", disse ela.

"Contra esta parte do grande mar está esta Insula Firme", disse ele, "onde está o arco encantado dos amantes leais, onde nenhum homem ou mulher pode entrar se perdeu aquele ou aquele que começou a amar." "Isto é, a propósito", disse a donzela, "assim como muitas outras maravilhas que há nela."

Então Agrajes disse aos companheiros: "Não sei o que vocês vão fazer, mas quero ir com esta donzela ver as coisas daquela Ilha".

Ela lhe disse:

— Se você é um amante tão fiel que entra pelo arco encantado, lá verá as belas imagens de Apolidón e Grimanesa e seu nome escrito em uma pedra onde encontrará outros dois nomes escritos, e nada mais, embora existam cem anos desde que aquele encantamento foi feito.

"Para Deus você vai", disse Agrajes, "vou provar se posso ser o terceiro."

Amadís, que não tinha menos esperança de que aquela aventura terminasse segundo seu coração sentiu, disse contra seus irmãos:

"Nós não somos amantes, mas seria bom para nós esperarmos por nosso primo." que é fresco no coração.

"Em nome de Deus", eles disseram, "orem a ele para que seja para o bem."

Depois, os quatro deslocaram-se juntos com a donzela a caminho da Ínsula Firme. Don Florestán disse a Amadís: "Senhor, você sabe algo sobre esta ilha que eu nunca soube, embora eu tenha visitado muitas terras".

andei, até agora não ouvi nada a dizer.

"Ele me disse", disse Amadís, "um jovem cavaleiro, que eu amo muito, que é Arbán, rei de Norgales, que teve muitas aventuras, que já está nesta ilha há quatro dias e que vai luta para ver essas aventuras e maravilhas que estão nele, mais do que qualquer um poderia realizar, e que ela saiu de lá com muita vergonha, mas essa donzela pode muito bem lhe dizer, que ela é moradora de lá e de acordo com o que ela diz que é a filha do morador que a tem.

Don Florestán disse à donzela:

"Amiga, senhora, peço-lhe pela fé que deve a Deus, que me conte tudo o que sabe sobre esta ilha, pois a extensão do caminho nos dá espaço para isso".

— Farei isso de bom grado, como aprendi com aqueles cuja memória ficou.

Então ele lhe contou tudo o que a história lhe relatou, sem perder nada, que eles não apenas ficaram maravilhados ao ouvir coisas tão estranhas, mas muito ansiosos para experimentá-las, como aqueles que sempre seus corações fortes não estavam satisfeitos, mas quando as coisas em que os outros morreram, eles os tentaram, desejando acabar com eles sem temer nenhum perigo.

Bem, como vocês ouviram, eles andaram tanto tempo que o sol estava se pondo, e entrando por um vale eles viram em um prado barracas armadas e pessoas que estavam descansando, mas entre eles estava um cavaleiro ricamente vestido que lhes parecia ser o maior de todos. . A donzela disse-lhes: "Bem, senhores, aquele que estão vendo ali é meu pai, e quero ir até ele porque ele os honrará".

Então ele se afastou deles, e dizendo ao cavaleiro o pedido dos quatro companheiros, ele assim veio a pé com sua companhia para recebê-los, e assim que eles se cumprimentaram, ele implorou que eles se desarmassem em uma tenda e que outro um dia poderiam subir ao castelo e experimentar essas aventuras. Eles acharam bom, tão desarmados e jantando, sendo muito bem servidos, se divertiram lá naquela noite, e outro dia pela manhã, com o governador e outro deles, foram ao castelo, onde toda a ilha exigiu, que Não era mais que aquela entrada que seria um arco do continente, tudo era cercado pelo mar, embora na Ínsula tivesse sete léguas de comprimento e cinco de largura, e para o que era Ínsula, e para o pouco que de continente tinha chamou de Ínsula Firme.

Bem, quando eles chegaram, entrando pela porta, viram um grande palácio, as portas abertas, e muitos escudos colocados nele de três maneiras e bem cem deles estavam deitados em alguns bancos e sobre eles havia dez mais altos, e no outro banco sobre os dez, eram dois, e um deles era mais alto que o outro, mais da metade. Amadís perguntou por que

eles os colocaram assim, e eles disseram que era para a bondade de cada um, cujos escudos eram, quem queria entrar na câmara defendida e aqueles que não alcançavam o estandarte de cobre tinham seus escudos no chão e os dez que chegavam o padrão era mais alto, e desses dois, o mais baixo passava pelo padrão de cobre, mas não conseguia alcançar o outro e o que era mais alto alcançava o padrão de mármore e não ia além. Então, Amadís foi até os escudos, para ver se conhecia algum deles, em que cada um tinha uma etiqueta de fora e olhava para os dez e entre eles estava um que era mais alto, e tinha um campo preto e um leão como este preto, mas tinha unhas e dentes brancos e uma boca vermelha e ele sabia que era Arcalaus e olhou para os escudos que estavam mais acima e o de baixo tinha o acampamento dos índios e um gigante nele figurava e ele tinha um cavaleiro que lhe cortou a cabeça e ele sabia ser a do rei Abies da Irlanda, que tinha chegado lá dois anos antes de lutarem com Amadís, e provou a outra e havia também o campo indiano e três flores douradas nele, e ele não podia conhecê-lo, mas leu as cartas que em si tinham a dizer:

— Este brasão pertence a Don Cuadragante, irmão do rei Abies da Irlanda, que não tinha passado mais de doze dias antes dessa aventura ter tentado e alcançado o padrão de mármore onde nenhum cavaleiro havia chegado e ele tinha vindo de suas terras para a Grã-Bretanha para seu próprio bem, lute com Amadís para vingar a morte do rei Abies, seu irmão. Desde que Amadís viu os escudos, duvidou muito dessa aventura porque aqueles cavaleiros não a terminaram. E saíram do palácio e dirigiram-se ao arco dos leais amantes e chegando ao local que a entrada defendia, Agrajes alcançou o mármore e descendo do seu cavalo e confiando-se a Deus, disse:

— Amor, se te fui fiel, junta-te a mim, e a moldura passou, e alcançando por baixo do arco a imagem que estava acima começou um som tão doce que Agrajes e todos os que o ouviram sentiram grande deleite, e chegaram ao palácio onde estavam as imagens de Apolidon e Grimanesa, que lhe pareciam nada mais que verdadeiramente vivas, e ele olhou para o jaspe e viu lá dois nomes escritos e o seu, e o primeiro que viu disse: "Esta aventura terminou, Mandanil, filho do Duque de Borgonha, e o outro disse: — Este é o nome de Don Bruneo de Bonamar, filho de Vallados, o Marquês de Troque, o seu era: — Este é Agrajes, filho de Languines, rei da Escócia, e este Mandanil amava Guinda Flamenca, senhora de Flandres, e Dom Bruneo, não faltavam mais de oito dias para aquela aventura terminar e a que amava era Melicia, filha do rei Perión de Gaula, irmã de Amadís.

Entrando em Agrajes, como se ouve, o arco dos leais amantes, Amadís disse aos irmãos:

"Você vai tentar esta aventura?"

"Não", eles disseram, "não estamos tão subjugados a essa paixão que merecemos acabar com ela."

"Bem, vocês são dois", disse Amadís, "façam companhia um ao outro, e se eu puder farei companhia ao meu primo Agrajes."

Depois, entregou o cavalo e as armas ao seu escudeiro Gandalín e avançou o mais depressa que pôde, sem medo algum, como aquele que sentia não ter errado a sua dama, não só por obra, mas por pensamento, e como era então o arco, a imagem começou a fazer um som muito mais diferenciado em doçura do que as outras, e pela boca do tronco soltava flores muito bonitas que davam um cheiro ótimo e caíam bem grossas no campo, então nunca a um senhor que ali entrou, fez-se o semelhante e passou onde estavam as imagens de Apolidón e Grimanesa. Ele olhava para eles com muito carinho, parecendo-lhe muito bonitos e frescos como se estivessem vivos, e Agrajes, aquele algo de seus amores

entendido, veio contra ele, de onde ele estava andando no jardim olhando as coisas estranhas que havia nele e abraçando-o disse:

"Senhor primo, não há motivo para escondermos nossos amores de agora em diante, mas Amadís não lhe respondeu e, pegando-o pela mão, foram olhar aquele lugar que era muito gostoso e gostoso de ver.

Don Galaor e Florestán, que os atenderam de fora e vendo que demoravam muito, concordaram em ir ver a câmara defendida e pediram a Ysanjo, o governador, que a mostrasse. Disse-lhes que estava satisfeito e, levando-os consigo, foi com eles e mostrou-lhes a câmera do lado de fora e os registros que você já tinha ouvido, e Don Florestán disse: —Senhor irmão, o que você quer fazer? ?

"Nada", disse ele, "que eu nunca tive vontade de empreender as coisas de encantamento."

"Bem, relaxe", disse Don Florestán, "quero ver o que posso fazer."

Então, encomendando-se a Deus e colocando seu escudo diante de si e sua espada na mão, ele avançou e entrou na área defendida, sentindo-se ferido por todos os lados com lanças e espadas com golpes tão grandes e tão grossos, que parecia ele que nenhum homem poderia sofrer isso. Mas como ele era forte e valente de coração, ele não hesitou em avançar, golpeando com sua espada de ambos os lados, e parecia-lhe em suas mãos que eram homens armados e que o espada não cortou. Así pasó el padrón de cobre y llegó hasta el de mármol y allí cayó, que no pudo ir más adelante, tan desapoderado de toda su fuerza, que no tenía más sentido que si muerto fuese y luego fue lanzado fuera del sitio como lo hacían a os outros.

Don Galaor, que assim viu, ficou muito triste por ele e disse:

"Por mais que minha vontade tenha sido removida deste teste, não deixarei de assumir minha parte do perigo, ordenando aos escudeiros e ao anão que não se afastem dele e eles jogaram a água fria em seus rostos, pegaram suas armas e se encomendando a Deus foram contra a porta da câmara e então foram feridos de todos os lados com golpes muito fortes e grandes, e com grande preocupação, chegaram ao padrão de mármore abraçou-o e parou um pouco, mas quando deu um passo à frente estava tão cheio de golpes que não aguentou, caiu no chão, como Don Florestán, com tanta desavença que não sabia se estava morto ou vivo, e então ele foi expulso, assim como os outros.

Amadís e Agrajes, que tinham sido uma grande peça no jardim, viraram-se para as imagens e viram o seu nome escrito no jaspe, onde se lia: — Este é Amadís de Gaula, o leal amante, filho do rei Perión de Gaula.

E assim, enquanto lia as cartas com grande prazer, chegou ao quadro, Ardián, o anão, gritando, disse: — Senhor Amadís, depressa, seus irmãos estão mortos.

E ao ouvir isso, ele saiu de lá rapidamente e Agrajes atrás dele e perguntando ao anão o que ele estava dizendo, ele disse: "Senhor, eles tentaram seus irmãos na câmara e não terminaram e ficaram como se estivessem mortos ."

Então eles montaram em seus cavalos e foram até onde ele estava e os encontraram tão maltratados quanto você ouviu, embora mais concordassem. Agrajes, como tinha um grande coração, desceu rapidamente do cavalo e o mais rápido que pôde, foi com a espada na mão contra a câmera, ferindo os dois lados, mas sua força não foi suficiente para sofrer os golpes que deram ele e ele caiu entre o padrão de cobre e o mármore e atordoado enquanto os outros o carregavam para fora.

Amadís começou a amaldiçoar a vinda deles e disse a Don Galaor, que já estava quase de acordo:

"Irmão, não posso desculpar meu corpo por não colocar o seu em perigo.

Galaor queria detê-lo, mas ele rapidamente pegou suas armas e foi implorando.

Deus o ajude, e quando chegou ao lugar defendido, parou um pouco e disse:

— Ah, minha senhora Oriana! Todo meu esforço e ardor vêm de você; Membrai-vos, senhora, de mim neste momento em que a vossa saborosa lembrança me é tão necessária, e, então, passou adiante e sentiu-se golpeado com força de todos os lados e chegou ao padrão de mármore, e passando dele parecia ele que todos no mundo iriam machucá-lo e ele ouviu um grande barulho de vozes como se o mundo estivesse derretendo e ele disse:

— Se este senhor voltar, agora não há outro no mundo que possa entrar aqui, mas ele, com essa preocupação, não parou de avançar, às vezes caindo sobre as mãos e às vezes de joelhos, e a espada com que tinha desferiu muitos golpes tinha perdido a sua mão e estava pendurado em uma coleira que não podia recolher. Então, então, na porta do quarto e ele viu uma mão que o pegou pela sua e o colocou dentro e ele ouviu uma voz que dizia:

— Bem vindo o senhor, que, passando por bondade, aquele que fez esse encantamento, que no seu tempo nem teve, será daqui, senhor.

Aquela mão parecia grande e dura como a de um velho, e no braço tinha uma manga de jamete verde vestida e ao entrar no quarto soltou a mão que não via mais, e ficou descansado e recuperado em todas as suas forças, e tirando o escudo do pescoço e o capacete da cabeça, colocou a espada na bainha e agradeceu a sua senhora Oriana pela honra que ela havia conquistado por sua causa.

Neste momento todos os do castelo que ouviram as vozes de como lhe concederam o senhorio e o viram dentro, começaram a dizer em voz alta: — Senhor, cumprimos o louvor de

Deus, o que tanto desejávamos.

Os irmãos que mais concordaram e viram como Amadís terminou o que faltava a todos ficaram felizes pelo grande amor que tinham por ele e, como estavam, ordenaram que fossem levados para a câmara, e o governador com todo o seu povo chegaram a Amadís e por senhor beijaram-lhe as mãos. Quando viram as coisas estranhas que havia dentro da câmara de trabalho e riquezas, ficaram maravilhados com o que viram, mas não era nada comparado a um apartamento que foi construído lá, onde moravam Apolidón e seu amigo, que era tanto que não só ninguém conseguia fazer o máximo possível ou entender como fazê-lo, e era de tal forma que estando dentro eles podiam ver claramente o que estava sendo feito lá fora, e os de fora não viam nada dentro. Lá, todos eles foram uma grande peça com muito prazer os senhores, porque em sua linhagem haveria um tal cavalheiro que passou bondade a todos os presentes no mundo e cem anos atrás, os da Insula por terem recebido tal cavalheiro com quem esperavam ser abençoados e governar de lá muitas outras terras.

Ysanjo, o governador, disse a Amadís:

— Senhor, será bom para você comer e descansar e amanhã todos os bons homens da terra estarão aqui e lhe prestarão homenagem, recebendo-o como senhor.

Com isso eles saíram, e entraram num grande palácio, comeram o que estava preparado, e relaxando naquele dia, depois no seguinte, todo o resto da Ilha veio para lá, excitado, com grandes jogos e alegrias e permanecendo seus vassalos, Levaram Amadís para seu senhor, com as garantias que eram costumeiras naquele tempo e terra.

Tal como a história conta, foi a Ilha Firme conquistada por Amadís depois de cem anos que aquele belo Apolidón a deixou com aqueles encantos, que testemunhas verdadeiras foram que em todo esse meio tempo nunca contribuiu um cavalheiro que passasse por sua bondade. Bem, se ele alcançou tamanha glória e fama com isso, julgue-o, aqueles que lidaram com grandes coisas com armas, vencedores e vencidos, os primeiros sentindo isso em si mesmos.

que este senhor Amadís pudesse sentir e os demais a vitória esperando, pelo contrário, virou sua desgraça chorando. Bem, esses dois extremos, qual teremos o melhor? A propósito, digo que o primeiro, segundo a fraqueza humana, que não tem medida, pode trazer com orgulho grandes pecados, e o segundo, grande desespero. Quem ficará entre aqueles que melhor carrega, aquele julgamento razoável dado pelo verdadeiro Senhor aos homens sobre todas as coisas vivas, que sabe que o próspero e o adverso não são duráveis, instruídos e esforçando o coração para subjugar um e outro? Este poderia chegar ao ambiente abençoado, porque este ambiente de Amadís de Gaula levará no que agora a fortuna móvel lhe prepara mostrando os venenos e venenos que no meio dessas alegrias desta grande alteza se escondiam? Acho que não, antes e sem medida as coisas que lhe eram favoráveis até então se depararam com ele sem nenhum interlúdio ou combate que com a fortuna teria havido, então sem comparação seu coração e discrição serão derrotados e subjugados, não valendo ou remediando os braços fortes a saborosa lembrança de sua senhora, a grande bravura do coração, mas a grande misericórdia daquele senhor que veio proteger os pecadores e os atribulados deste mundo, como agora os tristes e depois os alegres serão disse a você.

Como foi dito antes disso, na primeira parte desta grande história, como ser Oriana pelas palavras que o anão ouviu dos pedaços da espada para a cólera e a maldade subjugar e colocar em tão grande alteração que Mabilia ou a donzela de Dinamarca do verdadeiro conselho que lhe foi dado e agora você será contado o que ela fez sobre isso, a partir desse dia sempre dando origem a sua paixão crescer, mudando sua condição habitual que era estar na companhia daqueles, retirando-se com muita timidez na maioria das vezes, ela estava sozinha pensando como poderia em vingança por sua fúria dar o castigo que aquele que a causou merecia, e ela concordou que, como a sentia à parte, era que em sua ausência todos os seus pensamentos se manifestariam em escrevendo, e encontrando-se sozinha em seu quarto tirando tinta e pergaminho de seu peito, ela escreveu para ele uma carta que dizia assim:

CARTA QUE SENHORA ORIANA ENVIOU A SEU AMADO AMADÍS

— A minha queixa furiosa acompanhada de bastante razão faz surgir a mão magrinha que declara o que o coração triste não pode esconder, contra ti, o falso e desleal cavaleiro Amadís de Gaula, pois já é conhecida a deslealdade e a falta de firmeza contra mim, o mais infeliz e de fortuna diminuída acima de todos os do mundo, você mostrou, mudando seu amor por mim, que acima de todas as coisas eu te amei, colocando-o naquele que, de acordo com sua idade, amá-la ou conhecer sua discrição é suficiente e então outra vingança meu coração subjugado não pode, eu quero, todo o excesso e amor mal utilizado que eu tinha em você, separá-lo. Pois bem, seria um grande erro amar aquele que, indisciplinado comigo, desama todas as coisas por deseja-lo e amá-lo. Oh, como mal usei e subjuguei meu coração, porque em pagamento de meus suspiros e paixões fui zombado e descartado! E como este engano já é manifesto, não apareça diante de mim ou em parte onde estou. Porque eu sei com certeza que o próprio amor ardente que eu tive por você se transformou, por seus méritos, em uma fúria muito furiosa e cruel e com sua fé quebrada e enganos conhecidos, vá enganar outra mulher cativa como eu, é assim que eu venci suas palavras enganosas., das quais nenhuma salvo ou desculpa será recebida, antes sem te ver lamentarei meu destino desastroso com minhas lágrimas e com elas terminarei minha vida, acabando com minha planta triste.

Terminada a carta, fechou-a com o selo que Amadís, conhecido, colocou no cabeçalho:

“Eu sou a donzela ferida com a ponta de uma espada no coração, e você é quem me feriu.

E falando em grande segredo com uma donzela de nome Durin, irmão da donzela da Dinamarca, ordenou-lhe que não descansasse até chegar ao reino de Sobradisa, onde encontraria Amadís, e lhe entregaria aquela carta e a veria ler sua carta, semelhante e esse dia o aguardam, não recebendo dele uma resposta mesmo que quisesse dar.

Capítulo 45

Sobre como Durín partiu com a carta de Oriana para Amadís, e quando Amadís viu a carta, ele deixou tudo o que havia assumido e foi em desespero para uma selva secretamente.

Pois bem, Durin, cumprindo o mandato de Oriana, partiu então em um comovente palafrém, de modo que depois de dez dias chegou a Sobradisa, onde estava a bela rainha Briolanja, que, estando ele em sua presença, lhe pareceu a mais bela mulher (depois de Oriana) que ele viu e soube dela como dois dias antes de chegar, Amadís e seus irmãos e seu irmão Agrajes partiram de lá. Seguindo seu rastro, andou tanto que chegou à Ilha

Firme no momento em que Amadís entrou sob o arco dos leais amantes e viu que a imagem fazia mais por ele do que pelos outros, e como quando Amadís saiu de lá por causa das notícias que seus irmãos lhe contaram e ele o viu com Gandalín, não lhe deu a carta, nem depois até que entrou na câmara defendida, e foi recebido por todos os da Insula como senhor, e isso ele fez em o conselho de Gandalín, que sabendo que era a carta de Oriana, temendo o que poderia vir nela, se era feliz ou triste, que entre seu senhor ele havia recebido aquela senhoria que alguma outra alteração ou lacuna lhe ocorreu, quão verdadeiro ele era, que não só isso, mais o mundo que era dela, ela mais tarde partiria para cumprir o que lhe fora ordenado.

Mas, depois que as coisas se acalmaram, Amadís mandou chamar Durín para lhe pedir notícias da corte do rei Lisuarte e veio ao seu comando e caminhou com ele por um pomar delicioso e separou dos irmãos um pedaço e de todos os outros. estavam lá, perguntou-lhe se ela vinha da corte de D. Lisuarte, para lhe dar as notícias que sabia dela. Durin respondeu-lhe e disse: "Senhor, deixo o tribunal na ordem em que saiu de lá, mas

venho a você com uma ordem de minha senhora Oriana, e por esta carta você verá o motivo da minha vinda. "

Amadís pegou a carta e, embora seu coração sentisse grande alegria com ela, temendo que Durín não soubesse nada de seu segredo, ele a encobriu o máximo que pôde e a tristeza não pôde fazê-lo, tendo lido as palavras fortes e temerosas que vieram não bastava nem o esforço nem o julgamento, o que claramente não mostrava que ele havia chegado à morte cruel, com tantas lágrimas, com tantos suspiros, que seu coração só parecia despedaçado, deixando-o tão fraco e fora de consciência como se a alma da carne já tivesse jogado fora. Durin, que estava muito desavisado disso, quando viu, chorando muito alto, amaldiçoou a si mesmo e sua aventura e morte, porque antes de chegar lá não havia acontecido com ele. Amadís, incapaz de ficar de pé, sentou-se na grama que havia ali e pegou a carta que havia caído de suas mãos e quando viu o cabeçalho que dizia:

— Eu sou a donzela ferida com a ponta de uma espada no coração, e você é quem me feriu, sua aflição foi tão imensurável que por um pedaço ele foi morto, que Durin ficou muito assustado e quis chamar seus irmãos, mas como ele viu o segredo que tal coisa deveria ter, suspeitava-se que isso deixaria Amadís muito zangado, mas já sendo lembrado ele disse com muita dor: -Senhor Deus, por que você gosta de me dar a morte sem merecer ?, e então disse:

— Ai, lealdade!, que prêmio ruim você dá a quem nunca lhe faltou, você fez minha senhora morrer, sabendo quantas milhares de vezes a morte lhe passaria a missão, e pegando novamente a carta, ela disse:

— Você é a causa do meu doloroso fim e porque vem a mim mais cedo você irá comigo, colocou-o no peito e disse a Durin: "Eles mandaram-te mais alguma coisa para me dizeres?"

"Não", disse ele.

— Bem, você vai cumprir o meu mandato, disse Amadis.

"Não, senhor", disse ele, "eles me defenderam para não usá-lo."

"E Mabilia e sua irmã não te contaram algo que você me contou?"

"Eles não sabiam", disse Durin, "da minha vinda, que minha senhora me ordenou que a escondesse deles."

"Oh, Santa Maria, me ajude!" disse Amadis. Agora vejo que meu infortúnio não tem esperança.

Então ele foi até um riacho, que fluía de uma fonte, e lavou o rosto e os olhos e disse a Durin para chamar Gandalin e vir sozinho. Ele assim o fez, e quando chegaram encontraram-no como se estivesse morto, e então ele foi um grande pedaço cuidando disso e quando ele concordou disse que chamassem Ysanjo, o governador, e quando ele veio, ele disse:

— Quero que você, como cavaleiro leal, me prometa que até amanhã, depois que meus irmãos ouvirem a missa, não dirá nada sobre o que verá agora. Ele assim prometeu e tomou outro vínculo desses dois

escudeiros. Então ele ordenou que Ysanjo o fizesse manter os portões do castelo secretamente abertos e que Gandalin pegasse suas armas e cavalo sem que ninguém percebesse. Eles foram cumprir o que ele ordenou e ele ficou pensando em um sonho que na noite passada ele sonhou que parecia encontrar em uma colina coberta de árvores em seu cavalo e armado, e ao seu redor, muitas pessoas que estavam fazendo grande alegria, e que veio um homem entre eles que lhe disse: "Senhor, coma deste que eu trago nesta bujera, e que ele o fez comer e parecia gostar da coisa mais amarga que se podia encontrar e sentir com eles muito fraco e desconsolado." Ele soltava as rédeas do cavalo e ia para onde queria e parecia-lhe que as

pessoas, que antes eram felizes, ficaram tão tristes que ele as lamentou. Mas o cavalo foi longe com ele e o colocou por entre umas árvores onde ele viu um lugar de algumas pedras que estavam cercadas de água e deixando o cavalo e as armas ele foi lá como se estivesse esperando o descanso e que um homem estivesse vindo para ele velho, vestido com roupas de ordem e pegou-o pela mão estendendo-se para ele mostrando misericórdia, e disse-lhe algumas palavras em uma língua que ele não entendia e com isso ele acordou e agora parecia-lhe que, por mais vaidoso que ele tivesse tornado, que era verdade e quando uma sala estava pensando nisso, levando Durin com ele, conversando com ele e escondendo seu rosto de seus irmãos e das outras pessoas, para que sua paixão não fosse sentida, dirigiu-se ao portão do castelo, onde encontrou os filhos de Ysanjo, que tinham a porta aberta e Ysanjo que estava do lado de fora, Amadis disse-lhe: isto.

Então, ambos foram para a ermida que ficava ao pé da rocha, e Gandalín e Durín já estavam lá com eles. Amadis suspirava e gemia de tanta angústia e dor que quem o via sentia dor ao vê-lo e exigindo armas, armou-se e perguntou a Ysanjo a que santo pertencia aquela igreja. Ele disse a ela que da Virgem Maria e

que milagres eram frequentemente realizados lá. Ele entrou e, ajoelhado no chão, chorando, disse: - Senhora Virgem Maria, consoladora e reparadora dos aflitos: encorajo-me a ti, Senhora, que cides de mim com teu glorioso Filho, que haja misericórdia de mim, e se é minha vontade não remediar o corpo, que a misericórdia desta minha alma seja nesta minha última vez, o que mais, se a morte, eu não espero, e então ele chamou Ysanjo e disse-lhe: — Eu quero que você, como um cavaleiro leal, prometa fazer o que eu vou lhe dizer aqui, e virando-se para Gandalín, ele o pegou nos braços, chorando alto, e o segurou assim, sem poder falar a ele, e disse: — Meu bom amigo Gandalín, eu e você fomos em um e um criado de leite, e nossa Vida sempre andou de mãos dadas e eu nunca estive com pressa ou em perigo em que você não fazia parte, e seu pai me tirou do mar assim que eu nasci naquela noite, e eles me criaram como um bom pai e mãe para um filho muito amado. E você, meu fiel amigo, nunca pensou em nada além de me servir, e eu, esperando que Deus me desse alguma honra com a qual eu pudesse satisfazer algo de seu mérito, esta grande desgraça me sobreveio, que é mais cruel do que a própria morte. , onde é conveniente que partimos e eu não tenho que te deixar mas só esta Ínsula e eu envio Ysanjo e todos os outros, pela homenagem que me prestaram, que por mais que saibam da minha sorte, te levem por senhor, e seja qual for o seu senhorio, ordeno que seu pai e sua mãe o desfrutem em seus dias e então você estará livre. Isso por causa da criação que eles fizeram comigo, que minha fortuna não me deixou chegar a tempo de satisfazê-los o que eles merecem e o que eu queria.

Então, disse a Ysanjo que dos rendimentos da Insula, que havia economizado, ele deveria tirar tanto para que ali naquela ermida pudesse construir um mosteiro em honra da Virgem Maria, no qual trinta frades pudessem viver e eles lhes daria renda para viver.

Gandalín lhe

disse: "Senhor, você nunca teve um problema em que eu me separei de você, nem serei agora para nada, e se você morrer eu não quero viver, que depois de sua morte Deus nunca me dê honra ou senhorio, e este que me dá, dá-o a um dos teus irmãos, que eu não tomo nem vou precisar deles.

"Cala a boca, pelo amor de Deus", disse Amadís, "não diga essa loucura nem me deixe triste, porque você nunca fez, e deixe que o que eu quero seja feito, pois meus irmãos são tão abençoados e de tão alto nível que eles podem muito bem ganhar grandes terras." e senhorios para si mesmo e até para dar a outros.

Então ele disse:

— Ah, Ysanjo! E bom amigo, sinto muito por não ter chegado a tempo de poder honra como mereces, mas deixo-te entre aqueles que a cumprirão para mim.

Ysanjo lhe disse chorando:

- Senhor, peça que me leve com você e eu vou passar pelo que você vai passar e isso eu exijo em pagamento do testamento que tens para mim.

"Meu amigo", disse Amadís, "é assim que devo fazer, mas esta minha doença só pode ser ajudada por Deus, e quero que ele me guie por sua misericórdia sem tomar nenhuma outra companhia", e disse para Gandalín:

"Amigo, se você quer ser um cavaleiro, só o faça depois com essas minhas armas, já que você as guardou tão bem, elas devem ser justamente suas, já que elas não precisam mais de mim, senão torne-se meu irmão Don Galaor e Ysanjo diga a ele por mim e sirva-o." e mantenha-o em meu lugar, pois você sabe que eu sempre o amei acima de todos aqueles em minha linhagem e lamento muito por ele.

meu coração, mais do que todos os outros, e com razão porque vale mais e sempre foi muito humilde para mim, então agora me põe em dupla tristeza e digo a ele que confio a Ardián, meu anão, para trazê-lo com ele e não o abandone e diga ao anão para viver com ele e servi-lo.

Quando ouviram isso, choraram muito sem responder nada por ele.
faça raiva Amadís o abraçou dizendo:

— Recomendo-te a Deus que nunca penso emvê-lo, e defendendo-os de qualquer maneira de ir atrás dele, pôs as esporas no cavalo sem se lembrar de levar o capacete ou o escudo ou a lança, e entrou muito rapidamente a espessa montanha, não para outro lugar senão para onde o cavalo queria levá-lo, e assim ele caminhou até depois da meia-noite sem nenhum sentido até que o cavalo correu para um riacho de água que saía de uma fonte, e com sede ele subiu até chegou a beber dela e deu a Amadís os galhos das árvores no rosto, lembrou-se do significado e olhou de um lado para o outro, mas não viu nada além de arbustos grossos e teve grande prazer em acreditar que estava longe e escondido , e tanto que seu cavalo bebeu, ele desceu dele e, amarrando-o a uma árvore, sentou-se na grama verde para chorar, mas ele chorou tanto que sua cabeça desmaiou, então ele adormeceu.

Capítulo 46

Como Gandalin e Durin foram atrás de Amadís, seguindo o caminho que ele havia tomado, e trouxeram para ele as armas que ele havia deixado para trás, e como o encontraram, lutaram contra um cavaleiro e o derrotaram.

Gandalín, que ficasse na ermida com os outros que você ouviu, quando viu Amadís ir
Ele disse muito ferozmente chorando:
— Não serei que não vá atrás dele, embora ele o defendesse e lhe trouxessem suas armas, e Durin lhe disse:
— Quero lhe fazer companhia esta noite e gostaria muito que pudéssemos encontrá-lo com um melhor acordo.

E então, montando seus cavalos, eles se despediram de Ysanjo, e eles desceram a estrada que ele estava indo e Ysanjo foi para o castelo e se deitou em sua cama com grande pesar; mas Gandalín e Durín, que entraram na floresta, andaram por toda parte e a fortuna que os guiou perto de onde estava Amadís, relinchou seu cavalo que os outros ouviram e então souberam que estava lá e percorreram um longo caminho pelos arbustos, porque ele não os sentiu, que eles não ousaram aparecer diante dele, e estando mais perto do homem disfarçado, chegou à fonte e viu que Amadís estava dormindo na grama, e levando seu cavalo voltou com ele para onde Durín estava hospedado e tirando as rédeas deixaram pastar e comeram nos galhos verdes e ficaram quietos, mas não demorou muito para Amadís não acordar, porque com o grande sobressalto do coração não era sono, consertou e levantou-se e viu que a lua estava se pondo e que ainda havia muito tempo de noite Porque ele estava passando e porque a floresta era densa, ele ficou em silêncio, e sentando-se novamente, ele disse:

— Ai, ventura, coisa leve e sem raízes!, por que me puseste em tamanha alteza entre os outros cavaleiros, já que me desceste tão levianamente? Agora vejo bem que mais o seu mal em uma hora pode prejudicar, do que o seu bem em mil anos, porque se delícias e prazeres no passado você me deu, roubando-os cruelmente de mim, você me deixou em amargura muito maior do que a morte, e então, felizmente, agradou a você fazer você equiparar um ao outro, que você bem sabe se me concedeu algum lazer e descanso no passado, o que não foi sem ser misturado com grande angústia e angústia. Pois bem, nesta grosseria que me atormenta agora, você até reservaria nela alguma esperança onde minha vida conturbada em algum canto poderia ser coletada, mas você usou esse ofício que você foi estabelecido, o que é contrário ao pensamento dos homens mortais , que tendo como certas e duradouras as honras, pompas e vãs glórias perecíveis que nos vêm de ti, tão firmes as tomamos, não lembrando que outros tormentos que nossos corpos recebem ao sustentar as almas estão no final em grande perigo e dúvida sua salvação colocar. Mas se com aqueles olhos claros de entendimento, que o Senhor altíssimo nos deu, sendo obscurecidos com nossas paixões e hobbies, gostaríamos de olhar para suas mudanças muito melhor as adversas que seu próspero deve ter, porque o próspero, sendo para nossos qualidades e de acordo com os apetites, abraçando-nos com aquelas doçuras que nos são representadas adiante, no final de grande amargura e profundidades sem qualquer remédio caímos, e o adverso sendo ao contrário, não da razão, mas da vontade, se o que cobiça nós descartamos, seríamos elevados de baixo para cima em glória perpétua, mas eu lamento sem aventura, o que farei? Que nem julgamento nem minha força fraca são suficientes para resistir a uma tentação tão séria que se tudo no mundo for meu

Você só vai tirar a vontade de minha senhora partindo, isso foi o suficiente para me sustentar em alteza abençoada, mas faltando isso, como não posso viver sem ela, digo que sem comparação sua crueldade é contra mim. Rogo-te, em troca de ter sido um servo tão leal, que a cada momento e hora a morte não engole, se a vida te é concedida com tormentos, afasta-a de mim, tendo piedade do que sabes que vivo sofro., e assim que ele disse isso, ele ficou em silêncio e desmaiou por um momento de tanto chorar, que ele não sabia parte de si mesmo, e disse:

— Oh, minha senhora Oriana!, vieste à minha morte pela defesa que fazes por mim, para que eu não tenha que passar o teu recado porque guardá-lo não guardo a minha vida.
Recebo esta morte sem razão, porque tenho muita dor, não por recebê-la, porque com ela se satisfaz a tua vontade, que eu não poderia, enquanto vida, ter que por nada que tocasse o teu prazer não fosse uma mil vezes pela morte trocada. Se esta sua fúria foi tomada com razão, merecendo levá-la à pena, eu e você, minha senhora, descansamos em ter executado sua raiva com justiça e isso fez com que você vivesse uma vida tão alegre que minha alma sentiria onde quer que seu prazer vá ... grande descanso, mas como eu sem acusação, sendo para você conhecida a grosseria que é feita contra mim, mais com paixão do que com razão, a partir de agora, o que vai durar nesta vida e depois na outra eu começo a chorar e lamentar a angústia e grande dor que virá por minha causa e muito mais porque não haverá remédio, já que estou afastado desta vida e, além disso, disse: — Oh, rei Perion de Gaula!, meu pai e meu senhor, quão pouca razão tens para não saber a causa da minha morte para te fazer

mal. Antes, de acordo com sua grande coragem e seus preciosos filhos, você deve se consolar porque sendo obrigado a seguir seus grandes feitos, abominado, desesperado como um cavaleiro cativo, que os duros golpes da fortuna não posso resistir, eu mesmo para consolação e remédio de morte Aceite, mas sabendo o motivo, é verdade que você não me culpará, mas rogo a Deus que você não saiba, pois sua dor não pode remediar a minha, antes, sendo sentida por mim em quantidade muito maior, seria aumentado.

Dito isto, ele não falou por um tempo, mas então com grandes lágrimas e gemidos disse: "Oh, bom e leal cavaleiro! que grande benefício que recebi de você, porque você, meu bom mestre, me tirou do mar tão pouco quanto eu nasci naquela noite, você me deu vida e educação como seu próprio filho, e assim como meus primeiros dias em seus dias foram aumentados, os últimos neles morreram muito frouxamente a alma deste mundo se dividiria , que por não poder estar sempre de você com grande desejo estarei, e também falou no seu leal amigo Angriote de Estravaus e no rei Arbán de Norgales e em Guillán o Zelador e os outros seus grandes amigos, e por fim disse: — Ah, Mabilia, minha prima e amante, e você, boa donzela da Dinamarca!, onde sua ajuda e socorro demoraram tanto que me deixaram matar de verdade, meus bons amigos, não tardarei em precisar minha ajuda e Não vou ajudá-lo, agora vejo bem, porque você me abandonou, que o mundo inteiro está contra mim, e todos são negociantes da minha morte.

E ele ficou em silêncio, e não disse mais nada, dando gemidos muito altos, e Gandalin e Durin que eles ouviram que estavam de luto, mas não ousaram comparecer diante dele.

Bem, sendo assim, eles passaram por uma estrada que perto deles estava um senhor cantando, e quando chegou perto de onde Amadís estava, começou a dizer:

"Amor, amor! Tenho muito a agradecer pelo bem que me vem de você e pela grande alteza em que você me colocou acima de todos os outros cavalheiros, levando-me

sempre de bem a melhor, que me fizeste amar a lindíssima rainha Sardamira, acreditando que tinha o seu coração estranhamente com a honra que levarei desta terra e agora por me colocar em bem maior felicidade me fizeste amar a filha do melhor rei do mundo e essa é aquela linda Oriana, que no mundo nem tem; amor, você me fez amar esta, e me deu o esforço de servi-la, e assim que ele disse que era uma árvore tão grande que estava perto da estrada, que ele quis atender até de manhã, mas de outra forma lhe convinha, que Gandalín dissesse a Durin: "Fique, e quero ver o que Amadís quer fazer, e indo para onde estava, já o encontrou de pé e procurando seu cavalo, que não conseguiu encontrar, e quando ele viu Gandalin, ele disse: "Quem é você? você, o que você está fazendo?, por favor, me diga.

"Senhor", disse ele, "eu sou Gandalin, quero trazer-lhe o seu cavalo." Ele disse a ela: "Quem te enviou para vir a mim sobre minha defesa?" Você sabe que me causou grande tristeza e daca, me dê meu cavalo e siga seu caminho, não pare mais aqui, senão você me fará matar você e eu.

"Senhor", disse Gandalin, "pelo amor de Deus, pare com isso e me diga se você ouviu a loucura que disse um cavalheiro que está lá.

E isso ela disse a ele por deixá-lo com uma certa fúria de que o outro o fizesse esquecer alguma coisa. Amadís disse-lhe: "Ouvi bem o que disseste e por isso quero que o meu cavalo me tire daqui, porque demorei muito tempo."

"Como", disse Gandalin, "você não fará mais nada contra o cavaleiro?"

"E o que devo fazer?", disse Amadís.

"Que você lute com ele", disse Gandalín, "e deixe-o saber de sua loucura, e Amadís lhe disse: minha senhora que tudo veio dela e não de mim, e assim ela o carregou, e você sabe que eu sou tão bom para lutar como um cavaleiro morto, que em toda a Grã-Bretanha não há um cavaleiro tão cativo ou tão magro que ele não me mataria um pouco Ele me mataria se lutasse comigo com ele, vou lhe dizer que sou o mais derrotado e desesperado de todos aqueles no mundo.

Gandalin disse-lhe:

"Senhor, lamento muito que seu coração e grande bondade pereçam em tal momento, e pelo amor de Deus, fale passo a passo, pois há Durin que ouviu o duelo que você fez e tudo o que o cavaleiro disse."

"Como", disse Amadis, "Durin está aqui?"

"Sim", ele disse, "nós dois viemos juntos e acho que ele está aqui para ver o que você está fazendo, então ele sabe dizer a quem o enviou aqui."

Amadís lhe disse:

— Sinto muito pelo que você me disse; mas, sabendo que Durin estava lá, seu coração e esforço cresceram, e ele disse:

"Agora me dê o cavalo e me leve até o cavaleiro."

Gandalín trouxe ele e as armas e ele cavalgou e pegou as armas e Gandalín foi mostrar-lhe o cavaleiro, e não demorou muito para o verem debaixo de uma árvore e ele tinha o cavalo pelas rédeas e Amadís aproximou-se dele e disse:

"Você, cavalheiro, que está descansando, é conveniente que você se levante e que vejamos como você sabe manter o amor de quem tanto elogia.

O cavalheiro levantou-se e disse:

"Quem é você, o que está me perguntando?" Agora você verá como manterei o amor se você se atrever a lutar comigo, que farei você assustar você e todos aqueles que estão abandonados pelo amor.

"Agora veremos", disse Amadís, "que sou um dos desamparados por ele e sou o único que jamais confiaria nele, porque com os grandes serviços que prestei a ele ele me deu um prêmio ruim, não merecendo, a você, senhor cavaleiro apaixonado, direi mais." , que nunca encontrei tanta verdade nele que sete tantas mentiras não encontraram. Agora venha, mantenha a razão, vamos ver se ele ganhou mais em você do que perdeu em mim, e quando disse isso, enfureceu-se como alguém cuja amante o abandonou contra toda a razão.

O cavaleiro cavalcou e pegou suas armas e disse:

— Você, cavaleiro, desesperado de amor e desprezando todas as coisas boas para falar, você não deveria ter, que se o amor te abandonou, fez grande razão, que assim como você não foi para acompanhá-lo ou servi-lo. E vendo que você não tinha utilidade para ele, ele separou você de si mesmo e foi embora, não fique mais aqui, porque só de te ver me deixa com muita raiva e qualquer arma que ele colocasse em você seria desprezada por isso, e ele queria ir. E Amadís lhe disse: — Cavalheiro, ou você não quer defender o amor a não ser com palavras, ou vai com covardia.

"E como, senhor", disse ele, "eu o deixei porque não lhe dava valor e você cuida disso pelo medo? Grande demandante é do teu dano, agora te salva, se puderem.

Então, os cavalos correram a toda a força uns contra os outros, o mais forte que puderam e se feriram com as lanças nos escudos, então eles os falsificaram e os detiveram nos arreios que eram muito fortes, mas o cavaleiro que estava apaixonado foi para terra sem Ele não parou nada e quando caiu pegou as rédeas na mão e depois montou seu cavalo igual aquele que era valente e leve e Amadís lhe disse:

Se você não ama a espada ao invés da lança, o mau uso está em você o buen galardón que os ha dado.

O cavaleiro não respondeu nada, mas colocou a mão na espada com muita raiva e foi até ele e Amadís que já estava com a espada na mão, moveu-se contra ele e ambos se feriram e o cavaleiro o feriu na borda o escudo, então o O golpe foi de lado e ele enfiou a espada uns trinta centímetros e quando quis puxá-la não conseguiu e Amadís segurou a espada na mão e levantou-se nos estribos e deu-lhe um grande golpe acima do elmo, então ele cortou o máximo da touca que pôde alcançar do arreio e cortou sua cabeça até o casco e a espada desceu e atingiu o pescoço do cavalo e cortou metade, então ambos foram para o chão e o cavalo morreram imediatamente. E o cavalheiro estava tão chateado que ele mesmo não sabia. Amadís, que o viu ali, escutou um pouco para ver se ele se lembrava, que achava que estava morto, e quando o viu mais de acordo, disse:

— Cavalheiro, quando o amor vencer em você e com você com ele seja seu e dele, eu quero ir.

E deixando-o ele chamou Gandalin e viu Durin que estava com ele, que tinha visto todo o passado e lhe disse: "Amigo Durin, meu desamparo não parou, nem meu problema e solidão não é sofrer, e é conveniente que morra e Deus ore para que eu ceda, e a morte já me faria preguiçoso de acordo com essa dor tão esquiva e cruel que sou atormentado. Agora vá com sorte e diga olá para Mabilia, minha boa prima, e para a boa donzela da Dinamarca, sua